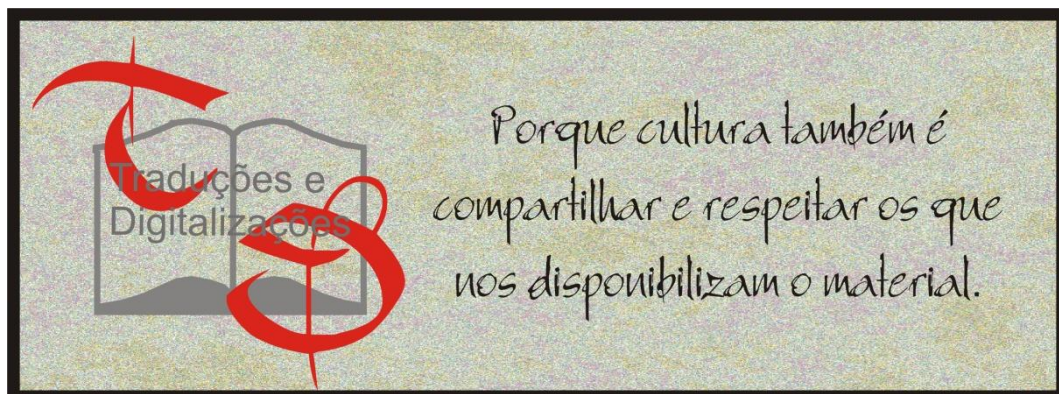


A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM
EU SOU O NÚMERO QUATRO

O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME

A ASCENSÃO DOS NOVE

**PITTACUS
LORE**



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



**A ASCENSÃO
DOS NOVE**

A ASCENSÃO DOS NOVE

OS LEGADOS  DE LORIEN

LIVRO TRÊS

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2012 Pittacus Lore

TÍTULO ORIGINAL
The Rise of Nine

PREPARAÇÃO
Leonardo Alves

REVISÃO
Shirley Lima

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L864a

Lore, Pittacus

A ascensão dos nove / Pittacus Lore ; tradução Débora
Isidoro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

288p. : 23 cm. (Os Legados de Lorien ; v. 3)

Tradução de: The rise of nine
ISBN 978-85-8057-262-9

1. Ficção americana. I. Isidoro, Débora. II. Título.
III. Série.

12-6369.

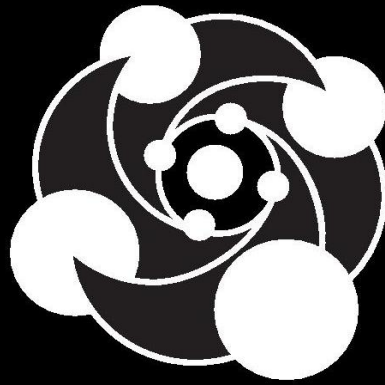
CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS SEIS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

CAPÍTULO UM

6A. SÉRIO? OLHO O CARTÃO DE EMBARQUE EM MINHA MÃO, OS CARACTERES grandes anunciando meu assento, e me pergunto se Crayton escolheu esse lugar de propósito. Pode ser coincidência, mas, considerando os acontecimentos recentes, não acredito muito em coincidências. Não me surpreenderia se Marina se sentasse atrás de mim na fileira sete e Ella ficasse na dez. Mas, não, as duas se sentam a meu lado sem dizer nada e, assim como eu, passam a analisar cada pessoa que embarca no avião. Quando você é caçado, fica sempre em estado de alerta. Quem sabe quando os mogadorianos vão aparecer?

Crayton será o último a embarcar, depois de observar quem mais vai entrar no avião, e só quando achar que o voo é completamente seguro.

Abro a janela e vejo a equipe de solo andando de um lado para o outro embaixo do avião. A cidade de Barcelona é uma distante linha difusa.

Marina agita o joelho furiosamente ao lado do meu. A batalha de ontem contra um exército de mogadorianos no lago, a morte da Cêpan dela, a descoberta de sua arca — e agora é a primeira vez em quase dez anos que Marina sai da cidade onde passou a infância. Ela está nervosa.

— Tudo bem? — pergunto.

Meus cabelos recém-pintados de louro caem na frente de meu rosto e me sobressalto. Esqueci que os havia tingido hoje de manhã. Essa é só uma das várias mudanças nas últimas quarenta e oito horas.

— Todo mundo parece ser normal — Marina sussurra, os olhos atentos ao corredor cheio de gente. — Pelo que consigo ver, estamos seguros.

— Ótimo, mas não foi isso que perguntei.

Dou uma pisada de leve em seu pé, e ela para de sacudir o joelho. Olha para mim e dá um sorriso ligeiro de desculpas, e então volta a vigiar com atenção cada passageiro que embarca. Alguns segundos depois, seu joelho começa a sacudir de novo. Eu apenas balanço a cabeça.

Sinto pena de Marina. Ela ficou trancada em um orfanato isolado com uma Cêpan que se negava a treiná-la. A Cêpan havia esquecido o motivo pelo qual estamos na Terra. Estou fazendo o possível para ajudá-la, para compensar. Posso ensiná-la a descobrir como controlar sua força e quando usar seus Legados em desenvolvimento. Mas, antes, estou tentando lhe mostrar que pode confiar em mim.

Os mogadorianos vão pagar pelo que fizeram. Por terem matado tantas pessoas que amávamos, aqui na Terra e em Lorien. Minha missão pessoal é destruir até o último deles, e vou garantir que Marina também consiga se vingar. Ela não só acaba de perder seu melhor amigo, Héctor, lá no lago, mas também, assim como aconteceu comigo, sua Cêpan foi morta bem na sua frente. Isso permanecerá conosco para sempre.

— Como está tudo lá embaixo, Seis? — Ella pergunta, inclinando-se por cima de Marina.

Olho pela janela. Os homens sob o avião começam a remover o equipamento, realizando algumas verificações finais.

— Até agora, tudo bem.

Meu assento fica na direção da asa, o que me conforta. Mais de uma vez usei meus Legados para ajudar um piloto a sair de uma situação difícil. Em uma ocasião, sobrevoando o sul do México, desloquei com a telecinesia um avião doze graus à direita, segundos antes de batermos em uma montanha. No ano passado, protegi cento e vinte e quatro passageiros em uma tempestade terrível que cercou o avião com uma nuvem impenetrável de ar frio sobre o Kansas. Passamos pela tempestade como uma bala atravessando um balão.

Quando a equipe de solo segue para o próximo avião, acompanho a direção do olhar de Ella até a frente do corredor. Estamos impacientes pelo embarque de Crayton. Isso significará que está tudo bem, pelo menos por enquanto. Todos os assentos estão ocupados, exceto o atrás de Ella. Cadê ele? Olho para a asa outra vez, para ver se há algo fora do comum.

Abaixo-me e empurro a mochila para debaixo de meu assento. Ela está praticamente vazia, então se dobra com facilidade. Crayton a comprou para mim

no aeroporto. Nós três precisamos parecer adolescentes normais, ele diz, como estudantes em uma viagem da escola. Por isso Ella está com um livro de biologia no colo.

— Seis? — Marina chama.

Ela prende e solta o cinto de segurança, nervosa.

— Oi.

— Você já voou antes, não é?

Marina é só um ano mais velha que eu. Mas, com seu olhar pensativo, grave, e com o corte de cabelo novo e sofisticado que vai até pouco abaixo dos ombros, ela não tem dificuldade para parecer que é adulta. Neste momento, porém, ela rói as unhas e abraça os joelhos como uma criança assustada.

— Sim — respondo. — Não é tão ruim. Na verdade, depois que você relaxa, é meio que incrível.

Sentada no avião, penso em minha própria Cêpan, Katarina. Nunca viajei de avião com ela. Mas, quando eu tinha nove anos, passamos por um aperto em um beco de Cleveland com um mogadoriano que nos deixou abaladas e cobertas de cinzas. Depois disso, Katarina e eu nos mudamos para o sul da Califórnia. Nosso sobradinho velho ficava perto da praia, praticamente à sombra do Aeroporto Internacional de Los Angeles. Centenas de aviões passavam rugindo a cada hora, sempre interrompendo as lições de Katarina e o pouco tempo livre que eu tinha para passar com minha única amiga, uma menina magricela chamada Ashley, que morava na casa ao lado.

Morei embaixo daqueles aviões durante sete meses. Eles eram meu despertador de manhã, urrando diretamente acima de minha cama ao nascer do sol. À noite eles eram fantasmas agourentos mandando que eu ficasse acordada, pronta para pular da cama e correr para o carro em segundos. Como Katarina não permitia que eu me afastasse muito de casa, os aviões também eram a trilha sonora de minhas tardes.

Em uma dessas tardes, enquanto as vibrações de um avião enorme sacudiam a limonada em nossos copos de plástico, Ashley disse:

"Minha mãe e eu vamos visitar meus avós no mês que vem. Mal posso esperar! Você já viajou de avião?"

Ashley não parava de falar dos lugares que conhecia e de tudo que fazia com a família. Sabia que Katarina e eu nunca nos afastávamos de casa e gostava de se gabar.

"Acho que não", falei.

"Como assim, 'acho que não'? Ou já viajou de avião, ou não. Admita. Você nunca viajou."

Lembro-me de sentir meu rosto queimar de vergonha. A provocação havia funcionado.

"Não, nunca viajei de avião", respondi, finalmente.

Eu queria dizer que já havia voado em algo muito maior, muito mais impressionante que um aviãozinho. Queria que ela soubesse que cheguei à Terra em uma nave vinda de um planeta chamado Lorien e que tinha sido uma viagem de mais de cento e cinquenta milhões de quilômetros. Mas não falei porque sabia que Lorien precisava ser um segredo.

Ashley riu de mim. Sem se despedir, ela foi embora para esperar o pai voltar do trabalho.

"Por que nunca pegamos um avião?", perguntei a Katarina naquela noite enquanto ela espiava pelas persianas da janela de meu quarto.

"Seis", ela disse, olhando para mim antes de se corrigir. "Quer dizer, Veronica. É perigoso demais viajarmos de avião. Ficaríamos encurraladas lá no alto. Você tem ideia do que poderia acontecer se estivéssemos a milhares de quilômetros de altitude e então descobríssemos que os mogs nos haviam seguido a bordo?"

Eu sabia exatamente o que poderia acontecer. Imaginava o caos, os outros passageiros gritando e se enfiando debaixo dos assentos enquanto alguns soldados alienígenas enormes avançavam com espadas pelo corredor. Mas isso não me fazia deixar de querer algo tão normal, tão humano, quanto ir de avião de uma cidade a outra. Eu havia passado todo o meu tempo na Terra sem poder fazer nada que era normal para outras crianças de minha idade. Era raro até mesmo ficarmos em algum lugar por tempo suficiente para eu conhecer outras crianças, muito menos para fazer amigos — Ashley foi a primeira menina que Katarina permitiu vir à nossa casa. Às vezes, como na Califórnia, eu nem frequentava a escola, se Katarina achasse que não seria seguro.

Eu sabia que era tudo necessário, claro. Em geral, não me permitia ficar incomodada com isso. Mas Katarina percebeu que a atitude metida de Ashley havia me perturbado. Meu silêncio nos dias seguintes deve tê-la comovido, porque, para minha surpresa, Katarina comprou duas passagens aéreas de ida e volta para Denver. O destino não era importante — ela sabia que eu só queria a experiência.

Eu mal podia esperar para contar a Ashley.

Mas no dia da viagem, quando estávamos do lado de fora do aeroporto, Katarina hesitou. Ela parecia nervosa. Passava a mão pelos cabelos escuros e negros. Ela os havia tingido e cortado na noite anterior, pouco antes de criar para si uma nova identidade. Uma família de cinco pessoas passou por nós na calçada, carregando malas pesadas, e à minha esquerda uma mãe chorosa se despediu de duas filhas jovens. Tudo que eu queria era me juntar àquilo, ser parte daquela cena cotidiana. Katarina observava todos à nossa volta enquanto eu me remexia impaciente a seu lado.

"Não", ela disse enfim. "Não vamos. Desculpe, Veronica, mas não vale a pena."

Voltamos para casa em silêncio, deixando o rugido das turbinas dos aviões no céu falar por nós. Quando saímos do carro em nossa rua, vi Ashley sentada nos degraus diante de sua casa. Ela olhou para mim enquanto eu caminhava na direção de nossa casa e moveu os lábios formando a palavra mentirosa. A humilhação foi quase insuportável.

Mas, na verdade, eu era uma mentirosa. É irônico. Mentir era tudo que eu havia feito desde que chegara à Terra. Meu nome, minha origem, onde meu pai estava, por que eu não podia dormir na casa de outra menina... mentir era tudo que eu sabia, e era o que me mantinha viva. Mas, quando Ashley me chamou de mentirosa na única vez em que eu dizia a verdade, fiquei incrivelmente furiosa. Subi para meu quarto pisando duro, bati a porta e esmurrei a parede.

Para minha surpresa, o punho a atravessou.

Katarina abriu a porta do quarto com violência, empunhando uma faca de cozinha e pronta para atacar. Ela achou que o barulho havia sido provocado por mogs. Quando viu o que eu havia feito na parede, percebeu que algo havia mudado em mim. Ela baixou a faca e sorriu.

"Não foi hoje que você viajou de avião, mas é hoje que vai começar seu treinamento."

Sete anos depois, sentada neste avião com Marina e Ella, ouço a voz de Katarina em minha cabeça. "Ficaríamos encurraladas lá no alto." Mas agora estou pronta para essa possibilidade, de um jeito que Katarina e eu não estávamos.

Desde então voei dezenas de vezes, e tudo correu bem. Porém, esta é a primeira vez que voei sem usar meu Legado da invisibilidade para embarcar sem ser vista. Sei que agora estou muito mais forte. E fico ainda mais a cada dia. Se alguns soldados mogadorianos viessem pelo corredor para me atacar, não enfrentariam uma menina delicada. Sei do que sou capaz; agora sou uma combatente, uma

guerreira. Devo ser temida, não caçada.

Marina abaixa os joelhos e se senta ereta, soltando o ar lentamente.

— Estou com medo. Só quero que o avião decole — ela diz, com um fio de voz.

— Você vai ficar bem — respondo em voz baixa.

Ela sorri, e eu retribuo. Ontem, no campo de batalha, Marina provou que é uma aliada forte com Legados incríveis. Ela é capaz de respirar embaixo da água, enxergar no escuro e curar doentes e feridos. Como todos os Gardes, ela também tem telecinesia. E, como estamos na sequência — eu sou a Número Seis e ela é a Número Sete —, temos uma ligação especial. Quando o feitiço ainda estava ativo e nós só poderíamos ser mortos em ordem numérica, os mogadorianos precisariam ter passado por mim antes de chegar a ela. E eles nunca teriam passado por mim.

Ella está quieta, sentada do outro lado de Marina. Enquanto continuamos esperando por Crayton, a menina abre no colo o livro de biologia e olha as páginas. Nossa encenação não precisa de tanto preciosismo, e eu estou prestes a me inclinar em sua direção para lhe dizer isso quando percebo que ela não está lendo. Está tentando virar a página com o pensamento, tentando usar telecinesia, mas nada acontece.

Segundo Crayton, Ella é uma aeternus, nascida com a habilidade de variar de idade para a frente e para trás. Mas ainda é jovem, e seus Legados não se desenvolveram. Virão com o tempo, por mais que ela esteja impaciente para desenvolvê-los logo.

A menina veio à Terra em outra nave, uma que eu não sabia que existia até John Smith, o Número Quatro, me contar que ela aparecera em suas visões. Ella era uma bebê, então agora tem quase doze anos. Crayton diz que é o Cêpan não oficial dela, já que não deu tempo para ele ter sido nomeado formalmente. Como todos os nossos Cêpans, Crayton tem o dever de ajudá-la a desenvolver seus Legados. Ele nos contou que na nave deles também havia um pequeno rebanho de Chimera, animais lóricos que podiam mudar de forma e lutar a nosso lado.

Fico feliz por ela estar aqui. Depois que os Números Um, Dois e Três morreram, restaram apenas seis de nós. Com Ella, agora somos sete. O número da sorte, se você acredita em superstição. Mas eu não acredito. Acredito em força.

Finalmente Crayton se espreme pelo corredor carregando uma maleta preta. Ele usa óculos e um terno marrom que parece um número maior que o dele. Sob o queixo forte há uma gravata-borboleta azul. Ele está ali no papel de nosso professor.

— Olá, meninas — diz, parando a nosso lado.

— Oi, Sr. Collins — Ella responde.

— O avião está cheio — Marina comenta.

É o código que significa que todos a bordo parecem ser pessoas comuns.

— Vou tentar dormir — anuncio, para dizer a ele que no solo tudo parece normal.

Crayton faz um gesto positivo com a cabeça e se acomoda no assento atrás de Ella. Inclinando-se para a frente entre Marina e Ella, ele diz:

— Usem com sabedoria o tempo de viagem, por favor. Estudem bastante.

O que significa: não baixem a guarda.

Quando conheci Crayton, não sabia o que pensar dele. O homem é severo e esquentado, mas parece ter bom coração, e seu conhecimento do mundo e de atualidades é incrível. Oficial ou não, ele tem levado o trabalho de Cêpan a sério. Diz que morreria por qualquer uma de nós. Fará o que for necessário para derrotar os mogadorianos; o que for necessário para conseguirmos nossa vingança. Acredito completamente nele.

Porém, é com certa relutância que estou a bordo deste avião a caminho da Índia. Eu queria voltar aos Estados Unidos o mais depressa possível para reencontrar John e Sam. Mas ontem, quando estávamos em cima da represa observando a carnificina no lago, Crayton nos disse que Setrákus Ra, o poderoso líder mogadoriano, logo chegaria à Terra, se é que já não estava aqui. A vinda de Setrákus era um sinal de que os mogadorianos nos consideravam uma ameaça, e que provavelmente intensificariam os esforços para nos matar. Setrákus é mais ou menos invencível. Apenas Pittacus Lore, o mais poderoso de todos os Anciões loriens, teria sido capaz de derrotá-lo. Ficamos horrorizadas. O que significava para nós que ele fosse invencível? Quando Marina perguntou isso, que chance teríamos de derrotá-lo, Crayton nos disse algo ainda mais chocante, uma informação que havia sido confiada a todos os Cêpans. Parece que um dos Gardes — um de nós — tivesse os mesmos poderes de Pittacus. Um de nós se tornaria tão forte quanto ele foi e seria capaz de derrotar Setrákus

Ra. Só nos restava esperar que esse Garde não fosse Um, Dois ou Três, e sim um dos que ainda estão vivos. Nesse caso, teríamos uma chance. Só precisávamos esperar e ver quem era, e torcer para que esses poderes se manifestassem logo.

Crayton acha que encontrou o Garde que tem os poderes de Pittacus.

"Li sobre um menino que parece ter poderes extraordinários na Índia", ele contou. "O menino mora no meio da cordilheira do Himalaia. Alguns acreditam que

ele seja a reencarnação do deus hindu Vishnu, outros pensam que é um impostor alienígena com o poder de alterar fisicamente sua forma."

"Como eu, papai?", Ella perguntou.

O relacionamento de pai e filha entre eles me pegou de surpresa. Não pude deixar de sentir uma ponta de inveja porque ela ainda tinha seu Cêpan, alguém a quem pedir orientação.

"Ele não muda de idade, Ella. Transforma-se em animais e outros seres. Quanto mais eu lia sobre esse menino, mais acreditava que ele era um membro da Garde, e mais acreditava que ele pode ser aquele que tem todos os Legados, aquele capaz de enfrentar e matar Setrákus. Temos que encontrá-lo o mais rápido possível."

Não quero sair em uma busca desesperada por outro membro da Garde agora. Sei onde John está, ou onde deveria estar. Posso ouvir a voz de Katarina insistindo para que eu siga meus instintos, e eles me dizem que devemos entrar em contato com John antes de mais nada. É a ação menos arriscada. Certamente menos arriscada que voar pelo mundo a partir de um palpite de Crayton e boatos na Internet.

"Pode ser uma armadilha", falei. "E se essas histórias tiverem sido plantadas para nós, para fazermos exatamente isto?"

"Entendo sua preocupação, Seis, mas acredite em mim, sou mestre em plantar histórias na Internet. Isso não foi plantado. Há fontes demais apontando para esse menino na Índia. Ele não tem fugido. Não tem se escondido. Tem apenas existido, e parece ser muito poderoso. Se ele é um de vocês, então precisamos encontrá-lo antes dos mogadorianos. Todos nós iremos aos Estados Unidos para encontrar o Número Quatro assim que terminarmos essa viagem", Crayton respondeu.

Marina olhou para mim. Ela queria quase tanto quanto eu encontrar John

— havia acompanhado as notícias sobre ele pela Internet e tivera um pressentimento semelhante de que ele era um de nós, um pressentimento que eu havia confirmado.

"Promete?", ela perguntou a Crayton.

Ele assentiu.

A voz do piloto interrompe meu devaneio. Estamos prestes a decolar. Eu queria muito virar o avião na direção de West Virginia. Na direção de John e Sam. Espero que eles estejam bem. Não paro de imaginar John preso em uma cela. Eu não devia ter falado para ele da base mogadoriana na montanha, mas John queria recuperar sua arca e eu não ia conseguir convencê-lo a esquecê-la.

O avião está taxiando na pista e Marina agarra meu pulso.

— Queria tanto que Héctor estivesse aqui. Ele diria algo inteligente agora para fazer eu me sentir melhor.

— Está tudo bem — Ella responde, segurando a outra mão de Marina.

— Você está conosco.

— E eu vou pensar em algo inteligente para dizer — acrescento.

— Obrigada — Marina fala, embora sua voz soe como se ela estivesse tentando soluçar e engolir ao mesmo tempo.

Deixo ela cravar as unhas em meu pulso. Sorrio para confortá-la, e um minuto depois estamos no ar.

CAPÍTULO DOIS

TENHO OSCILADO ENTRE A CONSCIÊNCIA E A INCONSCIÊNCIA AO LONGO DOS ÚLTIMOS dois dias, corri um mal-estar alucinatório. Os efeitos do campo de força azul fora da montanha dos mogadorianos estão durando muito mais tempo do que Nove me falou, tanto os mentais quanto os físicos. De vez em quando, meus músculos se contorcem e ardem de dor.

Tento me distrair da agonia examinando o quarto minúsculo desta casa abandonada e decadente. Seria impossível Nove ter escolhido um esconderijo mais asqueroso. Não dá para confiar em meus olhos. Vejo a estampa do papel de parede amarelo ganhar vida, o desenho marchando pelas manchas de mofo como formigas. O teto rachado parece respirar, subindo e descendo em velocidade assustadora. Há um grande buraco irregular na parede entre o quarto e a sala, como se alguém a tivesse atravessado com uma marreta. Há latas de cerveja amassadas espalhadas pelo quarto, e os rodapés foram destruídos por animais. Tenho ouvido ruídos de agitação nas árvores lá fora, mas estou fraco demais para ficar preocupado. Ontem à noite acordei com uma barata em minha bochecha. Quase nem tive energia para espantá-la.

— Ei, Quatro? — Tento ouvir do outro lado do buraco na parede. — Acordou? É hora do almoço, e sua comida está esfriando.

Eu me levanto com dificuldade. Com a cabeça girando, passo pela porta cambaleando para o que um dia foi uma sala de estar e caio no carpete cinza manchado. Sei que Nove está aqui, mas não consigo deixar meus olhos abertos por tempo suficiente para encontrá-lo. Tudo o que quero é recostar a cabeça no colo de Sarah. Ou de Seis. Qualquer uma. Não consigo pensar direito.

Algo morno acerta meu ombro. Viro de lado e vejo Nove sentado no teto acima de mim, seus longos cabelos negros soltos pendendo 11a sala. Ele mastiga algo, e suas mãos estão engorduradas.

— Onde é que estamos mesmo? — pergunto.

A luz do sol que entra pelas janelas é forte demais, e eu fecho os olhos. Tenho de dormir mais. Preciso de algo, o que quer que seja, para clarear a cabeça e recuperar minhas forças. Mexo em meu pingente azul, na esperança de conseguir, de algum jeito, reunir energia por ele, mas sinto apenas seu toque frio em meu peito.

— No norte de West Virginia — Nove responde entre uma mordida e outra. — A gasolina acabou, lembra?

— Muito pouco — sussurro. — Cadê Bernie Kosar?

— Lá fora. Aquele lá está sempre de vigia. É um animal legal. Diga-me, Quatro, como você, dentre todos os membros da Garde, conseguiu?

Rastejo até o canto da sala e apoio as costas na parede.

— BK estava comigo em Lorien. Naquela época o nome dele era Hadley. Acho que Henri pensou que seria bom trazê-lo na viagem.

Nove arremessa um osso minúsculo pela sala.

— Também tive alguns Chimaera quando era pequeno. Não lembro o nome deles, mas ainda consigo vê-los correndo pela nossa casa, destruindo coisas. Eles morreram na guerra, protegendo minha família. — Nove fica em silêncio por um momento, tensionando a mandíbula. Esta é a primeira vez que o vejo com uma expressão que não é de bravura. É bom ver isso, mesmo que por pouco tempo. — Pelo menos foi isso que meu Cêpan me contou.

Olho para meus pés descalços.

— Como seu Cêpan se chamava?

— Sandor — ele responde, levantando-se no teto. Está usando meus sapatos. — É estranho. Não consigo lembrar a última vez que falei o nome dele. Tem dias em que mal consigo me lembrar de seu rosto. — A voz de Nove endurece, e ele fecha os olhos. — Mas é assim mesmo, acho. Tanto faz. Eles são os dispensáveis.

A última frase provoca uma onda de choque por meu corpo,

— Henri não era dispensável, nem Sandor! Nenhum lorieno jamais foi dispensável. E devolva meus sapatos!

Nove joga os sapatos para o meio da sala e depois, devagar, caminha pelo teto e desce pela parede.

— Tudo bem, tudo bem. Sei que ele não era dispensável, cara. É que às vezes é mais fácil pensar nele assim, sabe? A verdade é que Sandor era um Cêpan incrível. — Nove chega ao chão e para bem na minha frente. Eu tinha esquecido o quanto ele é alto. Intimidador. Nove enfia em minha cara um punhado daquilo que estava comendo. — Quer um pouco disto ou não? Porque eu estou prestes a matar o resto.

Ver aquilo faz meu estômago revirar.

— O que é isso?

— Churrasco de coelho. Um quitute da natureza.

Não me atrevo a abrir a boca para responder, com medo de vomitar. Em vez disso, volto aos tropeços até o quarto, ignorando a risada atrás de mim. A porta do quarto está tão empenada que é quase impossível fechá-la, mas eu a empurro no batente da melhor maneira que consigo. Deito-me no chão, usando meu suéter como travesseiro, e penso em como vim parar aqui, deste jeito. Sem Henri. Sem Sam. Sam é meu melhor amigo, e não acredito que o deixamos para trás. Sam é leal, atencioso e compreensivo — ele viajou e lutou comigo nos últimos meses —, e Nove não é nada disso. Ele é inconsequente, arrogante, egoísta e simplesmente grosseiro. Imagino Sam, lá na caverna dos mogadorianos, com uma arma se agitando em seu ombro enquanto uma dúzia de soldados mogadorianos o cercava. Não consegui alcançá-lo. Não consegui salvá-lo. Eu devia ter lutado mais, corrido mais rápido. Devia ter ignorado Nove e voltado para buscar Sam. Ele teria feito isso por mim. A culpa imensa que sinto me paralisa, até que finalmente adormeço.



Está escuro. Não estou mais com Nove em uma casa nas montanhas. Não sinto mais os efeitos dolorosos do campo de força azul. Minha cabeça finalmente está límpida, embora eu não saiba onde estou nem como cheguei aqui. Quando grito por socorro, não ouço minha voz, apesar de perceber meus lábios se movendo. Ando para a frente arrastando os pés, com as mãos estendidas. De repente minhas palmas começam a brilhar com meu Lúmen. No início a luz é fraca, mas logo se transforma em dois feixes poderosos.

— John — um sussurro rouco pronuncia meu nome.

Giro as mãos para ver onde estou, mas a luz revela apenas a escuridão vazia. Estou entrando em uma visão. Aponto as palmas para o chão de forma que o Lúmen ilumine meu caminho, e começo a andar na direção da voz.

O som fica mais nítido. É Sam, meu amigo perdido, e Setrákus Ra, meu pior inimigo. Sei que estou me aproximando da base mogadoriana. Vejo o campo de força azul, fonte de tanta dor. Por alguma razão, sei que agora ele não vai me ferir, e não hesito em atravessá-lo. Quando passo, não são meus gritos o que escuto, mas os de Sam. Sua voz atormentada invade minha cabeça enquanto entro na montanha e percorro o labirinto de túneis. Vejo os restos carbonizados de nossa batalha recente, de quando arremessei uma bola de lava verde no tanque de gás na base da montanha, provocando um mar de fogo montanha acima.

Percorro a câmara interna principal e suas plataformas em espiral. Subo na ponte arqueada de pedra que Sam e eu cruzamos há tão pouco tempo, protegidos pela invisibilidade. Sigo em frente, passando por túneis secundários e corredores, o tempo todo forçado a ouvir os uivos aterrorizantes de meu melhor amigo.

Sei aonde vou antes de chegar lá. A inclinação constante do chão me leva à câmara ampla onde ficam as celas.

Lá estão eles. Setrákus Ra está em pé no meio da câmara. Ele é imenso e tem uma aparência realmente revoltante. E lá está Sam. Suspenso dentro de uma pequena jaula esférica ao lado de Setrákus Ra. A bolha particular de tortura dele. Os braços de Sam estão esticados para cima, e as pernas estão separadas e presas por correntes. Alguns canos gotejam um líquido fumegante em diversas partes do corpo de Sam. Há uma poça de sangue seco embaixo da jaula.

Paro a três metros de distância. Setrákus Ra sente minha presença e se vira, e de seu pescoço enorme pendem os três pingentes lóricos das crianças da Garde que ele matou. A cicatriz em volta de sua garganta pulsa com uma energia escura.

— Nós nos desencontramos — Setrákus Ra grunhe.

Abro a boca, mas não sai som algum. Os olhos azuis de Sam se voltam em minha direção, mas não sei se ele me enxerga.

Mais líquido quente pinga dos canos, atingindo os pulsos, o peito, os joelhos e os pés de Sam. Um fio espesso do líquido escorre por sua bochecha e desce pelo pescoço. Ver a tortura de Sam finalmente me devolve a voz.

— Solte-o! — grito.

Os olhos de Setrákus Ra endurecem. Os pingentes no pescoço dele brilham, e o meu responde, acendendo também. A pedra azul de loralite em minha pele está quente e, de repente, se incendeia, à medida que meu Legado vai se ativando. Deixo o fogo se alastrar por meus ombros.

— Vou soltá-lo — ele responde —, se você voltar à montanha e lutar comigo.

Olho rapidamente para Sam e percebo que ele perdeu a luta contra a dor e desmaiou, o queixo repousando no peito.

Setrákus Ra aponta o corpo castigado de Sam e diz:

— Você deve decidir. Se não vier, vou matá-lo, e depois matarei todos os outros. Se vier, eu os pouparei.

Ouçõ uma voz gritando meu nome, dizendo que preciso me mexer. Nove. Eu me sento arquejando, e meus olhos se abrem de repente. Estou coberto por uma camada fina de suor. Olho pelo buraco irregular na parede de gesso e levo alguns segundos para me situar.

— Cara! Levante! — Nove grita do outro lado da porta. — Temos um milhão de coisas para fazer!

Eu me ajoelho e levo a mão ao pescoço procurando o pingente. Aperto a

pedra o mais forte possível, tentando parar de pensar nos gritos de Sam. A porta do quarto se abre. Nove surge na soleira, esfregando o dorso da mão no rosto.

— Sério, mermão. Fique de pé. Precisamos sair daqui.

CAPÍTULO TRÊS

O AR É DENSO E PESADO FORA DO AEROPORTO DE NOVA DÉLI. ESTAMOS andando pela calçada, e Crayton leva a arca de Marina embaixo do braço. Carros passam devagar pelas ruas congestionadas, com as buzinas aos berros. Nós quatro estamos em alerta para qualquer sinal de problema, incluindo indícios sutis de que estejamos sendo seguidos. Chegamos a um cruzamento e somos empurrados por todos os lados. Mulheres abrem caminho equilibrando cestos altos na cabeça; homens carregam baldes de água pendurados em seus ombros escuros e gritam para sairmos da frente. Os cheiros, o barulho, a proximidade física do mundo agitado à nossa volta, tudo isso poderia nos sobrecarregar. Permanecemos vigilantes.

Do outro lado da rua há um mercado tumultuado que parece se estender por quilômetros. Crianças nos cercam vendendo quinquilharias, e nós recusamos com educação suas esculturas de madeira e bijuterias de marfim. Fico impressionada com todo esse caos organizado, feliz de ver a vida seguindo o que parece ser uma rotina, feliz por este momento longe de nossa guerra.

— Aonde vamos agora? — Marina pergunta, aumentando a voz para ser ouvida no meio do barulho.

Crayton estuda a multidão que atravessa a rua.

— Agora que estamos longe do aeroporto e de suas câmeras, acho que podemos arrumar um...

Um táxi para diante de nós, arrastando os pneus e levantando poeira, e o motorista abre a porta do passageiro.

— Táxi — Crayton conclui.

— Por favor. Aonde posso levá-los? — o motorista pergunta.

Ele é jovem e parece nervoso, como se hoje fosse seu primeiro dia de trabalho. Marina deve ter se identificado com o humor dele, ou está desesperada para se afastar da multidão, porque se joga no banco traseiro do carro e desliza até a porta do outro lado.

Crayton entrega um endereço ao motorista enquanto se acomoda no banco do passageiro. Ella e eu sentamos no banco de trás, ao lado de Marina.

O motorista assente e logo em seguida enfia o pé no acelerador, jogando-nos para trás no assento de plástico rachado. Nova Déli se transforma em uma confusão de cores vivas e sons efêmeros. Passamos correndo por carros e riquexós, cabras e vacas. Dobramos esquinas com tamanha velocidade que me surpreendo por não ficarmos sobre duas rodas. Tiramos um fino de pedestres tantas vezes que perco a conta. Então decido que provavelmente será melhor se eu não prestar muita atenção. Somos jogadas uma em cima da outra. O único jeito de evitarmos cair no chão sujo do carro é nos segurando umas nas outras e em tudo que conseguirmos agarrar.

Uma hora o táxi sobe o meio-fio e dispara por um trecho da calçada estreita para evitar o trânsito parado. É uma loucura completa, e admito que adoro cada segundo. Anos de correria, esconderijos e lutas me deixaram totalmente viciada em adrenalina. Marina agarra o apoio de cabeça diante de si, recusando-se a olhar pelas janelas, enquanto Ella se inclina em sua direção, na tentativa de assimilar tudo.

De repente, o motorista vira o carro com violência para uma rua que passa atrás de uma sequencia longa de armazéns. Dezenas de homens armados com metralhadoras AK-47 ocupam ambos os lados da pista. Nosso motorista acena para eles com a cabeça enquanto o táxi corre. Crayton olha para mim por cima do ombro. Sua expressão preocupada faz o nó em meu estômago ficar mais apertado. A rua fica súbita e visivelmente sem trânsito.

— Aonde você está nos levando? — Crayton pergunta ao motorista. — Precisamos ir para o sul, e você está indo para o norte.

Marina levanta a cabeça e, junto com Ella, me lança um olhar intrigado.

De repente o carro breca cantando pneu e o motorista se joga pela porta, rolando para longe do táxi. Uma dúzia de vans e caminhonetes de caçamba coberta cerca o carro. Cada veículo tem uma mancha semelhante de tinta vermelha nas portas, mas não consigo distingui-la direito. Homens em trajes civis saltam das vans, armados com metralhadoras.

Agora a adrenalina realmente começa a fluir. Ela sempre aparece antes de uma briga. Olho para Marina e vejo a expressão apavorada em seu rosto, mas sei que ela vai seguir minhas indicações. Mantenho a calma.

— Preparadas? Marina? Ella?

As duas assentem.

Crayton levanta a mão.

— Esperem! Olhe as caminhonetes, Seis. Olhe as portas!

— O quê? — Ella pergunta. — O que tem nas portas?

Os homens se aproximam, seus gritos cada vez mais urgentes. Estou concentrada demais no perigo iminente para analisar o que Crayton está falando. Quando pessoas armadas me ameaçam, ou ameaçam alguém que amo, eu garanto que elas se arrependam.

Marina olha pela janela.

— Seis, veja! Aquilo são números...

Finalmente percebo o que todos estão olhando no mesmo instante em que a porta ao lado de Marina é aberta. As manchas vermelhas nas portas das caminhonetes são números oito.

— Para fora! — o homem grita.

— Façam o que ele diz — Crayton avisa em voz baixa, com calma. — Por enquanto, vamos fazer o que eles quiserem.

Saímos do táxi com cuidado, as mãos para o alto, nós quatro focados nos números vermelhos pintados nas portas das caminhonetes. Acho que estamos nos mexendo muito devagar, porque um dos homens se inclina para a frente e puxa Ella, impaciente. A menina perde o equilíbrio e cai. Não consigo me conter. Não me importo se eles estão com o Número Oito, ninguém vai jogar uma menina de doze anos no chão. Levanto o sujeito no ar com minha mente e o jogo para cima do telhado de um armazém do outro lado da rua. Os demais homens entram em pânico, agitando as armas e gritando uns com os outros.

Crayton segura meu braço.

— Vamos descobrir por que eles estão aqui e se sabem onde o Número Oito está. Se for preciso, atacaremos com força total depois disso.

Ainda furiosa, eu me solto da mão dele, mas concordo com a cabeça. Ele tem razão — não sabemos o que esses homens querem conosco. É melhor descobrir antes que eles estejam incapacitados para explicar.

Um homem alto e barbudo com uma boina vermelha sai de uma das cami-

nhonetes e caminha devagar em nossa direção. Seu sorriso é confiante, mas o olhar está cauteloso. Vejo uma pistola pequena em seu coldre de ombro.

— Boa tarde e sejam bem-vindos — ele diz, com um sotaque muito forte. — Sou o comandante Grahish Sharma, do grupo rebelde Oito Nacionalistas de Vishnu. Viemos em paz.

— Então, por que as armas? — Crayton pergunta,

— As armas são para convencê-los a nos acompanhar. Sabemos quem vocês são e nunca tentariamos enfrentá-los. Sabemos que perderíamos. Vishnu nos disse que vocês todos são poderosos como ele.

— Como vocês nos encontraram? — Crayton indaga. — E quem é Vishnu?

— Vishnu é a essência onipresente de todos os seres, o senhor do passado, do presente e do futuro, o Deus Supremo e Preservador do Universo. Ele nos disse que seriam quatro de vocês, três meninas e um homem. E me pediu para lhes transmitir uma mensagem.

— Que mensagem? — pergunto.

O comandante Sharma pigarreia e sorri.

— A mensagem dele é: Eu sou o Número Oito. Bem-vindos à Índia. Por favor, venham me ver assim que possível.

CAPÍTULO QUATRO

O CÉU ESTÁ CINZENTO E PESADO. O BOSQUE É ESCURO E FRIO. A MAIOR PARTE DAS folhas mortas das árvores caiu e cobre o chão. Nove caminha à minha frente, observando os arredores enquanto procura animais para caçar.

— Sabe, aquele coelho estava melhor do que eu esperava. — Ele tira do bolso um pedaço pequeno de cipó e prende os cabelos pretos despenteados em um rabo de cavalo. — Vou preparar outro hoje à noite, caso você esteja interessado.

— Acho que vou pensar em outra coisa.

Ele parece surpreso com meu mal-estar.

— Medo de animal recém-caçado? Você precisa comer se quiser recuperar a força. Não sei por quê, mas nossas pedras de cura não adiantam porcaria nenhuma para sua dor. E, quer saber, esse seu enjoo é um saco. Estamos perdendo tempo, cara. Você precisa melhorar, e nós temos que sair aqui.

Sei o quanto meu corpo está fraco pelo cansaço que sinto enquanto caminhamos. Só nos afastamos algumas centenas de metros da casa decadente e já estou exausto. Eu queria muito voltar para lá, dormir. Mas sei que não vou me sentir normal outra vez se não me mexer.

— Ei, Nove, escute só o sonho que acabei de ter.

Ele bufa com desdém.

— Um sonho? Não, obrigado, cara. Bom, a menos que tenha a ver com garotas. Disso você pode me contar *tudo*; com detalhes.

— Eu vi Setrákus Ra. Falei com ele. — Nove para por um instante e então continua andando. — Ele me propôs um acordo.

— Ah, é? Que tipo de acordo?

— Se eu voltar lá e enfrentá-lo, ele disse que vai poupar todos os outros, inclusive Sam.

Nove bufa outra vez.

— Isso é bobagem. Mogadorianos não fazem acordos. Ou pelo menos nenhum que pretendam cumprir. E eles não têm misericórdia.

— Estava pensando: e se eu fingir que aceito a proposta? De qualquer jeito, vou ter que voltar à caverna para resgatar Sam.

Nove se vira para mim, seu rosto uma máscara de indiferença.

— Lamento dizer, cara, mas Sam provavelmente está morto. Os mogs não ligam para nós, nem para os humanos. Acho que você teve um pesadelo, e sinto muito por ter ficado todo assustado e sentido a necessidade de me entediar. Mas, mesmo que você tenha realmente feito contato com Setrákus Ra, é óbvio que esse tipo de proposta é uma armadilha, e você vai morrer se cair nela. Na verdade, vai morrer se chegar a menos de quinze quilômetros daquele lugar. Garanto.

Ele se vira para a frente e se afasta de mim.

— Sam não morreu! — protesto, a raiva crescendo dentro de mim, dando-me uma força que há dias não sinto. — E o sonho era real. Setrákus Ra o estava torturando! Eu vi a pele dele ser queimada por um líquido fervente! Não vou ficar aqui e deixar isso continuar.

Ele ri de novo, mas dessa vez sem deboche. Não é uma risada exatamente tranquilizadora, mas com certeza soa mais delicada.

— Escute, Quatro. Você está fraco demais para sequer andar direito, quem dirá para enfrentar o ser mais poderoso da galáxia. Sei que parece cruel, cara, mas Sam é humano. De jeito nenhum você vai conseguir salvar todos eles, então pare de desperdiçar tempo e energia. Você não tem um suprimento ilimitado de nenhum dos dois.

O Lúmen em minhas palmas começa a se acender. Agora posso controlá-lo, o que certamente é um progresso. Espero que a luz seja um sinal de que os efeitos do campo de força azul estão passando.

— Olhe. Sam é meu melhor amigo, Nove. Você precisa entender isso e guardar para si suas opiniões sobre minha energia, certo?

— Não, olhe para você — Nove responde. A voz dele soa neutra. — Isto não é brincadeira. Estamos em guerra, cara: guerra. E você não pode agir como se só seus sentimentos por Sam importassem, se isso põe em risco a segurança de todo mundo. Não vou deixar você nos abandonar para enfrentar Setrákus Ra só por causa de Sam. Vamos esperar até você se sentir melhor, seja quando for, e depois vamos encontrar os outros e treinar até ficarmos prontos. Se você não gosta disso, então vai ter que lutar comigo para sair daqui. E eu estou muito a fim de brigar, então, sério, pode vir. Vai ser um bom exercício.

Ele levanta a mão e aponta para algo no meio das árvores. Um segundo depois escuto um ganido curto.

— Peguei.

Nove sorri, claramente orgulhoso de sua habilidade de caça com telecinesia. Eu vou atrás dele, recusando-me a desistir.

— Não tem ninguém por quem você morreria? Ninguém por quem arriscaria a vida para ajudar?

— Estou arriscando a vida para ajudar Lorien — Nove diz, me encarando de um jeito que me faz ouvi-lo. — Morrerei por Lorien e por qualquer loriense. E, se eu morrer, e isso é bem pouco provável, que seja esmagando duas cabeças de mogadorianos com as mãos e uma terceira embaixo dos pés. Ainda não estou a fim de sentir seu símbolo queimando em minha perna, então cresça, deixe de ser tão ingênuo e pense em algo que não seja você mesmo.

As palavras são duras. Sei que Henri teria concordado com ele, mas não vou dar as costas a Sam outra vez. Não sei se é a arrogância de Nove, a urgência da visão que acabei de ter ou o ar fresco e a caminhada, mas minha mente parece clara e forte pela primeira vez em dias.

— Sam me salvou mais de uma vez, e o pai dele foi receber nossa nave quando chegamos à Terra. O pai dele talvez até tenha morrido por nós, por Lorien. Por causa dos dois, você tem que voltar à caverna comigo. Hoje.

— De jeito nenhum.

Dou um passo em sua direção, e Nove não hesita. Ele me agarra e me joga em uma árvore. Eu me levanto e estou prestes a atacá-lo quando ouvimos o barulho de galhos partindo atrás de nós. Nove se vira na direção do ruído. Fico recostado à árvore, acendendo de leve meu Lúmen e preparando-me para cegar quem quer que seja. Espero que não tenha superestimado minha recuperação.

Nove olha para mim e sussurra:

— Desculpe-me pelo negócio da árvore. Vamos descobrir quem está nos seguindo e matá-los antes que nos matem.

Concordo com a cabeça, e nós avançamos. O barulho veio de um grupo denso de pinheiros que oferece excelente cobertura. Por mim, esperaríamos até vermos quem ou o que iríamos enfrentar, mas Nove pensa diferente. Ele exibe um sorrisinho estranho enquanto andamos na direção dos pinheiros, pronto para destruir o que quer que seja. As árvores se agitam de novo, e um dos galhos mais baixos se mexe. Mas o que vemos não é um canhão ou uma espada mogadoriana reluzente. Em vez disso, o que aparece é o focinho preto de um pequeno beagle marrom e branco.

— Bernie Kosar — digo, aliviado. — Que bom ver você, amigo.

Ele se aproxima de mim e eu me abaixo para afagar sua cabeça.

BK é a única criatura que está comigo desde o começo. Ele me diz que está feliz por me ver recuperado.

— Ele demorou, não é? — Nove comenta.

Eu havia esquecido que Nove também desenvolveu o Legado de se comunicar com animais. Sei que é imaturo, mas me incomoda ter esse poder em comum com ele. Nove já é o Garde mais alto e forte que eu conheço, é capaz de transferir poderes para os humanos, tem Legado de antigravidade, supervelocidade e superaudição, telecinesia e sei lá o que mais ele ainda não me contou. Meu Lúmen me diferencia dos outros, mas, a menos que eu encontre uma fonte de fogo com a qual possa combiná-lo, ele é praticamente inútil. Minha habilidade de conversar com animais era algo que eu queria muito desenvolver melhor, mas agora tenho certeza de que Nove vai descobrir antes de mim um jeito melhor de usá-la.

Bernie Kosar deve estar vendo a decepção em meu rosto, porque pergunta se quero dar uma volta com ele. A sós.

Nove o escuta e fala:

— Vá em frente. BK só fala de você mesmo. Sempre que não estava patrulhando a área, ele estava no quarto vigiando você.

Continuo afagando a cabeça dele.

— Era você, então?

Bernie Kosar lambe minha mão.

— Meu outro melhor amigo — digo. — Eu também morreria por você, BK.

Nove grunhe diante da demonstração de afeto. Sei que deveríamos proteger um ao outro nessa guerra intergaláctica gigantesca, mas às vezes eu queria que fôssemos só BK e eu. E Sam. E Sarah. E Seis. E Henri. Na verdade, preferiria qualquer um, menos Nove.

— Vou ver o que foi que matei agora há pouco, garantir um pouco de comida para hoje à noite — Nove anuncia enquanto se afasta. — Vão lá dar seu passeio especial. Quando voltarem, precisamos conversar sobre procurarmos o restante da Garde. Agora que você está melhor.

— E como exatamente vamos encontrá-los? O endereço do ponto de encontro que Seis nos deu estava no bolso de Sam. Os mogs podem ter encontrado o papel e estarem lá agora à espera de Seis. Na minha opinião, esse é mais um motivo para irmos atrás de Sam — falo com firmeza.

Bernie Kosar concorda. Tenho a impressão de que ele tem tanta vontade quanto eu de resgatar Sam.

— Conversamos sobre isso durante o jantar. Acho que foi um gambá, ou talvez algum roedor — ele diz, já entrando no bosque para procurar a presa.

Bernie Kosar me diz para segui-lo. Passamos em meio às árvores e descemos por uma encosta coberta de relva. O terreno fica plano por alguns metros, e então começamos a subir de novo. Caminhamos depressa, e o exercício parece incrível

agora que minha força está voltando. As árvores enormes se inclinam umas nas outras mais adiante. Eu me concentro e as separo com a mente. Assim que surge um espaço, BK pula pelo meio e eu disparo atrás dele, lembrando nossas corridas matinais para a escola em Paradise. A vida era muito mais fácil naquela época, quando eu ocupava meus dias treinando com Henri e passava o tempo livre com Sarah. Aquilo era legal, descobrir tudo de que eu era capaz, como meus poderes me ajudavam a fazer o que precisava ser feito. Mesmo quando eu ficava frustrado ou com medo, havia muitas possibilidades, e eu podia simplesmente me concentrar nisso, Nem imaginava o quanto aquilo tudo era bom.

Minhas costas estão cobertas de suor quando chegamos ao cume de um morro pequeno. Sinto-me melhor, mas ainda não estou cem por cento. A vista é espetacular, uma paisagem panorâmica das Montanhas Apalaches cobertas de abetos e banhadas pela luz do entardecer. Dá para ver até quilômetros de distância.

— Devo dizer, amigão, que a paisagem é incrível. Era isso que você queria me mostrar? — pergunto.

Lá longe, embaixo e à esquerda, ele diz. Está vendo?

Observo a paisagem.

— Naquele vale profundo?

Depois dele, ele responde. Vê aquele brilho?

Estreito os olhos e olho depois do vale. Há um conjunto de árvores grossas e o contorno sutil do leito seco de um rio. Então eu vejo. Em meio ao tronco das árvores à esquerda há um feixe luminoso azul. É o campo de força na entrada da base mogadoriana.

São no máximo três quilômetros de distância. Bernie Kosar diz que podemos voltar lá agora mesmo se eu quiser. Desta vez ele entrará comigo, já que Sam e eu desativamos o sistema que preenchia a montanha inteira com um gás mortal para animais.

Sinto um arrepio pelo corpo enquanto olho a luz azul. Sam está lá. E Setrákus Ra.

— E Nove?

Bernie Kosar contorna minhas pernas duas vezes antes de se sentar a meus pés. Você decide, ele diz. Nove é forte e rápido, mas também é imprevisível.

— Você o trouxe aqui? — pergunto. — Ele sabe que estamos tão perto?

Bernie Kosar inclina a cabeça como se dissesse sim. Não acredito que ele sabia e não me contou. Já chega. Estou cansado de Nove.

— Vou voltar para a casa. Deixarei Nove decidir se quer vir conosco, mas, o que quer que ele diga, é hora de enfrentar Setrákus.

CAPÍTULO CINCO

SEGUIMOS AOS SOLAVANCOS POR UMA ESTRADA ESBURACADA A bordo de uma caminhonete militar. Estamos na periferia da cidade, e eu olho à volta. Vejo uma cordilheira enorme ao longe, mas isso não me diz muito. Veículos cheios de soldados estão à nossa frente e atrás de nós, Minha arca está a meus pés, e Seis está sentada a meu lado. Isso me deixa um pouco mais tranqüila. Desde a batalha na Espanha, só me sinto ligeiramente segura quando Seis está por perto.

Não imaginei que algum dia sentiria falta das irmãs do Santa Teresa, mas, neste momento, eu daria tudo para estar de volta ao convento. Durante anos só pensei em fugir daquelas regras e castigos, mas, agora que escapei, tudo que quero é algo familiar, mesmo que na forma de disciplina religiosa. Minha Cêpan, Adelina, está morta, assassinada por mogadorianos. Meu melhor e único amigo, Héctor Ricardo, também morreu. A cidade e o convento desapareceram, destruídos pelos mogs. Sinto o peso das mortes; Adelina e Héctor lutavam para me proteger. Deus, espero que eu não seja uma maldição. Odeio a idéia de que minha falta de experiência e treinamento possam prejudicar mais alguém. Não quero pôr em risco esta missão na Índia apenas por estar aqui.

Finalmente, o comandante Sharma se vira para nos explicar a situação.

— Esta viagem vai demorar algumas horas. Por favor, fiquem à vontade. Sirvam-se de água no isopor atrás de vocês. Não chamem atenção; não falem com ninguém. Nem mesmo para sorrir ou acenar. Somos procurados.

Crayton assente,

— Então, o que você acha disso tudo? — Seis pergunta a Crayton. — Acha que ele está mesmo lá em cima?

— Sim. Faz sentido.

— Por quê? — pergunto.

— As montanhas são o esconderijo ideal para um membro da Garde. Durante anos, as pessoas tiveram medo de se aproximar das geleiras ao norte da China, Relatos sobre a presença de alienígenas são suficientes para assustar os nativos, e o exército chinês não conseguiu investigar as histórias porque um lago misterioso surgiu no vale e bloqueou o acesso. Ninguém sabe o que é verdade e o que é boato, mas, de qualquer maneira, o esconderijo é excelente,

— Você acha que há outros alienígenas lá em cima além do Número Oito?
— Ella diz. — Como, hmm, mogadorianos?

Eu também estava pensando nisso.

— Não sei quem mais está lá em cima, se é que tem alguém, mas logo vamos descobrir — Crayton responde. Ele limpa o suor da testa e encosta a ponta do dedo em minha arca, — Enquanto isso, é melhor começarmos a aprender como usar o que tem aqui dentro para nos prepararmos melhor, se Marina tiver a gentileza de compartilhar conosco.

— Claro — respondo em voz baixa, olhando para a arca.

Eu não deveria compartilhar minha Herança, mas sinto vergonha de saber tão pouco sobre o que tenho, Eu devia ter usado minha arca com Adelina, Era sua função me explicar como usar tudo, como ela poderia salvar minha vida. Mas isso nunca aconteceu. Depois de um instante, contínuo:

— Mas não sei o que nada disso faz.

Crayton estende o braço e toca minha mão. Encaro seu olhar solene, mas encorajador.

— Não tem problema você não saber. Vou lhe mostrar o que eu puder — ele fala. — Agora não sou só o Cêpan de Ella; sou de todas vocês. Enquanto eu estiver vivo, Marina, pode contar comigo.

Assinto com a cabeça e cubro a fechadura com minha mão. Agora que

Adelina morreu, posso abrir minha arca sozinha, e esse é um benefício amargo. Seis me observa, e eu sei que ela entende exatamente como me sinto, porque também perdeu sua Cêpan. A fechadura fria de metal treme em minha mão. Com um estalo, ela cai no assoalho do veículo. A estrada de terra em que estamos é cheia de buracos e detritos, sacudindo-me sem parar de tal forma que é difícil deixar minha mão firme ao enfiá-la na arca. Tomo cuidado para não tocar no cristal vermelho brilhante no canto, que tanto problema me causou no campanário do orfanato que tive medo de que fosse uma granada lórica ou algo pior. Pego um par de óculos escuros.

— Sabe para que serve isto? — pergunto a Crayton.

Ele os examina por um segundo, mas os devolve e balança a cabeça,

— Não tenho certeza, mas talvez permitam que você enxergue através das coisas, como se tivesse visão de raios X. Ou podem ser detectores térmicos, bons para enxergar à noite. Só há um modo de descobrir.

Ponho os óculos no rosto e olho pela janela. Além de amenizar a claridade do sol, parece que não serve para mais nada. Confiro minhas mãos, mas elas permanecem sólidas, e quando olho para o rosto de Crayton não há mancha alguma de calor.

— E aí? — Seis pergunta. — O que eles fazem?

— Não sei — respondo, olhando mais uma vez para a paisagem desértica fora da janela. — Talvez sejam só óculos escuros comuns.

— Duvido — Crayton diz. — Você vai acabar descobrindo a utilidade deles, como a de tudo aí dentro,

— Posso ver? — Ella pede.

Eu entrego os óculos, Ela os coloca no rosto e então se vira e olha pela janela de trás.

Volto a examinar minha arca.

— Espere... tudo parece um pouco diferente de algum jeito, mas não consigo dizer o que é. É quase como se a imagem estivesse um pouco atrasada... ou acelerada, talvez... não consigo decidir. — De repente Ella grita: — Foguete! Foguete!

Seguimos a direção de seu olhar, mas não vejo nada além de céu azul.

— Onde? — Crayton berra.

Ella aponta para o céu.

— Saiam da caminhonete! Temos que sair agora!

— Não tem nada lá fora, — Seis estreita os olhos e observa o horizonte, —
Ella, acho que esses óculos estão confundindo você, porque não vejo nada,

A menina não lhe dá atenção. Ela passa por cima de mim ainda com os óculos e abre a porta. As bordas da estrada estão cheias de pedras pontiagudas e mato seco.

— Pulem! Agora!

Finalmente ouvimos um chiado sutil no ar, e de repente aparece um ponto preto, bem onde Ella estava apontando,

— Para fora! — Crayton grita.

Pego minha arca aberta e pulo. Meus pés tocam a estrada dura de terra e saem de debaixo de mim, e na mesma hora o mundo vira uma confusão de marrons, azuis e dores agudas, O pneu traseiro de nossa caminhonete raspa em meu braço, e mal consigo mudar de direção a tempo de sair da frente da próxima caminhonete vindo em alta velocidade. Bato a cabeça em uma pedra pontiaguda e rodopio mais uma vez, caindo em minha arca. O impacto me deixa sem ar, e o conteúdo de minha arca está espalhado pelo chão. Ouço Ella e Seis tossindo em algum lugar perto de mim, mas não consigo vê-las em meio à nuvem de poeira à nossa volta. Um segundo depois o foguete explode no chão logo atrás da caminhonete da qual pulamos. A explosão é ensurdecadora, e, com o comandante Sharma ainda lá dentro, o veículo capota para a frente e caí de cabeça para baixo em uma nuvem de fumaça. O jipe acelerado que vem atrás não consegue desviar. Ele acerta a borda da cratera aberta pelo foguete e tomba no buraco enorme. Outros dois foguetes atingem o comboio. O ar está tão cheio de poeira que não vemos os helicópteros acima de nós, mas dá para escutá-los.

Tateio às cegas a área à minha volta, tentando recolher tudo que caiu de minha arca. Sei que provavelmente estou pegando tanto pedras e galhos quanto itens de minha Herança, mas posso arrumar tudo depois.

Acabo de pegar o cristal vermelho quando o som de rajadas de tiros corta o ar.

— Seis! Você está bem? — berro, E então escuto o grito de Ella.

CAPÍTULO SEIS

ESTOU FRENÉTICO, ABRINDO PORTAS DE ARMÁRIOS, OLHANDO EMBAIXO DOS POUCOS móveis que há neste lugar, quando escuto alguém bastante barulhento entrar na casa. Imagino que seja o Número Nove, porque Bernie não está rosnando.

— Nove — grito. — Onde você escondeu minha arca?

— Olhe embaixo da pia da cozinha — ele responde.

Vou até a cozinha. O piso retorcido de linóleo parece um tabuleiro de xadrez decrépito manchado de café. Os puxadores das portas do armário embaixo da pia estão frouxos, e quando pego em um deles escuto um estalo.

— Espere, Quatro! — Nove grita da sala. — Eu pus uma...

As portas se abrem de repente e sou jogado para trás.

— Armadilha! — Nove conclui a frase.

Uma dúzia de espetos afiados voa em minha direção. Estão a alguns centímetros de mim quando meus instintos despertam e consigo desviá-los com minha telecinesia. Os espetos ricocheteiam à esquerda e à direita, cravando-se nas paredes.

Nove está parado na porta, rindo.

— Foi mal, cara. Eu me esqueci completamente de avisar que tinha armado isso aí.

Furioso, fico em pé de um pulo. Bernie Kosar chega correndo e rosna para Nove. Enquanto ele briga com Nove pela estupidez, concentro-me em arrancar os espetos das paredes. Faço-os flutuar, apontados para Nove.

— Você não parece arrependido.

Estou considerando seriamente a ideia de atirar as lanças pequenas em Nove quando ele usa telecinesia para quebrá-las ao meio uma, duas, três vezes, e os pedaços caem no chão.

— Ei, eu esqueci mesmo — ele diz, dando de ombros. Depois se vira para voltar à sala. — Enfim, pegue sua arca e venha cá. Temos que dar o fora, então

comece a juntar suas coisas.

Meu Lúmen ilumina o interior embolorado do armário e enfio a cabeça cuidadosamente embaixo da pia. A princípio não vejo nada e penso que Nove está debochando de mim. Estou prestes a ir à sala e exigir que ele devolva minha arca quando reparo em algo. O lado esquerdo do armário é mais fundo que o direito. Vou tateando e removo a parede falsa de compensado. Bingo. Aqui está. Pego a arca e a levo comigo para fora da cozinha.

Na sala, Nove está revirando o conteúdo da própria arca, que resgatamos da caverna dos mogadorianos.

— Bom ver você, velho amigo — ele diz ao tirar dali um bastão curto de prata.

Em seguida Nove pega um negócio amarelo redondo coberto de pequenas saliências. Parece uma fruta estranha, e quase espero vê-lo espremê-la para extrair suco. Ele segura o objeto na mão espalmada e, antes que eu possa perguntar o que é aquilo, joga-o no carpete do chão e recua rapidamente até a parede. O objeto quica alto e muda de amarelo para preto, expandindo-se até ficar do tamanho de uma toranja. Quando chega à altura do ombro, as pequenas saliências explodem, transformando-se em estacas afiadas. Eu me jogo no chão e rolo na direção de BK para não ser empalado.

— Que diabo? — grito. — Você podia ter me avisado! Esta é a segunda vez em menos de cinco minutos que você quase me mata.

Nove não mexe um músculo quando as estacas se retraem violentamente para dentro da bola, que em seguida volta à mão dele.

— Ei, ei, ei, dá para relaxar? — Nove pede. Ele segura a bola perto do olho, e eu prendo a respiração. — Eu sabia que nada atingiria você. Posso controlar isto com a mente. Bem, em parte. Normalmente.

— Em parte? Está brincando? Não vi muito controle agora há pouco. Tive que me jogar no chão para não ser atingido.

Nove afasta a bola do olho e parece constrangido. Mas não muito.

— Por enquanto, só consigo controlar a cor.

— Só isso?

Estou incrédulo. Ele dá de ombros.

BK o manda parar de brincadeira.

— Ei, eu só estava conferindo se lembro como tudo funciona. Tudo que sei usar, pelo menos — Nove diz, soltando a bola na arca. — Porque nunca se sabe.

Ele pega o cordão de pedras verdes que ativou na caverna dos mogs e o arremessa para o alto. O cordão forma um círculo perfeito no ar e suga lixo do chão como se fosse um buraco negro. O círculo gira na direção de uma janela dos fundos e brilha com uma luz branca, e quando Nove estala os dedos o lixo

explode para fora do círculo, quebrando o que resta da janela.

— Veja só isso — ele diz, rindo.

Abro minha arca. Nove acha que em nossas arcas pode haver algo que nos ajude a encontrar os outros. O primeiro objeto que vejo é a lata azul de café que contém as cinzas de Henri, e prendo a respiração. Na mesma hora sou transportado de volta para a floresta em Paradise, andando com Sarah pela neve em degelo para ver o corpo de Henri. Prometi a Henri que o levaria de volta a Lorien, e ainda pretendo fazer isso.

Ponho a lata no chão ao lado da arca cuidadosamente e pego a adaga com a lâmina de diamante, deixando o cabo se estender e envolver meu punho. Viro a adaga, olhando a lâmina. Solto-a e continuo examinando os itens. Tento não mexer muito nos que não conheço — o talismã em forma de estrela, o conjunto de folhas frágeis amarradas com barbante, o bracelete oval vermelho vivo — e nem encosto no cristal que está enrolado em duas toalhas e enfiado em um saco plástico. A última vez que toquei naquele cristal, meu estômago deu um nó e senti ácido subir até minha garganta.

Afasto a Xitharis, a pedra lisa amarela que transfere Legados, e pego um cristal oblongo que é repleto de lembranças. Tem a superfície pálida e o interior nebuloso, e foi o primeiro objeto que Henri tirou da arca para me mostrar. Quando a fumaça se agitou, foi porque meu primeiro Legado estava se desenvolvendo. Este cristal foi o começo.

E então vejo os óculos do pai de Sam e o tablet branco que Seis e eu encontramos no escritório de Malcolm Goode. É o suficiente para me devolver à realidade.

Olho para Nove.

— Talvez algum item em nossas arcas possa nos ajudar a passar pelo campo de força azul. De qualquer maneira, acho que o efeito dele enfraqueceu. Pode ser que consigamos chegar a Sam hoje à noite.

— Seria ótimo se algo na arca nos ajudasse com isso, com certeza — Nove comenta em um tom casual, os olhos fixos na pedrinha roxa que ele equilibra no dorso da mão.

A pedrinha desaparece.

— O que é isso? — pergunto.

Ele vira a mão e a pedrinha reaparece na palma.

— Não faço ideia, mas seria ótimo para puxar assunto com as garotas, não acha?

Balanço a cabeça e ponho no pulso o bracelete vermelho de minha arca. Espero que ele me projete no ar ou dispare um círculo de raios laser, mas ele fica ali inerte. Passo o braço por cima de minha cabeça, pedindo para que ele

funcione, implorando para que revele seus poderes. Nada acontece.

— Você podia tentar lambê-lo. — Nove ri, olhando para mim.

— Eu vou tentar de tudo — resmungo, frustrado.

Mantenho o bracelete no pulso torcendo para que algo simplesmente aconteça. Tudo em minha arca veio dos Anciões. Tudo tem um propósito, então eu sei que ele deve fazer algo. Minha mão toca a bolsa de veludo com as sete esferas que representam o sistema solar de Lorien. Abro a bolsa, despejo as pedras na mão e mostro a Nove, lembrando o dia em que Henri as mostrou a mim pela primeira vez.

— É isto que você está pensando em usar para encontrar os outros? — pergunto. — Henri tinha estas. Foi assim que descobrimos que havia outro membro da Garde na Espanha.

— Nunca vi isso antes. O que elas fazem?

Sopro suavemente as pedras e elas brilham, ganhando vida. Bernie Kosar late ao ver as esferas flutuando acima de minha mão. Elas se transformam em planetas orbitando o sol. Quando estou prestes a iluminar Lorien com meu Lúmen para ver o planeta em toda a sua exuberância verde do dia anterior ao ataque mogadoriano, as esferas se aceleram de novo, seu brilho aumenta, e eu não consigo mais controlá-las.

Nove se aproxima, e nós vemos, um a um, os planetas colidirem com o sol até que haja só uma grande bola diante de nós. O globo novo gira em torno do próprio eixo e projeta uma luz tão forte que precisamos cobrir os olhos. Aos poucos, o globo vai se apagando e partes de sua superfície se projetam ou se afundam, até estarmos diante de uma réplica perfeita da Terra.

Nove está fascinado. A Terra gira, e logo vemos dois pontos de luz pulsante em cima um do outro. Quando nos situamos, constatamos que os pontos estão em West Virginia.

— Aí estamos nós — digo.

A bola continua girando, e vemos outra luz pulsando na Índia; um quarto ponto se move rapidamente rumo ao norte a partir do que parece ser o Brasil.

— Há alguns dias, quando eu estava mostrando nosso sistema solar a Sam e a Seis no carro, aconteceu isso também. As esferas se transformaram no globo terrestre. Foi a primeira vez que elas fizeram isso — esclareço.

— Estou confuso — Nove fala. — Só há quatro pontos nessa coisa, e deviam restar seis de nós.

— É, não sei por quê. Da outra vez, apareceu um ponto na Espanha — expliquei. — Depois o globo ficou todo embaçado e ouvimos uma pessoa que parecia apavorada gritando o nome Adelina. Presumimos que fosse uma integrante da Garde. Foi aí que Seis decidiu ir à Espanha para tentar encontrá-la.

Achei que fosse assim que você planejava entrar em contato com os outros, mas acho que não, já que você nunca viu isto antes.

Nove arregala os olhos.

— Espere. Ah, meu Deus, cara! Não vi essa coisa antes, mas acho que Sandor já me falou dela. Para ser sincero, quando abrimos minha arca pela primeira vez, o bastão de prata e a bola amarela que parece um porco-espinho eram tão incríveis que não prestei muita atenção ao que ele disse depois. Mas agora eu me lembro. Ele disse que alguns de nós tinham o sistema solar e outros, como eu, tinham um cristal vermelho, e era isso que eu achava que usaria para contatar os outros.

— Não entendi.

Ele se vira para sua arca, pega um cristal vermelho brilhante do tamanho de um isqueiro, bate a tampa da arca e olha para mim. Dou uma olhada no sistema solar e prendo a respiração. Um dos pontos azuis em West Virginia sumiu.

— Epa, calma aí. Abra sua arca de novo, Quero ver uma coisa.

Nove obedece, e um segundo ponto azul reaparece no globo West Virginia.

— Tudo bem. Agora feche a arca.

Ele a fecha, e o ponto desaparece de novo.

— Isso é chato — Nove reclama. E então o globo terrestre fica turvo e vibra com um atraso de meio segundo em relação à voz dele.

— Espere, o que foi isso? Por que minha voz está ecoando? A Terra vibra de novo.

— Isso não é chato. Isso é incrível — digo, olhando para o globo.

— Não vemos todos os membros da Garde no globo porque a esfera só revela os que estão com a arca aberta na mesma hora. Veja.

Levanto a tampa da arca de Nove.— Ele assobia.

— Muito legal, Quatro, muito legal.

Meio segundo depois, ouvimos a voz dele pelo globo outra vez. Nove solta seu cristal ao entender o que ele faz.

— Considerando a velocidade deste aqui — digo, apontando o ponto em movimento —, o cara na América do Sul deve estar em um avião. Está avançando rápido demais para não ser isso.

— Por que abrir a arca em um avião? — Nove pergunta. — Isso é burrice.

— Talvez ele esteja com problemas. Talvez esteja escondido no banheiro tentando entender o que isso tudo faz, exatamente como nós.

— Será que eles também podem nos ver agora?

— Não sei, mas talvez possam nos ouvir. Acho que, se você estiver segurando esse cristal vermelho, qualquer um com esse macro- cosmo da Terra pode ouvir.

— Se metade de nós tem um cristal, e a outra metade puder fazer esse globo grande e brilhante rodar, então...

— A única maneira de nos comunicarmos uns com os outros de verdade seria se dois de nós se unissem primeiro — interrompo. — Bem, agora que estamos juntos, talvez devêssemos tentar conversar com os outros. Sabe, para o caso de o macrocosmo deles estar ligado — sugiro. — Talvez outra dupla tenha se unido como nós.

Nove pega o cristal vermelho e o segura perto da boca como um microfone.

— Alô? Testando um, dois, três. — Ele pigarreja. — Certo, se algum membro da Garde estiver por aí diante de uma bola brilhante, preste atenção. Quatro e Nove estão juntos e prontos para encontrar vocês. Queremos treinar e acabar logo com essa porcaria e voltar para Lorien. Para já. Não vamos dizer exatamente onde estamos, pois pode haver algum mogadoriano bisbilhotando, mas, se vocês conseguiram botar seu macrocosmo para funcionar, verão dois pontos juntos, e eles são, ah, nós. Então, hum... — Nove olha para mim e dá de ombros. — E só isso. Câmbio e desligo e tal.

De repente, sinto a pele de meu pulso ficar dormente embaixo do bracelete. Eu sacudo o braço, e ele começa a formigar.

— Espere. Diga que estamos saindo daqui, e que eles devem vir para os Estados Unidos. É onde está Setrákus Ra, o líder dos mogadorianos. Diga que vamos atrás dele e que vamos resgatar nosso amigo assim que possível.

A Terra diante de mim vibra e ganha vida com o eco da voz de Nove.

— Venha todo mundo para os Estados Unidos o quanto antes. O feioso do Setrákus Ra deu as caras aqui e pretendemos arrebutá-lo logo, logo. Enviaremos outra mensagem amanhã. Continuem ligados.

Nove larga o cristal vermelho na arca, parecendo contente demais, e depois um pouco constrangido por ter acabado de falar com uma bola. Eu franzo a testa. Meu braço direito ficou gelado, e estou prestes a arrancar meu bracelete antes de guardar as esferas de volta na bolsa de veludo quando a Terra fica turva outra vez. Ouço o som de uma explosão, e depois uma voz que conheço bem. É a mesma garota que ouvi antes, a que Seis foi procurar na Espanha. Ela está gritando:

— Seis! Você está bem?

Ouvimos um berro, e mais duas explosões sacodem as linhas nebulosas do globo. Pego o cristal da arca de Nove, desesperado para tentar me comunicar com ela,

— Seis! — grito. Eu pularia dentro da pedra se descobrisse um jeito. — Sou eu, John! Está me ouvindo?

Nenhuma resposta. Ouvimos o barulho distante das hélices de um

helicóptero antes de o globo se silenciar de novo e os contornos da Terra ficarem sólidos. A luz pulsante na índia desapareceu. De repente, o globo encolhe e volta a se transformar nas sete esferas, que caem no chão.

— Isso não pareceu bom — Nove diz, recolhendo as pedras.

Ele as guarda em minha arca e pega o cristal de minha mão paralisada.

Seis está com problemas — do tipo que envolve explosões, helicópteros e montanhas. E tudo isso está acontecendo agora, do outro lado do mundo. Como vou chegar à índia? Onde posso pegar um avião?

— Seis é a garota que lhe deu o mapa da montanha? A que abandonou você e seu amigo para ir à Espanha? — Nove pergunta.

— E — confirmo, fechando minha arca com o pé e cerrando os punhos.

Minha cabeça está rodando. O que aconteceu com Seis? Quem é a outra garota, essa que já ouvi duas vezes? Percebo que meu braço está estranho. Fiquei tão distraído ao ouvir a voz dela que esqueci o desconforto cada vez pior. Tento tirar o bracelete do pulso, e ele queima meus dedos.

— Tem algum problema com este negócio. Acho que tem algo de errado.

Nove fecha sua arca e estende a mão para mim.

— O bracelete? — Ele o toca, mas se retrai na mesma hora. — Caramba! Levei um choque!

— Bem, o que eu faço?

Tento chacoalhar o braço para ver se consigo fazer o bracelete cair.

Bernie Kosar se aproxima para farejar o bracelete, mas para de repente, levanta a cabeça e encara a porta da frente da casa. Suas orelhas se erguem e o pelo das costas fica eriçado.

Tem alguém aqui, ele diz.

Nove e eu nos olhamos e começamos a recuar lentamente na sala, para longe da porta. Estávamos tão concentrados no conteúdo de nossas arcas e na voz do globo que baixamos a guarda, e não estávamos prestando atenção à nossa volta. De repente, a porta explode nas dobradiças. Bombas de fumaça entram pelas janelas e jogam cacos de vidro para todos os lados. Quero lutar, mas a dor do bracelete agora é tão intensa que não consigo me mexer. Caio de joelhos.

Vejo um lampejo de luz verde e ouço Nove gritar de dor. Ele cai a meu lado. Já vi aquela luz verde antes. É a inconfundível luz verde de um canhão mogadoriano.

CAPÍTULO SETE

BALAS PASSAM ZUNINDO POR NÓS, EXPLODINDO NA TERRA À NOSSA VOLTA. Ella e eu nos escondemos atrás dos destroços de um dos caminhões. As balas parecem vir de todos os lados, de todas as direções, de todos os ângulos. A menina foi atingida. Com o caos, o ar fica tão cheio de poeira que não consigo nem ver os ferimentos dela. Deslizo as mãos delicadamente por seu corpo até sentir o sangue úmido e pegajoso, e encontro um buraco de bala na base da coxa. Quando encosto na ferida, Ella grita de dor.

— Vai ficar tudo bem. Marina pode ajudar você. Só precisamos encontrá-la — digo com a voz mais tranquilizadora possível nestas circunstâncias.

Seguro Ella nos braços e começo a me afastar cuidadosamente do caminhão, protegendo-a com meu corpo. Quase tropeço em Marina e Crayton, que estão abrigados atrás de outro escombros.

— Vamos! Ella está ferida! Temos que sair daqui!

— Eles são muitos. Se tentarmos correr agora, eles vão nos matar. Precisamos cuidar de Ella primeiro, e depois contra-atacamos — Crayton responde.

Ponho Ella no chão ao lado de Marina. A menina ainda está com os olhos escuros. Agora consigo ver bem o ferimento; está saindo um fluxo constante de sangue. Marina põe as mãos na perna da menina e fecha os olhos. Ella arqueja, o peito começando a subir e descer acelerado. É realmente incrível ver o Legado de Marina em ação. Escuto outra explosão próxima, e uma chuva de terra passa por cima de nós enquanto o ferimento de Ella se contrai e expulsa a bala do corpo. A ferida preta e vermelha volta à cor branco-pérola da pele da menina. O contorno de um osso pequeno se move logo abaixo da pele, e o corpo de Ella aos poucos começa a relaxar. Ponho a mão no ombro de Marina, aliviada, e digo:

— Isso foi incrível, Marina.

— Obrigada. Foi bem legal, não é?

Marina tira as mãos da perna de Ella, que se apoia devagar nos cotovelos. Crayton a abraça.

Um helicóptero passa por cima de nós e dizima duas caminhonetes com uma rajada de tiros. Um destroço de metal cai perto de mim; é um pedaço fumegante de porta de caminhonete, com o número oito quase indistinguível. A imagem me enche de raiva. Agora que Ella está curada, sinto que estou pronta para reagir.

— Agora vamos para cima deles! — grito para Crayton.

— São mogadorianos? — Marina pergunta, trancando sua arca.

Crayton olha por cima dos escombros onde estamos abrigados e se abaixa de novo para responder.

— Não são mogs. Mas são muitos, e estão se aproximando. Podemos lutar aqui, mas seria melhor levá-los para as montanhas. Quem quer que sejam, se estiverem aqui atrás do comandante Sharma e não de nós, não vejo motivo para revelar os poderes de vocês.

Uma explosão atrás de nós lança outra chuva de terra, e eu vejo o helicóptero fazer meia-volta e vir em nossa direção. Marina e eu nos entreolhamos e percebemos que estamos pensando a mesma coisa. De jeito nenhum vamos conseguir atender ao pedido de Crayton de não usarmos nossos Legados e não fazer o que é preciso. Marina assume o controle do helicóptero e inverte a direção do voo. Os passageiros jamais entenderão o que aconteceu, mas nós sabemos que ele está fora de nosso caminho. E, independentemente de quem está a bordo, não queremos que ninguém corra perigo sem necessidade. Ella e eu comemoramos aliviadas quando vemos as hélices sumirem ao longe, enquanto Crayton assiste atudo com uma expressão séria. E então o comandante Sharma se joga atrás de nosso esconderijo.

— Graças a Deus, vocês estão vivos — diz.

Sinto vontade de falar o mesmo para ele. Pensei que ele tivesse morrido quando o primeiro foguete explodiu. Tem sangue escorrendo de um corte grande no lado de sua cabeça, e seu braço direito pende inerte ao longo do corpo.

— Isto é culpa sua — acuso, encarando-o furiosa.

O comandante balança a cabeça.

— Aqueles soldados são da Frente da Resistência do Senhor. Eram eles que estávamos tentando evitar.

— O que eles querem? — pergunto.

O comandante Sharma observa o horizonte antes de me encarar nos olhos.

— Matar Vishnu. E destruir todos os amigos dele. Como vocês. Há mais homens a caminho.

Fico agachada e espio com cuidado por cima da caminhonete destruída. Uma brigada de veículos fortemente armados está vindo em nossa direção, com vários helicópteros acompanhando-os. Faíscas minúsculas surgem na linha comprida de caminhonetes e jipes, e segundos depois ouço o zunido das balas passando por nós.

— Vamos arrebentar algumas cabeças — digo.

— Não é possível derrotá-los aqui — o comandante Sharma avisa, pegando uma metralhadora com o braço bom. — Tem menos de vinte homens meus ainda lutando. Precisamos subir para uma posição mais abrigada, ou não vamos sobreviver.

— Deixe que eu cuido disso — sugiro.

— Espere, Seis — Crayton fala, pegando a arca de Marina do chão. — Ele tem razão. Vamos ficar mais protegidos nas montanhas. Você ainda vai poder acabar com cada um deles. Só não vai ser de forma tão visível, o que é bom para nós. Não precisamos que os mogs recebam notícia disso agora.

Marina põe a mão em meu braço.

— Crayton tem razão. Precisamos de cautela. Vamos evitar chamarmos mais atenção do que o necessário.

— Os mogs? — o comandante Sharma pergunta, confuso.

Temos que tomar mais cuidado perto dele.

Antes que alguém possa responder, dois helicópteros passam voando baixo e disparando suas armas. Vários soldados do comandante caem, e suas armas são reduzidas a fragmentos inúteis de metal. Se vamos correr, é agora ou nunca. Uso minha telecinesia para puxar a cauda de um dos helicópteros, virando o nariz para baixo. O piloto se esforça furiosamente para recuperar o controle, e a imagem lembra um cavalo de rodeio tentando derrubar o peão. Vemos o piloto dar uma puxada particularmente forte no manche, e dois homens são jogados para fora da cabine. O helicóptero não estava muito alto, então a queda não ia machucá-los... muito.

Olho para nossa frota de SUVs parados e vejo um pouco de fumaça saindo de um dos escapamentos. Um motor ainda está funcionando!

— Vamos! Agora! — grito.

Todos saem correndo do esconderijo; o comandante Sharma grita uma ordem de retirada para os poucos homens que restam. A brigada está a menos de cem metros de distância. Enquanto corremos, sinto uma bala passar zunindo por meu cabelo. Outra atravessa meu braço, mas, antes que eu possa gritar, Marina está a meu lado, cuidando de meu ferimento com suas mãos geladas enquanto avançamos. Só um dos soldados desobedece à ordem de retirada. Ele acompanha o comandante, correndo conosco. Alcançamos o SUV e entramos — nós quatro, mais o comandante Sharma e o soldado. Crayton pisa no acelerador e dispara pela estrada. A traseira do carro é fustigada por balas, e o vidro é destruído, mas conseguimos contornar uma pequena formação rochosa e escapar dos tiros incessantes.

Esta estrada não foi feita para velocidades altas. É cheia de buracos, pedras e outros obstáculos, e Crayton se esforça para não jogar o carro pela borda da via. O SUV está cheio de armas — pego uma escopeta e me arrasto para a parte de trás, à espera de alvos. Marina faz o mesmo, deixando a arca com Ella.

Agora que tenho um momento para pensar com calma, estou furiosa, pensamos que, se o Número Oito ainda está nas montanhas, poderíamos nos esconder aqui em segurança. Em vez disso, estamos sendo atacados por causa dele. Se sobrevivermos a isto, vou arrebentar a cara dele.

— Para onde? — Crayton grita por cima do ombro.

— Continue nesta estrada — o comandante responde.

Olho para trás e vejo a Cordilheira do Himalaia pelo para-brisa. Ela se aproxima devagar, os cumes irregulares cada vez mais ameaçadores. Adiante, o deserto marrom termina, e uma faixa curva de vegetação cerca a base da cordilheira.

— Por que esses caras querem matar o Número Oito? — pergunto ao comandante Sharma, com o cano de minha escopeta quicando na moldura do vidro traseiro.

— A Frente da Resistência do Senhor não acredita que ele seja Vishnu. Acham que é uma blasfêmia aceitarmos o menino da montanha como o Deus Supremo. Querem nos matar em nome dele.

— Seis! — Ella grita. — Ataque!

Os óculos ainda estão em seu rosto.

Olho pela janela traseira na hora em que um helicóptero dispara algo. É um míssil, vindo direto para nós. Uso minha telecinesia para enviá-lo ao chão do deserto, onde ele explode. O helicóptero lança mais dois.

— Hora de derrubar esses caras! — grito. — Vamos fazer isso juntas, Marina. Ela assente, e, em vez de lançarmos os mísseis para o chão, dessa vez os mandamos de volta para o helicóptero. Estamos com um olhar grave ao ver o helicóptero explodir em uma bola de fogo gigantesca. Nunca tentamos matar; porém, se a escolha for entre matar e morrer, sempre vou preferir minha vida.

— Excelente trabalho, Seis — Ella diz.

— Hip hurra — respondo, com um sorriso sombrio.

— Será que agora eles vão nos deixar em paz? — Marina pergunta.

— Não acredito que vá ser tão fácil — o comandante Sharma fala.

— Ela tem o mesmo tipo de poderes que o garoto que vocês chamam de Vishnu — Crayton diz, apontando para mim. — Acha que isso vai ser o bastante para afugentá-los? Acha que ainda assim eles tentariam enfrentá-lo?

— Sim, se conseguissem encontrá-lo — Sharma responde.

— A Frente da Resistência do Senhor tem mais quantos homens? — pergunto ao comandante.

— No total? Milhares. E eles têm patrocinadores ricos que bancam todas as necessidades.

— Daí os helicópteros — Crayton deduz.

— Eles têm coisa pior que isso.

— Nossa melhor opção é ganharmos na velocidade — Crayton fala para o comandante. — Vou dirigir o mais rápido possível. Se tivermos que lutar, vamos lutar; mas eu gostaria de evitar.

Segue-se um silêncio tenso de cinco minutos. Marina e eu monitoramos a brigada distante e, sempre que passamos por algo grande o bastante, usamos telecinesia para jogá-lo atrás de nós na estrada. As árvores altas que começaram a cercar a pista logo se tornam uma larga linha de defesa. O carro desce um vale extremamente estreito antes de começar a subir a montanha. Assim que chegamos à base, o comandante Sharma pede que Crayton pare. Inclino-me para a frente no assento e vejo dezenas de montinhos na terra.

— Minas? — pergunto.

— Não tenho certeza — o comandante responde. — Mas isso não estava aí dois dias atrás.

— Podemos chegar por outro caminho? — Crayton pergunta.

— Não, é só este — Sharma diz.

De repente, ouvimos o barulho dos helicópteros, mas ainda não consigo vê-los.

Eles estão ocultos pelas árvores altas. Claro, isso significa que eles também não podem nos ver, embora pareça que já não falta muito para nos alcançarem.

— Se ficarmos aqui, seremos alvos fáceis — digo, tentando decidir qual deve ser nosso próximo passo.

Crayton abre a porta e sai segurando uma metralhadora embaixo do braço.

— Certo, é agora. — Ele aponta para o alto à direita. — Ou subimos ali, nos escondemos atrás das árvores e lutamos, ou continuamos correndo montanha acima.

Também saio do carro.

— Não vou correr.

— Nem eu — Marina fala, parada a meu lado.

— Então, vamos lutar — o comandante Sharma decide. Ele aponta para a montanha. — Metade de nós se posiciona do lado esquerdo, enquanto a outra metade vai para a direita. Vou levar estas duas comigo. — Ele gesticula na direção de Ella e na minha.

Crayton e eu nos entreolhamos e confirmamos com a cabeça.

Ella olha para Crayton.

— Vai ficar bem sem mim, papai?

Crayton sorri.

— O Legado de Marina vai garantir que o que quer que eles façam comigo não dure muito. Acho que vou ficar bem.

— Vou tomar conta dele, Ella — Marina acrescenta.

— Tem certeza de que devemos fazer isso, comandante? — o soldado pergunta. — Posso buscar Vishnu, trazê-lo para nos ajudar.

— Não, Lorde Vishnu deve permanecer em segurança.

Crayton olha para Ella e diz:

— Continue com os óculos. Talvez você possa ser nossos olhos lá nas árvores. Ainda não sei bem como eles funcionam, mas vamos torcer para que ajudem agora.

Abraço Marina e cochicho:

— Confie em suas habilidades.

— Preciso curar o comandante Sharma antes de vocês irem — ela diz.

— Não — sussurro. — Ainda não confio no comandante, e ele representa um perigo menor para nós se estiver ferido.

— Tem certeza?

— Por enquanto.

Marina assente. Crayton toca seu braço e a chama para se juntar a ele e ao soldado jovem. Os três sobem o barranco esquerdo do vale, sumindo atrás de um pedregulho.

O comandante Sharma, Ella e eu subimos pelo lado direito do vale, evitando com cuidado as saliências no chão ao longo do caminho. Tomamos posição atrás de uns pedregulhos gigantescos e nos instalamos para esperar a chegada do inimigo.

Olho para o comandante Sharma. Sinto-me ligeiramente culpada por não ter permitido que Marina o curasse, mas isso tudo poderia ser uma armadilha complexa dele.

— Como está o braço? — sussurro para ele.

Com um grunhido, o comandante se deita e apoia o cano da arma em uma pedra plana. Ele olha para mim e dá uma piscadela.

— Só preciso de um.

Pelo canto do olho, vejo um helicóptero aparecer no céu, mas ele se afasta quase imediatamente. Ou Marina cuidou dele, ou o piloto não conseguiu penetrar a cobertura das copas das árvores no vale. Olho por entre os galhos, na esperança de poder manipular as nuvens em volta dos picos das montanhas, mas o sol da tarde as dissipou. Sem vento nem nuvens, não há elementos para controlar. Posso ficar invisível se for necessário, mas por enquanto prefiro evitar que o comandante saiba disso.

— O que você está vendo? — Ella pergunta.

— Um monte de nada — cochicho. — Comandante, a que distância estamos do Número Oito?

— Está falando de Vishnu? Não estamos longe. Meio dia de caminhada, talvez.

Estou prestes a perguntar a localização exata. Deveríamos saber, caso aconteça algo com o comandante e precisemos seguir em frente sem ele. Mas me distraio quando uma picape enferrujada passa em alta velocidade pelo vale estreito, com um homem em pé na caçamba descoberta. Mesmo a esta distância, percebo que ele está nervoso e armado. O sujeito vira a arma bruscamente de um lado para o outro, desesperado para tentar estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Assim que nosso SUV aparece, a picape breca e o soldado pula da caçamba. Outros veículos chegam e param atrás da picape. Um soldado pula de uma van vermelha e apoia um lança-foguetes no ombro. Percebo uma oportunidade.

Cutuco o comandante com o pé.

— Já volto.

Sem que ele tenha a chance de discutir, entro correndo no bosque. Quando estou fora do campo de visão do comandante, uso meu Legado da invisibilidade para desaparecer e desço o vale a toda. O soldado está mirando em nosso carro, mas, antes que consiga apertar o gatilho, arranco o lança-foguetes de seu ombro e bato com uma das extremidades da arma na barriga dele. Ele se curva e cai gritando. Ao escutar o barulho, o motorista da picape desce às pressas segurando uma pistola. Aponto o lança-foguetes para seu rosto. O soldado leva uma fração de segundo para decidir se o lança-foguetes flutuante vai disparar e então se vira e sai correndo com os braços para o alto.

Aponto para a picape enferrujada, agora desocupada, e aperto o gatilho. O foguete sai voando da arma e uma onda de fogo explode embaixo da picape, jogando-a a dez metros de altura. O veículo em chamas cai no chão com um grande estrondo, quica e rola rapidamente para a frente, e o embalo o faz bater com força na traseira de nosso SUV. Vejo nosso carro avançar devagar, passando pelos montinhos da estrada que nos impediram de seguir caminho. Os trinta segundos seguintes são preenchidos por detonações contínuas ensurdecedoras, com os soldados disparando às cegas para todos os lados e os montinhos na estrada explodindo. Milhares de aves saem das árvores à nossa volta, seu barulho logo abafado pelos estampidos das armas. Eu tinha razão; os montinhos eram minas. E agora nosso SUV é só um amontoado flamejante de metal.

É claro que esse foi só o primeiro ato. A atração principal — blindados, tanques pequenos, veículos lançadores de mísseis — se aproxima da montanha. Deve haver uns dois mil soldados a pé. Cinco ou seis helicópteros pairam acima de nós. Ouço um ruído de engrenagens e vejo um lançador de mísseis se erguendo e girando, entrando em modo operacional. Vejo a ponta de cinco mísseis brancos se voltando para a área aonde Marina e Crayton foram. Percebo movimento na linha das árvores, e o soldado jovem do comandante corre para o vale. Ele está desarmado e segue na direção do lançador de mísseis. A princípio, penso que ele vai se sacrificar de algum jeito para salvar meus amigos, mas ninguém atira nele. O sujeito para quando alcança o lançador e começa a apontar para um ponto mais alto na encosta, onde Crayton e Marina estão escondidos. O lançador sobe mais alguns metros e ajusta a mira.

Ele é um traidor, faz parte do grupo que está tentando nos matar! De repente, ele começa a voar, levantado do chão pela telecinesia. Marina deve ter chegado à mesma conclusão. Mas pode ser tarde demais. Ele já revelou a posição dos dois.

Olho o lançador e me preparo para alterar a rota dos mísseis assim que forem disparados. Enquanto começo a me concentrar, outro lançador se ativa e se vira diretamente para mim. Embora eu esteja invisível, o exército sabe que um lança-foguetes foi disparado do lugar em que estou. Meu poder só dá conta de um deles, e não tenho tempo de fugir. Preciso escolher. Salvar Crayton e Marina, ou salvar a mim mesma.

O lançador apontado para a montanha começa a disparar. Os mísseis saem com um estrondo, indo direto para a encosta. Consigo controlá-los e fazê-los explodir no chão na mesma hora em que o segundo lançador dispara. Vejo as pontas brancas vindo em minha direção. Não tenho tempo para fazer nada, mas de repente os mísseis se viram para cima e voltam para o lugar de origem e para a brigada. Atingem cinco veículos, e todos explodem.

Marina. Ela salvou minha vida. Estamos trabalhando juntas, como tinha que ser, e pensar nisso me deixa mais determinada para acabar com esse intervalo e ir atrás de Oito. Quero enviar uma mensagem para os soldados que restam na brigada, então deixo de usar meu Legado de invisibilidade e me mostro. Concentro-me e começo a controlar com minha telecinesia as chamas dos mísseis explodidos. Espalho o fogo pela estrada para envolver o restante da brigada. As chamas se espalham pela fileira de veículos um a um, e eles parecem dominós explosivos. Mensagem recebida. Os soldados remanescentes da Frente da Resistência do Senhor começam a recuar. Por um segundo, sinto-me tentada a retaliar um pouco, Mas isso é cruel e desnecessário, e é exatamente o tipo de coisa que os mogadorianos fariam. Sei que minha fantasia de partir para a ignorância nesses idiotas em retirada não vai nos ajudar agora.

— Isso mesmo! Corram! Senão, aquele fogo está só esperando para terminar o trabalho!

Quando o último soldado some de vista, eu me viro e começo a caminhar de volta para as encostas. Preciso encontrar meus amigos.

CAPÍTULO OITO

A FUMAÇA É DENSA, MAS ESTÁ COMEÇANDO A SE DISSIPAR. DO CHÃO, VEJO DEZENAS DE pernas e botas pretas. Levanto os olhos e conto quase a mesma quantidade de fuzis, todos apontados para minha cabeça.

Meus olhos passam das botas pesadas para as máscaras de gás, e fico aliviado ao ver que elas pertencem a humanos, não a mogadorianos. Mas que tipo de humano carrega armas mogadorianas? O cano de uma delas é pressionado em minha nuca. Em circunstâncias normais, eu usaria minha telecinesia para arrancá-la e jogá-la a uns dois quilômetros de distância no meio das montanhas, mas a dor do bracelete é tão forte que não consigo canalizar minha energia. Um dos homens fala comigo, mas não consigo me concentrar e entender o que ele fala.

Tento focar minha visão em algum lugar para ajudar a resistir à dor, e vejo Nove gemendo no chão. Parece que ele está respirando com dificuldade; também parece que ele não consegue mexer os braços e as pernas. Quero ajudá-lo, e me esforço para ficar de pé, mas sou chutado de novo para o chão assim que começo a me mover. Fico caído de costas e no mesmo instante um tubo comprido aperta meu olho esquerdo. Há centenas de luzes dentro do tubo, e eu as vejo rodopiar até formar um raio verde sólido. É definitivamente um canhão mogadoriano, igual ao que me paralisou fora de nossa casa incendiada na Flórida. Com meu outro olho, vejo atrás da arma um homem vestindo sobretudo cáqui. Ele remove a máscara de gás e revela um círculo de cabelos brancos e um nariz torto gordo que parece ter sido quebrado mais de uma vez. Fico com vontade de quebrá-lo outra vez.

— Não se mexa — ele grunhe —, ou eu aperto o gatilho.

Dou uma olhada para Nove, que parece estar se recuperando. Ele se senta, olha à sua volta, tenta se livrar da sensação de atordoamento. O homem que está forçando o cano em meu rosto olha para ele.

— O que você pensa que está fazendo? — pergunta.

Nove sorri para ele, calmo e desperto.

— Tentando decidir qual de vocês vou matar primeiro.

— Faça-o calar a boca! — uma mulher grita ao entrar na casa, também segurando um canhão mogadoriano.

Dois homens pisam nos ombros de Nove e o obrigam a deitar no chão de novo. A mulher gesticula para mim, e alguém me segura pelos ombros e me levanta. Outro homem agarra meus pulsos para me algemar,

— Filho da mãe! — ele grita ao encostar em meu bracelete vermelho. Posso não saber tudo que o bracelete faz, mas gosto desta parte.

Quando fico de pé, examino o entorno. Há dez ou doze homens mascarados, todos armados com fuzis. O homem e a mulher que falaram parecem estar no comando. Procuro Bernie, mas não o vejo. Mesmo assim, consigo escutá-lo em minha cabeça.

Espere. Vamos ver o que eles querem e o que sabem.

— O que vocês querem de nós? — pergunto ao homem do nariz quebrado.

Ele ri e olha para a mulher.

— O que queremos, agente especial Walker?

— Para começar, quero saber quem é aquele seu amigo ali — ela diz, apontando o tubo para Nove.

— Não conheço esse garoto — Nove responde. Ele sopra o cabelo do rosto e sorri. — Só parei para vender um aspirador de pó. O lugar parecia estar uma bagunça, e achei que ele podia precisar.

O homem se aproxima de Nove.

— E isso que você tem nessas caixas bonitas aqui? Aspiradores de pó? — Ele gesticula com a cabeça para um dos outros homens e diz: — Que tal darmos uma olhada nesses aspiradores? Eu talvez queira um para mim também.

— Fique à vontade. — O sorriso de Nove é ameaçador. — Estou fazendo uma promoção. Dois pelo preço de três.

Por uma fração de segundo, Nove e eu nos entreolhamos. Depois Nove olha para a parede, onde há uma mariposa pairando perto do teto. Bernie Kosar. Com certeza Nove também ouviu as ordens de BK para que esperássemos até vermos o que vai acontecer. Eu me pergunto se ele vai conseguir se controlar. Um dos soldados algema as mãos de Nove, e ele logo se senta outra vez. Vejo que as algemas em seus pulsos já estão quebradas. Ele continua com as mãos unidas apenas para manter a farsa.

Nove está só esperando o momento certo para atacar, Não sei se ele em algum momento sequer teve a intenção de obedecer a BK. Afasto os braços atrás das costas, também quebrando minhas algemas com facilidade e em silêncio. O

que quer que aconteça, é melhor eu ficar preparado.

Vários homens cercaram a arca de Nove. Um deles tenta bater várias vezes na fechadura com a coronha do fuzil, mas não adianta nada. Mesmo assim, ele bate mais algumas vezes, claramente frustrado.

— Que tal isto?

A agente especial Walker saca um revólver. Ela atira na fechadura e a bala ricocheteia pela sala, passando perto da perna de um sujeito.

O homem do nariz quebrado agarra a nuca de Nove, levanta-o e o empurra para a frente. Nove não consegue continuar fingindo que está algemado e estende os braços, caindo de quatro no chão. Ao perceber que as mãos de Nove estão soltas, o homem grita por cima do ombro:

— Alguém me traga mais algemas! Este par aqui quebrou!

Com o queixo junto ao peito, Nove treme todo, dando risada. Ele estende as pernas e faz uma flexão. E depois faz outra. Um dos homens chuta a mão direita dele, mas Nove não perde o ritmo. Faz outra flexão usando apenas a mão esquerda. O sujeito chuta a mão esquerda, mas Nove é rápido demais para se deixar derrubar. A mão direita desce em um instante, e a flexão com um braço só exibe sua forma perfeita. Quatro homens pulam em cima dele, cada um segurando um braço ou uma perna, mas Nove simplesmente continua rindo. De repente, acabo rindo também. O senso de humor bizarro de Nove é contagiante. Cara, tenho que reconhecer que ele é bom.

A agente especial Walker olha para mim. Devagar, passo os braços para a frente do corpo, com as algemas quebradas pendendo dos pulsos. Mexo os dedos e, com tranquilidade, ponho as mãos atrás da cabeça e começo a assobiar.

Ela estreita os olhos e me encara com a expressão mais ameaçadora que consegue fazer.

— Sabe o que acontece na prisão com garotos como você? — ela pergunta.

— Eles fogem? Como eu fiz da última vez?

Arregalo os Olhos e faço cara de inocente.

De debaixo do monte de guardas, escuto Nove gargalhar por causa de minha atuação. Tenho que admitir, Nove faz as circunstâncias serem divertidas de um jeito esquisito. Abro um sorriso largo agora. Sei que esses homens só estão tentando fazer seu trabalho. Eles acreditam que estão defendendo a segurança de seu país. Neste momento, porém, eu os odeio. Odeio que nos atrasem e odeio o jeito durão dessa mulher. Odeio que eles tenham canhões mogadorianos. Mas, acima de tudo, eu os odeio por terem trabalhado com Sarah para capturar a mim e Sam na semana passada. Eu me pergunto o que prometeram a ela para convencê-la a me entregar. Será que se aproveitaram das afeições dela? Convenceram-na de que ela me salvaria se deixasse que me levassem? Disseram

que ela poderia me visitar enquanto eu estivesse pagando o preço por meus supostos erros? Procuo Bernie Kosar, mas não vejo mais a mariposa na parede. E então uma barata gorda marrom e branca sobe por minha perna e se esconde no bolso de meu jeans.

Nove vai continuar com isso por mais algum tempo, BK me avisa. Mas não sei até quando. Descubra tudo que puder o quanto antes.

O líder bate palmas para atrair a atenção dos outros homens.

— Certo! Vamos tirar esses caras daqui antes que nossos amigos apareçam.

— Quem são seus amigos? — pergunto, mas já tenho bastante certeza de que, por alguma razão, o governo do Estados Unidos e os mogadorianos estão trabalhando juntos. Essa é a única explicação para o fato de eles usarem armas mogadorianas contra nós. — Quem vocês não querem que apareça?

— Cale a boca! — a agente especial Walker grita. Ela pega um celular e faz uma ligação. — Estamos levando o garoto, e mais um — ela diz ao telefone. — Duas arcas. Não, mas vamos abri-las. Até daqui a pouco.

— Quem era esse? — pergunto.

Ela me ignora e guarda o telefone.

— Ei, cara, achei que você quisesse comprar um aspirador — Nove diz para mim. — Preciso muito fechar essa venda. Meu chefe vai me matar se eu voltar para casa com a caixa cheia de aspiradores de novo.

Eles fazem Nove se levantar. Ele alonga as costas e sorri, como um gato presunçoso.

— Não importa aonde estamos sendo levados, não há prisão que possa nos segurar. Se vocês soubessem quem somos, não perderiam tempo com esta palhaçada.

A agente Walker ri.

— Sabemos quem vocês são e, se fossem tão fortes ou espertos quanto acham, nós nunca os teríamos encontrado, para início de conversa.

Nossas arcas são recolhidas, e os homens saem pela porta da frente. Nossos pulsos recebem algemas novas. Eles usam três pares em Nove.

— Você nem imagina o que podemos fazer — Nove comenta com um tom insuportavelmente doce enquanto somos guiados pelo quintal da frente da casa. — Se eu quisesse, poderia matar todos vocês em poucos segundos. É muita sorte sua eu estar sendo um menino tão bonzinho. Por enquanto.

CAPÍTULO NOVE

ESTAMOS EM UM PORTÃO. DO OUTRO LADO, HÁ UM CAMINHO estreito que segue montanha acima. Crayton me pede para cobrir nossos rastros enquanto Seis segue na frente com o comandante Sharma. Fico pensando se a traição do soldado o afetou de algum jeito, se ele vai questionar a lealdade de suas tropas quando voltar à sua base. Não consigo pensar em um jeito de lhe perguntar sem sugerir de alguma forma que ele devia ter imaginado aquilo. E claro, talvez ele devesse ter imaginado.

Estou segurando o graveto de minha arca. Preciso descobrir o que ele faz. Na primeira vez que o peguei — na primeira vez que abri minha arca, lá no convento de Santa Teresa, quando Adelina ainda era viva —, não tive tempo de descobrir sua utilidade. Mas lembro que, quando o apontei para fora da janela, senti algum tipo de força magnética. Quase por instinto, esfrego o polegar na superfície lisa polida. Depois de um tempo, percebo que há algum efeito nas árvores pelas quais passamos. Aponto o graveto e me concentro no que quero delas, e logo escuto as raízes rangendo e os galhos se agitando. Dou meia-volta e recuo pela trilha, pedindo para as árvores nas margens do caminho nos protegerem, e elas se curvam e se entrecruzam, tornando impossível que alguém nos siga. Tenho tanta vontade de ser útil, tanta vontade de não ser uma maldição e de usar minha Herança a nosso favor que sinto uma imensa onda de alívio sempre que uma árvore responde.

Percorremos a maior parte do caminho em silêncio. A certa altura, para combater o tédio da caminhada, faço um galho na frente de Seis cutucar o rosto dela. Seis o afasta com um tapa sem alterar o ritmo de seu passo, concentrada demais no que talvez nos aguarde. Enquanto caminhamos, penso em Seis. Em como ela foi destemida diante dos soldados. Seis está sempre muito calma, fria e controlada. Assume o comando e toma decisões como se o gesto fosse completamente natural, Um dia serei como ela. Tenho certeza.

Fico me perguntando o que Adelina acharia de Seis — e de mim agora. Será que eu estaria mais avançada se ela tivesse me treinado? Sei que ter passado tantos anos sem sua orientação no orfanato significa que não estou no ponto em que deveria estar. Não sou tão forte e confiante quanto Seis. Não sou sequer tão inteligente quanto Ella. Tento reprimir meu ressentimento e me concentrar no gesto derradeiro de honra de Adelina. Ela foi sem medo para cima do mogadoriano, armada só com uma faca de cozinha. Tento interromper a lembrança antes de chegar à parte em que ela morre. Quase nunca consigo. Se eu pelo menos tivesse tido coragem de lutar junto de Adelina ou sido capaz de usar minha telecinesia para remover a mão do mogadoriano do pescoço dela. Se eu tivesse feito isso, ela agora talvez estivesse caminhando conosco.

— Vamos descansar aqui — o comandante diz, e sua voz interrompe meus devaneios. Ele aponta umas rochas planas iluminadas pelo sol vespertino. Logo atrás das rochas, vejo um pequeno arroio de água limpa. — Mas não por muito tempo. Temos que avançar bastante montanha acima antes do anoitecer.

Ele olha para o céu da tarde.

— Por quê? O que acontece ao anoitecer? — Seis pergunta,

— Coisas muito estranhas. Coisas que vocês não estão preparados para ver.

O comandante Sharma tira os sapatos e as meias, enrola as barras da calça de um jeito meio metódico e entra no arroio.

Crayton também tira os sapatos e as meias, e vai atrás dele,

— Sabe, Comandante, já é um gesto enorme de confiança segui-lo montanha acima, O mínimo que você poderia fazer é responder às nossas perguntas. Temos uma missão muito importante. E merecemos seu respeito,

— Respeito vocês, senhor — ele diz. — Mas sigo as ordens de Vishnu.

Crayton balança a cabeça, frustrado, e avança mais pelo arroio. Percebo que Ella se afastou e está sentada sozinha em uma das rochas perto da água. Ela passou o tempo todo usando os óculos escuros de minha arca, e agora aproveita para limpar as lentes na blusa. Quando repara que a estou observando, ela estende os óculos para mim.

— Desculpe, Marina. Não sei por que fiquei com eles. E que...

— Tudo bem, Ella. Os óculos ajudaram você a ver o ataque antes de todos nós. Podemos não conhecer todo o poder deles, mas parece que você os está usando muito bem.

— Acho que sim. Não sei se tem algo mais que eu possa conseguir com eles.

— O que você viu enquanto caminhávamos? — Seis pergunta.

— Árvores, árvores e mais árvores — Ella responde. — Estou sempre esperando que algo aconteça, ou ver algo estranho. Eu queria ter certeza de que isso significa que não há nada para ser visto.

Dá para ver que a menina está frustrada consigo mesma, não com os óculos.

Com o graveto na mão, faço uma árvore grande se curvar para lançar sombra nas rochas.

— Bem, continue tentando.

Ella levanta os óculos escuros contra a luz. Enquanto a menina os vira, é quase como se eu pudesse ler seus pensamentos de agradecimento por fazê-la sentir que é parte da equipe, que está fazendo algo de bom.

Olho para Seis, que está deitada no chão.

— E você, Seis? — chamo, — Quer dar uma olhada em algo de minha arca?

Ela se levanta, boceja e olha para a trilha.

— Acho que agora não. Talvez depois.

— O.k.

Vou até o arroio e jogo água no rosto e na nuca. Quando estou prestes a beber um pouco, o comandante Sharma sai da água e anuncia que é hora de

seguirmos em frente. Todos nos preparamos para continuar subindo a montanha. Pego minha arca e a apoio no quadril.

A trilha logo se torna muito mais íngreme. Também fica surpreendentemente escorregadia e sem pedras, como se o caminho tivesse sido varrido por uma enxurrada há pouco tempo, Todos estão tendo dificuldade para se equilibrar. Crayton tenta correr para ganhar impulso, mas escorrega e cai na terra.

— É impossível — ele diz, levantando-se e se limpando com as mãos. — Vamos ter que andar pela floresta para conseguir um pouco de tração.

— Fora de questão — o comandante responde, com os braços abertos como um equilibrista na corda bamba. — Não vamos superar os obstáculos se fugirmos deles. A velocidade não importa, só não podemos parar,

— Não importa nossa lerdeza? Isso vindo do cara que diz que coisas muito estranhas acontecem ao anoitecer — Seis observa. — Acho que você precisa falar quanto ainda falta, e, se vamos levar mais de três horas a pé, então sugiro que entremos na floresta e evitemos esses obstáculos — ela anuncia, encarando o comandante,

Olho para o graveto em minha mão e tenho uma ideia, Concentro-me nas árvores à nossa volta, baixando ramos dos dois lados. De repente temos um meio de facilitar a subida, uma corda de escalada à moda de Lorien.

— Que tal isso? — pergunto.

Seis pega a série de galhos e testa a resistência, subindo alguns metros.

— Foi genial, Marina! Você é demais! — ela grita por cima dos ombros.

Contínuo inclinando as árvores à medida que subimos. Ainda com os óculos escuros, Ella vigia a floresta à nossa volta, olhando para trás de vez em quando. Quando a trilha fica menos íngreme e é mais fácil mantermos o equilíbrio, Seis começa a correr adiante, voltando de tempos em tempos para relatar o que viu mais à frente. É sempre o mesmo:

— A trilha continua.

Finalmente, ela volta para avisar que encontrou uma bifurcação. Ao ouvir isso, o comandante Sharma parece confuso e aperta o passo.

Quando chegamos à bifurcação na trilha de terra, o comandante franze o cenho.

— Isto é novo.

— Como pode ser novo? — Crayton pergunta. — Os dois caminhos parecem idênticos. Igualmente usados.

O comandante anda de um lado para o outro diante da bifurcação.

— Garanto que o caminho à esquerda não existia antes. Estamos muito perto de Vishnu. Vamos por aqui.

Ele começa a caminhar confiante pelo lado direito, e Crayton segue atrás,

— Espere — Ella diz. — Não vejo nada à frente nesse caminho da direita. Os óculos só me mostram um vazio escuro.

— Isso me basta — Seis responde.

— Não. Vamos pela direita — o comandante fala para Seis. — Passei por aqui muitas vezes, minha querida.

Seis para, e então se vira lentamente para ele.

— Não me chame de querida.

Enquanto o comandante Sharma e Seis se encaram, percebo que há algo gravado no começo do caminho à esquerda. A imagem é superficial e mede apenas uns poucos centímetros, e eu preciso olhar bem de perto, mas não há dúvida, É o número oito.

— De acordo com isto, Ella tem razão. Vamos pela esquerda — anuncio, apontando para o número.

Seis vai até a marca e passa a ponta do sapato embaixo do número oito.

— Boa, Marina.

Crayton também olha o sinal e sorri.

Retomamos nossas posições anteriores, com Seis e o comandante Sharma relutante na frente. Eu os sigo na retaguarda. Subimos por um aclive rochoso suave, E então, para a surpresa de todos, um fio contínuo de água aparece diante de nós, descendo a trilha. As pedras sob nossos pés viram ilhas minúsculas. Pulo de uma para outra, mas em poucos minutos elas estão submersas. De repente, estamos andando no meio de um rio.

Ella é a primeira a falar:

— Será que os óculos estavam errados? Talvez este não seja mesmo o caminho certo.

— Não. Este é o caminho correto — o comandante diz, abaixando-se para passar a ponta dos dedos pela superfície da água. — Já vi este sinal antes.

Nem imaginamos o que significa esse comentário misterioso, mas já avançamos tanto que é melhor mesmo continuarmos em frente.

A correnteza fica mais forte, e é mais difícil seguir o caminho. Vamos subindo até que a água atinge a altura da cintura de Ella e eu tenho dificuldade para manter o equilíbrio. Porém, tão de repente quanto começou, a correnteza enfraquece, e a trilha fica plana e acaba em um lago grande. Atrás do lago há uma parede rochosa irregular alta, e quatro cachoeiras despencam do topo, caindo na água.

— O que é aquilo? — Ella pergunta.

No meio do lago enorme, um pedregulho branco surge acima da superfície. Uma estátua azul reluzente de um homem de quatro braços usando coroa repousa no pedregulho.

— O Todo-poderoso Lorde Vishnu — o comandante Sharma sussurra.

— Espere, Aquele era para ser o Número Oito? Uma estátua? — Seis fala, olhando para Crayton.

— O que ele está segurando? — Ella pergunta.

Sigo o olhar dela e vejo que em cada mão há um objeto: uma flor cor-de-rosa, uma concha branca, uma vara dourada e, na ponta de um de seus dedos indicadores, um pequeno disco azul que parece um CD.

O comandante caminha para dentro do lago. Está sorrindo, e suas mãos tremem. Ele se vira para nós.

— Vishnu é o Deus Supremo. Em suas mãos esquerdas, ele segura uma concha para mostrar que tem o poder de criar e manter o universo, e embaixo dela há uma clava para representar seu poder de destruir tendências materialistas e demoníacas. Nas mãos direitas, está o chacra, para mostrar que sua mente espiritual é pura, e embaixo está a bela flor de lótus,

— Que demonstra perfeição divina e pureza — Crayton acrescenta,
— Entre outras, sim! É isso mesmo, Sr, Crayton, Muito bom.

Encaro a estátua, seu rosto azul sereno, sua coroa dourada, e os objetos em suas mãos, e sinto que deixo todo o resto para lá. A luta ao pé da montanha e a carnificina na Espanha. Adelina, John Smith e Héctor. Esqueço minha arca, Lorien e o fato de que estou parada na água fria, A energia que flui por mim é magnífica, E, pela expressão tranquila no rosto dos outros, essa energia é contagiante. Fecho os olhos e me sinto abençoada por estar aqui.

— Ei! Ele sumiu! — Ella grita. Abro os olhos de repente e a vejo tirar os óculos escuros, — Vishnu sumiu!

Ela tem razão: o pedregulho branco no meio do lago está vazio, Olho para Seis e Crayton e vejo que eles estão em alerta, prontos para o perigo. Olho à nossa volta. O que é isto, uma armadilha?

— Agora ele os testará — o comandante Sharma diz, interrompendo meus pensamentos, Ele é o único que não parece chocado com o desaparecimento de Vishnu. — Por isso eu os trouxe aqui.

Todos nós vemos ao mesmo tempo. Há algo cobrindo o sol no topo do paredão irregular acima do lago, e uma sombra longa de formato estranho se projeta na água. Uma silhueta caminha devagar pela beirada até ficar diretamente acima da cascata mais à esquerda.

— Comandante? — chamo, — Quem é aquele?

— Aquele é seu primeiro teste — o comandante responde, subindo na grama da margem do lago.

Nós também saímos da água, sem tirar os olhos da silhueta,

Um segundo depois, ela dá um mergulho gracioso de cima do paredão. Noto que ela tem pernas estranhamente curtas e um tronco largo e circular. A criatura cai devagar, quase flutuando, como se pudesse controlar a gravidade, Quando atravessa a superfície da água, não ouvimos barulho algum, Nem sequer uma marola. Seis levanta a mão e aperta o pingente azul grande em seu pescoço, Ella recua alguns passos e se afasta do lago.

— Isto pode ser uma armadilha — Crayton avisa em voz baixa,

expressando meu receio, — Preparem-se para lutar.

Seis solta o pingente e esfrega as mãos. Ponho minha arca no chão e imito o gesto, mas me sinto ridícula e olho em volta com o máximo possível de discrição para ver se alguém percebeu. Que bom que todos estão distraídos! A verdade é que Seis sabe lutar, treinou a vida inteira para isso. Tudo que ela faz tem um propósito. Eu estou só esfregando as mãos. Lentamente, abaixo os braços.

— Ele os testará um a um — o comandante diz.

Seis bufa e responde:

— Você não cria as regras. Não para nós.

Ela olha para Crayton, que assente e fala:

— Comandante, não foi para isso que viemos aqui. Viemos para procurar nosso amigo, não para testes ou lutas.

O comandante Sharma o ignora, caminha até um trecho de relva e se senta. Eu jamais teria imaginado que ele seria capaz de se acomodar na posição de lótus.

— Precisa ser um de cada vez — ele diz, sereno,

O ser — ou o que quer que seja — que mergulhou no lago continua submerso, E só eu tenho o Legado para ir encontrá-lo lá embaixo. Sei o que tenho de fazer. Ainda assim, as palavras que saem de minha boca me surpreendem.

— Eu vou primeiro.

Olho para Seis. Ela assente, e eu mergulho no lago, A água fria fica mais escura à medida que me aprofundo, Estou com os olhos bastante abertos e, a princípio, só consigo enxergar alguns centímetros à minha frente na água turva. Mas logo meus olhos se acostumam e consigo ver mais longe dentro do lago, graças à minha capacidade de enxergar na escuridão. Deixo a água preencher meus pulmões, e uma sensação de calma familiar me envolve. Começo a respirar normalmente, deixando meu Legado funcionar.

Chego ao fundo lodoso e me viro, procurando em todas as direções a criatura que mergulhou do paredão. Algo se move atrás de meu ombro direito, e ao me virar vejo uma silhueta se aproximando de mim. Ela usa uma coroa

dourada em seus cabelos curtos pretos. Suas sobrancelhas são semicírculos perfeitos, e o nariz está atravessado por uma argola dourada, Ela é estranhamente bela, Não consigo parar de encará-la,

Fico imóvel, esperando para ver o que o ser quer. Ele se aproxima. Quando está a alguns metros de mim e eu consigo vê-lo melhor, fico de queixo caído. O que achei que fosse um tronco estranhamente circular é, na verdade, um corpo de tartaruga, Estou fascinada, observando-o para ver o que ele vai fazer agora. Sou pega de surpresa quando ele avança em minha direção e me acerta com os dois braços direitos.

Caio para trás rodopiando a uma velocidade que me deixa atordoada. Mas não giro por muito tempo. Meus pés logo encontram o fundo lodoso e eu me viro em pânico, tentando encontrar o ser na escuridão, meus sentidos em alerta e a postos. Algo encosta em meu ombro, e quando me viro vejo o homem-tartaruga azul. Droga, ele é rápido. Ele pisca para mim e então ataca com os dois braços esquerdos, mas agora estou preparada. Levanto o antebraço e o joelho e consigo bloquear o golpe. Depois piso bem no meio do peito dele e o empurro com toda a força. Dou a volta e me aproximo dele por trás, envolvendo-lhe o pescoço com os braços, e olho à minha volta à procura de algo, o que quer que seja, que possa servir de arma. Vejo uma pedra grande no meio do lodo diante de nós, e uso minha telecinesia para jogá-la neste bicho alienígena, usando toda a minha força para puxá-la na água. Ele vê a pedra se aproximando e, quando está prestes a ser atingido, simplesmente desaparece. Puf. A pedra então me acerta e eu caio na lama.

Fico aqui meio atordoada, esperando aquela criatura aparecer de novo, mas ela não vem. Depois de um tempo, decido flutuar de volta à superfície,

A primeira visão que tenho ao emergir é de Seis parada na beira da água à minha procura.

— O que aconteceu? — ela pergunta.

— Ela passou — o comandante Sharma anuncia, assentindo.

— Você está bem? — Ella grita. — Não consegui ver nada com os óculos.

— Estou bem — grito de volta, E é verdade.

— Como assim, ela passou? — Crayton pergunta ao comandante. — Esse foi um dos testes?

O comandante simplesmente sorri com serenidade e ignora a pergunta de Crayton.

— Certo, quem vai agora? — pergunto.

Andando pela água, olho para o alto atrás de mim, na direção indicada pelo dedo do comandante. Vejo de novo uma silhueta difusa em cima do paredão irregular, Agora é um homem barbudo gigantesco segurando um machado.

Seis entra no lago até a superfície bater em seus joelhos enquanto eu saio torcendo meus cabelos compridos e escuros para tirar a água. Ela está cheia de determinação e confiança quando diz:

— Eu.

A criatura caminha até a terceira cachoeira e mergulha. Desta vez ouvimos um barulho enorme quando ele atinge a água. Vemos a superfície se agitar enquanto ele avança imerso na direção de Seis, E então a ponta do machado aparece, seguida pela cabeça gigantesca do ser. Seis não se abala, não muda de expressão, nem mesmo quando ele aparece completamente acima da superfície e fica pelo menos um metro mais alto que ela na parte rasa junto da margem.

Grunhindo e uivando, o gigante ataca com o machado. Seis se esquiva do golpe e antes que ele possa endireitar o corpo ela chuta o cabo de madeira e o quebra ao meio.

— Boa, Seis! — Ella grita.

O gigante tenta acertar um soco em Seis, mas ela consegue driblar para evitá-lo. Em seguida, dá um chute bem rápido no joelho do gigante, Quando ele se curva e grita de dor, Seis pega o cabo quebrado do machado flutuando na água e tenta acertar a cabeça dele. O ser desaparece antes de ser atingido.

— Que diabo foi isso? — Seis pergunta, olhando para todos os lados, atenta a qualquer ressurgimento.

O comandante Sharma sorri placidamente, Esse cara está começando a me irritar de verdade.

— Isso foi outro teste, e você passou. Ainda tem mais um.

Antes que alguém possa falar, ouvimos um rugido. Recuo horrorizada ao ver a criatura emergindo da água. Ela tem mais de três metros de altura, com corpo de homem e cabeça de leão, e cinco pares de braços musculosos flexionados. A criatura sacode a juba para tirar a água da crina enquanto sobe na margem e avança até Ella, dando um segundo rugido.

— Ai. Meu. Deus — Ella diz, boquiaberta e arregalando os olhos.

— Não — Crayton fala, entrando na frente dela. — Você não está preparada para isso... é demais.

Ella põe a mão no braço de Crayton. A menina dá um pequeno sorriso e parece se transformar de menina assustada a Garde pronta para lutar.

— Está tudo bem. Eu dou conta.

Seis fica a meu lado. Nós duas estamos preparadas para lutar se Ella precisar, A criatura se aproxima da menina; Ella volta a pôr meus óculos no rosto. Então, o ser ataca,

Ele usa os dez braços contra Ella, mas a menina se esquiva de cada golpe. É como se estivesse vendo os socos antes de serem desferidos. A árvore atrás dela acaba apanhando. Pedacos grandes de madeira voam em torno de Ella, atingindo o rosto do ser, batendo no peito dele. Sem fugir, mas também sem revidar, Ella contorna o tronco da árvore, sem parar de evitar os dez punhos. A árvore está levando uma surra.

— Ah, não! O que foi que eu fiz? — Ella grita de repente.

Antes que eu entenda o que ela quer dizer, ouvimos um estalo alto, e o tronco pesado da árvore se inclina para a frente. Quando está prestes a ser esmagada, a criatura também desaparece, A árvore continua caindo, e um ramo arranca os óculos escuros do rosto de Ella, que são destruídos por ura galho enorme.

— Marina, sinto muito! Eu sabia que os óculos iam ser quebrados, mas não pude fazer nada para impedir.

Crayton, Seis e eu corremos até Ella, que olha horrorizada os fragmentos dos óculos a seus pés.

— Ella! Não se preocupe com os óculos, Você resistiu e aquela criatura

desapareceu. O que importa é que você está bem. Estou muito orgulhosa — digo,

— Ella, isso foi incrível! — Seis fala,

— Parabéns — o comandante anuncia, ainda sentado tranquilamente, como um Buda, — Vocês acabaram de derrotar três dos avatares de Vishnu. Passaram no teste dele. O primeiro foi Kurma, um homem-tartaruga que agitou o antigo oceano para que outros deuses pacíficos pudessem obter a imortalidade, O homem com o machado era Parashurama, o primeiro santo guerreiro. O último era uma das encarnações mais poderosas de Vishnu, o homem-leão, Narismha, Agora, vamos esperar a chegada de Vishnu.

— Já esperamos demais — Crayton responde, virando-se para o comandante, com o maxilar tenso e os punhos cerrados. — É melhor ele aparecer logo.

— Calma, calma, calma — uma voz de menino diz, saindo do mato alto atrás de mim. — O comandante estava apenas seguindo minhas ordens, Eu estava sendo precavido.

No mato vemos agora a estátua de Vishnu caminhar em nossa direção, viva e sorridente.

— Esperei muito tempo para conhecer vocês.

CAPÍTULO DEZ

ESTOU SENTADO EM UMA CADEIRA DE METAL, DENTRO DE UMA JAULA DE ACRÍLICO NA traseira de um caminhão pequeno. Minhas mãos foram algemadas à cadeira, e estou com grilhões pesados nos tornozelos. Minha testa está presa por uma tira de couro na chapa de acrílico atrás de mim. Estou virado para a lateral do caminhão, mas consigo virar a cabeça o suficiente para ver Nove, também em uma jaula de acrílico a alguns metros da minha. Diante de mim, um guarda nos vigia. Sei que eu poderia me libertar em um instante, mas BK, ainda escondido em meu bolso, tem razão. Precisamos descobrir o que eles sabem e como podemos tirar proveito disso. Nove provavelmente concorda, porque é ainda mais capaz que eu de se soltar das amarras, mas também não faz nada. As jaulas têm um monte de fechaduras, e só os oito buracos minúsculos nas portas permitem que falemos através do acrílico grosso. O motor do caminhão está ligado, mas não saímos do lugar.

A agente especial Walker encontra-se sentada em um banco comprido de metal perto da frente do caminhão. Ela está com um pé em minha arca e o outro na de Nove. Um canhão mogadoriano repousa em seu colo. O homem de nariz torto está sentado a seu lado com o outro canhão. Walker cochicha no celular. De vez em quando olha para nós. Quase consigo ouvir o que ela está dizendo, pescando palavras como namorado e incapaz. Lembro-me do que Nove falou lá nas montanhas sobre conseguir ouvir a quilômetros de distância. Espero que ele esteja entendendo mais do que eu.

— Ei, John! — Nove grita.

O guarda se vira para ele e aponta um fuzil para sua cabeça.

— Você! Cale a boca!

Nove o ignora.

— Johnny! Quando você vai querer dar o fora daqui? Não sei você, mas eu estou entediado, estou a fim de mudar o cenário.

Ele gosta de irritar as pessoas, Estou começando a entender a graça disso.

A agente especial Walker desliga o telefone e aperta com os dedos o ponto entre os olhos. Ela parece uma professora ou mãe irritada, seu ar de autoridade bastante anulado pelo cansaço. E então respira fundo e se senta ereta, como se tivesse tomado uma decisão. Bate na janelinha, indicando que o motorista pode partir.

Ela se levanta e vem até nós, equilibrando-se e segurando o canhão acima da cabeça. Ela para diante de mim. Vejo em seus olhos algo que não estava ali antes. É quase como se lamentasse ter nos capturado. Ou como se lamentasse o que está prestes a fazer. Ou os dois.

— Como vocês nos encontraram? — pergunto.

— Você sabe — ela responde.

Ainda estou com o bracelete no pulso. Ele tem estado quieto há alguns minutos, mas, assim que a agente fala, começa a vibrar outra vez.

— Ei, eu não estava brincando quando disse que estava entediado — Nove grita. — Não quero me fazer de bonzinho mais. Vocês decidem, mas saibam que não vai demorar muito até eu resolver me divertir. Podem nos dizer logo tudo que vocês sabem, ou eu arrebento esta jaula e os obrigo a me contar. Adivinhem de qual das alternativas eu vou gostar mais.

O homem de nariz torto se levanta do banco devagar e aponta o canhão para Nove.

— Quem você pensa que é, garoto? Não está em condições de nos ameaçar.

— O que quer que seja seu plano, garanto que passei por situação pior — Nove responde.

— Sei exatamente onde você esteve antes. Não entendeu? Nós sabemos.

Q homem parece irritado pela provocação de Nove.

— Agente Purdy — Walker fala. — Abaixei a arma. Agora.

O agente começa a obedecer, e eu decido me divertir um pouco. Acho que Nove está me influenciando. Com minha telecinesia, arranco o canhão das mãos dele e jogo para o fundo do caminhão. A arma bate na porta e cai no chão com um barulho alto. Na mesma hora o caminhão faz uma curva fechada e o agente Purdy se desequilibra em minha direção, esbarrando em minha jaula com o ombro direito. Uso a telecinesia para prendê-lo.

— Filho de uma...

— Você não sabia que deve usar sempre o cinto de segurança, agente Pudim?

— Nove ri. — Segurança em primeiro lugar! Aqui, use um dos meus. Só precisa entrar aqui para pegá-lo.

— Não sei como você está fazendo isso, mas é melhor parar — o agente Purdy responde.

Ele tenta parecer intimidador, mas é difícil soar ameaçador nessa posição.

Eu me inclino para a frente, rompendo com facilidade a tira em minha testa. Chega de brincadeira.

— Agente Purdy, você sabe onde está Sam Goode?

— Ele está conosco — a agente Walker responde me encarando.

Seu tom de voz soa casual, mas o canhão está apontado para mim.

Por um instante, a informação me deixa tão chocado que minha mente fica paralisada, e eu acabo soltando o agente Purdy sem querer. Ele cai no chão.

Eles pegaram Sam? Setrákus Ra não o está torturando na caverna como em minha visão? Ele está bem? Estou a ponto de perguntar onde Sam está quando vejo as luzes girando no tubo do canhão da agente especial Walker. Em vez de verdes, essas luzes são vermelhas e pretas.

Ela sorri ao ver minha expressão de alarme.

— Se você tiver sorte, John Smith, ou seja lá qual for seu nome, vamos lhe mostrar um vídeo de nossas técnicas de interrogatório com Sam. Mas, se você tiver muita sorte, podemos lhe mostrar algumas imagens daquela sua namorada loira. Como é mesmo o nome dela?

— Iiiiihhh, droga — Nove diz. Percebo o sorriso em sua voz, porque ele sabe o que está prestes a acontecer. — Agora você foi longe demais.

Demoro um segundo para recuperar a voz.

— Sarah — sussurro. — Sei que ela está ajudando vocês. O que precisaram dizer a ela para fazê-la se virar contra mim?

O agente Purdy pega seu canhão e se acomoda de novo no banco.

— Está brincando? Aquela garota não queria nos falar nada, e, acredite, fizemos muitas perguntas de muitas maneiras diferentes. Ela não tinha nada para nos dizer. Está apaixonada.

Mais uma vez, fico atônito. Eu tinha certeza absoluta de que Sarah estava ajudando o governo a me capturar. Quando a vi na semana passada em Paradise, ela estava agindo de um jeito muito estranho. Foi me encontrar no parque, mas então começou a receber mensagens de texto misteriosas às duas da madrugada. Segundos depois fomos cercados por agentes e jogados no chão. Não consigo pensar em outra explicação para aquilo. Com certeza haviam sido aquelas mensagens de texto; deviam ter sido enviadas pela polícia. De que outra maneira eles teriam descoberto que Sam. e eu estávamos lá? Droga. Agora não sei o que pensar. E ela ainda está apaixonada por mim?

— Onde ela está? — pergunto.

— Muito, muito longe — a agente especial Walker responde,

Ela está me provocando?

— Quem se importa, cara? — Nove grita, interrompendo. — Prioridades,

Johnny, prioridades! Ela não é! Nem Sam!

Eu o ignoro. Agora que sei que o governo dos Estados Unidos capturou Sam e Sarah, estou decidido a encontrá-los. Penso em meu próximo ato, minha próxima pergunta, quando sinto Bernie Kosar sair de meu bolso rastejando.

É quase hora de ir, ele diz. Vamos pegar a mulher e fazê-la rios levar até Sam e Sarah.

— Nove. Está pronto para sair daqui?

— Caramba, sim. Faz uma eternidade. Preciso muito mijar.

A agente especial Walker alterna o olhar entre mim e Nove. Ela não sabe para onde apontar o canhão, então o vira ora para mim, ora para ele. O agente Purdy fica em pé de novo e faz o mesmo. O guarda no fundo do caminhão aponta o fuzil para nós.

— Se eles se mexerem, atire em qualquer lugar que não seja um órgão vital!
— o agente Purdy ordena, aproximando-se para ficar ao lado da agente especial Walker.

Bernie Kosar pula de meu colo e sobe pela porta de acrílico. Ele balança as asinhas de barata para mim e diz para eu contar até cinco.

— Ei, Nove? — chamo.

— Já estou no três, camarada — ele fala.

Walker grita nos mandando calar a boca. Meu bracelete vibra e me dá mil alfinetadas no pulso, mas eu o ignoro. Nove rompe todas as amarras como se não fossem nada e se levanta. Faço o mesmo, embora com um pouco mais de esforço. Nove chuta a parede de acrílico na frente de sua jaula, e a placa inteira se solta da moldura com facilidade. Quando ele sai da jaula, o guarda atira. Sorrindo, Nove apenas levanta a mão e faz as balas pararem no ar. Ele abaixa a mão, e as balas caem no chão uma de cada vez.

— Precisa de ajuda aí, parceiro? — Nove pergunta, olhando para mim.

Ele chuta a parede de minha jaula, e eu saio. BK volta para meu bolso.

Antes que o guarda possa reagir, uso a telecinesia para jogá-lo no teto e retorço sua arma até ela virar um pedaço inútil de metal. Os agentes Walker e Purdy disparam os canhões mogadorianos, mas Nove contém os raios que saem deles. Ele sorri e balança um dedo para os agentes.

— Não, não, não. Vocês já deviam ter criado juízo. — Ele olha para mim. — Prepare-se, Johnny, porque vamos dar uma volta!

Na mesma hora o caminhão cai da estrada e começa a rolar. Sem aviso, Nove me segura e entrelaça o braço no meu, sustentando-me até eu me equilibrar. Corremos pelo lado esquerdo do caminhão como hamsters em uma roda para permanecer na horizontal enquanto o veículo dá várias voltas. O metal à nossa volta se amassa, fagulhas voam de todos os lados, e o guarda e os agentes

parecem bonecos de pano sendo jogados em todas as direções. A força do impacto faz as portas de trás se abrirem, e, quando o caminhão para de rolar, nós saímos. Havia algumas viaturas nos acompanhando, e agora todos estão parando, com as sirenes aos berros.

— Ei, John — Nove diz, sem se abalar com nada.

— Quê? — pergunto, balançando a cabeça para tentar me recuperar da tontura por causa do capotamento.

Nós não tiramos os olhos do monte de viaturas piscantes.

Ele começa a voltar para o caminhão, e eu faço o mesmo.

— Temos que pegar nossas arcas de volta, cara, e fazer o que BK disse, pegar aquela agente.

— Com certeza.

Apalpo meu bolso para conferir se BK ainda está aqui.

— Então por que você não cuida disso, enquanto eu resolvo isso aqui?

Nove usa a telecinesia para levantar duas viaturas do chão, e os policiais tentam sair delas.

Eu volto correndo para o caminhão, que agora está pegando fogo na vala. Pulo para dentro, evitando o guarda e o agente Purdy, que estão gemendo no chão, e encontro nossas arcas. A agente especial Walker está recostada nos restos do banco de metal, olhando atordoada para suas mãos ensanguentadas. Seus cabelos ruivos estão caídos por cima dos ombros, e a lateral de seu rosto tem um arranhão comprido. O canhão mogadoriano agora é um amontoado destruído de peças embaixo de suas pernas. A agente me observa enquanto acomodo as arcas embaixo dos braços, e eu me ajoelho diante dela.

— Você vem junto.

Não estou perguntando.

Ela abre a boca para falar, e um fio de sangue escorre para fora. E então percebo o pedaço de metal saindo de seu ombro. Coloco uma das arcas no chão e tento levantar a agente, mas ela geme e cospe mais sangue. Eu a solto, com medo de que, se movê-la demovo, ela acabe sangrando até a morte antes que eu consiga descobrir onde Sarah e Sam estão.

— Cadê eles? — pergunto. — Fale agora! Você vai morrer a qualquer momento, dona, e estou tentando salvar a Terra e meus amigos. Diga agora! Onde Sam e Sarah estão?

A agente especial Walker vira a cabeça para mim e arregala os olhos verdes, como se me visse pela primeira vez. O tiroteio do lado de fora está chegando perto.

— Você... você é um alienígena — ela finalmente sussurra.

Esmurro a lateral do caminhão, frustrado.

— Sim, sou! Mas estou aqui para ajudar, se você deixar! Agora, antes que seu tempo acabe, antes que fique sem fôlego, onde eles estão? Em Washington?

Sua respiração agora é irregular, e parece que ela não consegue me ver nem me ouvir. Ela está morrendo. Ela está morrendo, e ainda não sei onde Sarah e Sam estão. De repente minha voz soa fraca:

— Fale onde eles estão. Por favor.

Nossos olhares se cruzam, e eu percebo que ela me entendeu.

A agente especial Walker abre a boca para falar, e demora um pouco para conseguir recuperar a voz.

— A oeste. Em...

E então sua voz se apaga e ela fecha os olhos. As mãos ensanguentadas se fecham, e depois relaxam; o corpo inteiro fica inerte.

— Espere! Resista!

Agarro minha arca em desespero, tentando abri-la para pegar minha pedra de cura. Só consigo pensar que, se curá-la, ela vai me dizer onde eles estão. Acabo de colocar a mão na fechadura da arca quando um grupo de policiais entra no caminhão, todos armados.

— Afaste-se da agente! Saia daí! Ou vamos atirar! Para o chão! Mãos nas costas! Agora!

Eles gritam ordens para mim, mas não posso obedecer. Não quero obedecer. Preciso pegar a pedra de cura. Preciso ouvir o que ela ia dizer. Tento abrir a arca e escuto os policiais gritando:

— MÃOS PARA CIMA. MÃOS PARA CIMA. MÃOS PARA CIMA!

Enfio a mão na arca mesmo assim.

Ouçõ o primeiro disparo, seguido imediatamente por outras dezenas. Enquanto as balas chovem à minha volta, meu pulso começa a formigar com mais intensidade do que nunca. Agora não dói mais, e o bracelete começa a se expandir, cobrindo todo o meu braço com um envoltório de material vermelho e então se alargando e abrindo como um guarda-chuva. Não faço ideia do que está acontecendo, e realmente não quero saber. Só consigo pensar em minha pedra de cura e no corpo inerte de Walker tão perto de mim, mas tão inútil. De repente, estou atrás de um escudo de quase dois metros de altura que se curva sobre minha cabeça e embaixo de meus pés. As balas ricocheteiam nele.

Uma orquestra de tiros começa, e inúmeras balas atingem meu escudo. Depois de alguns minutos elas ficam menos frequentes, como quando a pipoca está quase pronta no micro-ondas. Quando os disparos enfim cessam, o material vermelho se comprime até voltar a ser um envoltório do tamanho de meu braço, e depois se transforma no bracelete que faz meu pulso formigar, tudo isso sem que eu faça nada. Olho para baixo, fascinado com a eficácia do objeto, com o fato de

que ele funcionou no momento perfeito.

Walker continua inconsciente a meus pés. Os policiais armados que até há pouco estavam na traseira do caminhão sumiram, mas ouço tiros do lado de fora. Estou dividido entre procurar minha pedra de cura para reviver Walker e sair para ver se Nove precisa de ajuda. Quero despertá-la, obrigá-la a me dizer onde Sam e Sarah estão, mas não posso deixar Nove sozinho se ele estiver em dificuldades. Decido que Walker pode esperar — é evidente que ela não vai a lugar algum, e só me resta torcer para que ela não morra. Aproveito para acomodar uma arca embaixo de cada braço e saio rápido do caminhão. Assim que saio, vejo os policiais se afastando correndo. Não sei o que Nove fez enquanto eu estava me familiarizando com meu bracelete, mas todos eles parecem aterrorizados.

— Ah, Nove? — chamo. — O que exatamente você fez com eles?

Nove sorri.

— Só os levantei com minha telecinesia a uns dez metros de altura. Depois, dei-lhes uma escolha: ir mais alto ou fugir. É louvável a sabedoria da decisão deles, não?

— Parece que eles fizeram a escolha certa — concordo.

— Ei, achei que fôssemos levar a agente conosco — Nove lembra.

— Ela ainda está lá dentro... está inconsciente, e eu ia usar minha pedra de cura nela, mas antes quis confirmar se estava tudo bem com você — explico.

— Cara, você se preocupou comigo? Está tudo sob controle! Precisamos que ela nos diga aonde temos que ir! É você quem se recusa a ir a qualquer lugar que não tenha a ver com seus amigos. Lembra? — Nove pega um fuzil automático e atira para o alto. — Entre lá e pegue a mulher! Vou ficar aqui fora, brincando com os soldadinhos de brinquedo.

Policiais continuam batendo em retirada, alguns se escondendo atrás de árvores na margem da estrada. Nove mira acima da cabeça deles. O coice do fuzil agita seu ombro e as balas atravessam os galhos mais altos. Volto ao caminhão ouvindo Nove rir enquanto se diverte com o espetáculo.

Abro minha arca para pegar a pedra de cura e entro no caminhão para ver quão grave é o estado de Walker.

Mas ela não está aqui. Olho em volta, como se ela pudesse ter se levantado e ido para outro canto do caminhão. O que vejo me deixa completamente confuso. O que não vejo. Não há ninguém aqui. Os corpos que há três minutos estavam aqui desapareceram. Droga.

Fico furioso comigo mesmo. Não acredito em minha incompetência. Além de não sabermos onde Sam e Sarah estão presos, é provável que Purdy e Walker ainda estejam à solta.

CAPÍTULO ONZE

O NÚMERO OITO ESTÁ SENTADO NA GRAMA. ATRÁS DELE, O LAGO ENCONTRA-SE calmo e parado.

— Tenho muitos nomes. Alguns me chamam de Vishnu, outros de Paramatma ou Parameshwara. Também sou conhecido por meus dez avatares, dos quais vocês já viram e enfrentaram três. Com bastante sucesso, eu diria.

— Se eles eram seus avatares, faziam parte de você. O que significa que você achou necessário declarar guerra contra três meninas que estavam tentando entrar em contato — Crayton retruca. — Você devia estar personificando um deus pacífico, não é?

— Você nos deve muitas explicações — Marina acrescenta.

Ele continua sentado, indiferente à nossa raiva.

— Eu precisava ter certeza de que vocês eram quem diziam ser. Precisava ter certeza de que vocês estavam preparados para me encontrar. Peço desculpas se os magoei ou feri. Todos vocês provaram seu valor, se isso serve de consolo.

Não aguento mais. Estou cansada e com fome. Sem falar que voei meio mundo e enfrentei um exército para chegar aqui. Quero respostas. Fico de pé, com os punhos cerrados.

— Vou fazer uma pergunta, e se você não me der uma resposta direta, nós vamos embora. Esta não é uma conversa filosófica; e você não tinha o direito de nos testar. Você é ou não é o Número Oito?

O menino olha para mim e comprime os lábios. Sua pele muda do azul para um tom intenso de cobre. Quando ele balança a cabeça, a coroa cai e os cabelos negros crescem até formar um punhado de cachos desgrenhados. Dois dos braços

desaparecem, e em questão de segundos há um adolescente sem camisa sentado na grama diante de nós. O comandante Sharma arqueja.

O garoto é um tanto magro, mas com o corpo bem-definido. Com lábios carnudos e sobrancelhas pretas e grossas, tenho que admitir que ele é meio que lindo. Em seu pescoço está pendurado um pingente lórico azul.

Ele é um de nós.

Ella olha para Crayton, que solta o ar lentamente. Ele abre a boca, prestes a dizer algo, mas o menino fala primeiro.

— Meu Cêpan me batizou de Joseph, mas já usei muitos nomes. Nesta região, a maioria das pessoas me conhece como Naveen. — Ele se cala e olha para mim, e então levanta a barra rasgada da calça para mostrar as cicatrizes dos símbolos lóricos de Um, Dois e Três em seu tornozelo. — Se vocês querem termos lóricos, então, sim, podem me chamar de Número Oito.

A raiva que queimava dentro de mim desaparece. Encontramos outro membro da Garde. Acabamos de ficar mais fortes.

Crayton dá um passo à frente e estende a mão.

— Estávamos à sua procura, Oito. Viemos de longe. Eu sou Crayton, o Cêpan de Ella.

Oito se levanta e aperta a mão de Crayton. Ele é alto, e todos os músculos de seu abdome e do tórax são muito bem-definidos. É evidente que ele tem treinado há anos, sobrevivendo sozinho nas montanhas,

Ella também se levanta.

— Sou Ella — a menina diz. — Sou a Número Dez.

— Epa! — Oito responde e a encara. — Como assim, Número Dez? Somos só nove. Quem falou que você é a Número Dez?

De repente, Ella encolhe e se transforma em uma menina de seis anos. Acho que não há nada pior para a autoconfiança do que ter sua identidade questionada por uma ex-estátua. Crayton cutuca a menina, e então ela volta à sua forma alta de doze anos com a mesma rapidez.

Oito responde crescendo um metro e meio e encarando-a do alto.

— Você só faz isso, Dez?

O rosto de Ella fica cheio de determinação, e parece que ela está tentando envelhecer mais alguns anos, mas nada acontece. Depois de alguns segundos, ela dá de ombros.

— Acho que sim.

Crayton olha para Oito.

— Eu explico depois, mas outra nave saiu de Lorien depois da sua. Nós dois viemos nessa. Na época, Ella era só um bebê.

— É só isso, ou existe algum Número Trinta e Dois? — Oito pergunta, voltando ao tamanho normal.

A voz dele é rouca, mas também gentil. Pela primeira vez percebo que seus olhos são de um tom verde-escuro fascinante. Pela expressão no rosto de Marina, ela também está reparando nisso. Não consigo deixar de sorrir quando ela ajeita o cabelo atrás da orelha, nervosa.

— Ella é a última — Crayton diz. — Esta é Seis e esta é Marina, a Número Sete. Você parece ser capaz de mudar de forma. Algo mais que deveríamos saber?

Em resposta, Oito se expande e vira uma girafa de duas cabeças, agora chegando a ficar uns seis metros mais alto que nós. Tento conter meu sorriso.

— Sim, eu tenho esse Legado — a cabeça esquerda fala. A do lado direito se abaixa até o lago e bebe um pouco de água antes de erguer os olhos e acrescentar: — Entre outros.

— Ah, é? Como o quê? — Marina pergunta.

Oito retorna à forma de menino e corre pela superfície do lago como se ela fosse de gelo firme. Quando ele começa a voltar para nós, acelera e então para de repente, lançando uma onda de água na direção de Marina.

Mas ela não pretende ser superada pelo garoto novo. Sem hesitar, ergue as mãos e contém a água no ar com a telecinesia, e depois a joga de volta para Oito. Ele então desvia a água para cima como um gêiser. Para não ficar de fora da brincadeira, controlo o vento e o uso para empurrar o gêiser até formar uma muralha de água em movimento atrás e aos lados de Oito.

— O que mais você consegue fazer? — grito, desafiando-o a continuar se exibindo.

Oito some de onde o encurralei com a água e um instante depois reaparece nas rochas irregulares acima do lago. Ele some outra vez e ressurge a alguns centímetros de meu nariz.

A proximidade repentina de Oito é tão perturbadora que, por instinto, dou um soco nas costelas dele. O menino geme e cambaleia para trás.

— Seis! O que você está fazendo? — Marina grita.

— Desculpe. Foi um reflexo.

— Eu mereci — Oito diz, rejeitando a proteção de Marina.

— Então você é capaz de se teleportar? — Marina pergunta. — Isso é muito legal.

De repente ele aparece ao lado dela e apoia um braço em seu ombro.

— Eu adoro.

Marina dá uma risadinha e empurra o braço de Oito. Risadinha? Ela está de sacanagem?

Oito sorri, desaparece e ressurgue de pé nos ombros de Crayton, equilibrando-se com movimentos exagerados de braços e pernas.

— Se bem que às vezes vou parar em lugares idiotas.

Oito agora é nosso palhaço.

A alegria dele me surpreende, e não sei se isso será uma vantagem ou um risco. Decido ver pelo lado positivo. Já imagino a confusão e a irritação no rosto dos mogadorianos pouco antes de esse garoto transformá-los em cinzas. Crayton se inclina para a frente, e, como se tivessem ensaiado antes, Oito dá um salto mortal para o chão e junta as mãos, obviamente orgulhoso de si.

— Onde está seu Cêpan? — Marina pergunta.

O rosto alegre de Oito fica sério. Todos sabemos o que isso significa. No mesmo instante, penso em uma imagem de Katarina amordaçada e acorrentada a uma parede. Penso em John e em Henri, o Cêpan dele. Afasto as lembranças antes que meus olhos se encham de lágrimas.

— Há quanto tempo? — Crayton verbaliza delicadamente a pergunta que todos estamos nos fazendo.

Oito se vira para olhar pelo campo atrás de nós. Com a telecinesia, ele afasta a vegetação até abrir um caminho estreito. Depois, ergue os olhos para o sol poente.

— Escutem, precisamos sair daqui. A luz está indo embora. Eu lhes contarei tudo sobre Reynolds e Lola no caminho.

O comandante Sharma corre até Oito e agarra seu pulso.

— E eu? O que posso fazer por você? Por favor, me diga.

Eu levo um susto. Fiquei tão concentrada em nosso joguinho de apresentações, e o comandante estava tão quieto, que esqueci completamente o papel dele na história toda.

— Comandante — Oito diz —, você tem sido um amigo leal, e quero agradecer a você e a seus soldados por todo o esforço. Vishnu ficaria muito feliz com sua devoção. Receio que agora devemos seguir caminhos distintos.

Pela expressão do comandante, é evidente que ele esperava acompanhar Oito

até o fim.

— Mas eu não entendo. Fiz tudo que você pediu. Trouxe seus amigos. Meus homens morreram por você.

Oito encara o comandante Sharma.

— Jamais desejei que alguém morresse por mim. Por isso me recusei a descer da montanha e acompanhá-lo pelas ruas. Lamento que vidas tenham sido perdidas, lamento mais do que você imagina. acredite, sei como é perder alguém. Mas este é o momento em que devemos nos separar.

Oito é firme, mas dá para ver que isso é difícil para ele.

— Mas...

Oito o interrompe.

— Adeus, comandante.

O homem se vira, com uma expressão de angústia no rosto. Coitado Mas ele é um soldado que sabe acatar uma ordem, aceitar decisões.

— Você está me abandonando.

— Não — Oito responde. — Você vai me abandonar. Vai partir agora para algo maior e melhor. Um homem sábio certa vez me disse que é só deixando para trás alguém bom que você pode conhecer alguém melhor. Você encontrará seu Vishnu, e só o conhecerá quando eu não estiver aqui.

É difícil de olhar. O comandante Sharma abre a boca para dizer algo, mas a fecha quando Oito se vira e começa a percorrer a trilha sem olhar para trás. A princípio, penso que Oito está sendo duro demais. Depois percebo que esta é a maneira mais gentil de fazer o que é necessário.

— Ei! Espere! — Crayton grita para Oito. — O pé da montanha fica para o outro lado. Precisamos ir ao aeroporto.

— Antes tenho que mostrar algo a todos vocês — ele responde. — E talvez nem precisemos de aeroporto.

— Aonde você está indo? Há algumas coisas que você ainda não sabe. Precisamos parar e conversar, pensar em um plano! — Crayton diz.

— Quem me dera não ter quebrado aqueles óculos — Ella fala. — Não podemos segui-lo assim, sem saber aonde ele está nos levando ou se é uma boa ideia. Ele acha que sabe tudo, mas talvez não saiba.

Ficamos olhando para Crayton enquanto ele pensa no que fazer. Sei o que eu acho que devemos fazer. Finalmente encontramos outro membro da Garde, e agora precisamos permanecer juntos. Gesticulo com a cabeça na direção de Oito, que se

afasta rapidamente. Crayton olha para mim e responde também com um gesto da cabeça. Ele pega a arca de Marina e sai atrás de Oito. Sem dizer nada, Marina e Ella dão as mãos e começam a segui-lo. Eu entro no fim da fila. Com minha audição aguçada, tento ouvir se o comandante se mexe. Não ouço nada. Posso imaginá-lo parado lá, imóvel e silencioso até muito tempo depois de termos ido embora. Entendo por que isso foi necessário, mas sinto pena do sujeito. Deixado para trás após ter sido tão leal. Olho para as costas empertigadas de Oito diante de mim e sinto pena dos dois.

Oito segue em frente. Nós o acompanhamos montanha abaixo e chegamos a um vale amplo. À nossa volta, vejo os picos nevados da Cordilheira do Himalaia. Mais perto, há bosques separados por campos de flores amarelas e roxas. É lindo. Ficamos observando isso tudo durante a caminhada, e Crayton rompe o silêncio.

— Então, quem eram Reynolds e Lola?

Oito diminui o ritmo para que possamos andar juntos. Ele se abaixa para pegar algumas flores roxas e as esmaga na mão.

— Reynolds era meu Cêpan. Ele ria muito. Estava sempre rindo. Ria quando estávamos fugindo, quando dormíamos embaixo de uma ponte, quando nos abrigávamos em algum celeiro cheio de goteiras durante uma monção. — Ele se vira e nos encara um a um. — Alguém se lembra dele?

Todos nós balançamos a cabeça, inclusive Crayton. Eu gostaria de lembrar. Mas tinha só dois anos quando viemos.

— Ele era um grande lorião, e um amigo ainda melhor — Oito continua. — Mas Lola... Lola era uma humana por quem ele se apaixonou quando chegamos aqui. Foi há oito anos. Eles se conheceram no mercado, e daquele momento em diante eram inseparáveis. Reynolds estava muito apaixonado. Em muito pouco tempo Lola veio morar conosco. Ela quase não saía de nossa casa. — Oito chuta um grupo de flores. — Eu devia ter percebido que não podíamos confiar em Lola pelo jeito como ela olhava para mim, como sempre queria saber onde eu estava, o que eu fazia. Eu não queria deixá-la se aproximar de minha arca, por mais que ela tentasse. Mas Reynolds confiava tanto nela que acabou contando quem éramos. Ele contou tudo.

— Não foi esperto — digo.

John contou a Sarah, e veja só o que aconteceu. Contar nosso segredo aos humanos é arriscado demais. O amor só aumenta o risco.

— Não consigo nem descrever a raiva que senti. Quando percebi o que ele

havia feito, perdi a cabeça. Briguei com ele durante dias. Nunca havíamos discutido antes. Eu confiava nele completamente, e não é que de repente tenha parado de confiar nele, Era nela. Foi nessa época que Lola começou a insistir que devíamos fazer trilha e acampar nas montanhas, Ela disse que conhecia um lugar perfeito. Convenceu Reynolds de que isso o ajudaria a fazer as pazes comigo, que íamos nos entender. Eu achei estranho o plano de Lola de nos reconciliar, mas fui junto assim mesmo. — Ele para de andar e indica o pico de uma montanha ao norte. — Fomos àquela montanha bem ali. Eu levei minha arca. Já conseguia me teleportar e usar telecinesia, sem falar que minha força estava absurda... e eu precisava treinar, então imaginei que o ar da montanha me ajudaria a ficar mais forte e rápido. Mas, desde o momento em que chegamos, Lola não parou de tentar nos separar. Ela fazia de tudo para Reynolds me deixar sozinho. No fim, Lola teve que apelar para o plano B.

Ele se vira e retoma a caminhada. Nós o deixamos se afastar alguns passos para se recompor.

— E qual era o plano B? — Marina pergunta com delicadeza, tentando fazê-lo continuar.

Ele precisa nos contar tudo isso, mas não temos que torturá-lo.

— Na terceira noite, ela saiu para buscar lenha, e Reynolds e eu ficamos sozinhos pela primeira vez desde a chegada às montanhas. Eu sabia que havia algo errado. Sentia no fundo do estômago. Lola voltou depressa... com uma dúzia de guerreiros mogadorianos. Reynolds estava tão apaixonado por ela que ficou devastado antes de se lembrar de sentir medo. Ele gritou com Lola, implorando que ela explicasse porque havia feito aquilo com ele, conosco, comigo. Então, um dos guerreiros jogou uma bolsa de moedas de ouro na direção de Lola. Os mogadorianos lhe haviam prometido muito dinheiro em troca de um serviço — Oito fala com desdém. — Como um cachorro que ataca um osso, ela avançou para cima do ouro. Foi tudo muito rápido. Lola avançou, um dos mogadorianos levantou uma espada brilhante e a atravessou pelas costas, e a bolsa de moedas explodiu aos pés dela. Reynolds e eu ficamos paralisados, vendo-a morrer.

Resisto ao impulso de correr até a frente, segurar a mão dele e apertá-la para mostrar que entendo o que ele está sentindo. Olho para suas costas eretas, altivas, vejo a determinação em seus passos largos, e sei que o que ele precisa neste momento é de espaço. Pelo menos é isso o que eu quero quando penso na morte de Katarina.

A última palavra, morrer, paira no ar. Enfim, Crayton pigarreia e diz:

— Não precisamos ouvir mais nada agora. Pode parar, se quiser.

— Eles não conseguiam me matar. — A voz de Oito fica mais alta, como se ele tentasse silenciar as memórias tristes. Conheço a tática. Quase nunca funciona. — Mesmo quando acertavam com as espadas, no pescoço ou na barriga, eu não morria. Mas eles sim. Os cortes fatais que eu devia receber apareciam neles. Não conseguiam me matar por causa do feitiço, e eu fiz o possível para proteger Reynolds. Mas acabamos nos separando na confusão, e eu me teleportei tarde demais. Reynolds estava... — Ele hesita por um instante. — Um deles pegou minha arca. Tentei detê-lo. Peguei uma das espadas e tentei acertá-lo na barriga, mas errei por um fio. Mas com certeza arranquei a mão dele. Enfim, ele escapou. Logo depois que ele entrou correndo na floresta, vi uma nave prateada minúscula sair em disparada para o alto. Os outros eu matei.

A voz dele é tão fria, tão desprovida de emoção, que me faz estremecer.

— Também perdi minha Cêpan — Marina diz em voz baixa depois de um momento.

— Eu também — acrescento.

Olho para Ella, que se aproximou de Crayton. Pelo menos ela ainda o tem. Tomara que não percamos o último Cêpan que conhecemos.

O céu está escurecendo depressa. Marina se oferece para assumir a dianteira e nos guiar com seu Legado de visão noturna. Eu sorrio quando ela segura a mão de Oito, feliz que alguém tente confortá-lo.

— Passei tanto tempo nestas montanhas — Oito fala.

— Sozinho? — Ella pergunta.

— Durante um período, sim. Eu não sabia para onde ir. E então um dia encontrei um velho. Ele estava sentado de olhos fechados embaixo de uma árvore, rezando. Meu Legado de assumir outras formas tinha chegado meses antes, e eu me aproximei como um coelho preto pequeno. Ele sentiu minha presença. Riu antes mesmo de abrir os olhos. Havia algo em seu rosto que me inspirou confiança. Acho que ele me lembrava Reynolds antes de Lola aparecer. Então saltei para o meio dos arbustos e me teleportei para trás das árvores do lado oposto. Quando me aproximei dele outra vez, com minha forma normal, ele me ofereceu um pouco de alface. Ficou claro que ele sabia quem eu era, que sempre saberia, qualquer que fosse minha forma. .

— Estamos chegando a outro lago — Marina diz, interrompendo Oito.

Agora que ninguém está falando, consigo ouvir o som de água e de uma

cascata suave ao fundo.

— Sim, estamos perto — Oito confirma. — Daqui a pouco vamos comer e dormir.

— Então, o que aconteceu? Com o velho? — Crayton pergunta.

— Ele se chamava Devdan e era uma pessoa muito esclarecida, muito espiritualizada. Ele me falou tudo sobre o hinduísmo e Vishnu. Eu me apeguei àquelas histórias. Para mim, elas representavam nossa tentativa de salvar Lorien. Ele me ensinou formas antigas de artes marciais indianas, como kalarippayattu, silambam e gatka. Eu treinava com meus Legados, meus poderes, para ver até onde podia desenvolver o que havia aprendido com ele. Um dia, fui encontrá-lo no lugar de sempre, e ele não estava lá. Voltei dia após dia, mas ele nunca mais apareceu, e eu fiquei sozinho outra vez. Muitos meses depois, cruzei com o comandante Sharma e suas tropas durante um exercício.

Ele hesita antes de continuar:

— Infelizmente, ou talvez felizmente, eu tinha me transformado em Vishnu, e eles juraram me proteger de todo o mal. Eu sabia que era porque eu estava usando uma forma que eles idolatravam, e odiava me aproveitar das crenças daquele jeito, mas não resisti. Acho que odiava a solidão ainda mais.

Marina começa a nos conduzir em torno do lago. Oito diz para ela seguir na direção da cascata que estamos ouvindo ao longe.

— Os mogs chegaram a voltar? — Crayton pergunta.

— Sim. Até hoje eles voltam de vez em quando naquelas naves prateadas minúsculas, voando pelas montanhas para ver se ainda estou por aqui. Mas eu simplesmente me transformo em mosca ou formiga, e eles passam direto.

— Isso coincide com todos os relatos de OVNI's vistos nesta região — Crayton fala.

— Sim, são eles — Oito responde. — A cada visita, eles tomam menos cuidado quanto à discrição. Não vejo uma nave há alguns dias, mas eles têm vindo com muito mais frequência nos últimos seis ou oito meses. Imagino então que o conflito está se intensificando.

— Está — confirmo. — Temos encontrado uns aos outros e nos reunimos. Marina, Ella e eu acabamos de nos juntar na Espanha uns dias atrás. O Número Quatro está nos esperando nos Estados Unidos. E agora encontramos você. Faltam apenas Cinco e Nove.

Oito fica em silêncio por um instante.

— Quero agradecer essa viagem tão longa que vocês fizeram por mim. Há muito tempo não tenho ninguém com quem conversar. Conversar sobre minha vida de verdade.

A cascata está a poucos metros de distância.

— E agora? — grito para ser ouvida com o barulho da água.

— Vamos subir! — Oito responde com outro grito, indicando um paredão de pedra à nossa frente.

Coloco a mão na superfície lisa da rocha e procuro um apoio com o pé. No mesmo instante ele escorrega, e quando estou prestes a tentar de novo escuto a voz de Oito muito acima de mim. Ele já está no topo, gritando algo para nós. Teleporte é ainda melhor do que eu imaginava. Pode ser até melhor que invisibilidade. Será que podemos combinar os dois de algum jeito?

— Flutue até lá em cima usando a telecinesia — Marina me diz. — Você leva Ella. Eu levo Crayton.

Sigo a sugestão, e flutuamos para o alto. Na verdade é muito mais fácil do que eu imaginava. Aqui em cima fica o acampamento de Oito. Logo nos sentamos em torno de uma fogueira, cozinhando legumes em uma panela grande. As árvores formam uma cobertura densa, e, com a água abaixo de nós, este é o esconderijo perfeito. A choupana de Oito, feita de barro, de algum modo é ao mesmo tempo deprimente e ideal. As paredes são irregulares, e a porta é uma elipse torta; mas ela também é acolhedora e seca, e tem cheiro de flores. Dentro dela há uma rede improvisada, uma mesa pequena e três tapetes coloridos pendurados nas paredes.

— Lugar bem legal este seu — digo, voltando para a fogueira. — Tenho fugido há tanto tempo que esqueci como é ter um lar. Ou sequer uma choupana.

— Este lugar tem algo especial. Um pedaço de mim vai ficar aqui para sempre. Vou sentir muita saudade — Oito fala, olhando à sua volta com carinho.

— Então, significa que você vem conosco? — Marina pergunta.

— É claro que vou. Chegou a hora de ficarmos unidos, de trabalharmos juntos. Agora que Setrákus Ra chegou, preciso ir com vocês.

— Ele está aqui? — Crayton pergunta, de repente inquieto.

Oito come a primeira porção de cozido.

— Ele veio há alguns dias. Tem visitado meus sonhos.

CAPÍTULO DOZE

SUBIMOS EM UM TREM DE CARGA EM WEST VIRGINIA, VENHO TENTANDO DORMIR, MAS HÁ muita coisa passando na minha cabeça. Estreito os olhos enquanto me acostumo à luz da manhã que entra pela porta de ripas. Fico aliviado ao perceber que continuamos viajando para o oeste. Foi só isso que a agente especial Walker disse antes de desaparecer: oeste. Então, é para lá que vamos. Tento não pensar na possibilidade de ela ter nos enganado e, em vez disso, considero que ela achava que ia morrer e que não tinha mais nada a perder e, portanto, nenhuma razão para mentir para mim.

Deito de costas. O teto do vagão está sujo, manchado com várias cores. Fico tanto tempo olhando para uma nódoa azul-escura bem em cima de minha cabeça que enfim acabo adormecendo. Tenho sonhos, o que é comum. Mas este é diferente, parece mais um pesadelo que uma visão.

Estou em West Virginia, de volta à cela. Mas agora ela está vazia, e tem uma luz forte vindo de cima. A jaula esférica de Sam encontra-se desocupada. A única indicação de que ele esteve ali é uma poça de sangue no chão. Caminho até o centro da cela, olho em volta freneticamente e tento gritar o nome dele, mas, assim que abro a boca, a luz intensa acima de mim entra em minha garganta, me tira o fôlego, me sufoca. Caio de quatro, tentando respirar.

Ainda arquejando, olho para cima. Agora estou em uma arena grande, com milhares de mogadorianos indo à loucura na arquibancada. Eles cantam e jogam objetos em mim enquanto começam brigas entre si. O piso é uma placa lustrosa de pedra preta, Eu me levanto trêmulo. Quando dou um passo à frente, o chão atrás de mim desmorona e deixa apenas um abismo negro. Acima de mim há um buraco enorme, e por esse buraco vejo algumas nuvens se movendo no céu azul. Leva um instante para eu entender onde estou — dentro do pico de uma montanha.

— Quatro!

É a voz de Nove. Nove! Não estou sozinho. Olho em volta e tento gritar para ele, mas minha garganta ainda está fechada. Um raio de luz sai de minha boca. Por instinto, viro e tento direcionar a luz até enfim acertá-lo. Nove está do outro lado da arena, mas algo me impede de vê-lo. É Sam. Ele está pendurado entre nós, com os pulsos presos por correntes. O agente Purdy e a agente especial Walker estão embaixo dele, mirando seus canhões mogadorianos no peito de Sam. Não hesito. Corro para meu melhor amigo, o piso de pedra desmoronando atrás de mim a cada passo. O barulho da multidão se intensifica até ficar completamente ensurdecedor.

Quando estou quase alcançando-os, a pedra preta embaixo dos agentes desaba, e eles caem junto.

— Socorro! Socorro, por favor, socorro! — Sam grita, contorcendo-se, na tentativa de se libertar das correntes.

Experimento usar telecinesia para soltá-lo, mas não dá certo. Tento acender o Lúmen, mas minhas mãos permanecem apagadas. Meus Legados não estão funcionando.

— Traga os outros, John — Sam diz. — Traga todos eles.

A voz soa estranha, como se não fosse dele. É quase como se alguém — ou algo — maligno estivesse falando por ele.

De repente o menino magro e bronzeado que apareceu em minha outra visão está a meu lado. De novo, ele é transparente como um fantasma. Quando vejo que o garoto está com um pingente lórico no pescoço, estendo a mão para ele. Mas o menino olha para mim, balança a cabeça e põe um dedo na frente da boca. Ele pula em Sam e escala por suas pernas e pelo corpo até alcançar as correntes. Vejo-o se esforçar, tentando abrir as algemas, e percebo a surpresa em seu rosto quando ele descobre que não tem força suficiente.

Em minha outra visão, o garoto perguntou qual era meu número, e sinto uma enorme vontade de falar com ele. Tusso, pigarreio, e sei que minha voz finalmente voltou. Ao mesmo tempo que a arena fica em silêncio, eu grito:

— Eu sou o Número Quatro!

— Já se decidiu? — Sam pergunta.

Ele continua se contorcendo nas argolas, e o outro menino ainda tenta quebrar as correntes. Sam me encara, e vejo que seus olhos são de um tom escuro de castanho. Esse não é Sam, digo a mim mesmo.

De repente, o corpo de Sam começa a tremer tanto que o outro menino se solta, e observo, horrorizado, enquanto ele cai e desaparece no mesmo abismo que engoliu os agentes. Então, uma luminosidade roxa envolve Sam, e as correntes se quebram sozinhas. Em vez de cair, como o menino e os agentes, Sam

flutua, suspenso no ar. Um holofote se acende, e olho, incrédulo, enquanto Sam cresce e se transforma — em Setrákus Ra. Os três pingentes lóricos no pescoço de Setrákus Ra brilham intensamente, assim como a cicatriz roxa que ele tem na garganta.

— Você quer o humano de volta? — ele berra.

— Eu vou pegá-lo de volta! — grito, furioso.

Estou preso e à minha volta não há nada além de abismo, nenhum lugar em que pisar para chegar mais perto.

Setrákus flutua lentamente para o chão. Ele aterrissa, e a rocha não dá sinal de desmoronar como aconteceu com todos nós.

— Essa é sua rendição? Tudo bem. Aceito seu pingente agora.

Olho para baixo, e meu pingente já desapareceu. Levanto a cabeça e o vejo pendendo no punho gigantesco de Setrákus Ra. Seus lábios rachados abrem um sorriso cruel de dentes tortos.

— Não! Não vou me render!

Assim que digo isso, sinto um peso repentino no pescoço. O pingente voltou.

O outro menino pula para fora do abismo em que havia caído e para perto de Setrákus Ra, de cabeça erguida. O grito dele se junta ao meu.

— Eu nunca vou me render a você! Solte Devdan e lute comigo!

— O tempo está acabando — Setrákus Ra diz, e agora percebo que ele se dirige a nós dois, e que falava conosco desde o começo.

Setrákus Ra estava tentando fazer com que nos rendêssemos. Será que ele achou que conseguiria nos convencer de que deixaria os outros viverem se nós nos sacrificássemos? Espero que ninguém caia na conversa dele.

De repente vejo apenas a mancha azul no teto do vagão do trem, e me sento com um movimento brusco, tentando afastar o sonho que confundiu meu cérebro. Toco o bracelete em meu pulso. Antes de mergulhar na visão, 110 pesadelo, eu havia descoberto que podia remover o bracelete se me concentrasse em suas habilidades. Mas, assim que o tirei do pulso, senti-me desprotegido e o pus de volta logo em seguida. Encosto no bracelete de novo e me pergunto se é bom eu depender dele. Do nada, algo pequeno esbarra em minha perna, e me levanto de um pulo e me viro.

E evidente que o sonho me deixou nervoso. É só Bernie Kosar, agora na forma de beagle, minha preferida.

— Outro pesadelo? — Nove fala em um canto, bocejando.

Ele está sentado em sua arca, distraído, entalhando símbolos na parede com um prego, o retrato absoluto de alguém que não está nervoso. A sola de seus pés descalços está preta.

— Eles estão ficando bem estranhos — digo, e espero que não esteja soando tão abalado quanto me sinto. Realmente não preciso de Nove me vendo como um menino com medo de pesadelos. — E acho que outros estão sonhando ao mesmo tempo.

Nove levanta o prego para observá-lo mais atentamente. Ele inclina a cabeça, como se visse um espécime raro, e não o objeto mais comum do mundo. Com a língua para fora pelo canto da boca, parece que todas as energias de Nove estão concentradas naquele prego. Com um sorrisinho, ele o dobra com os dedos, quebrando-o em duas partes perfeitamente iguais, e olha para mim.

— E o que isso significa? Você acha que todos estão tendo algum tipo de visão? Ou será que as noites deles têm sido tão agitadas quanto as suas?

Dou de ombros.

— Não sei. Tenho visto um menino muito magro com cabelos cacheados negros. Ele usa um pingente como os nossos, então imagino que seja um de nós. Temos consciência da presença um do outro, mas alguns aspectos do sonho parecem feitos para ele, e outros, para mim. Eu também vejo você.

Nove franze o cenho e então abre sua arca e revira o conteúdo. Espero que ele pegue algo que vá ajudar a decifrar minhas visões, pelo menos me ajudar a entender o que devo fazer com elas.

— Queria tentar entrar em contato com os outros com a pedra vermelha, mas acho que o governo a grampeou de algum jeito. O que é uma sacanagem.

Ele se recosta, frustrado.

Atravesso o vagão vazio e caminho até Nove. Ele está segurando um cubo amarelo que eu nunca vi.

— O que você acha que significa o governo ter grampeado sua pedra? Como será que isso aconteceu? Quer dizer, devem ter sido os mogs, mas como eles convenceram o governo a ajudá-los?

Nove me encara, incrédulo.

— Está falando sério? Quem se importa com o motivo de eles estarem juntos ou com o que os mogadorianos tiveram que falar para convencê-los? A questão é que eles estão juntos. O governo dos Estados Unidos os mogadorianos se uniram! Para eles, é oficial; nós somos os bandidos!

— Mas os mogs vão destruir a Terra, ou pior, quando se livrarem de nós. O governo não sabe disso? Não é óbvio que nós somos o lado do bem?

— Parece que não. Quem sabe o que aconteceu? Talvez eles estejam apenas se usando; um lado tentando passar a perna no outro. Seja como for, o governo com certeza está subestimando os mogs. Senão, estaria se borrando de medo.

Nove põe o cubo amarelo na boca e faz uma cara satisfeita.

— O que é isso? — pergunto.

— Sustento — ele responde, com a voz enrolada. — É um substituto alimentício. Você suga, e ele sacia um pouco. Dê uma olhada. Você deve ter um também.

Abro minha arca e procuro um cubo amarelo. Minhas mãos passam pelo tablet branco que encontramos no escritório secreto de Malcolm Goode dentro do poço, e tento apertar os botões por um instante. Ainda apagado. Afasto-o para um lado. Não encontro um cubo amarelo, mas vejo um azul. Tiro-o da arca e mostro a Nove.

— Acha que isto faz a mesma coisa?

Ele dá de ombros.

— Sei lá. Só dá para saber provando. Vá fundo.

Hesito por alguns segundos e então o ponho na língua, e minha boca é imediatamente inundada por água gelada. Só consigo beber um pouco antes de engasgar, o que me faz cuspir a pedra no chão. Nove solta a pedra amarela na mão e me oferece, mas eu recuso.

— Você precisa comer em algum momento — ele diz.

Bernie Kosar se aproxima de Nove e abre a boca.

— Claro, BK — Nove concorda, colocando o cubo amarelo na língua do cachorro.

— Pelo menos estamos viajando para o oeste, onde Sam e Sarah estão. Já cansei de fugir e me esconder, fugir e me esconder. Nossa prioridade ó encontrá-los.

— Sim, bem, fale por você. Passei o último ano preso e sob tortura, cara. A capacidade de me deslocar, de decidir aonde eu vou e quando é algo de que não pretendo abrir mão tão cedo. Relaxe, Johnny. Tenho uma ideia, e você precisa se lembrar do plano. Não vamos perder tempo procurando seus amigos humanos. Vamos entrar em contato com os outros e nos reunir, e, quando estivermos prontos, pegamos Setrákus Ra. Nessa ordem.

Eu me viro e atravesso a parede do vagão com um soco, e o impacto faz as rodas de um lado se descolarem dos trilhos por um instante. Estou zangado e me sinto a ponto de perder o controle.

— Como exatamente vamos encontrar os outros se nosso único meio de comunicação pode estar sendo monitorado? Acho que devemos ir para a Califórnia, ou qualquer instituição do governo que fique a oeste, e exigir que eles entreguem Sarah. Caso contrário vamos começar a explodir coisas! Ou então ameaçamos contar à mídia que o governo está trabalhando com um monte de alienígenas malignos. E então veremos qual vai ser a reação deles.

Nove ri, balançando a cabeça.

— Hum, não. Isso não vai acontecer.

— Bem, droga, então não sei o que sugerir. E se voltarmos a Paradise e verificarmos se Sarah está lá? Se eu puder ver que ela está em segurança, prometo que paro de insistir. Devemos estar perto de Ohio agora, não é?

Nove vai até o buraco que abri na parede e olha para fora.

— Para mim parece tudo igual, cara — ele fala com a voz baixa. — Sabe, a Terra não chega riem perto de Lorien. Claro, tem alguns lugares bem bonitos aqui, mas Lorien era inteiro bonito. Era o planeta mais bonito de todas as galáxias. Ele já apareceu em suas visões, não é?

Fico surpreso com o entusiasmo súbito de Nove ao falar de Lorien. Nunca vi uma expressão tão feliz e relaxada em seu rosto. Pela primeira vez ele me parece um garoto com saudade de casa. Mas dura pouco. Nove logo recupera a máscara habitual de desprezo e desdém.

— Nós não vamos a Ohio para ver se outro de seus humanos está aconchegado e protegido. Nosso lar não é aqui, Quatro. Esses humanos não são nossos irmãos e irmãs. Tudo o que fazemos aqui na Terra ó por nosso lar verdadeiro, por nossos irmãos e irmãs verdadeiros; pelos Anciões que se sacrificaram para nos colocar naquela nave.

Nove recua, recolhe o braço e também dá um soco na parede do vagão, abrindo um buraco bem ao lado do meu. Mas o soco dele é tão forte e rápido que as rodas embaixo de nós não se movem. Nove enfia a cabeça no buraco e respira fundo, com seus cabelos pretos agitando ao vento, e então volta para dentro do vagão. Ele cerra os punhos e se vira para mim.

— Se você não está com Lorien no coração, é melhor dizer agora. Não vou andar por aí com um traidor. Nosso único objetivo é fazer o possível para chegarmos ao máximo de nossa força e derrotar Setrákus Ra e seu exército. Só isso. Entendeu?

Decido ficar quieto. Meus sentimentos por Sam e Sarah nunca ficarão mais fracos. Sei disso. Mas Nove tem razão quanto às prioridades. Não vamos ajudar ninguém se não nos fortalecermos, e isso só acontecerá se conseguirmos encontrar os outros. Preciso me concentrar em Lorien. Quando derrotarmos Setrákus Ra, Sam e Sarah — e todo mundo na Terra — ficarão bem. Concordo com a cabeça.

Nove se senta e fecha os olhos, apertando os joelhos com tanta força que os nós dos dedos ficaram fracos.

— Acabamos de passar por uma placa que eu conheço. Estamos a uns trezentos quilômetros do refúgio que meu Cêpan preparou. Podemos ir para lá, pedir uma pizza, talvez ver um pouco de televisão, Você pode ficar suspirando e se deprimindo por causa da coitada de sua Sarah perdida. Eu vou dar uma saída, ficar com alguma menina bem gata durante mais ou menos uma hora, e depois

vamos pensar em outro jeito de nos comunicarmos com os outros.

BK solta o cubo amarelo e olha para mim. Ele nem precisa pedir. Ponho meu cubo azul em sua língua, e ele fecha a boca e suspira satisfeito.

Olho para Nove. Ele é muito seguro de si, muito confiante.

— E como vamos fazer isso? O macrocosmo está grampeado! Não temos outro meio de nos comunicar com eles!

— Não, isso é perfeito — Nove responde, animando-se. — Espere até ver o lugar, Quatro. E totalmente irado. O que nós quisermos, vamos ter. O que precisarmos, vamos arranjar. Vamos descansar e treinar, vamos ficar em forma, prontos para tudo. E vamos arranjar um jeito de entrar em contato com o restante da Garde.

CAPÍTULO TREZE

FICO SENTADA DURANTE HORAS, OLHANDO A FOGUEIRA FORA da choupana. Do lado de dentro, Ella dorme na rede; Seis e Crayton roncam no chão, embaixo de cobertores. Depois de um tempo, o fogo alto e crepitante se transforma em brasas reluzentes. Vejo a fumaça flutuando no ar, subindo até a copa das árvores. Aos poucos, o fogo acaba se apagando de vez.

Não consigo dormir. Passei muitos anos presa naquele orfanato, sozinha com minha inveja e minha raiva, Hoje, finalmente posso deixar isso no passado, Agora acredito que nada é impossível se estivermos todos juntos. Então não sei por que ainda sinto esse vazio no estômago sempre que tenho um tempo para pensar. Eu sei o que é esse vazio; solidão. Mas não paro de dizer a mim mesma que não estou sozinha.

Olho para Oito, dormindo o mais perto possível do fogo para se aquecer, A luz do amanhecer, todo encolhido, ele parece pequeno. Debaixo do cobertor fino de plantas trançadas, ele tem um sono agitado. Vejo-o se mexer e se virar, passando as mãos pelo cabelo já despenteado, Reviro as brasas para criar o máximo possível de calor, e a crepitação é suficiente para fazê-lo se mexer. Não sei por quê, mas sinto o impulso de protegê-lo. Ao mesmo tempo, penso em seus braços musculosos e quero que ele me proteja. Deve ter algo a ver com atração entre opostos. Ele é brincalhão e eu, bem, não.

A testa de Crayton está cheia de rugas de preocupação quando ele enfim se

levanta e acorda os outros. Todos nós tentamos afastar os resquícios do sono o quanto antes. Sei que Crayton está pensando em como vai enfiar todos nós em um avião.

Penso nas visões que Oito teve com Setrákus. Ele é a maior ameaça de todas, pior que um bando de mogadorianos armados até os dentes. Sei que Crayton não acredita que estamos prontos para enfrentar Setrákus. Não desenvolvemos nossos Legados, não tivemos a chance de aprender a lutar juntos, e precisamos encontrar Quatro, Cinco e Nove antes de encararmos uma ameaça como Setrákus Ra. Quando eu disse isso ontem à noite, Oito balançou a cabeça, frustrado com tanto ceticismo.

"Sei que juntos podemos pegá-lo", ele respondeu. "Eu o vi em meus sonhos e senti seu poder. Sei do que ele é capaz; mas também sei do que nós somos capazes, e somos muito mais poderosos do que ele jamais seria. Acredito em nós. Mas não vai funcionar se não estivermos todos convencidos disso."

"Concordo, temos que derrotar Setrákus Ra. Mas antes precisamos encontrar os outros. As chances de derrotá-lo são muito maiores se vocês estiverem todos juntos", Crayton argumentou.

Dava para perceber a preocupação em suas palavras.

Oito insistiu, claramente convencido de que somos suficientes para destruí-lo.

"Meus sonhos me guiaram até vocês. E eles me dizem que somos capazes disso; não podemos fugir, mesmo que seja para encontrar os outros."

Oito agora se levanta e espreguiça, revelando um pedaço da barriga quando a camisa sobe. Ele se abaixa, pega um cajado e o gira. Não consigo tirar os olhos dele. O sentimento é muito novo e incomum para mim, e fico ao mesmo tempo tímida e empolgada.

— Então, aonde vocês querem ir? — ele pergunta, olhando para nós.

— Costa leste, Estados Unidos — Seis responde.

Ela chuta a ponta do cajado e o faz girar para cima e cair em sua mão. Aqueles dois são uma verdadeira dupla de comediantes. Seis joga o cajado de volta para Oito, e ele finge que não consegue pegá-lo. A brincadeira tem muito

jeito de flerte. Preciso admitir que sinto ciúme. Mesmo se eu quisesse, nunca poderia ser assim com Oito, com ninguém. Essa é Seis, tranquila. Dá para entender por que eles se divertem tanto.

— Certo, se é para lá que vocês querem ir, temos algumas opções. Um avião? Temos dinheiro para comprar passagens para todos nós?

Crayton dá um tapinha no bolso da camisa e concorda com a cabeça.

— Isso não vai ser problema.

— Ótimo. Voltamos a Nova Déli, compramos as passagens e chegamos aos Estados Unidos em um dia, mais ou menos. Ou podemos chegar ao estado do Novo México em poucas horas.

— Nem todos nós podemos nos teleportar — Seis responde, desenhando na terra com a ponta do pé.

— Talvez possam — Oito diz, com um sorriso malicioso. Seis desenhou um círculo, e Oito estende o pé e acrescenta dois olhos, um nariz e uma carinha feliz grande. Eles sorriem um para o outro. — Só precisamos andar um pouco, e depois é apenas uma questão de torcer para dar certo.

É evidente que ele se diverte nos mantendo no escuro; vejo os outros balançando a cabeça em aprovação, tão seduzidos por sua confiança que se esquecem de pedir detalhes, Não quero ser a responsável por observar que não temos a menor ideia do que ele está pensando.

— Parece bem mais rápido que um avião — Ella diz. — E muito mais legal,

— Estou ouvindo — Crayton fala com minha arca apoiada no ombro, — Você precisa nos mostrar qual é sua ideia, e quanto antes, melhor. Se Setrákus Ra já está aqui na Terra, temos que agir depressa.

Oito levanta um dedo, pedindo paciência a Crayton. Depois, tira a camisa e as calças. Uau.

— Não antes de minha natação matinal — diz.

Oito corre até a beirada do penhasco onde a cascata desce. Sem hesitar, ele mergulha com os braços junto ao corpo, Como uma ave, ele parece flutuar, nadando pelas ondas de ar. Vou rápido até a beirada do penhasco e olho para

baixo, bem na hora em que ele muda de forma e entra na água como um peixe-espada vermelho e depois volta à tona como ele mesmo. De repente sinto o impulso de pular também e me joga.

A água é surpreendentemente fria quando mergulho, mas ao subir à superfície para respirar sinto meu rosto corar. O que está acontecendo comigo? Não costumo ser tão impulsiva,

— Belo mergulho — Oito elogia, nadando até mim e flutuando com a cabeça fora da água, Ele sacode a cabeça, e os cachos negros brilhantes se agitam à sua volta. — Então, você prefere ser chamada de Marina ou de Sete?

— Não me importo. Tanto faz — respondo, acanhada.

— Gosto de Marina — ele fala, decidindo por nós dois. — E sua primeira vez na Índia, Marina?

— Sim. Passei muito tempo na Espanha. Em um orfanato.

— Um orfanato, é? Pelo menos tinha muita gente à sua volta; você podia fazer amigos. Eu não.

Dá para ver como ele tem sido solitário. Decido não corrigi-lo, não contar que as outras meninas me odiavam e que eu não tinha amigos até Ella aparecer. Apenas dou de ombros.

— Acho que sim. Sou mais feliz agora.

— Quer saber? Gosto de você, Marina — Oito anuncia. Ele fala como se estivesse rolando meu nome na boca, saboreando-o. — Você é tranquila, mas é legal. Você me faz lembrar...

De repente a água explode entre mim e Oito. As ondas nos afastam, e vejo Seis emergir, os cabelos louros encharcados caindo perfeitos às suas costas, Ela não diz nada, e então mergulha de novo e puxa Oito junto. Eu também mergulho, e observo enquanto eles lutam embaixo d'água até que Oito, rindo, pede misericórdia e Seis o solta.

— Caramba, você é forte — ele comenta ao voltar tossindo à superfície.

— E não se esqueça disso — ela responde, sorrindo. — Agora, podemos ir embora, por favor?

Fico com ciúme ao ver Seis e Oito enroscados, mas agora não é hora para

isso. Mergulho a cabeça na água para ter um minuto e me recompor. Deixo a água preencher meus pulmões e afundo, afundo, até meus pés tocarem o leito de lodo e pedras. Sento-me na lama e tento organizar os pensamentos. Estou brava comigo mesma por me sentir tão vulnerável. Isso é uma quedinha! Mais nada. E eu me importo mesmo se Oito prefere os cabelos louros perfeitos de Seis a meu emaranhado? Quer dizer, ela não é uma ameaça para mim. Temos que agir como uma equipe, confiar uma na outra, Não quero ficar brava com Seis, especialmente depois de tudo que ela fez por mim. Passo um minuto andando pelo fundo, torcendo para poder dizer algo inteligente quando voltar à superfície. Eu consigo.

Percebo que estou bem embaixo da cascata, onde a água é transparente e borbulhante. Um reflexo atrai minha atenção» É um objeto prateado comprido preso ao leito lodoso»

Chego mais perto para olhar. Deve medir mais de quatro metros, e, quando o contorno, fico chocada ao constatar que é uma espécie de cockpit atrás de um para-brisa longo, É então que eu vejo uma arca no assento. Não acredito — será que esta é a nave prateada que Oito viu levantar voo no dia em que os mogs atacaram, no dia em que o Cêpan dele foi morto? Ouço um grito abafado e percebo que sou eu. Pego em um ponto da fuselagem e puxo. Ela não se move. A pressão no fundo do lago é muito forte, mas continuo puxando, e logo a porta do cockpit se abre. Uma enxurrada se mistura à água que estava presa no interior da nave, Pego a arca, que está coberta de limo, e volto depressa à superfície.

Os primeiros que vejo são Seis e Oito sentados na grama, conversando, Ella gira o cajado de Oito acima da cabeça, e depois diante de si, Crayton a está observando, com o queixo apoiado nas mãos. Ella me vê sair da água e espeta o cajado na relva.

— Marina! — chama.

— Ei, aí está você! Aonde foi? — Oito grita, vindo até a borda do lago.

— Saia logo, Marina — Seis avisa. — Temos que dar o fora!

Levanto a arca e a tiro da água, segurando-a para que todos possam vê-la.

Nem ligo que ela esteja derramando água nojenta e lodosa em mim. Estou com um sorriso tão largo que meu rosto dói. Adoro a expressão no rosto deles, bocas abertas e olhos arregalados. Estou gostando tanto que uso minha telecinesia para fazer a arca flutuar para perto de Oito e Seis e deixá-la parada no ar.

— Veja o que encontrei, Oito!

Oito desaparece da grama e ressurge no ar perto da arca. Ele a abraça. Com limo e tudo. Depois se teleporta de volta para a beirada do lago, ainda segurando a arca.

— Não acredito — Oito finalmente diz. — Esse tempo todo, e ela estava bem aqui.

Ele parece perplexo.

— Estava em uma nave mogadoriana no fundo do lago — digo, saindo da água.

Oito desaparece de novo e surge bem diante de mim, seu nariz praticamente encostando no meu. Antes que eu possa pensar em como é bom sentir no rosto seu hálito morno, ele me levanta e beija minha boca enquanto me gira. Meu corpo fica tenso, e de repente não sei onde pôr as mãos. Não tenho ideia do que fazer, então deixo acontecer. Oito tem um sabor salgado e doce ao mesmo tempo. O mundo inteiro desaparece, e eu me sinto como se estivesse flutuando na escuridão.

Quando ele me põe no chão, recuo e o encaro. Com apenas um olhar já percebo que esse momento romântico e incrível foi um gesto espontâneo de gratidão. Nem mais, nem menos. Sou uma idiota. Preciso mesmo superar essa quedinha.

— Nunca nado aqui. Desde o começo, sempre mergulhei no lado de lá — Oito comenta. — Preso no mesmo lugar. — Ele balança a cabeça. — Obrigado, Marina.

— Hum, de nada— sussurro, ainda atordoada com a primeira parte do agradecimento.

— Agora que você já abraçou a arca, não quer abri-la? — Crayton sugere. — Venha, depressa!

— Ah! Sim, é claro! — Oito grita, e se teleporta de volta até a arca.

Seis caminha em minha direção,

— Marina! Isso foi incrível! — Ela me abraça, depois recua para me sacudir os ombros, dando um sorriso expressivo. E então abaixa o tom de voz e sussurra; — É imaginação minha, ou você acabou de ser beijada?

— Meio esquisito, não é? — cochicho, procurando em Seis qualquer sinal de ciúme. — Mas acho que não significa nada.

— Não tem nada de esquisito. Acho até que é demais — ela responde, claramente animada por mim, como uma amiga, ou uma irmã.

Estou envergonhada por ter sentido ciúme dela antes. Nós duas olhamos para Oito quando Ella começa a imitar um rufar de tambores para anunciar a abertura da arca.

Oito põe as mãos na fechadura. Quase no mesmo instante, ela treme e a arca se abre. Ele logo enfia as mãos na caixa, tentando tocar tudo ao mesmo tempo. E como uma criança com um baú de brinquedos; está muito empolgado. Todos nós o cercamos para olhar. Vejo algumas pedras parecidas com as minhas, mas outros objetos são completamente diferentes. Tem um anel de vidro, uma galhada curva, um pedaço de tecido preto que brilha azul e vermelho ao toque de Oito. Ele pega uma peça fina de ouro do tamanho de um lápis e a levanta.

— Ah, que bom ver você de novo!

— O que é isso? — Seis pergunta.

— Não sei qual é o nome certo, mas eu chamo de "Duplicador".

Oito segura o objeto acima da cabeça, como uma varinha. E, então, ele agita o pulso e o objeto se expande para baixo como um rolo. Em pouco tempo ele fica do tamanho de uma porta. Oito a solta, e a porta paira diante dele. O garoto dá um passo para trás, e vemos mãos e pés aparecendo e sumindo quando ele começa a fazer polichinelos.

— Certo — Seis diz. — Essa é a coisa mais esquisita que já vi.

Oito se teleporta para o lado dela e fica lá, com a cabeça inclinada para o lado enquanto ele coça o queixo, como se avaliasse um espetáculo. Viramos a

cabeça para a porta dourada. As mãos e os pés continuam no mesmo ritmo. Espere. Agora há dois dele! O que está ao lado de Seis bate as mãos, estende a palma, e a peça de ouro se retrai e volta para Oito. No mesmo instante, o segundo Oito desaparece.

— Impressionante — Crayton diz, aplaudindo alto e devagar. — Isso vai ser muito útil em breve, No mínimo, você vai criar uma excelente distração.

— Eu usava isso para dar umas escapadas às vezes — Oito confessa, — Reynolds nunca descobriu o que eu podia fazer. Mesmo antes de ele morrer, eu estava sempre tentando entender como tirar o máximo de meus Legados,

Crayton joga as roupas de Oito para ele e pega minha arca.

— Agora temos mesmo que ir.

— Ah, por favor — Oito diz, vestindo as calças. Enquanto pula sem sair do lugar, ele bate as pestanas para Crayton e fala com um tom de súplica: — Acabei de recuperar minha arca. Não posso matar a saudade? Senti tanta falta dela.

— Mais tarde — Crayton responde.

Porém, quando se vira para nós, vejo que ele está sorrindo.

Oito guarda a peça de ouro na arca e tira um cristal verde, enfiando-o no bolso. Ele fecha a arca e a pega, dando um suspiro dramático.

— Ah, tudo bem. Nossa reunião vai ter que esperar. Sigam-me, pessoal — diz com sua voz mais patética.

— Com que frequência Setrákus Ra tem visitado seus sonhos? — Crayton pergunta.

Estamos andando há mais de cinco horas, progredindo lentamente montanha acima. Oito nos conduz por um caminho sinuoso que parece mais a beirada de um precipício que uma trilha, Tudo à nossa volta está coberto por uma fina camada de neve, e o vento é brutalmente forte. Estamos todos congelando, mas Seis nos protege com seu Legado, afastando o vento e a neve. Dominar o clima é um dos Legados mais úteis, com certeza.

— Já tem algum tempo que ele vem falando comigo, tentando me enganar e me fazer perder o controle — Oito responde. — Mas agora que ele está na

Terra, tem aparecido com muito mais frequência. Ele me provoca, mente, e agora está tentando fazer com que eu me sacrifique para que vocês todos possam voltar a Lorien. Ele tem me afetado mais do que o normal ultimamente.

— O que isso significa “Afetado você”? — Crayton pergunta.

— Em uma visão ontem à noite ele me mostrou meu amigo Devdan pendurado por correntes. Não sei se é uma visão de algo que está acontecendo mesmo ou se é só um truque, mas está me deixando muito confuso.

— Quatro também o vê — Seis comenta.

Oito se vira com uma expressão de surpresa e anda para trás, evidentemente juntando as peças na cabeça. O pé fica perigosamente perto da beirada do precipício, e eu prendo a respiração e estendo a mão, nervosa. Mas ele continua falando sem vacilar:

— Sabe, acho que o vi ontem à noite. Eu havia esquecido até agora. Ele é louro? Cara alto?

— E mais bonito que você? Sim, é ele. — Seis confirma, sorrindo.

Oito para de andar para trás e fica pensando. A queda à nossa esquerda tem uns seiscentos metros.

— Sabe, sempre imaginei que fosse eu, mas acho que me enganei — ele diz, pensativo.

— Imaginou que você fosse o quê? — pergunto, mentalizando para que ele se afaste do precipício.

— Pittacus Lore.

— Por que você achava isso? — Crayton fala.

— Porque Reynolds me disse que Pittacus e Setrákus sempre puderam se comunicar entre si. Mas agora que eu sei que Quatro também consegue, estou confuso.

Oito volta a andar para a frente quando Ella pergunta:

— Como alguém pode ser Pittacus?

— Nós supostamente vamos assumir os papéis dos dez Anciões originais, então acho que isso significa que um de nós vai assumir o papel de Pittacus — Seis explica. — O Cêpan de Quatro disse isso a ele em uma carta. Eu li. Com o

tempo, devemos ficar ainda mais fortes que eles. Por isso os mogs estão se apressando tanto agora, antes que sejamos mais perigosos, mais capazes de nos proteger e de atacá-los.

Seis olha para Crayton, que concorda com a cabeça enquanto ela fala.

Eu me sinto como se fosse a única a saber tão pouco — nada, na verdade — de minha história. Adelina se recusava a me contar qualquer coisa, a responder sequer uma pergunta, ou mesmo sugerir o que um dia eu seria capaz de fazer, Agora, estou muito atrasada em relação a todo mundo. O único Ancião que conheço é Pittacus, que dirá saber em qual deles posso me transformar. Só preciso acreditar que vou descobrir quem sou quando chegar a hora. Às vezes, fico triste quando penso em tudo o que eu queria já saber e em como minha infância devia ter sido, Mas não tenho tempo para lamentar o que não pode mudar,

Ella vem caminhar perto de mim, roçando a mão na minha,

— Você parece triste. Tudo bem?

Sorrio para ela.

— Não estou triste. Estou brava comigo mesma. Sempre culpei Adelina por não ter desenvolvido melhor meus Legados, Mas olhe para Oito. Ele perdeu o Cêpan, mas pegou o que tinha e seguiu em frente.

Continuamos em silêncio por mais alguns minutos, até Oito falar.

— Vocês já desejaram que os Anciões tivessem dado nossa Herança em mochilas trancadas?

Ele muda a arca para o outro braço.

Olho para Crayton me sentindo culpada. Tento pegar minha arca, mas ele me afasta com delicadeza.

— Pode deixar por enquanto, Marina. Tenho certeza de que logo você vai precisar carregar este peso sozinha, mas vou ajudar enquanto puder.

Andamos por mais alguns minutos até que de repente o caminho termina em um penhasco. Estamos a poucas centenas de metros do cume, e olho para a Cordilheira do Himalaia se estendendo à minha esquerda. As montanhas são gigantescas e parecem não ter fim. É uma imagem de tirar o fôlego, algo que

espero nunca esquecer.

— E agora, para onde? — Seis pergunta, lançando um olhar cético para a montanha. — De jeito nenhum vamos conseguir subir até o cume» Mas não vejo muitas opções.

Oito aponta para dois pedregulhos altos e volumosos recostados na montanha e então fecha a mão. Os pedregulhos se separam, revelando uma escada curva de pedra que leva para o interior da face rochosa. Seguimos Oito escada acima. Eu me sinto claustrofóbica e vulnerável. Se alguém nos seguir, não tem outra saída.

— Quase lá — Oito avisa por cima do ombro.

A escada é muito fria; o gelo sobe por meus pés e pelo corpo inteiro. Finalmente chegamos a uma caverna imensa que foi escavada na montanha.

Entramos e olhamos à nossa volta, fascinados. O teto tem quase cem metros de altura, e as paredes são lisas e polidas. Em uma das paredes há dois conjuntos de linhas verticais profundas, com alguns metros de altura e a um metro e meio de distância um do outro. Entre os dois conjuntos há um pequeno triângulo azul, debaixo de mais três linhas curvas horizontais.

— Isso é para ser uma porta? — pergunto, seguindo as linhas com os olhos.

Oito dá um passo para o lado para nos permitir ver melhor.

— Não é para ser; é uma porta. Uma porta para os recantos mais remotos da Terra.

CAPÍTULO QUATORZE

PUXO MEU CAPUZ POR CIMA DA CABEÇA E ENCURVO OS OMBROS. NOVE ESTÁ COM UM BONÉ sujo do Cubs e óculos escuros rachados que ele encontrou no pátio ferroviário em que desembarcamos. Depois de uma hora andando para o sul, estamos recostados na parede de uma plataforma, à espera de outro trem. Esse é elevado. O el, como o povo de Chicago chama. As arcas em nossos braços se destacam em meio às malas e mochilas dos outros passageiros, e faço o possível para agir normalmente. Bernie Kosar dorme confortável dentro de minha camisa, agora como um camaleão. Nove ainda está meio irritado porque eu duvidei que alguém fosse instalar um refúgio em uma área tão densamente povoada. Sei que Henri jamais teria escolhido um local tão exposto.

Não falamos quando o trem entra na estação. Apitos soam, as portas se abrem, e sigo Nove para o último vagão. Quando o trem começa a andar, vemos Chicago crescer lentamente.

— Aprecie a paisagem por enquanto — Nove diz. Ele parece cada vez mais tranquilo à medida que nos aproximamos da cidade. — Eu conto mais quando desembarcarmos.

Nunca estive em Chicago antes. Passamos por mais ou menos um milhão de prédios residenciais e casas enquanto atravessamos diversos bairros. As ruas abaixo estão cheias de carros, caminhões, pessoas andando, passeando com cachorros, empurrando carrinhos de bebê. Todo mundo parece muito feliz e seguro. Não consigo evitar o desejo de ser um deles. Só ir ao trabalho ou à escola, talvez sair para tomar um café com Sarah. Uma vida normal. Uma ideia muito simples, mas acho quase impossível imaginá-la. O trem para, pessoas desembarcam e outras empurram para entrar. O trem fica tão cheio que duas meninas, uma loura e uma morena, são forçadas a viajar praticamente debruçadas

em cima de nós.

— Como eu disse — Nove comenta, com um sorriso satisfeito —, aprecie a paisagem.

Depois de alguns minutos, a loura chuta a arca embaixo de meus pés.

— Ai! Caramba, gente. Qual é a dessas caixonas?

— Aspiradores de pó. — Estou nervoso, e a história que Nove contou na outra noite ó a primeira que me vem à mente. — Somos, hum, vendedores.

— É mesmo? — a morena pergunta.

Ela parece desapontada. Eu fico um pouco desanimado; até eu estou meio decepcionado com minha vida fictícia.

Nove tira os óculos escuros rachados e cutuca minhas costelas com o cotovelo.

— Isso foi uma piada. Meu amigo aqui se acha muito engraçado. Na verdade, trabalhamos para um colecionador e estamos levando esses artefatos para o Art Institute de Chicago.

— Ah, é? — a loura pergunta. As duas garotas se olham e parecem empolgadas. Ela ajeita uma mecha de cabelo atrás da orelha ao se virar de novo para nós. — Eu estudo lá.

— Sério? — Nove confirma com um sorriso feliz.

A morena se abaixa, olhando intrigada os entalhes delicados na tampa de minha arca. Odeio que ela esteja tão perto.

— Então, o que tem aí dentro? Tesouro de piratas?

Nós não devíamos estar conversando com elas. Não devíamos conversar com ninguém. Não somos mais adolescentes comuns tentando nos misturar aos humanos à nossa volta. Somos fugitivos alienígenas que acabaram de destruir uma frota de veículos do governo. Minha cabeça está a prêmio, e aposto que a de Nove daqui a pouco estará também. Devíamos nos esconder no meio do nada, lá em Ohio, ou mesmo no oeste. Qualquer lugar, menos em um trem lotado no meio de Chicago, flertando com garotas! Abro a boca para dizer que as arcas estão vazias, para que elas parem de fazer perguntas e nos deixem em paz, mas Nove fala primeiro:

— Talvez meu amigo e eu possamos passar na casa de vocês mais tarde hoje. Adoraríamos mostrar o conteúdo delas.

— Por que não mostram agora? — a morena pede, fazendo beicinho.

Nove olha para os dois lados. Ele está fazendo um baita teatro.

— Porque ainda não confio em vocês. As duas são meio, hum, suspeitas. Vocês sabem, não é? Duas garotas bonitas assim, é muito filme de espionagem.

Ele pisca para mim. De repente me dou conta; Nove é tão ruim quanto eu com as garotas. Acaba exagerando ao tentar compensar e parece meio ridículo.

Isso me faz gostar mais dele, mesmo que esteja nos envergonhando completamente.

As meninas se encaram e sorriem. A loura enfia a mão na bolsa, rabisca algo em um pedaço de papel e o entrega a Nove.

— Descemos na próxima estação. Dê um toque depois das sete e vamos pensar se encontramos vocês em algum lugar mais tarde. Meu nome é Nora.

Fico chocado ao ver que o truque dele funcionou.

— Eu sou Sarah — a morena se apresenta.

É claro que esse é o nome dela. Balanço a cabeça. Se isso não é um letreiro luminoso avisando que devemos encerrar esta conversa agora, não sei o que mais seria.

Nove estende a mão para apertar a delas.

— Sou Tony, e esse belo garanhão a meu lado é Donald.

Trinco os dentes e aceno para elas com educação. Donald?

— Legal — Nora diz. — Bem, até mais tarde.

O trem para e elas descem. Nove se inclina e acena para as garotas pela janela. Depois que o trem sai da estação, Nove ri sozinho. Ele parece muito orgulhoso.

Dou uma cotovelada nas costelas dele.

— Ficou maluco? Por que você resolveu atrair esse tipo de atenção para si... para nós? Você não tinha o menor direito de me arrastar para sua idiotice. E por que raios você fez de tudo para incentivá-las a olhar nossas arcas? Agora só nos resta torcer para que qualquer garota burra o bastante para acreditar em suas bobagens seja burra demais para pensar muito nisso tudo!

Eu gostava muito mais de Nove quando ele só parecia um mané.

— Calma aí, Donald. Será que você consegue parar de espernear tanto? Não é nada demais. Não vai acontecer nada conosco aqui. — Ele se recosta com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Mas, quando volta a falar, não parece mais tão exibido. — Sandor teria ficado muito orgulhoso de mim agora, sabe? Aposto que você nem imaginava, mas, normalmente, fico muito nervoso perto de garotas. E, quanto mais eu gosto delas, pior eu fico. Não mais. Depois do que passei nesse último ano, nada mais me assusta tanto.

Não respondo. Escorrego um pouco no assento e vejo a cidade ficar cada vez mais alta, a arquitetura se tornar mais interessante. Há teatros, lojas e belos restaurantes, tudo envolto em vidro. Alguns prédios refletem tanto a luz do sol que preciso proteger os olhos. Carros congestionam as ruas embaixo dos trilhos, alcançando-nos com suas buzinas. Nada seria mais diferente de Paradise, Ohio. Nosso trem para em mais duas estações, e então Nove me manda levantar. Descemos na seguinte. Um minuto depois, estamos andando para o leste na

Chicago Avenue, levando nossas respectivas arcas embaixo do braço, O Lago Michigan está bem à nossa frente.

Quando a multidão à nossa volta diminui, Nove diz:

— Sandor adorava Chicago. E ele achou que seria inteligente se esconder à vista de todos em uma cidade assim. Nenhuma chance de se destacar, sempre uma multidão na qual desaparecer, esse tipo de coisa. Quer dizer, pense só, onde você fica mais anônimo que em uma cidade movimentada?

— Henri nunca teria permitido isso. Ficar em uma cidade assim o teria deixado maluco. Ele odiava estar em algum lugar onde não fosse possível vigiar alguém que talvez estivesse nos vigiando. Ou me vigiando.

— E é por isso que Sandor foi o melhor Cêpan de todos os tempos. Ele tinha regras, claro. A primeira e mais importante: "não seja burro".

Nove suspira. Por incrível que pareça, ele nem imagina quanto essa conversa sobre Sandor é insultante e detestável.

Estou furioso e não me interessa quem sabe disso.

— Ah, ó, se Sandor era tão incrível, por que encontrei você em uma cela mogadoriana?

Eu me sinto péssimo assim que falo isso. Nove tem saudade de Sandor, e estamos no último lugar onde eles passaram tempo juntos de fato, onde Sandor disse que Nove estava em segurança. Sei como esse tipo de garantia é forte.

Nove para de repente, bem no meio de uma esquina movimentada, com muita gente passando por nós. Ele se aproxima de mim até seu nariz ficar a centímetros do meu. Seus punhos estão tensionados, e também seu maxilar.

— Você me encontrou naquela cela porque eu cometi um erro. O erro foi meu, não de Sandor. E quer saber? Cadê seu Cêpan? Você acha que o seu era muito melhor que o meu? Acorde, idiota! Os dois estão mortos, então duvido que um fosse muito melhor que o outro.

Eu me sinto mal pelo que falei, mas estou cansado de Nove tentando me intimidar. Empurro-o para trás.

— Cai fora, Nove. É sério. Cai. Fora. E pare de falar como se eu fosse seu irmãozinho.

O semáforo fecha e nós atravessamos a rua, furiosos. Seguimos pela Michigan Avenue, andando em silêncio. A princípio estou bravo demais para prestar atenção ao ambiente, mas aos poucos me dou conta dos arranha-céus acima de mim. Não consigo evitar. A cidade é fantástica. Olho à minha volta. Nove me vê admirando o entorno, a cidade dele, e percebo que está se acalmando.

— Está vendo aquele prédio preto grande com as antenas brancas em cima?

— Nove pergunta. Parece tão feliz por ver o edifício que esqueço minha raiva

dele. Olho para o alto. — Aquele é o John Hancock Center. É o sexto edifício mais alto do país. E é para lá, irmãozinho, que nós vamos.

Eu pego o braço dele e o puxo para um lado na calçada.

— Espere aí. Aquele é seu refúgio? Você acha que vai se esconder em um dos edifícios mais altos da cidade? Deve estar de brincadeira. Isso é maluco.

Nove ri de minha expressão de incredulidade.

— Eu sei, eu sei. Foi ideia de Sandor. Quanto mais eu penso nisso, mais percebo quanto ele foi genial. Passamos mais de cinco anos aqui sem problemas. Esconder-se avista, mermão, esconder-se à vista.

— Certo. Está esquecendo a parte em que você foi pego? Nós não vamos ficar lá, Nove. De jeito nenhum. Precisamos voltar ao trem, pensar em algum outro plano.

Nove se livra de minha mão.

— Nós fomos pegos, Donald, por causa de alguém que eu achei que fosse minha amiga. Ela estava trabalhando para os mogs, e eu fui burro demais para perceber. Ela me traiu, e eu só tinha olhos para a bunda bonita dela, então Sandor foi capturado. Eu o vi ser torturado e não pude fazer nada. A única pessoa que eu amava mais que qualquer outra no mundo. No fim, a única coisa que pude fazer por Sandor foi livrá-lo da agonia. Morte. O presente que nunca acaba. — O desdém de Nove não esconde a dor em sua voz. — Um ano depois, vejo sua cara feia fora de minha cela. — Ele aponta para o John Hancock Center. — Lá em cima, estávamos seguros. É o lugar mais seguro que você vai conhecer na vida.

— Estaremos presos — observo. — Se os mogs nos encontrarem lá em cima, não vamos ter por onde fugir.

— Ah, você ficaria surpreso.

Ele pisca e caminha na direção do prédio.

De repente tenho plena consciência da quantidade de gente passando por nós. Estou muito nervoso, sem conseguir pensar em outro lugar para onde ir. Uma certeza eu tenho: os mogadorianos são cada vez melhores em se misturar às pessoas, então não duvido nem um pouco que sequer saberíamos se algum deles esbarrasse em nós. Pensar nisso me deixa tão apavorado que eu literalmente estremeço. E preciso presumir que há milhares de câmeras espalhadas por Chicago, e, com a ajuda do governo, é provável que os mogs tenham acesso a essas imagens, Estamos em algum programa predador de Câmera Escondida e não podemos fazer nada a respeito. Dentro do prédio, dentro de qualquer lugar, será mais seguro que aqui fora. Abaixo a cabeça e sigo Nove.

O saguão é incrivelmente luxuoso. Há um piano de cauda, móveis de couro e lustres cintilantes. No fundo, vejo duas mesas de guardas. Nove me entrega a arca e tira o boné. Um dos guardas, um homem grande e careca, está sentado

atrás de uma mesa, pelo menos até ver Nove. Ele então dá um grito e se levanta de repente.

— Ei! Vejam só quem resolveu dar as caras! Você não escreve, não telefona, onde diabos você se meteu?— o homem pergunta, apertando a mão de Nove e segurando o braço dele.

Ele fica ali, sorrindo para Nove. A volta do filho perdido e tal.

Nove sorri para o sujeito com afeto verdadeiro e coloca a outra mão no ombro dele.

— Ah, acho que é melhor perguntar onde eu não estive.

— Na próxima vez, avise que vai sumir. Fico preocupado! E cadê aquele seu tio?

Ele olha por cima do ombro de Nove, como se esperasse que Sandor aparecesse logo atrás.

Nove não hesita.

— Europa. França, na verdade.

Sem vacilar, nada. Ele é bom. Sei como isso deve ser difícil para ele,

— Ele foi dar um curso lá?

— Foi — Nove responde. — É um curso longo, ele está pensando em talvez aceitar uma vaga permanente, então tenho ficado na casa de meu amigo Donald na zona sul. Precisamos passar um tempo lá em casa para fazer um trabalho de história. Veja só essas caixas, cara, temos trabalho para meses!

Olho para as arcas em meus braços, e o guarda se afasta e nos deixa passar.

— Parece que vocês têm um plano. Ei, é um prazer, Donald. Boa sorte com o trabalho!

— Igualmente — respondo. — E obrigado!

Tento parecer simpático, mas é difícil. É evidente que Nove não se incomoda em inventar uma mentira que talvez não possa sustentar depois, nem que esse homem saiba de suas idas e vindas e perceba sua ausência. Mas ouço a voz de Henri me alertando que isso é exatamente o contrário do que deveríamos fazer. Tento afastar o nervosismo que revira meu estômago. Ficar hesitando não vai ajudar.

Vamos até um conjunto de elevadores e Nove aperta um botão. A luz em cima de uma das portas se acende com uma seta grande apontando para o teto.

— Ah, ei, Stanley!

O guarda corre até nós quando estamos prestes a entrar no elevador, fazendo barulho com as chaves penduradas no cinto.

Faço uma careta para Nove.

— Stanley? — pergunto, movendo os lábios sem emitir som. É pior que Donald!

— Agora não — ele murmura.

— Tenho alguns embrulhos para você. Guardamos tudo no depósito. Não sabíamos onde você estava e não tínhamos seu endereço para encaminhar a correspondência. Quer que eu mande tudo lá para cima?

— Pode nos dar uma hora, para nos instalarmos? — Nove responde.

— Com certeza, chefe.

O guarda faz uma continência quando entramos no elevador.

Assim que as portas se fecham, sinto Bernie Kosar rastejar por meus ombros. Ele me diz que está cansado de ficar escondido.

— Só mais alguns minutos — peço.

— É, BK — Nove fala. — Estamos quase em casa. Finalmente.

— Como você podia ter tanta certeza de que este lugar ainda seria seu? Quer dizer, você passou muito tempo fora.

Parece que nenhuma situação, nenhuma ideia faz Nove questionar aquilo em que ele acredita. Eu gostaria de ser assim. Mesmo que ele nem sempre tenha razão, é um grande parceiro e um guerreiro ainda melhor.

— Sandor cuidou de tudo. As contas são pagas por débito automático na conta dele. Sempre fomos bastante vagos com relação que ele fazia. E falávamos nos "cursos" quando precisávamos nos ausentar por meses. Dá para ver que as pessoas acreditaram.

Nove digita uma sequência no teclado pequeno debaixo dos botões dos andares e o elevador dispara. Os números aumentam tão depressa que mal tenho tempo para pensar na altura em que estamos. Passamos do octogésimo andar, e então a velocidade começa a diminuir. Quando paramos, as portas se abrem sem fazer barulho, e saímos do elevador para dentro de um apartamento. Olho para o enorme lustre de cristal acima de dois sofás na sala de estar. Tudo parece ser muito branco e com detalhes dourados.

— Este é seu apartamento? Só pode ser brincadeira — digo.

— Aham, temos uma entrada particular só nossa — ele responde à minha expressão admirada.

Eu achava que só as pessoas da televisão viviam assim. Não me entra na cabeça que este lugar possa ser de um membro da Garde.

Vejo uma câmera no canto superior direito da sala, virada para nós, e cubro o rosto no mesmo instante. Mas Nove explica que é um circuito fechado que só pode ser monitorado dentro do apartamento.

— Você primeiro — ele diz, curvando-se e estendendo o braço em um gesto exagerado de boas-vindas.

— Não acredito que vocês tenham o andar inteiro — digo, olhando boquiaberto à minha volta.

Escuto Nove deslizando a mão pela parede enquanto corrige:

— Dois andares inteiros, na verdade.

Nove aciona outro botão, e dezenas de persianas sobem e revelam janelas que vão do chão ao teto. A sala é inundada pela luz do sol. Bernie Kosar pula de dentro de minha jaqueta e se transforma em beagle. Vou até a janela e olho a vista. É incrível. A cidade inteira se estende lá embaixo. O Lago Michigan é um lençol bem azul à esquerda. Coloco minha arca em uma poltrona de veludo e encosto a testa no vidro. Enquanto olho os terraços dos prédios abaixo de nós, escuto um zunido atrás de mim e sinto perto dos pés um sopro fresco saindo dos dutos de ventilação.

— Ei, está com fome? — Nove pergunta.

— Pode ser.

É esquisito, mas a esta altitude tudo parece de mentira: os carros, os barcos na água, os trens deslizando nos trilhos suspensos. Para minha surpresa, eu me sinto seguro; quer dizer, seguro mesmo. Eu de fato sinto que aqui em cima nada pode me alcançar ou me atingir. Há muito tempo não me sinto assim. É quase estranho.

Ouçõ a porta de uma geladeira ser aberta.

— Estou louco para finalmente relaxar — Nove grita da cozinha. — Ei, fique à vontade; tome um banho, coma um pouco de pizza congelada. Temos tempo até para descansar, dormir, antes de telefonar para aquelas garotas. Quando foi a última vez que você pôde dizer algo assim? Cara, é bom estar em casa.

É difícil parar de olhar a vista; é meio hipnotizante. Eu só quero ficar aqui, bem aqui neste lugar, e aproveitar a sensação de segurança. Só seria melhor se Henri, Sarah, Sam e Seis estivessem aqui também.

Algo macio e rugoso acerta minha nuca. Uma barra de cereais.

— Vamos fazer o tour.

Nove está empolgado, como se estivesse louco para exibir seus brinquedos.

Fico mastigando a barra enquanto atravessamos a sala de estar cheia de sofás de veludo e poltronas de couro, Tem uma tevê gigantesca de tela plana em cima de uma lareira de mármore, e na mesinha de centro com tampo de vidro há um vaso com orquídeas de plástico. Tudo aqui está coberto por uma camada de poeira. Passando o dedo em uma mesa particularmente empoeirada, Nove diz que vai chamar uma empresa de faxina para dar um jeito. No corredor, ele abre a primeira porta à direita.

Fico de boca aberta. Do lado de dentro há dois soldados mogadorianos enormes e pálidos, de cabelos negros compridos e vestindo sobretudo preto. Eles estão parados, apontando as armas e prontos para atirar. As semanas de treinamento com Sam e Seis invadem minha cabeça, e eu corro até o que está

mais perto, passo por baixo do cano da arma e dou um gancho no queixo dele e um chute na barriga. O mog fica atordoado e cai de costas. Procuro à minha volta algo que sirva de arma, mas só vejo halteres e luvas de boxe. E então Nove entra correndo e dá um chute brincalhão na virilha e um peteleco no nariz do outro mogadoriano. O mog balança nos calcanhares e cai de lado. Demoro mais um segundo para perceber que estes são apenas bonecos. Nove se curva de rir e, quando finalmente recupera o fôlego, dá um tapinha em minhas costas.

— Ora, ora, belos reflexos! — ele grita.

Sinto meu rosto arder.

— Você podia ter me avisado.

— Está brincando? Estou pensando em fazer isso com você desde que pegamos o el. Cara, foi ótimo!

Bernie Kosar entra no cômodo e fareja o pé de borracha do mogadoriano que eu derrubei. E então olha para mim.

— São para treinamento, BK — Nove diz, cheio de orgulho, fazendo um gesto amplo com o braço. — Chamamos isto de Sala de Aula.

Presto atenção ao lugar pela primeira vez. É um cômodo vazio imenso. Do outro lado, vejo um painel de controle que parece um cockpit. Nove vai até lá, senta-se diante do painel e começa a acionar interruptores e digitar comandos. Das paredes, do teto e do chão, surgem situações de combate e armas. Ele gira a cadeira e se vira para mim, ansioso para ver se estou impressionado. Na mesma hora sinto inveja do tempo que ele deve ter passado aqui. Não consigo disfarçar.

— Isto é...

Olho para o teto. Não consigo nem escolher as palavras. Fico constrangido com tudo o que vim fazendo esse tempo todo. O suposto espaço de treinamento que eu usava era a neve no quintal ou a piscina com Seis e Sam. De repente, estou ressentido com Henri por termos nos mudado tantas vezes, sem que eu recebesse o treinamento de que obviamente precisava para fazer minha parte. Se tivéssemos construído um lugar como este, talvez eu fosse confiante e forte como Nove. Talvez Sandor fosse mesmo um Cêpan melhor.

— Você ainda não viu a melhor parte — Nove diz.

Atravessamos até os fundos da sala de treinamento, e ele abre o que parece uma porta de cofre. Há prateleiras e prateleiras de armas: fuzis, espadas, facas, explosivos e mais. Tem uma parede inteira só para munição.

Nove pega um fuzil automático grande com mira telescópica e o aponta para mim.

— Você nem imagina como foi fácil comprar isso tudo. Adoro a Internet.

Ele vem até mim com a arma e aperta um botão atrás de meu ombro. A parede nos fundos da sala se abre para um estande de tiro maior que uma pista

de boliche. Nove pega uma caixa de munição e carrega o fuzil. E então vejo-o destruir um alvo de papel a quase trinta metros de distância.

— Não se preocupe. Esses cômodos são bem isolados acusticamente, mas estamos tão alto que mesmo assim ninguém poderia nos ouvir.

Outra porta no corredor dá em uma sala de monitoramento. Ele vai até um interruptor perto da porta e o aperta, inclinando-se e aproximando o rosto do botão. Uma luz azul fraca passa pelos olhos de Nove, e os computadores ganham vida. Leitor de retina. Legal, muito legal. Dá para ver que Sandor pôde desenvolver um sistema de segurança de ponta. Há uma dúzia de computadores e um número ainda maior de telas. Temos acesso às câmeras de todos os cem andares do John Hancock Center, e mais o que parecem ser todas as câmeras de Chicago controladas pela polícia. Nove aperta algo em um teclado e a maior tela da sala se acende, exibindo a foto de um homem musculoso usando terno italiano preto, e a beleza do tecido e o corte perfeito são visíveis mesmo na imagem granulada. O homem tem cabelo preto e barba cheia, e está segurando dois laptops. Olho para Nove, sem saber por que ele está me mostrando aquilo.

— Esse é Sandor — Nove diz depois de um minuto. A voz dele está diferente. Soa menos arrogante. Ele olha para mim. Soa vulnerável. — Vamos. Você tem uma decisão a tomar, uma decisão importante. — Ele faz uma pausa dramática. — Qual quarto você vai querer? Tem alguns para conhecer, Não tenha pressa. A pizza não vai demorar.

CAPÍTULO QUINZE

CRAYTON SE COLOCA ENTRE MARINA E ELLA PARA VER MELHOR AS LINHAS entalhadas na montanha. Ele encosta os dedos no centro da porta desenhada e então recolhe a mão.

— Interessante. Está quente. E o que exatamente significa que isto seja uma porta para os cantos mais remotos da Terra?

— É o seguinte — Oito explica. — No máximo, consigo me teleportar uns sessenta metros. Talvez oitenta. E, quanto maior for a distância, pior será a precisão. Uma vez tentei ir para um galho a quase cem metros de altura e acabei entre uma onça e seus filhotes. A situação ficou feia. Esse Legado do teleporte é mesmo genial e tem sido muito útil, mas não é tão fácil quanto parece. Porém, de dentro desta caverna, posso me teleportar pelo mundo.

Ponho as mãos na parede e sinto o corpo se aquecer.

— Como?

Oito se afasta para que Ella e Marina possam tocar a porta.

— Meu palpite é que esta é uma antiga caverna lórica, ou talvez um dos quartéis-generais lóricos, e foi sorte eu ter encontrado, e mais sorte ainda ter descoberto o que podia fazer aqui. De qualquer maneira, com certeza não fui o primeiro lorieno a visitar este lugar.

Ele mal acaba de falar e eu sinto uma onda de adrenalina e medo. Sei que Crayton está pensando a mesma coisa quando ele vira a cabeça para trás e olha na direção de onde viemos, e depois para mim. Faço o que ele está prestes a pedir e me apresso pela passagem, tentando ouvir sinais de movimento. Se esta é uma antiga caverna lórica, deve estar sendo vigiada pelos mogadorianos. Pode haver soldados

esperando por nós, ou dispositivos preparados para alertá-los de nossa chegada.

Olho para Oito.

— Você enlouqueceu? Ficou completamente maluco? Na verdade, acho que nós é que ficamos loucos. Somos os idiotas que seguimos você às cegas para um refúgio lórico conhecido! Este lugar pode estar repleto de armadilhas!

Quando minhas palavras são apreendidas, Marina e Ella se aproximam.

— Ei, ei! Escutem, sinto muito — Oito responde, soltando sua arca. — Vim tantas vezes aqui sem que nada acontecesse que não achei arriscado.

— Não vamos perder tempo com desculpas ou críticas — Marina diz, dando um passo à frente. — Mostre logo como abrir essa porta para podermos ir ao resto do mundo. Ou pelo menos a algum outro lugar!

Crayton concorda com a cabeça, ainda olhando em volta, desconfiado.

— Sim. Vamos entrar aí, onde estaremos menos vulneráveis.

Oito segura o pingente e o estende até o triângulo azul.

— Esperem até ver o que acontece — ele diz, sorrindo.

E então encosta o pingente no triângulo.

A princípio, nada acontece, mas depois de um momento tenso as linhas entalhadas começam a se aprofundar e se estender umas para as outras. Oito solta o pingente no pescoço. Cai poeira dentro da caverna, e nós recuamos alguns passos. Quando todas as linhas se tocam e formam o contorno perfeito de uma porta, a borda da direita se afasta da parede e se abre. Recebemos um sopro de ar morno e ficamos todos imóveis, hipnotizados por uma luminosidade azul que vem de dentro.

Sinto uma energia poderosa me envolver e fico completamente calma.

— Que luz azul é essa? — enfim pergunto.

— É isso que me permite teleportar pelo mundo — Oito responde, como se fosse algo extremamente simples.

Ella caminha na direção da abertura.

— Eu me sinto estranha por dentro.

— Eu também — Marina concorda.

Sorrindo, Oito passa pela porta; Crayton e Ella entram logo em seguida. Eu vou por último. Enquanto subimos outra escada, Oito fala:

— Há alguns anos, enquanto meus Legados se desenvolviam, comecei a ter sonhos muito vívidos, como os que tenho agora com Setrákus e Quatro. Aprendi mais sobre Lorien e os Anciões. Aprendi nossa história aqui na Terra, que ajudamos

os egípcios a construir as pirâmides, que os deuses gregos eram na verdade lorientos, que ensinamos estratégia militar aos romanos, e assim por diante. Em um desses sonhos teve toda uma história sobre se deslocar pela Terra e a maneira como os lorientos faziam isso. Esta montanha estava no sonho. Nós já estávamos na Índia, e eu a reconheci. Depois do sonho, vim aqui e comecei a procurar. Foi aí que encontrei tudo isto.

— É incrível — Marina diz.

A escada termina em outra câmara. O teto é curvo, sustentado por várias colunas irregulares. Percebo que estamos dentro do cume da montanha. Não há nada na câmara além de um conjunto intrincado de rochas dispostas em uma espécie de redemoinho, com uma pedra azul no meio do tamanho de uma bola de basquete.

— Loralite — Crayton sussurra. Ele caminha até o centro da caverna e põe a arca de Marina no chão. — Esta é a maior pedra de loralite que eu já vi.

— É por causa dessa pedra que você pode ir aonde quiser? — Marina pergunta a Oito.

— Bem, aí é que está. — Oito suspira. — Não posso ir aonde eu quiser. Só uns seis ou sete lugares distantes. Precisei tentar várias vezes e acabar em lugares imprevisíveis até perceber que só podia me teleportar para onde houvesse outra dessas pedras grandes de loralite.

— Então aonde podemos ir? — pergunto.

— Bem, até agora fui ao Peru, à Ilha de Páscoa, a Stonehenge e ao Golfo de Aden perto da Somália, mas realmente não recomendo esse lugar por várias razões, e ao deserto do Novo México.

— Novo México — repito na mesma hora, olhando para Crayton. — Se chegarmos lá, poderemos atravessar o país e encontrar John em menos de um dia. Sabemos que será possível circular com facilidade quando estivermos nos Estados Unidos.

Crayton vai até a parede e observa algumas marcações nela.

— Espere. Você está dizendo que não consegue controlar o destino? Isso não é tão promissor quanto eu esperava.

— Não, mas, se quisermos ir ao Novo México e acabarmos em outro lugar, basta nos teleportarmos de novo até chegarmos lá. Não é tão ruim — Oito responde.

— E você sabe se consegue levar todos nós? — pergunto. — Se seu Legado for

como o meu de invisibilidade, poderemos ter um problema. Só consigo deixar outras pessoas invisíveis se elas estiverem segurando minhas mãos.

— Confesso que não sei. Nunca tentei levar mais ninguém.

— Talvez você possa fazer duas viagens — Marina sugere.

— Esses traços são incríveis — Crayton interrompe, chamando-nos para perto das paredes da caverna. — Talvez haja alguma pista aqui.

Ele tem razão. As paredes alaranjadas estão cobertas por centenas de símbolos, pinturas e entalhes até o topo do teto abobadado.

Eu me aproximo, e a pintura verde de um planeta chama minha atenção. No mesmo instante sei que é Lorien, e sinto um nó na garganta. Embaixo da pintura, em azul, há uma figura feminina em cima de outra masculina, e as duas seguram bebês adormecidos. Raios de linhas brancas tracejadas vão da base de Lorien até pouco acima das quatro figuras. Perto da cabeça da mulher, com um estilo diferente de desenho, há três colunas de símbolos alienígenas entalhados.

— Que diabo é isso? — sussurro, confusa.

Alguns metros à minha esquerda vejo o esboço preto e simples de uma nave triangular. Suas asas têm espirais e símbolos detalhados, e há uma constelação minúscula na forma de turbilhão no nariz curvo. Oito se aproxima de mim e aponta a constelação.

— Está vendo? É o mesmo padrão das pedras daqui.

Eu me viro para comparar — ele tem razão. Na mesma hora desejo que Katarina estivesse aqui para ver tudo isso. Eu me pergunto se ela sequer sabia disso. Olho para Crayton, que está examinando os desenhos no teto.

— Você tinha alguma ideia disso tudo? — pergunto.

— Saímos de Lorien com muita pressa. O planeta estava sendo atacado pelos mogadorianos. Não tivemos tempo de reunir tantas informações quanto deveríamos. Sabíamos da existência de lugares como este, mas ninguém sabia exatamente onde eles ficavam ou o que faziam. É evidente que, mesmo com todas as informações que conseguimos levantar antes de sair, não guardamos algumas importantes.

— Venham comigo, pessoal — Oito diz, fazendo um gesto para que o acompanhássemos até um canto escuro da caverna. — Fica ainda mais esquisito.

Ele para diante de um entalhe imenso. Tem três metros de altura e seis de comprimento, e é dividido em cenas diferentes. Como uma história em quadrinhos. O primeiro painel mostra nove crianças na frente de uma nave. Os rostos são

detalhados, e consigo me identificar logo de cara. A imagem de mim como um bebê me deixa abalada.

— Isso estava aqui na primeira vez que você viu a caverna? — Crayton pergunta, virando-se para Oito.

— Sim. Estava tudo aqui, exatamente como vocês veem agora.

— Quem poderia ter feito isso? — Marina pergunta, passando os olhos por toda a parede, fascinada.

— Não sei — Crayton responde.

Ele está com as mãos na cintura, examinando a parede. É desconcertante vê-lo tão confuso.

O painel seguinte mostra uma dúzia de figuras escuras que imagino serem mogadorianos. Eles estão armados de espadas e canhões, e a figura do meio é duas vezes maior que as outras. Setrákus Ra. Os olhos minúsculos e as bocas retas dos mogs são tão definidos, tão realistas, que sinto um arrepio percorrer a espinha. Viro os olhos para a direita, e a cena seguinte mostra uma menina deitada em uma poça de sangue. Comparo o rosto com os do primeiro quadro, e fica claro que é a Número Um. Dois, outra menina, porém mais jovem que a Número Um, também está caída, debaixo do pé de um mogadoriano. Morta. Sinto o estômago revirar quando vejo o Número Três empalado por uma espada em uma selva. O último quadro na fileira do alto mostra o Número Quatro fugindo de dois soldados mogadorianos, pulando por cima de um raio disparado por um dos canhões. Prendo a respiração sem querer. Ao fundo há um edifício grande em chamas.

— Caramba. Aquele é o colégio de John — digo, apontando o último quadro.

— O quê? — Marina pergunta.

Apono a parede.

— Aquele incêndio no colégio de John depois que enfrentamos os mogadorianos. Eu estava lá! Este é o colégio de John!

— Então aquilo no céu é você?

Olho com mais atenção e vejo uma figura pequena de cabelos compridos pairando acima da escola.

— Certo, isso é muito bizarro. Sim. Não entendo. Como alguém...

— Veja, esse aqui é Cinco? — Ella interrompe, apontando para o primeiro quadro na fileira de baixo.

Parado em cima de um pinheiro, uma figura arremessa algo em três mogadorianos no chão.

— Isso é incrível. Está tudo aqui. Está tudo exposto — Crayton diz.— Alguém previu tudo!

— Mas quem? — pergunto.

— Ah, não — escuto Marina murmurar. — Quem é aquele? Quem mais morre?

Passo rapidamente pelos dois quadros seguintes, nos quais começamos a nos reunir, passando por um em que Marina e eu estamos do lado de um lago. E vejo John sair correndo de uma caverna com outra pessoa. Não sei quem é, talvez Sam. Não dá para saber porque o garoto está com a cabeça virada. Então chego ao quadro que Marina está olhando. Com os braços estendidos, um Carde foi atravessado por uma espada. É impossível identificar a figura, porque o rosto foi cortado da parede. Bem embaixo dele, no chão, há pedaços de pedra.

— Que diabo está acontecendo aqui? — pergunto. — Por que só aquele rosto está faltando? — Oito está em silêncio, de cabeça baixa. — Você fez isso?

— Ninguém pode determinar o que vai acontecer — ele diz.

— Então você resolveu simplesmente destruir o desenho? Para quê, exatamente? Torná-lo menos verdadeiro? — Crayton pergunta.

— Eu não entendia nada disso. Não conhecia nenhum de vocês. Pensei que fosse uma história, pelo menos até...

— Sou eu? — Marina interrompe. — Sou eu quem morre?

Penso na mesma pergunta. Sou eu a figura atravessada pela espada? A ideia me dá arrepios.

— Todos vamos morrer um dia, Marina — Oito responde com uma voz estranha.

Ela pega os pedaços de pedra e os examina, virando-os.

Crayton para na frente de Oito.

— Não é porque você destruiu o desenho que isso não vai acontecer. Esconder de nós essa informação não a torna mais ou menos verdadeira ou fadada a acontecer. Vai nos contar quem é?

— Não trouxe vocês aqui para examinar um pedaço rachado da parede — Oito diz. — Vocês precisam continuar... olhem os dois últimos quadros.

Voltamos a prestar atenção. Não vai adiantar nada ficarmos insistindo em saber qual de nós será morto pela espada. Continuamos estudando a parede. No quadro que Oito está indicando, Setrákus Ra encontra-se deitado no chão com uma espada no pescoço. É impossível definir quem é a figura segurando a espada.

Há mogadorianos mortos dos dois lados dele. No último quadro, há um planeta esquisito cortado ao meio. A parte de cima parece a Terra, e vejo a Europa e a Rússia, mas a metade de baixo está coberta de longas listras irregulares. Parece morta e deserta. Uma nave pequena se aproxima da metade superior do planeta pela esquerda, e outra nave pequena se aproxima da metade inferior pela direita.

Estou tentando entender o que isso significa quando ouço Ella arquejar.

— É Oito.

Todos nos viramos e a vemos colocando na frente do buraco na parede os pedaços de pedra que estavam no chão. Ela conseguiu montar o quebra-cabeça. O Número Oito morre no desenho.

— Isso não significa nada — ele diz com firmeza.

Marina põe a mão no braço dele com gentileza.

— Ei, é só um desenho.

— Isso mesmo — Crayton confirma, com um tom suave. — É só um desenho.

Oito se afasta de Marina e volta ao centro da caverna; nós continuamos parados diante da parede gigantesca que conta histórias que ninguém deveria ou poderia conhecer. Alguém previu a morte de Oito. Considerando a precisão dos outros painéis, é difícil pensar em algum argumento convincente para só aquele quadro estar errado. É claro que Oito é sempre brincalhão, com portando-se como se tivesse motivo para não ser tão cauteloso quanto os outros. Ele está tentando se esconder do destino, talvez contrariá-lo. Olho de novo para os dois últimos quadros. A princípio fico aliviada por ver uma espada no pescoço de Setrákus Ra. Mas o fato de que ele ainda esteja vivo na imagem me enfurece. E o que significa o último painel? Mostra um confronto que claramente continua em andamento, sem desfecho definido. E por que o planeta está cortado ao meio? O que a imagem está prevendo?

Crayton pega a arca de Marina, vai até Oito e passa o braço nos ombros dele. Começa a falar em voz baixa.

— O que você acha que ele está dizendo? O que ele pode dizer para fazer Oito se sentir melhor? — Marina sussurra, olhando para mim.

Quando estou prestes a me juntar a Crayton para consolar Oito, uma explosão sacode a caverna e uma onda de fogo entra pela porta. Marina agarra meu braço, e ouço Ella gritar do outro lado da sala. As colunas irregulares que sustentam o teto racham e começam a balançar e se quebrar. Um pedaço grande desaba na direção de Ella, e uso minha telecinesia para protegê-la, empurrando a pedra desmoronada

para longe. Olho para Crayton e Oito no instante em que Oito desaparece.

— O que está acontecendo? — Marina grita, usando telecinesia para proteger nós duas dos escombros enquanto eu protejo Ella.

— Não sei — respondo nervosa, tentando enxergar em meio à fumaça e à poeira.

De repente Oito reaparece no meio da sala. Sangue flui de um ferimento em seu corpo, e ele está pálido.

— Os mogadorianos! — ele grita. — Eles estão aqui.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ESTOU DEITADO NA CAMA, APROVEITANDO MEU QUARTO E OS TRAVESSEIROS incrivelmente confortáveis que encontrei aqui. Quando começo a cochilar, escuto a porta do apartamento se abrir e Nove falar com alguém em voz baixa. Eu me sento na cama assustado, sentindo o coração pulsar nos ouvidos. Então me dou conta — deve ser o porteiro trazendo as caixas.

Volto a me deitar. Bernie Kosar lambe meus pés e avisa que vai arranjar algo para comer.

— Vou lá daqui a pouco — aviso.

Olho para o teto, com as mãos cruzadas embaixo da cabeça. O teto tem uma textura suave. Meus olhos ficam pesados de novo. De repente não estou mais vendo o teto. Estou ao ar livre, e neva.

— Concentre-se, John! — alguém diz atrás de mim.

Viro-me e vejo Henri segurando várias facas de cozinha. Ele está com uma delas levantada acima do ombro.

— Henri? Onde estamos? — pergunto.

— Você bateu a cabeça? — Henri retruca.

Ele está de calça jeans e suéter branco rasgados e sujos de sangue. Há uma luz azul atrás dele, mas, quando tento esticar o pescoço para ver o que é, Henri fica bravo.

— Vamos, John! — ele grita. — Parece que você não está aqui comigo. Precisa começar a se concentrar! Agora!

Antes que eu possa responder, Henri arremessa uma faca em minha direção, e consigo bater nela e desviá-la de meu rosto no último segundo. Ele joga outra faca, e outra, e mais uma. Rebato todas, mas Henri parece ter um suprimento inesgotável. Vou resistindo, mas está ficando cada vez mais difícil. As facas vêm

cada vez mais rápido; rápido demais.

— Não precisávamos ficar fugindo! — grito para ele, desviando-me de duas facas ao mesmo tempo.

Henri arremessa a faca seguinte com tanta velocidade que, quando bato nela, minha mão começa a sangrar.

— Nem todos podem morar em Chicago nas nuvens, John!

Quando vem a faca seguinte, eu a pego pelo cabo e jogo no chão. A neve em torno dela fica preta. Pego outra faca e também a enfio na neve.

— Se tivéssemos encontrado o lugar certo, poderíamos ter morado em um lar de verdade! Nós nem tentamos! E você escolheu Paradise? Dentre todas as opções?

— Fiz o melhor que pude. E era lá que Malcolm Goode estava! Você encontrou o tablet, John! Ainda nem o usou! — Henri grita.

A luz azul atrás dele desaparece, e a escuridão na neve começa a se expandir, até parecer que estamos em um mar negro. Henri levanta uma caixa grande e a arremessa em minha direção. Quando tento me defender, sinto as mãos presas junto ao corpo. Vejo a faca cortar o ar, girando e girando, e sei que ela está prestes a me acertar entre os olhos. Quando ela está a menos de um metro de distância, a mão enorme de alguém aparece e a pega no ar. É Setrákus Ra. Em um só movimento, ele segura a faca com firmeza, levanta-a acima do ombro e volta a baixá-la para me atacar.

Quando a ponta da faca penetra meu crânio, Setrákus Ra grita:

— A pizza está esfriando!

Fico sentado e me vejo de volta na cama, no prédio Hancock. Estou ensopado de suor e respirando com dificuldade. Nove está na porta, segurando uma pizza inteira em uma bandeja. Ele está de boca cheia e fala sem parar de mastigar:

— É sério, cara, você precisa comer enquanto está quente. E ainda quero treinar um pouco antes de sairmos com aquelas meninas.

— Vi Setrákus Ra outra vez — digo. Sei que minha voz parece fraca. Sinto a língua pesada. — E Henri

Nove engole e balança a mão no ar, ainda segurando meia fatia.

— Ah, é? Deixe para lá, são só sonhos. É o que digo a mim mesmo, e costuma dar certo.

— E como exatamente você faz isso dar certo? — pergunto, mas ele já foi embora.

Levanto da cama e cambaleio pelo corredor. Vejo Bernie Kosar atacando um filé descongelado no chão da cozinha. Minha pizza está na mesa, fumegando. Faz tanto tempo que eu não sonho com. Henri que é difícil tirar a visão da cabeça.

Enquanto como minha pizza, penso nas facas voadoras, na neve, em nossa gritaria... e então me dou conta. Henri mencionou o tablet. Não fiz muito mais além de olhar para aquilo. O pouco que mexi nele só me deixou irritado porque parece que não funciona. Pego minha arca na cadeira, abro e tiro o tablet.

Para minha frustração, ele continua apagado, como em todas as outras vezes que o examinei. Não passa de um quadrado de metal branco com uma tela; apagado, inerte, inútil. Não consigo ligá-lo de jeito nenhum. Eu o viro e examino as poucas entradas que ele tem. São triangulares, diferentes de tudo que já vi.

— Nove? — grito.

A voz dele vem da sala de monitoramento.

— Aqui!

Enfio um pedaço de pizza na boca e mastigo enquanto ando, levando o tablet. Nove está sentado em uma cadeira com rodinhas, e apoia os pés entre os monitores na mesa comprida. A maioria das telas está dividida em quatro partes. Nove digita no teclado em seu colo e as telas se alternam. Nenhuma mostra nada interessante.

Nove sorri.

— Quer que eu veja algo antes?

— Sim. Procure um nome. Sarah Hart.

Nove agarra os cabelos pretos.

— Ahhhh! Sério, cara? É incrível como você parece um disco riscado. Com tanta loucura acontecendo, esse é seu primeiro pensamento?

— Esse é meu único pensamento — respondo. — Procure logo.

Nove digita o nome dela, e, para minha decepção, só aparece uma lista de atividades escolares. Eu o faço procurar "Paradise, Ohio", "Sam Goode", "John Smith" e "Henri Smith". Já vi tudo o que surge na tela: o colégio destruído, a acusação de terrorismo doméstico, a recompensa oferecida por informações que levem à nossa prisão. Ponho o tablet branco na mesa diante de mim e o empurro para Nove.

— Escute, preciso que você me ajude com isto.

Descrevo para Nove minha visão e o que Henri falou sobre o tablet.

— Cara, você tem que relaxar — ele aconselha. — Esqueci como você leva os sonhos para o lado pessoal. Vou tentar um negócio com esse tablet.

— Fique à vontade — respondo, suspirando.

Ele o vira algumas vezes, tocando cada centímetro da tela. Depois examina as entradas na parte de trás e estala a língua.

— Acho que... — Nove diz, interrompendo-se para girar na cadeira. Ele vai até uma pilha de caixas marrons abertas no canto da sala e vasculha o conteúdo das duas de cima, dizendo: — Pedi para trazerem estas caixas do depósito junto

com as encomendas que chegaram para Sandor. Queria ver se havia algo nelas que pudesse me dar uma ideia de alguma outra maneira de nos comunicarmos com os outros... — Nove afasta as duas primeiras caixas e pega a terceira da pilha. Abre a caixa, tira dois laptops novos dali e grita:

— Bingo!

Ele se levanta com ar vitorioso e me mostra um fio preto grosso. Por incrível que pareça, uma das pontas do cabo é triangular — igual à entrada do tablet.

— De onde veio isso?

— Não sei. Sandor tinha isso tudo na nave que nos trouxe aqui. Nunca tive a chance de ver a maior parte disso, muito menos aprender a usar qualquer coisa. Algumas vezes tentei descobrir para que servia isso, mas Sandor era muito possessivo, e nunca consegui nada. Quer dizer, na maior parte do tempo eu não sei distinguir o que é da Terra e o que é nosso, e isso também não ajuda.

Nove pega o cabo, aproxima a ponta triangular na entrada triangular do tablet, e prendemos o fôlego enquanto ele tenta encaixá-la. Suspiramos aliviados quando vemos dar certo. Lentamente, Nove insere a outra ponta na entrada USB do computador mais próximo. Uma linha preta horizontal aparece na tela do tablet e em segundos estamos olhando para um mapa da Terra. Um a um, sete pontos azuis pulsantes aparecem: dois em Chicago, quatro na Índia ou na China, e um onde parece ser a Jamaica.

— Hum, cara... — Nove diz em voz baixa. — Acho que somos nós. Tipo, todos nós.

— Caramba, é mesmo. Estamos aí, estamos todos aí — sussurro.

— Com esse tablet, nem precisamos do macrocosmo.

— Espere aí, tem sete pontos, mas sobraram só seis de nós — Nove comenta, franzindo a testa.

Eu endireito as costas.

— Falei para você que havia outra nave, não é?

— É, é — ele responde, de repente transformado em um discípulo ansioso, prestando muita atenção a mim.

— Bem, sabemos que havia uma criança nela, Isso pode significar que ela chegou à Terra, afinal! E isso significa que...

— Setrákus Ra vai ter que lidar com sete de nós, não seis — Nove interrompe. — Quanto mais gente, melhor.

Enquanto estamos pensando nessa nova informação, aparece no canto superior direito da tela do tablet uma caixinha com um triângulo verde dentro. Toco o triângulo e dois pontinhos verdes aparecem no mapa. Um no sudoeste dos Estados Unidos e outro no norte da África, talvez no Egito.

— O que você acha que é isso? — pergunto. — Será que são bombas

nucleares? Bombas mogadorianas? Droga, você acha que eles vão explodir a Terra?

Nove me dá um tapa nas costas.

— Não. Pense só. É óbvio que um mapa com nossa posição está calibrado para, bem, para nós. Bombas mogadorianas são, tipo, uma categoria diferente. Acho que isso aqui são nossas naves, cara!

Estou sem palavras. Até que faz sentido. Se isso for verdade, então talvez algo quase maravilhoso demais para ser possível também seja verdade. Depois que Setrákus Ra estiver morto e a Terra for salva, poderemos voltar para Lorien. Ajudaremos a tirar o planeta da hibernação. Poderemos voltar para casa. De repente, fico desesperado para saber a localização exata do ponto no sudoeste, o que está mais perto de nós.

— Onde é isto? — pergunto, apontando para ele.

Nove abre um mapa em um monitor e diz:

— O ponto a oeste está no Novo México, e o outro no Egito.

Ouvi-lo falar "oeste" me faz lembrar das últimas palavras da agente especial Walker. Minha decisão é imediata e definitiva.

— É para lá que temos que ir. Novo México.

CAPÍTULO DEZESSETE

ASSIM QUE OITO APARECE NO MEIO DA CAVERNA, SANGRANDO sem parar, corro até ele e ponho as mãos no ferimento. O sangue escorre entre meus dedos e por meus pulsos, e, quando outra explosão sacode a montanha, nós dois caímos no chão.

— Sinto muito — ele sussurra. — Isto é culpa minha.

— Shh. Eu posso curar você E meu Legado, Você só precisa relaxar um segundo. — O frio flui de meus dedos para as costelas dele, e no mesmo instante Oito fica tenso de dor. As explosões continuam, e a cada uma Oito reage com uma careta, mas eu não tiro os olhos dele, tentando mantê-lo acordado. — Está tudo bem. Seis está aqui. Ela pode cuidar disso. Nós vamos ficar bem.

Meu tom é completamente confiante, tentando nos convencer disso.

— Talvez seja assim que eu morro, talvez o desenho só tenha errado um pouco... — ele diz.

Aperto com mais força, finalmente sentindo a ferida começar a se retrair com meu toque. Balanço a cabeça com firmeza.

— Não, não é.

No meio do caos, vejo Seis empurrar Ella e Crayton para trás de um amontoado grande de pedras caídas. Ela olha para Oito e para mim, e de repente somos erguidos do chão e levados para junto dos outros. Quando Seis

nos põe no chão, ela diz:

— Vocês todos esperem aqui enquanto fico invisível e vou dar uma olhada na situação. Cure-o, Marina.

Ela pisca para mim. Sua voz me diz que vamos ficar bem se todos nos lembrarmos do que somos capazes. Só vamos sobreviver se trabalharmos juntos.

— Estou tentando — explico, mas ela já ficou invisível.

Embaixo de minhas mãos, os pulmões de Oito se esforçam para acompanhar meu Legado, e o rosto dele fica pálido. Sinto as entranhas se movendo, quase como se resistissem a meus poderes. Mas não é isso. Não pode ser. Ele só está pior do que eu imaginava. Ou meu Legado está enfraquecendo, Mas essa não é uma opção. Começo a entrar em pânico e sinto um embrulho no estômago, Tenho que me concentrar nele e não me distrair com o que está acontecendo à nossa volta.

Ouçõ tiros e os gritos distantes de soldados mogadorianos. Só posso imaginar o que Seis está fazendo lá fora. Quando precisa, ela é uma guerreira impiedosa, um perigo absurdo para quem a ameaça — ou nos ameaça.

— Como ele está? — Crayton pergunta, inclinando-se por cima de Oito e observando a dor no rosto dele e o pânico no meu.

Ella segura a mão de Oito e o faz olhar para ela.

— Está tudo bem. Vai doer, Oito, mas depois você vai se sentir melhor. Confie em mim.

Vejo as palavras tranquilizadoras dela o acalmarem, e ele começa a concordar com a cabeça, apesar das caretas.

Ouvimos um estrondo ensurdecedor acima de nós, e o teto da caverna fica cheio de rachaduras que se espalham rapidamente. A cúpula é um quebra-cabeça que ameaça se desprender a qualquer momento, e de repente cai a primeira peça, uma pedra do tamanho de um carro despencando em nossa direção. Não quero interromper meu toque de cura, mas preciso afastar as mãos do corpo de Oito para poder concentrar toda a minha energia na pedra e desviá-la com a telecinesia, Quando volto as mãos ao ferimento de Oito, parece que estou começando tudo de novo. Tento me consolar com o desenho na parede.

Pode ser uma imagem de Oito morrendo, mas não aqui, não assim.

— Cadê a arca de Marina? — Ella pergunta. — Talvez ali tenha algo que possa ajudar.

Crayton se levanta.

— As duas arcas estão do outro lado da caverna. Vou buscá-las.

— Não!

Ella agarra a manga da camisa de Crayton, mas ele sai correndo. Eu só observo, impotente. Continuam caindo pedaços do teto, e Ella grita para Crayton voltar, para esperar Seis. Minha cabeça está a toda. Seis foi enfrentar sozinha um exército de mogadorianos, e eu sei que preciso esquecer tudo isso e concentrar minha energia em Oito, Sinto o corpo dele cedendo à dor e ao dano que parece não se curar rápido o bastante para salvá-lo. Fecho os olhos com força, mentalizando para que Oito reaja a meu Legado, quando percebo que o ferimento voltou ao tamanho original, como se eu nem o tivesse tocado,

— Ella. — Eu a encaro com os olhos cheios de lágrimas. — Não está dando certo. Não sei o que fazer!

— Precisamos dele, Marina — Ella declara, com a voz determinada. — Concentre-se. Você vai conseguir.

Tento recuperar o fôlego e vejo Crayton escapar por pouco de um pedregulho quebrado.

— Oito. Agüente firme. Eu vou conseguir, você vai melhorar logo — digo quando ele fecha os olhos.

Ignoro o barulho do ataque, ignoro a histeria dentro de mim e digo a mim mesma: eu posso curar Oito, Vou curá-lo, e Seis vai cuidar aos mogs. Temos uma missão, e este não é o fim. Endireito as costas, volto a respirar em um ritmo normal e sinto uma bola de gelo entre meus ombros. Ela desce pela coluna e vai até a ponta dos dedos. A força dessa energia quase me derruba, mas mantenho os dedos no ferimento de Oito. Sinto algo acontecendo dentro dele e começo a respirar mais rápido. Meu coração bate tão depressa que parece prestes a explodir, e então Oito abre os olhos.

— Está funcionando! — Ella grita.

Sinto uma vertigem. Balanço um pouco, mas continuo ereta enquanto o ferimento de Oito se fecha. Sinto as costelas quebradas voltando ao lugar. Depois de alguns segundos me permito relaxar. Estou tão exausta que mal consigo ficar de olhos abertos. Respiro fundo e Oito se senta, Ele toca o local do ferimento, apalpa as costelas e então estende a mão para pegar a minha,

— Nunca senti nada assim — ele diz, incrédulo. — Não sei como agradecer.

Abro a boca para responder quando Seis aparece de repente. Ela está segurando um canhão mogadoriano. Seu rosto está coberto de cinzas. Ela está ofegante, mas controlada.

— Eu os fiz recuar, mas preciso de ajuda lá fora.

Oito fica em pé, meio instável.

— Certo.

— Eu estava pensando em Marina — Seis diz, observando a cena e vendo na mesma hora que Oito não está em condições de ajudar ninguém. Fico honrada por ela querer que eu lute a seu lado, mas sei que estou fraca demais para me manter em pé. — Cadê Crayton? — ela pergunta, olhando em volta.

Eu estava tão concentrada em curar Oito que me esqueci de Crayton. Viro em tempo de vê-lo tirando as arcas de debaixo de um amontoado de escombros. Ele então segura as duas e começa a voltar para nós. Quando Seis começa a ir ajudá-lo, uma explosão destrói o que restava do teto. Pedacos grandes de pedra coberta de neve caem dentro da caverna, e em seguida vêm centenas de balas. Oito fica perto de Ella, usando a telecinesia para desviar escombros e tiros. Seis começa a disparar com o canhão mogadoriano para o céu recém-aberto. Outra explosão, e alguns segundos depois uma nave prateada igual à que vi no fundo do lago cai bem acima de nós na montanha que está sendo destruída. Um soldado mogadoriano ensanguentado faz esforços desesperados para sair do cockpit. Tento me levantar enquanto ele arrebenta o para-brisa com um soco, e antes que ele consiga sair eu uso a telecinesia para esmagá-lo com dois pedregulhos. Uma nuvem de cinzas flutua até o chão.

Um foguete entra na caverna e destrói a parede mais próxima de Crayton.

As gravuras em painéis que nos fascinaram há pouco são destruídas. A explosão joga Crayton para o meio da caverna, e ele cai perto da pedra azul de loralite enquanto as arcas deslizam pelo chão. Ele não está se mexendo. Fico sem reação — tudo aconteceu muito depressa.

— Papai! — Ella grita.

Embora as paredes estejam caindo à nossa volta, Ella e eu corremos até Crayton. A menina pega a mão dele. Ponho a minha no corpo caído e fecho os olhos, tentando encontrar um sinal de vida, algo que possa aproveitar, curar, mas não há nada.

— Salve-o! — Ella grita para mim, seu rostinho contorcido de angústia. — Marina, por favor, você consegue! Você consegue curá-lo!

— Estou tentando — digo, mas minha voz é um soluço.

Ele está morto. O Cêpan dela se foi.

— É só se concentrar como você fez com Oito! Você consegue fazer de novo!

Ella está desesperada, afagando a cabeça de Crayton e batendo na mão dele.

Pelo canto do olho vejo Seis correr em nossa direção atirando para o céu. Oito se teleporta para meu lado. Ele se inclina para mim e diz:

— Você consegue curá-lo. Vamos lá, Marina.

Começo a chorar. Não consigo. Sei que não há nada para ser curado, mas não paro de tentar invocar meu Legado, implorando para ele funcionar. Mas Crayton está morto; não há nada com que meu Legado possa se ligar. Movo as mãos pelo peito e ventre esmagados dele. Consigo sentir todos os ossos quebrados. Ella vem para trás de mim e empurra meus ombros, aumentando a pressão de minhas mãos em Crayton.

Seis para de atirar e pega meu braço. Ela me encara. Balanço a cabeça.

Ella cai de joelhos, soluçando. Rasteja para Crayton e sussurra no ouvido dele:

— Deixe Marina curar você. Por favor, não vá. Por favor, papai. — Ela olha para mim, o rosto coberto de lágrimas. Fala com raiva: — Você nem tentou, Marina! Por que não quer tentar?

Limpo minhas lágrimas no ombro.

— Eu tentei, Ella. Tentei, e não havia nada que eu pudesse fazer. Ele já havia partido. Sinto muito,

Fico apoiada nos calcanhares, mas continuo com as mãos no corpo de Crayton.

Um foguete atinge a parede do outro lado da caverna, arrancando-a da montanha. Sabemos que atrás do buraco há uma queda de seiscentos metros, O vento frio do exterior nos atinge. Oito se vira para Seis:

— Dê-me o canhão. Eu já volto.

Seis hesita por um segundo antes de entregar a arma. Oito desaparece, e quando olho para cima eu o vejo correndo pela beirada instável do buraco, saltando de um ponto a outro à medida que as rochas desmoronam. Mesmo correndo, ele nunca para de atirar. Logo duas naves prateadas mogadorianas explodem em bolas de fogo.

Continuo passando as mãos pelo corpo de Crayton, mas Seis me põe de pé,

— Pare. Ele se foi.

Olho para Crayton, o rosto endurecido, as sobrancelhas espessas, e me lembro da primeira vez que o vi naquele café da Espanha. Pensei que ele fosse meu pior inimigo. Mas ele salvou minha vida. Estendo as mãos para tentar outra vez, mas Seis me abraça. Sinto as lágrimas dela em meu pescoço. Ela sussurra para mim, tocando minha orelha com os lábios:

— Não há nada que possamos fazer.

Soluçando, Ella pega a mão esquerda de Crayton, beija-a e a aperta no rosto.

— Amo você, papai.

— Sinto muito — repito.

Ela olha para mim e tenta falar, mas não consegue. Com delicadeza, põe a mão de Crayton no peito dele e a afaga mais uma vez antes de se levantar. Oito reaparece perto de nós e devolve o canhão para Seis. Outra rajada forte de vento gelado nos atinge e afasta um lado do casaco de Crayton. Todos vemos ao mesmo tempo — um envelope branco no bolso interno. No lado de fora está

escrito PARA ELLA.

Seis pega o envelope e o coloca nas mãos da menina.

— Ella. Preste atenção. Eu sei que você não quer deixá-lo. Nós também não queremos. Mas, se não sairmos daqui agora, também vamos morrer, Você sabe que Crayton ia querer que fizéssemos o que fosse necessário para sobreviver, certo? — Ella concorda com a cabeça. Seis olha para Oito. — Muito bem. Agora, como nos teleportamos para fora daqui? A montanha está muito destruída para isso ainda funcionar?

— Ella, segure minha arca! Marina, pegue a sua — Oito diz, levando-nos para a pedra azul brilhante de loralite. — Seis, você vai ter que segurar o braço de alguém para podermos ir todos ao mesmo tempo.

— Ele olha para a destruição à nossa volta com uma expressão grave.

— Espero muito que isso funcione.

Oito pega a mão de Ella e a minha. Seis passa o braço em meu outro cotovelo. Olho para os pedaços da parede que nos falou de nosso futuro e nosso passado. Penso em todos os lorienos que estiveram aqui antes de nós. Fico triste porque seremos os últimos a ver tudo isso. Mas também penso em nossa responsabilidade como últimos lorienos. Olho para Crayton pela última vez, agradecendo-lhe por tudo que ele fez.

— Certo. Lá vamos nós — Oito diz.

Depois, tudo fica preto.

CAPÍTULO DEZOITO

DE REPENTE, NOVE SE SENTA NA BEIRADA DA CADEIRA.

— Caramba! Quatro! Veja só. Eles se moveram.

— Quem se moveu?

Pego o tablet da mão dele. Os pontos azuis que nos identificam mudaram de posição. Bom, alguns deles. Ainda há um ponto azul na Jamaica e dois em Chicago. Mas agora três estão no litoral da África e um no Novo México. Relaxo ao perceber que ainda são sete pontos, mas não entendo como mudaram de lugar tão rápido.

— Como eles fizeram isso?

— Não faço ideia — Nove diz. — É como se eles tivessem se teleportado ou pulado pelo espaço. Talvez tenham encontrado um portal ou algo do tipo.

— Henri disse que portais não existem — lembro, balançando a cabeça.

— Sim, bem, nem alienígenas, de acordo com algumas pessoas. Na verdade, muitas pessoas.

Ele tem razão. Talvez Henri estivesse enganado.

— Um Garde está no Novo México, Nove. Perto do que você acha que talvez seja nossa nave. Isso não pode ser coincidência. Será que estão indo atrás dela?

— Cara, espero que não. Ainda não é hora para isso mesmo. Temos um monte de problemas para resolver antes de sairmos da Terra.

Olho para o ponto azul pulsando no Novo México e toco o triângulo verde, revelando de novo onde as naves lóricas estão escondidas. De jeito nenhum esse aí foi parar tão perto por acaso. Incluindo o fato de que, pelo que me falaram, Sarah está no oeste, talvez junto com Sam, estou convencido.

— É sério, Nove. É para lá que vamos. Novo México. Agora. Tudo que temos

visto e descoberto aponta para lá e diz que precisamos ir agora mesmo. — Saio da sala correndo, fecho minha arca com uma batida da tampa e a coloco ao lado da porta da frente. — BK?

Bernie Kosar vem até mim trazendo na boca o osso do filé.

Nove me segue.

— Cara. Calma. Aí. Nós não vamos sair correndo para o Novo México! Principalmente depois do que acabamos de ver! Esses caras estão se teleportando de um lado para o outro. Até entrarmos no elevador, eles podem estar na Antártida! Ou na Austrália! Ainda não sabemos de muita coisa. Não temos certeza nem de que isso é nossa nave. E se for uma armadilha?

Nove para na frente da porta e cruza os braços. Sei que devo parecer um lunático apertando o botão do elevador, tentando fingir que Nove não está aqui me impedindo.

As palavras jorram de minha boca.

— Devemos ir assim mesmo. Ainda que o membro da Garde que estamos vendo agora desapareça antes de chegarmos lá. O Novo México continua sendo o único destino óbvio para nós. — Estou desesperado para convencê-lo. — Podemos levar algumas de suas armas.

Minha cabeça está a mil. Entro correndo na sala de treinamento e vou para o armário de munição. Estou avançando pelos tatames na direção do armário quando escuto as argolas de metal baterem no teto. Nove cai diante de mim e levanta as mãos.

— Epa. Calma aí, parceiro. Respire — ele pede, com as palmas viradas para mim. — Eu acho que devíamos ir a Paradise.

— Está de sacanagem comigo? Agora você quer ir a Paradise?

Vou matar esse cara.

— Fiquei pensando enquanto você dormia. Precisamos voltar para onde você encontrou o tablet. Você disse que havia muitos papéis lá, sem contar o esqueleto e alguns mapas. Acho que estamos deixando passar algo que pode ser a chave para acabarmos com Setrákus Ra.

— Você não está entendendo — respondo, tirando-o da frente. — Tem alguma coisa acontecendo no oeste neste segundo. Você tem carro?

Ele me dá um empurrão forte nas costas. Quase caio, mas consigo me equilibrar. Fico parado de costas para ele, furioso.

— Eu tenho um carro, mas vamos a Paradise primeiro. Precisamos encontrar algo que nos ajude na luta.

— De jeito nenhum.

Viro e o empurro também, e de repente nossos braços estão prendendo a cabeça um do outro. Nove me dá uma rasteira, e eu caio no chão.

Bernie Kosar late, mandando a gente parar.

— Relaxe, BK — Nove diz, acenando para ele. — Considere isto um exerciciozinho leve antes de irmos para Ohio.

— Certo. Agora vamos treinar — respondo enquanto me levanto. — Depois de tudo que acabamos de descobrir.

Nove me dá um soco rápido, e eu me esquivo. Mas não consigo evitar o gancho de direita. Parece que minhas costelas foram atingidas por um aríete. Caio de joelhos, agarrando o torso, e ele me acerta um chute no meio do peito e me derruba no chão.

— Vamos, cara! — ele grita para mim. — Não dá para fazer um esforço? Você acha que pode correr para o deserto, enfrentar qualquer inimigo que aparecer no caminho, mas não consegue me enfrentar?

Fico em pé de repente e o surpreendo com um soco certo no estômago. Quando ele se curva, dou uma joelhada na boca dele.

— É assim que eu gosto, Quatro! — Está saindo sangue dos lábios cortados de Nove, mas ele sorri para mim. Ficamos contornando um ao outro. — Já sei. Como parece que você vai conseguir me dar trabalho, tenho uma proposta. Se você ganhar de mim, vamos para o Novo México. Imediatamente. Eu até deixo você dirigir. Mas, se eu vencer, passaremos mais algumas horas aqui, pensando um pouco e bolando um plano de verdade. Depois vamos a Paradise e entramos naquele poço.

— E você diz que eu sou covarde.

Continuamos nos contornando, e trocamos golpes devastadores. Ouço uma costela dele se partir quando o acerto com o cotovelo direito. Giro e tento bater com o outro cotovelo, mas Nove dá um chute forte em meu joelho esquerdo. A cartilagem se rompe e sinto a dor se espalhar pela perna. Mancando, posso dar mais alguns socos, mas não consigo sair do lugar, o que é uma grande vantagem para Nove. Ele pula para trás de mim e me dá uma rasteira na perna direita. Bato a cabeça no chão, e o mundo fica branco. Quando me dou conta, percebo que Nove está prendendo meus braços com os joelhos. A luta acabou. E com ela se vai nossa chance de encontrar o membro da Garde no oeste.

— Vou buscar uma pedra de cura — Nove avisa, levantando-se devagar.

Com a visão turva, fico olhando enquanto ele sai da sala segurando o próprio torso. Bernie Kosar gane.

— Isso é bobagem, sabe? — grito para Nove. — Você não pode decidir desse jeito! Aquele Garde no Novo México pode morrer sozinho, e você nem se importa com isso!

A voz de Nove retumba pelo apartamento:

— Somos soldados, Johnny! E soldados morrem. Fomos mandados para cá

para treinar e lutar, e alguns não vão sobreviver. É a natureza da guerra.

Vou devagar para a sala de estar, mancando com a perna boa. Vejo pelas janelas que o sol está se pondo. BK está sentado no chão, na última porção de luz, olhando para mim. Ele implora para que nos sentemos para conversar e planejemos nosso próximo passo de cabeça fria.

Nove entra na sala encostando uma pedra de cura nas costelas. Ele a joga para mim, e logo a ponho no joelho esquerdo. Em meio à dor, sinto a cartilagem se recompondo lentamente. Em pouco tempo, tudo volta ao lugar e a dor desaparece de vez. Apoio a mão na moldura da janela e digo:

— Se não partirmos para o Novo México, então vamos pegar Setrákus Ra. Agora mesmo. Você e eu. Pode ser que os mogadorianos morram todos se o eliminarmos, e assim salvamos dois mundos.

Nove se senta em um sofá de couro e apoia os pés no vidro da mesinha de centro. Ele suspira e fecha os olhos.

— Desculpe, Johnny, mas, mesmo que Setrákus Ra morra, os mogs vão continuar lutando. Da mesma forma que Pittacus Lore morreu e nós ainda lutamos. Pare de procurar uma saída fácil e encare: vamos lutar até que o último mogadoriano morra.

Olho pela janela e reúno forças para dizer o que tenho pensado há semanas, desde que li a carta de Henri:

— Pittacus não está morto. Eu sou Pittacus.

— O que você disse?

Viro-me para Nove:

— Eu disse que sou Pittacus Lore.

Nove joga a cabeça para trás e ri tanto que quase cai do sofá.

— Você é Pittacus? Por que raios você acha que é Pittacus Lore?

— Eu sinto. É por isso que Lorien está hibernando. Pittacus vive em mim.

— Ah, é? Quer saber? Acho que também estou sentindo — Nove debocha, alisando o próprio peito. Ele se levanta e se aproxima de mim.

— Mas, ei, se você é Pittacus, o Ancião mais forte, o mais sábio de Lorien, então eu acabei de esculachar Pittacus, O que será que eu sou?

— Sortudo — respondo, arrependido por ter falado qualquer coisa.

— É mesmo? Parece que alguém quer uma revanche.

Chega, Bernie Kosar diz. Parem de brigar. Poupem suas forças.

Eu o ignoro.

— Certo. Uma revanche, então.

— Se você quer me encarar de novo, vamos mudar de terreno. E para deixar tudo ainda mais interessante, Pittacus, proponho que cada um use um objeto de sua arca.

— Certo.

Abro minha arca e vou direto para a adaga de dez centímetros. O cabo vibra assim que eu encosto nela e logo envolve meu pulso. Vejo que ainda há cinzas de mogadorianas nos sulcos; o cheiro me enche de vontade de brigar de novo.

Nove pega o bastãozinho prateado com a mão direita. Certo, isso me deixa nervoso; eu vi como ele dizimou um monte de pikens em West Virginia com aquilo. Nove balança o dedo para mim ao ver minha adaga.

— Ah, ah, ah. Eu disse um objeto.

— Estou com minha adaga. Só isso. E só preciso dela.

— E esse seu bracelete bonitinho?

— Ah, eu tinha esquecido. Provavelmente é a melhor opção para mim. Obrigado.

Jogo a adaga de volta na arca.

— Venha comigo — Nove diz.

Ignorando as súplicas de Bernie Kosar, acompanho Nove pelo apartamento e entramos no elevador em silêncio. Imagino que a briga será no subsolo escuro do prédio, em meio a colunas e paredes de cimento, onde nossos poderes estarão escondidos do mundo. Em vez disso, nós subimos. O elevador se abre, e Nove digita em um teclado numérico ao lado da porta diante de nós, que se destranca com um estalo. Estamos no terraço do John Hancock Center.

— Não mesmo, de jeito nenhum. Muita gente pode nos ver aqui em cima! — digo, balançando a cabeça e me virando para dentro.

Nove sai para o terraço.

— Ninguém pode nos ver aqui em cima. É por isso que é tão bom estar no topo de um dos edifícios mais altos da cidade.

Não quero dar a impressão de que estou amarelando, então vou atrás dele, mostrando muito mais de confiança do que sinto. Mas não estou preparado para a ventania que me atinge com força e quase me joga de volta para a porta. Nove continua andando, os cabelos pretos se agitando na cabeça, e parece indiferente à fúria do vento. A camiseta branca infla em seu corpo, e ele a tira e a deixar voar para fora do parapeito. Quando chega ao centro do terraço, Nove mexe o pulso, e o bastão prateado se expande nas duas extremidades até se tornar um cajado de quase dois metros de comprimento e ficar com um brilho avermelhado. Ele olha para mim e faz um gesto com a mão, indicando para eu me aproximar. Como se eu fosse um equilibrista, respiro fundo e vou até ele pondo um pé na frente do outro. Estamos sob a sombra gigantesca da antena branca enorme do outro lado do terraço, e, enquanto me aproximo, Nove se vira e corre para lá.

Nem imagino o que ele vai fazer, então paro e espero para ver. Sem diminuir o ritmo, ele corre até o topo da antena. Ela está oscilando com o vento, e fico

tonto só de olhar para Nove balançando lá em cima. Nove ergue o cajado sobre a cabeça e, antes que eu me dê conta do que ele está fazendo, arremessa-o. Assim que solta o cajado, Nove pula de cabeça, e vejo dois objetos voadores vindo em minha direção ao mesmo tempo. Consigo com um pulo sair do caminho do cajado pontudo e o vejo cravar-se inclinado em uma viga de metal. Viro para encarar Nove e, quando ele está prestes a atacar, dou um golpe tão forte que o jogo pelo terraço.

Estendo o braço e arranco o cajado vermelho da viga. Henri nunca me treinou com nada parecido, mas eu giro a arma por cima da cabeça e ataco assim mesmo. Nove fica de pé e se prepara. Tento atingir o corpo dele com o cajado, mas Nove o bloqueia com o pulso e responde com um chute dirigido para meu joelho recém-curado. Recolho a perna para me esquivar, mas ele consegue segurar o cajado. Disputamos a arma, andando e chutando, esquivando e bloqueando. Ele usa telecinesia para tirar meus pés do chão. Começo a resistir, mas então percebo que posso tirar vantagem com a ajuda do vento forte daqui. Coordenando meus movimentos com uma rajada poderosa, pulo por cima do cajado; em uma fração de segundo, estou atrás de Nove prendendo o cajado em seu pescoço.

— Devíamos estar a caminho do Novo México — digo, arrastando-o na direção do elevador.

Nove me acerta uma cabeçada bem no nariz, e eu solto o cajado. Ele o pega enquanto eu cambaleio para trás e bato em um quadro elétrico.

— É você quem está falando, Johnny? Ou é Pittacus? — ele debocha enquanto ataca com o cajado.

Meu bracelete se expande bem a tempo de me proteger. O golpe acaba partindo ao meio o quadro elétrico perto de mim. Fagulhas voam para todos os lados e me atingem por trás do escudo. Quando elas atingem minha camisa, deixo o fogo avivar e se espalhar. Meu escudo se retrai, e Nove fica me encarando, abalado ao ver meu corpo em chamas.

Ele supera a surpresa.

— Por que você não virou uma bola de fogo humana quando éramos do mesmo time? — ele grita.

O fogo que me envolve crepita e vibra com o vento forte. Caminho na direção de Nove. Ele pode achar que isso é tudo brincadeira. Eu não acho.

— Terminamos?

— Não.

Ele sorri.

Formo uma pequena bola de fogo na mão. Acho que vai ficar bem claro que não vejo graça nenhuma na situação se eu arremessar a bola de fogo nas pernas

dele, mas Nove a rebate com a ponta do cajado como se fosse um jogador de hóquei. Jogo mais duas bolas de fogo, uma mais rápida que a outra, mas ele as desvia com a telecinesia. A primeira rola e se esgota sem acertar nada; a outra vai até a beirada de um exaustor. O calor derrete a cobertura, e o vento forte arranca a tampa inteira da hélice enorme, deixando-a exposta.

Levanto as mãos para criar uma bola do tamanho de uma geladeira, mas, enquanto ela cresce, Nove avança com o cajado acima do ombro. Ele apoia uma extremidade da arma no chão e se joga com os pés voltados para meu peito flamejante. Grita de dor quando a sola de seus sapatos acerta meu corpo em chamas, e eu sou lançado para trás. O mundo que até então era vermelho e amarelo agora se torna cinza e azul. Em minha última volta, percebo que estou voando direto para o exaustor aberto. No último instante, estico braços e pernas e consigo me segurar a centímetros das pás. Pulo no chão e me afasto, mas o exaustor é forte o bastante para quase apagar o que resta do fogo em meu corpo.

— Tentando esfriar a cabeça? — Nove pergunta com as mãos na cintura, como se estivesse apenas observando minha técnica.

Ele tira os sapatos derretidos.

— Estou só me aquecendo!

Levanto de um salto e me preparo para reagir ao próximo ataque dele.

Nove corre para a esquerda e eu vou atrás. Ele salta por cima de uns canos e sobe no parapeito elevado. Mais uma vez, vou atrás. Agora estamos a poucos centímetros de uma queda de centenas de metros até a rua lá embaixo. Para meu total espanto, Nove então dá um passo no vazio. Grito e me inclino para segurá-lo, mas então vejo que ele não está caindo para a morte. Está parado na horizontal em uma janela, com os braços cruzados e o mesmo sorriso largo no rosto. Debrucei-me demais para tentar agarrá-lo e agora giro os braços desesperadamente para recuperar o equilíbrio. Mas não consigo me segurar e de repente estou ainda mais inclinado para o abismo. Nove corre de volta para cima do prédio e me dá um soco poderoso no queixo. Caio para trás, mas nem tenho a chance de chegar ao chão. Nove me pega pelo pescoço, gira e me segura para fora do parapeito.

— Agora, Número Quatro. Para me convencer a pôr você são e salvo no chão, você só precisa dizer, — Com a outra mão, ele segura o cajado acima da cabeça. — Diga que você não é Pittacus.

Tento chutá-lo, mas ele me mantém afastado, fora do alcance. Acabo balançando de um lado para o outro como um pêndulo.

— Diga — ele repete, cerrando os dentes. Abro a boca, mas não consigo rejeitar o que tenho tanta certeza de que é a verdade. Acredito que sou Pittacus Lore, Acredito que sou aquele que pode e vai acabar com esta guerra. — Você

quer ir correndo ao Novo México para encontrar nossa nave. Nem passa por sua cabeça que isso pode ser uma armadilha. Depois você fala de enfrentar Setrákus Ra, mas não consegue nem me vencer em uma briga. Você não é ele. Não é Pittacus. Portanto, pare com essa bobagem agora mesmo. Diga logo, Quatro.

Ele aperta meu pescoço com mais força. Minha visão fica turva. Olho para o céu sem nuvens, e ele fica vermelho como na noite em que os mogadorianos invadiram Lorien.

Vejo relances do rosto dos lorienos que foram assassinados. Seus gritos ecoam em meus ouvidos. Vejo as explosões, o fogo, toda a morte. Vejo crianças lorienas entre os dentes de krauls. A dor que sinto por todos eles neste momento é tão esmagadora que eu sei que posso suportar qualquer tortura agora, inclusive Nove apertando meu pescoço.

— Diga!

— Não posso — consigo esganiçar.

— Você está delirando! — ele grita, apertando com mais força.

Agora vejo as bombas caindo em Lorien. Vejo os corpos destroçados de meu povo, meu planeta sendo destruído. No alto de uma pilha de corpos, vejo meu pai morto vestido com seu traje prateado e azul. Nove me sacode com violência, e meus pés balançam descontrolados.

— Você não é Pittacus!

Fecho os olhos para escapar das visões de carnificina que desfilam diante de mim, com medo do que virá em seguida. Vejo em minha mente a carta de Henri. "Quando vocês dez nasceram, Lorien reconheceu seu coração forte, sua determinação, sua compaixão, e portanto conferiu-lhes o papel que teriam de assumir: o papel dos dez Anciões originais. Isso significa que, com o tempo, aqueles de vocês que sobreviverem se tornarão muito mais fortes que qualquer outra coisa que Lorien jamais tenha visto, muito mais fortes até que os dez Anciões originais de quem receberam suas Heranças. Os mogadorianos sabem disso, e essa é a razão pela qual os caçam com tanto empenho agora."

Seja qual for o significado disso tudo, sei que Nove não me mataria.

Cada membro da Garde é muito importante, seja ele Pittacus ou não. O mais importante de tudo, mais importante que qualquer briga entre mim e ele, é nos reunirmos e lutarmos como um só, como a Garde que nascemos para ser. Isso não é um grande consolo, considerando que meu corpo ainda balança quando sinto uma ligeira mudança no vento.

A mão em meu pescoço se abre, e meu estômago se revira quando começo a despencar. Será que eu me enganei? Mas sinto os pés tocarem o chão em menos de um segundo. Abro os olhos e descubro que estou de novo no terraço. Nove se afasta, de cabeça baixa. Ele vira o pulso, e o cajado vermelho longo volta a ser

uma pecinha prateada.

— Na próxima vez, eu solto você! — ele grita por cima do ombro.

CAPÍTULO DEZENOVE

ESTOU CAÍDA DE CARA NA AREIA ESCALDANTE. ELA ENTRA NA BOCA, NO NARIZ, mal consigo respirar. Sei que preciso me levantar, tentar me virar, mas meus ossos doem demais. Fecho os olhos com força, tentando ignorar a dor no corpo todo. Finalmente reúno forças para me erguer, mas, quando ponho as mãos no chão para me apoiar, a areia queima. Caio de novo.

— Marina? — falo com um gemido.

Ela não responde. Ainda não consigo abrir os olhos, mas tento ouvir qualquer sinal de vida. Só escuto o vento e a areia batendo em meu corpo.

Tento falar de novo, mas só consigo sussurrar:

— Marina? Alguém me ajude. Oito? Ella? Alguém?

Estou tão confusa que chamo até Crayton. Enquanto espero e torço por uma resposta, lembro-me do corpo morto de Crayton. Vejo tudo acontecer outra vez. As lágrimas de Ella. O ataque dos mogs. Eu me segurando no cotovelo de Marina e Oito dizendo:

"Lá vamos nós."

O sol em cima de mim está tão quente que meu cabelo parece um cobertor de fogo em meu pescoço e meus ombros. Finalmente consigo me deitar de costas, e levanto o braço para proteger os olhos do sol escaldante. Devagar, piscando, abro os pouco a pouco. Não vejo ninguém. Só areia. Fico em pé com dificuldade e ouço a voz de Oito ecoando em minha cabeça:

"Espero muito que isso funcione. Nunca tentei levar mais ninguém."

Bem, parece que não funcionou. Ou funcionou, mas não para mim, para todos nós juntos. Onde Ella e Marina foram parar? Estão juntas? Oito está com elas?

Estamos todos em cantos diferentes do mundo? Ou eu sou a única sozinha? Meu cérebro está frenético, remoendo todas as possibilidades. Se, além de perder Crayton, fomos também separados, isolados, estamos muito mais longe de nosso objetivo. A frustração e o pânico me fazem passar mal, Tudo pelo que trabalhamos, tudo o que sacrificamos para ir à Índia e encontrar Oito... pode ter sido em vão.

Estou sozinha debaixo de um sol abrasador e um céu sem nuvens, e não faço ideia de onde estou e de como raios vou encontrar outra alma, seja ou não alguém da Garde. Olho em todas as direções, torcendo para ver Marina cambaleando no topo de uma duna e acenando com a mão levantada, com Ella vindo logo atrás, ou um Oito risonho dando piruetas pelo mar de areia, mas à minha volta existe apenas um deserto desolado.

Penso no que Oito nos disse sobre como funciona o Legado de teleporte dele. Onde quer que eu tenha vindo parar, sei que estou perto de uma das pedras azuis de loralite. Embora não tenha esse Legado do teleporte, espero mesmo assim poder usar a pedra de loralite de algum jeito. Caio de joelhos e começo a cavar furiosamente. Não tenho como saber onde a pedra está, onde começar a procurar, mas estou desesperada. Tão desesperada que mal sinto a areia queimar meus dedos.

Mas as únicas pedras que encontro são minúsculas, rachadas e comuns. Sem fôlego, com suor escorrendo pelo rosto e entrando nos olhos, enfim paro e me sento. Não posso gastar minha pouca energia desse jeito. Preciso encontrar água e abrigo, inclino a cabeça e ouço o vento, tentando perceber algum tipo de sinal, mas não há nada nem ninguém. Nada além de areia e dunas até onde a vista alcança. E, portanto, só me resta andar. Olho para o sol, oriento-me por minha sombra e começo a avançar pela areia.

Vou para o norte. Exposta aos raios abrasadores, com a dor da areia quente batendo em meu corpo inteiro e os olhos ardendo por causa do suor, sinto-me mais vulnerável do que nunca. Em todas as direções, vejo apenas o mesmo cenário interminável, e sei que meu corpo não vai suportar esse sol intenso por muito tempo. Dou mais alguns passos difíceis, e então fico invisível para escapar do calor implacável. Assim será mais difícil alguém me encontrar, mas não tenho escolha.

Em seguida começo a flutuar usando telecinesia, só para tirar os pés da areia quente. A posição mais elevada só confirma minha observação de areia, areia e mais areia. Sempre que passo por uma duna, estreito os olhos e torço para ver alguma estrada ou qualquer sinal de civilização. Mas as únicas mudanças, as únicas variações na paisagem infinita de areia são cactos diabolicamente floridos e pedaços de

madeira petrificada. O céu limpo e sem nuvens debocha de mim, não me oferece sequer um fiapo para eu transformar em tempestade. Quando rasgo o primeiro cacto que encontro, fico arrasada ao descobrir que não contém água suficiente nem para começar a aplacar minha sede.

Depois de um tempo, quando minha energia e meu ânimo estão quase no fim, vejo montanhas no horizonte, o que significa pelo menos alguma possibilidade de salvação. Elas parecem estar a, no mínimo, mais um dia de caminhada, embora seja difícil saber com certeza. Elas sem dúvida estão longe demais para eu alcançar hoje, e isso basta para abater minhas esperanças. Sei que preciso encontrar abrigo.

Fico visível e torço para que alguém me perceba. Olho para o céu e encontro o primeiro grupo de nuvens do dia. Meu coração dá um salto, e sinto uma pequena descarga de energia que eu nem sabia que tinha. Concentro-me em criar uma tempestade, só uma pequenina, em cima de mim. A chuva é breve, mas ainda assim é incrível. Só por causa dela não caio nem desisto.

Continuo andando até enfim encontrar uma cerca baixa de arame farpado. Do outro lado, vejo os traços de uma estrada de terra. É o primeiro sinal de civilização que encontro, e fico tão feliz que consigo até apertar o passo para chegar lá. Sigo a estrada por mais ou menos um quilômetro e meio até encontrar uma colina pequena, que consigo subir até o topo. Do outro lado, por um milagre, vejo o contorno de vários edifícios pequenos. Não consigo acreditar. Devo acreditar? Só pode ser miragem.

Mas, não. Quanto mais me aproximo, mais me convenço de que essas estruturas, esses sinais de vida, são reais, infelizmente, quando me aproximo, vejo que os edifícios estão cheios de buracos; esqueletos de madeira caindo aos pedaços, abandonados ao ataque incansável do deserto. Esses edifícios representam o que acontece quando se vem parar em um lugar assim. Vim parar em uma cidade fantasma.

Antes de me permitir ser derrotada pela decepção, tento pensar no que pode ter sido deixado para trás. Antes que os fantasmas se instalassem. Encanamento? Um poço? Cambaleio pelo lugar, olho dentro e fora das construções, à procura de alguma fonte de água. Fui reduzida a apenas esse ingrediente essencial. Preciso encontrar água. Todo mundo precisa de água, então tem que haver um pouco em algum lugar, certo?

Não. Ou, pelo menos, nada que eu consiga achar. Imagino que tenha existido um poço em algum momento, mas agora não há nenhum. Soterrado por areia,

destruído por alienígenas, quem sabe? Nunca senti tanto desespero. Sozinha, sem água, sem comida, sem abrigo adequado.

— Tem alguém aqui? Por favor! Alguém! Qualquer um! — grito o mais alto possível.

Uma viga de madeira range em algum lugar à minha direita. Não é bem a resposta que espero.

Olho o interior de cada edifício; como eu imaginava, estão todos vazios. Depois de confirmar minha solidão, resolvo descansar um pouco na esquina do que acredito que tenha sido um mercadinho. Só para me distrair, tento imaginar o edifício cheio de comida e água. Finjo que vou preparar uma refeição imensa para os membros remanescentes da Garde. Em volta da mesa comprida dentro de minha cabeça, Marina está sentada entre Oito e Ella. Ponho John à cabeceira, e eu fico na outra ponta. Imagino que Nove e Cinco estão conosco. Todos brincam entre si e contam histórias sobre os lugares onde estiveram. Eles riem e me dão parabéns pelo banquete que preparei, e respondo que estou feliz porque todo mundo conseguiu vir.

"Qual é sua lembrança preferida da Terra até agora?", imagino Marina perguntando a todos na mesa.

"Neste momento", John responde "é esta aqui. Em segurança, com todos vocês."

Todos concordamos e erguemos os copos para brindar o reencontro. Cinco se levanta, sai da sala e volta com um bolo de chocolate enorme. Todo mundo comemora, e pratos são distribuídos. Dou uma mordida, e é o sabor mais incrível que já experimentei.

É claro, nada disso aconteceu. Sou apenas uma pessoa maluca, solitária, sentada em um mercado abandonado destruído no meio do deserto. Devo estar maluca, porque, quando acordo do sonho com a Garde, percebo que estou mastigando. Mastigo ar com um sorriso satisfeito no rosto. Balanço a cabeça e engulo as lágrimas. Não enfrentei mogs, não sobrevivi a uma prisão mogadoriana e não vi Katarina morrer para acabar sozinha no meio do deserto. Abraço as pernas e apoio a cabeça nos joelhos. Preciso pensar em um plano.

Ainda faz um calor terrível quando deixo a cidade fantasma. Descansei um pouco do sol, mas sei que preciso seguir em frente antes de ficar completamente sem forças. Depois de percorrer mais ou menos um quilômetro e meio pela areia quente na direção das montanhas, sinto câibras violentas nas pernas e na barriga.

Concentro a pouca energia telecinética que me resta para arrancar alguns cactos próximos, e consigo beber uns goles de água.

Tento usar meu Legado para formar outra tempestade com os fiapos brancos no céu, mas só acabo provocando uma nuvem de areia que me envolve e me enterra até os joelhos.

Pela primeira vez não apenas me sinto nervosa com o que está por vir; tenho medo de morrer aqui. Não me resta nada. Os Anciões me escolheram para ser uma guerreira que salvará nossa raça, e eu vou morrer no meio de um deserto.

Começo a entrar em pânico, a enlouquecer de vez. Tenho apenas a lucidez suficiente para saber que não posso enlouquecer — estou tão vulnerável que, se isso acontecer, eu já era. Sinto tanto desespero que penso na noite passada e em minha refeição imaginária com o restante da Garde. Para continuar consciente, penso no que gostaria de dizer a eles agora.

Ei, Marina, como vai tudo? Eu? Estou em um deserto, indo para uma montanha. Imagino que tenha vindo parar no Novo México, de acordo com o que Oito falou sobre os lugares para onde poderíamos nos teleportar. Estou ficando fraca, Marina. Não sei quanto tempo mais vou resistir. Não sei onde você está, mas, por favor, por favor, descubra um jeito de sair daí e venha me procurar.

Ella? Você sabe quanto lamento por Crayton? Sei que foi muito doloroso vê-lo morrer, deixá-lo para trás. Prometo, vamos vingar a morte dele, e eu estarei na linha de frente. Se eu conseguir sair deste deserto, vingarei todos os loriens.

Oito, não consegui encontrar a pedra de loralite. Não vejo nenhum sinal de comida, água, abrigo, civilização, e estou sozinha. Pode me dizer onde a pedra está? Quero sair daqui; quero encontrar vocês.

Eu nem me sinto idiota por mentalizar uma conversa com pessoas que, com toda certeza, estão do outro lado do mundo. Fecho os olhos e espero desesperadamente alguma resposta. Ninguém responde, é claro. Então, sigo em frente. É cada vez mais difícil pôr um pé na frente do outro. Começo a vacilar, oscilo para a direita, para a esquerda, quase caio, mas me seguro no último instante. Com o tempo, porém, não consigo me equilibrar e tombo para a frente. Decido rastejar, e continuo assim por um trecho, com os olhos fechados por causa do sol ofuscante. Um pouco depois, levanto os olhos para ver a posição do sol no céu e mais uma vez penso que se trata de uma miragem quando vejo um portão de metal sólido a algumas dezenas de metros. Ele tem mais de seis metros de altura, coberto por espirais de arame farpado. Mesmo de longe, escuto a vibração da eletricidade. A

cerca é energizada. Esse é um argumento bem forte para me convencer de que não estou vendo uma miragem.

Não tenho ideia do que há por trás desse portão, mas preciso de ajuda, e cheguei ao ponto em que não me importo de onde ela vem. Rastejo até o portão e consigo me sentar. Balanço as mãos acima da cabeça, torcendo para que ele esteja sendo monitorado.

— Por favor, me ajude — consigo sussurrar com a garganta áspera como uma lixa.

O portão não é aberto, e ninguém sai. Volto a me esparramar na areia. Tento reunir meu último resquício de força para fazer mais uma tentativa. Fico deitada de bruços e me levanto devagar. Decido testar a cerca. O que é um pouco de eletricidade depois de quase morrer de fome e sede? Olho à minha volta e vejo um cacto pequeno. Faço a planta flutuar e a deixo cair na cerca, onde ela frita e explode. Os restos carbonizados vão para o chão, fumegantes.

Caio de joelhos, depois de lado e, enfim, fico deitada de costas. Fecho os olhos. Sinto bolhas se formando em meus lábios secos. Ouço um ruído mecânico fraco atrás de mim, mas não consigo levantar a cabeça para ver o que é. Sei que estou perdendo a consciência. Escuto um eco repetitivo e depois um tamborilar baixo. Alguns segundos depois, juro que escuto Ella.

Onde quer que seja, Seis, espero que você esteja bem, ela diz.

Solto uma risada baixa e depois um soluço. Tenho certeza de que haveria lágrimas, se restasse alguma água em meu corpo. Estou morrendo em um deserto, Ella, respondo. O que tem as montanhas. Vejo você em Lorien algum dia, Ella.

Ouço a voz da menina de novo, mas desta vez não consigo entender nenhuma palavra. Ella é abafada por um barulho novo em minha cabeça, cortante e alto. E então eu sinto. Um vento forte que joga meu cabelo no rosto. Abro os olhos devagar e vejo três helicópteros pretos pairando acima de mim. Homens gritam para que eu ponha as mãos na cabeça, mas eu consigo apenas fechar os olhos.

CAPÍTULO VINTE

ELLA FLUTUA ACIMA DE MIM, ESTÁ EM PÂNICO, DE OLHOS arregalados, soprando bolhas. Não sei o que houve, como ela chegou aqui, por que há tanta água. Tento alcançar a mão dela, mas meus braços não me obedecem. O que aconteceu comigo quando nos teleportamos? Percebo que meu rosto está insensível, e sinto uma dor insuportável atrás dos olhos. Por mais que eu tente, não consigo bater as pernas. Posso apenas observar enquanto Ella flutua cada vez mais alto acima de mim, afastando-se. De onde veio toda essa água? Meu ombro esquerdo começa a balançar muito, e levo um segundo para me dar conta de que alguém está me sacudindo. Então vejo Oito, seus cachos escuros contornando a cabeça como um halo. Ele passa o braço por baixo do meu, e tento evitar que seu olhar preocupado me deixe mais assustada do que já estou. Oito tenta me puxar para a superfície, mas a arca em meu braço é pesada.

Deixo a água gelada entrar em meus pulmões. Só consigo fazer isso. Oito chuta a arca de meus braços paralisados e me puxa para cima. Começamos a subir. Olho desesperada ao redor à procura de Seis, mas não a vejo.

Quando minha cabeça emerge, minha primeira visão é o sol forte, quente. Só vejo água de todos os lados. Ella boia perto de nós. Alguns minutos de ar fresco fazem meus membros voltarem a funcionar, e começo a boiar também. Oito parece estar dedicado exclusivamente a reclamar de nossa sorte.

— Cadê Seis? — grito, tossindo.

Continuo olhando para todos os lados, tentando ver a cabeça loura dela

flutuando na superfície.

— Não consegui encontrá-la lá embaixo! — Oito grita. — Não faço ideia se ela veio!

— Por que ela não teria vindo? — Ella pergunta, com um pânico renovado em sua voz.

Oito se ergue devagar na água até ficar de pé na superfície. Dessa vez não parece tão fácil. Ele chuta a crista de uma onda baixa, furioso.

— Droga! Eu sabia que não devia ter tentado me teleportar com tanta gente!

— Mas onde ela pode estar? Como vamos encontrá-la? — Ella grita.

— Não sei. Pode até ser que ela tenha ficado no que sobrou da caverna.

Meus membros se recuperam aos poucos, e preciso me esforçar para manter a cabeça fora da água.

— O quê? Ela vai morrer se ainda estiver lá!

Ella também está se esforçando para permanecer à tona. Oito a puxa para cima e ela sobe em suas costas, abraçando o pescoço dele com firmeza.

— Seis também pode ter ido parar em outro lugar — ele diz, tentando soar mais esperançoso. — Só não sei onde exatamente.

— Onde nós estamos? — pergunto.

— Isso eu sei. — Oito parece aliviado por ter alguma resposta definitiva. — Estamos no Golfo de Aden. E aquilo... — Ele aponta para o litoral distante que eu não tinha visto antes. — É a Somália.

— Como você sabe? — Ella pergunta.

— Já vim parar aqui uma vez — Oito responde sem rodeios.

Ele não entra em detalhes, então provavelmente a história não acaba aí.

Não sei muito sobre a Somália, só que fica na África e está em estado perpétuo de brutais guerras tribais e civis, sem contar a pobreza que deixa os ânimos exaltados. Não sei se tenho força suficiente para chegar ao litoral com minha telecinesia ou mesmo nadando por baixo da água; também não sei se quero. Preciso pensar,

— Quer saber? Vou afundar um pouco. Posso poupar um pouco minha

energia lá embaixo enquanto pensamos no que fazer — aviso.

Enquanto estou descendo, ouço Ella gritar:

— Procure Seis!

As palavras dela renovam minhas forças. A simples possibilidade de encontrar Seis dá mais energia a meu mergulho. Vou até o fundo e abro os olhos. A água é relativamente azul, mesmo tão longe da terra. Há movimento abaixo de mim, e eu desço um pouco mais até encontrar um pequeno cardume de atuns. Giro devagar, procurando qualquer traço dos cabelos tingidos de louro de Seis, e mais de uma vez sou enganada por fiapos de algas. Olho para cima e vejo a sombra sutil do corpo de Oito na superfície. Confiante de que minhas forças não vão se esgotar, desço até tocar o solo. Exploro o fundo do mar, examinando a água à minha frente, e esbarro sem querer em um coral e corto o joelho. A dor aguda me surpreende por um instante, e eu me abaixo para tocar o joelho e curá-lo, mas meu Legado demora mais do que eu esperava para funcionar, O que quer que aconteça durante o teleporte deve afetar de alguma maneira nossos Legados e nossa força, Fico feliz porque minha respiração parece normal, mas espero que esses efeitos não sejam duradouros — não quero que fiquemos vulneráveis.

Continuo explorando e, depois de um tempo, encontro minha arca ao lado da de Oito, e a alguns metros delas vejo a pedra grande e azul de loralite. Tento pegar as arcas, mas estou fraca demais para removê-las. Olho para cima e vejo a sombra de Oito ainda no mesmo lugar, e decido pedir ajuda.

Enquanto subo, atravesso um cardume de belos peixes alaranjados. Chego à superfície.

— Nenhum sinal de Seis, mas a pedra de loralite está lá embaixo, bem ao lado de nossas arcas. Vamos pegá-las e sair daqui. Podemos nos teleportar para outro lugar, tentar chegar aonde quer que Seis tenha ido parar.

— Não temos que estar na pedra de loralite para nos teleportar- mos? — Ella pergunta. — Como eu vou chegar lá? Não consigo prender a respiração por tanto tempo.

— Não precisa — Oito diz, sorrindo.

— Você também tem um Legado que o transforma em torpedo para transportar pessoas? — pergunto.

— Melhor — Oito responde.

Ele põe a mão no bolso e pega o cristal verde que tirou da arca recém-recuperada. O cristal começa a brilhar e então sopra um vento absurdo. Ele aponta o vento para o mar. Uma cratera rasa se forma na água a seus pés, e Oito entra nela.

— Vamos! Depressa!

Ella e eu nadamos para dentro da cratera. Oito estende a mão livre para mim; Ella segura minha outra mão.

— Preparem-se. Estamos prestes a descer. Rápido! — ele diz. — Vocês precisam ficar comigo, porque a água vai se fechar atrás de nós. Quando chegarmos ao fundo, Ella, esteja preparada para prender a respiração enquanto eu pego as arcas.

— Todo mundo fique atento a Seis — peço.

Ella aperta minha mão.

— Se ela estiver lá embaixo, nós vamos encontrá-la.

Oito aponta o cristal na direção do fundo do mar.

— Lá vamos nós! — ele grita.

Descemos depressa, enquanto o vento do cristal abre diante de nós um círculo pequeno de água, que volta a se fechar alguns metros atrás de Ella. Estamos dentro de uma bolha, disparando pela água» Oito berra de empolgação; não consigo evitar e grito também.

Ella segura meu braço.

— Seis está com problemas! Disse que está no deserto!

— Do que você está falando? — pergunto, enquanto tubarões, peixes menores e lulas passam por nós em borrões. — Como você sabe?

Ella hesita por um segundo antes de gritar;

— Não sei bem! Acabei de falar com ela em pensamento de algum jeito. Ela diz que está morrendo!

— Se Seis está no deserto, então já está no Novo México! — Oito grita.

— Oito, temos que ir para lá agora mesmo — berro. Chegamos ao fundo do mar e tentamos correr no solo lamacento, mas é impossível andar rápido. A água invade nossa bolha de ar e logo o cristal fica inútil, criando um pequeno redemoinho à nossa frente. Olho para trás para conferir se Ella está bem e prendendo a respiração, Quando me viro de novo. Oito está transformado em um polvo preto. Ele estende dois tentáculos e pega as arcas, e com outros dois agarra nossas mãos e nos puxa para a pedra azul reluzente de loralite cravada no leito lodoso. Antes que eu possa dar outra olhada em Ella, sou tragada pela escuridão.

CAPÍTULO VINTE E UM

NOVE E EU DESCEMOS EM SILÊNCIO NO ELEVADOR, ESTOU FURIOSO E COMPLETAMENTE humilhado, e isso nada tem a ver com os sentimentos que crescem dentro de mim. Quando entramos no apartamento, Bernie Kosar pula do sofá e pergunta se terminamos com a palhaçada.

— Acho que não depende de mim. O que diz, Johnny? — Nove resmunga.

Ele abre a geladeira e pega uma fatia de pizza fria. Enfia a ponta na boca, dá uma mordida enorme e mastiga fazendo barulho.

Eu me abaixo e coço o queixo de BK.

— Espero que sim, amigão.

Nove fala com a boca cheia de pizza:

— Faça suas malas, BK, porque é hora de pôr o pé na estrada. Vamos voltar a Paradise, o lugar que é um paraíso. E, caramba, Quatro, tome logo um banho. Você está fedendo a fumaça.

— Cale a boca — respondo, enquanto me deixo cair no sofá. Bernie Kosar sobe em meu colo e me encara com tristeza.

Nove se afasta corredor adentro.

— Um acordo é um acordo, cara! — ele grita. — Vamos a Paradise daqui a duas horas, então talvez seja uma boa você tirar um cochilo depois do banho. E olhe! É uma aventura! Não dá para ficar desanimado com uma aventura!

Estou exausto, mas vou cambaleando para o quarto. Um acordo é um acordo. A cama range quando me jogo nela, mas depois de alguns minutos não suporto meu próprio cheiro. Arrasto-me para o chuveiro. A água não parece quente o bastante, efeito colateral de meu Legado. Embaixo do chuveiro, tão cansado que chego a balançar, revejo mentalmente a luta no terraço. Tento entender como perdi de Nove, mas não consigo. Sinto-me muito cansado. Acho que estou resmungando sozinho. Fecho a torneira e ouço as gotas caindo no chão. Pego

uma toalha e volto para a cama. Preciso descansar.

Entro debaixo dos lençóis e uso a telecinesia para apagar a luz. Ouço a batida dos passos de Nove indo para a sala de monitoramento e fecho os olhos. O sono envolve minha mente por um segundo, e então ouço um barulho. Nove está batendo de leve à porta aberta de meu quarto. Estou de costas para ele e não me mexo, nem quando ele pigarreja e começa a falar.

— Ei, Johnny? Desculpe por às vezes ser um babaca. Eu poderia dizer que é porque fiquei preso por muito tempo, que isso afeta a cabeça. Mas, juro, estou insistindo nisso porque acho mesmo que tenho razão. Nós precisamos ir a Paradise. Agora. Então, espero que possamos ser amigos. Quero ser seu amigo. E fico feliz por você estar aqui.

Não movi um músculo durante todo o tempo em que Nove falou. Esse momento de sensibilidade me surpreendeu. Viro de frente para ele, mas não sei bem o que dizer. Ele é uma silhueta encurvada apoiada no batente da porta.

— Fico feliz por estar aqui também. Obrigado.

— Tranquilo.

Nove dá dois tapinhas na parede, olha para o chão e então vira e sai. Enquanto os passos dele se afastam pelo corredor, meus olhos se fecham. Depois de alguns minutos, escuto sussurros fracos. Estou prestes a ter uma visão ou um pesadelo. Sei que estou na cama, mas fico paralisado. Sinto meu corpo flutuar e, quando um portal escuro se forma acima de mim, começo a girar em uma velocidade incrível. Disparo pelo portal e sigo por um túnel negro com os braços colados ao corpo. À medida que preto se transforma em azul, os sussurros ficam mais altos, repetindo sem parar:

— Há mais para saber.

O túnel azul fica verde, e do verde volta ao preto. E então, pá, caio para fora do túnel, e meus pés descalços tocam um solo rochoso familiar. Balanço os braços e percebo que recuperei o controle do corpo. Estou de volta à arena no topo da montanha. Olho à minha volta, à procura de Sam, mas não o vejo em lugar algum. Nem o outro membro da Garde. O espaço está completamente vazio, até a arquibancada.

Mas então, no centro da arena, uma pedra preta se vira, e atrás dela, agachado, há um soldado mog grande, usando um manto preto em farrapos e botas pretas. A pele pálida como cera é reluzente, e a espada que ele segura acima da cabeça cintila como se tivesse uma luz interior. Quando me vê, o mog se levanta e aponta a espada para mim de um jeito ameaçador. Ela pulsa como se estivesse viva, uma extensão do mal que a empunha .

Não hesito. Corro na direção dele, acendendo um raio poderoso nas mãos. Quando estou a menos de dez metros de distância, aponto o Lúmen para meus

pés e os incendeio. As chamas sobem por meu corpo enquanto eu salto. O soldado também pula, e, quando nos encontramos, enterro meu punho em seu peito e abro um buraco flamejante. Ele se transforma em cinzas antes de tocar o chão.

À minha direita, outra pedra preta se vira; é outro soldado mog armado com uma espada. Mais duas pedras viram à esquerda, e ouço outros aparecendo atrás de mim. A pedra embaixo de meus pés começa a vibrar, e eu pulo na mesma hora em que ela gira e sai um mogadoriano com um canhão. Depois de atravessar com um soco o soldado mais próximo à minha esquerda, começo a disparar bolas de fogo, lutando com novas forças. Meu bracelete vermelho se ativa, abrindo-se de repente e decepando a cabeça de um soldado gigantesco. Em um minuto destruo todos eles. Sinto o sangue cheio de adrenalina e aguardo o som de mais pedras revelando a próxima onda de inimigos.

Uma dúzia de pedras se vira diante de mim, e depois cinquenta de cada lado. Estou cercado pelos maiores e mais bem-equipados soldados mogadorianos que já vi. Crio um pequeno círculo de fogo à minha volta e recuo, com o fogo delimitando o perímetro até eu chegar à parede da arena. O fogo arde entre mim e os mogs. Mas, por algum motivo, não considero minha posição particularmente segura.

Amplio meu círculo de fogo até as chamas atingirem uma fileira de soldados. Eles pegam fogo, mas não se transformam em cinzas. Na verdade, eles atravessam o fogo com as armas erguidas. Arremesso dezenas de bolas de fogo, mas desta vez elas não fazem efeito. Algo vermelho corta o ar acima de minha cabeça e perfura o peito de um soldado mogadoriano que não para de avançar. Reconheço o objeto. É o cajado de Nove. Ele pula da arquibancada vazia e cai bem a meu lado. Mesmo no meio de um ataque, fico aliviado por vê-lo. No mesmo instante me sinto mais seguro, mais confiante de que até esses mogs à prova de fogo serão derrotados agora que somos nós dois.

— Muita gentileza sua aparecer! — grito.

Ele está a meu lado, mas parece não ouvir minha voz.

— Ei, Nove! — tento outra vez, mas ele continua sem reagir. Fica apenas olhando para os mogs que se aproximam.

Quando os soldados estão a poucos metros de distância, o chão a nossos pés começa a tremer. Tento me segurar à parede, mas não consigo me equilibrar. De repente, uma explosão imensa sacode o outro lado da arena, e pedaços de pedra preta caem em nós. Nove se esquiva de um pedregulho grande que atinge a parede atrás de mim e deixa um buraco gigantesco que se abre para o exterior. Do outro lado do buraco, vejo o céu azul.

Em meio às nuvens de poeira e chuvas de escombros, um palco grande surge

da explosão. No meio dele está Setrákus Ra. Como um astro maligno do rock, não consigo deixar de pensar. A cicatriz roxa em seu pescoço brilha intensamente acima dos três pingentes azuis no peito. Para meu horror, assim que ele aparece, meu fogo se apaga. Tento iluminar minhas pernas com o Lúmen, mas de repente minhas mãos não se acendem. Setrákus Ra bate no chão a base de seu cajado com olho móvel e ruge exigindo silêncio. Os soldados à minha frente fazem posição de sentido, dão as costas para mim e Nove e se viram para ele, Um a um, eles abaixam as armas.

— Todos vocês foram escolhidos para terminar esta batalha! — Setrákus Ra grita. — Vocês avançarão e destruirão as crianças lorienas. Quando elas estiverem mortas, vocês me trarão seus pingentes e suas arcas. Esmagarão os amigos humanos delas. Vocês não falharão!

Os soldados mogs gritam e levantam o punho em uníssono.

Setrákus Ra bate o cajado no piso de pedra com outro estrondo retumbante.

— Mogadore dominará esta galáxia! Tudo, em todos os planetas, será nosso!

Os soldados berram e agitam as armas no ar.

— Lutaremos juntos. Eu vou lutar com vocês. Juntos, venceremos esta batalha e aniquilaremos todos que vivem na Terra!

Tento acender o Lúmen de novo, mas ele ainda não funciona. Então tento usar a telecinesia para levantar um pedregulho afiado a meus pés e arremessá-lo contra Setrákus Ra. Ela não se mexe. O escudo de meu bracelete se retraiu e não mostra sinais de se ativar. Fui abandonado por meus Legados — e por minha Herança.

Os soldados se viraram de novo e, mais uma vez, apontam as armas para nós. Sem nossos Legados, somos alvos fáceis. Precisamos sair daqui.

— Nove! Por aqui! — grito.

Finalmente ele parece me ouvir, porque vira e cabeça e olha para mim. Vamos para o buraco na parede. Parado na beirada, sob um raio Mo de sol, olho para um vale milhares de metros abaixo de nós. Olho para trás; soldados mogadorianos correm em nossa direção.

— Vamos andar pela encosta da montanha — Nove diz. — Aqui. Segure minha mão.

Eu obedeço. Com apenas um passo na encosta da montanha nevada, percebemos que o Legado de Nove também o abandonou. Em vez de sentir a montanha a meus pés, sinto só o ar. Estamos caindo. Olho a expressão chocada de Nove, os longos cabelos pretos batendo em seu rosto. Abaixo de nós, dois portais escuros se aproximam rapidamente. Eu me preparo para um impacto doloroso, sinto o estômago dar piruetas enquanto voou pelo ar. Para meu total espanto, mergulho de cabeça pelo portal à esquerda e continuo caindo até chegar

a um túnel escuro cheio de estrondos de trovão e relâmpagos. Os sussurros começam de novo, e, enquanto o túnel fica verde, azul e preto, a voz rouca que ouvi no início da visão volta a falar:

— Novo México.

Abro os olhos de repente e me sento, o rosto úmido de suor. Afasto os lençóis que grudam em meu corpo. Novo México. Pulo da cama o corro para o quarto de Nove, determinado a convencê-lo de uma vez por todas. Se tivermos que lutar de novo, que seja. Vou continuar lutando até vencê-lo.

Paro na frente da porta de Nove e acendo o Lúmen, para confirmar que meus Legados não me abandonaram de verdade. Bato na porta e a empurro. Para minha surpresa, Nove está sentado na cama com a cabeça entre as mãos.

— Nove — chamo, acendendo a luz. — Desculpe, sei que um acordo é um acordo e que você me venceu. Mas precisamos ir para o...

— Novo México. Eu sei, Johnny. Eu sei. — Ele balança a cabeça. Não sei se está tentando acordar ou aceitar a repentina mudança de ideia. Provavelmente os dois. — Só preciso acordar um pouco.

— Então você reconsiderou?

Ele põe os pés no chão, um de cada vez.

— Não, eu não reconsiderarei. Mas, quando você despenca de uma montanha para a morte porque seus Legados não funcionam e um fantasma fica repetindo "Novo México", dá para entender o recado.

— Você teve a mesma visão? — pergunto.

A tranquilidade que senti ao ver Nove foi porque ele estava mesmo lá. Percebo que Nove e eu temos um elo e que eu deveria respeitá-lo mais do que tenho feito. Preciso parar de considerá-lo um adversário. Nossa vida depende disso.

Nove veste uma camiseta e me dá um olhar arrogante que eu conheço bem.

— Não, seu idiota. Você ainda não entendeu? Eu não tive uma visão também. Nós estivemos na mesma visão. Isso tem acontecido a semana toda. Se liga, mermão.

Estou confuso e não disfarço bem.

— Mas sempre que eu falava dessas visões você as ignorava. Você me ignorava. Ficava dizendo que não passavam de sonhos e tal. Você via que os sonhos estavam me atormentando, Nove! E agia como se eu fosse maluco por levá-los a sério!

— Em primeiro lugar, você acredita que é Pittacus Lore, então, tecnicamente, você ó maluco. Em segundo, eu não estava sacaneando você. No começo ignorei, sim, as visões; as minhas e as suas. Achei que fossem bobagem. Quando Setrákus Ra falou para eu me render, assim como falou para você e aquele outro garoto,

imaginei que as visões fossem uma forma de pressão psicológica ou algum truque dos mogs. Achei que não devíamos confiar nelas; com certeza achei que não devíamos seguir qualquer sugestão delas. Na verdade, achei que seria mais seguro fazer tudo, menos o que elas pediam. Mas dessa vez... — Nove hesita. — Dessa vez pareceu um aviso. Um aviso que devemos levar a sério. Agora estou bastante convencido de que está prestes a acontecer algo pesado, Quatro.

Por mais que eu esteja aliviado por ele finalmente ter decidido me ouvir, fico frustrado pela demora.

— É isso o que venho tentando dizer! O.k., então vamos embora! Já pensou em como vamos chegar lá? Cara, por favor, diga que você e Sander têm seu próprio helicóptero ou avião guardado em algum lugar!

— Lamento, cara, isso estava em nossa lista de desejos. — Nove boceja e se espreguiça. — Mas tenho um carro na garagem. E adoro dirigir. Depressa.



Nove e eu pegamos o máximo possível da sala de armamentos, enchendo duas bolsas grandes com fuzis, pistolas e granadas. Pego um lança-foguetes, mas Nove diz que não vai caber no porta-malas. Precisamos do resto do espaço para a munição. Depois, corremos para a sala de monitoramento para buscar o tablet.

Nove se senta e começa a digitar em um dos computadores.

— Preciso fechar tudo aqui. Não quero que isso seja útil para alguém que não é bem-vindo. Faça um favor. Enquanto estou resolvendo isso aqui, verifique a localização da Garde neste tablet.

Toco o círculo azul no canto superior e espero. Vejo nossos dois pontos azuis em Chicago. Depois vejo um ponto no norte do Novo México, e ainda tem um na Jamaica. Espero alguns segundos até os outros três aparecerem, mas não há mais nada.

— Hum, Nove? Só vejo quatro — digo, aumentando a voz por causa do pânico. — Só há quatro pontos azuis!

Ele arranca o tablet de mim.

— Deixe-me ver. Eles devem estar fora do alcance — Nove sugere.

Ele já não parece tão seguro de si. Toca o triângulo verde, e os pontos pulsantes das naves surgem no mapa no Novo México e no Egito, como antes. — Pelo menos os três desaparecidos não levaram uma das naves.

Olho com mais atenção e toco o círculo azul outra vez. Percebo que o ponto azul no Novo México agora está exatamente no mesmo local do ponto verde.

—Aquele Garde no Novo México está em cima da nave, se é que isso é uma nave.

— Quem quer que seja, espero que saiba que seria um voo solitário — Nove observa.

Balanço a cabeça e olho a tela de novo, tentando decidir o que devemos fazer agora.

Então eu lembro.

— Espere. O governo está envolvido nisso de algum jeito, não é? O que mais tem no Novo México? A Área 51! É lá que está o ponto verde? O lugar mais famoso relacionado a relatos de OVNI's?

Tudo começa a se encaixar.

Nove puxa o teclado para si e começa a digitar ainda mais depressa.

— Calma aí, caubói. Em primeiro lugar, a Área 51 fica em Nevada. Em segundo, nós, alienígenas, sabemos que aquele lugar é só um engodo. É um hangar banal ou algo do tipo. — Surge um mapa do Novo México na tela, e Nove aumenta o zoom na metade norte. — Certo, só um segundo. — Ele olha o tablet e a tela do computador. — Isto é interessante. Você não estava tão errado, afinal. Podemos não estar a caminho da Área 51, mas vamos a um lugar igualmente secreto.

— Como assim? — pergunto, tentando entender por que sempre parece que esse cara sabe mais que eu.

Nove empurra a cadeira para trás com um irritante sorriso feliz no rosto.

— Caramba, Agora tudo faz sentido. — Ele enfia o dedo na tela. — Nesta parte do Novo México há uma cidade no meio do deserto chamada Dulce. É familiar? Não? Dulce, a famosa base secreta administrada pelo próprio governo dos Estados Unidos. Com certeza nossa nave está lá. Agora estou convencido de que esses pontos piscando na tela são nossas naves! Em toda a sua sabedoria, o governo alimenta os boatos sobre a Área 51, e assim todos os obcecados por OVNI's ficam longe da base de verdade em Dulce.

Não consigo evitar um sorriso.

— Então, agora vamos a uma base secreta do governo?

— Espero muito que sim — Nove diz, desligando o computador. Ele praticamente se curva em agradecimento, tão orgulhoso que está por ter deduzido tudo isso. — Embora seja provável que se trata de um lugar absurdamente vigiado e completamente impossível de invadir. E é por isso que é o lugar perfeito para esconder nossa nave.

— Ou para esconder quaisquer alienígenas encontrados durante uma viagem — acrescento.

Parece que tudo virou de cabeça para baixo desde que acordei. Agimos depressa, reunindo no elevador as armas, nossas arcas e os suprimentos. BK mal consegue se espremer conosco enquanto as portas se fecham. A delicadeza do

tom de Nove me surpreende quando ele fala para as portas do elevador:

— Você foi um lar excelente, Chicago. Tomara que nos encontremos de novo.

Descemos rápido.

— Ei, cara — digo. — Lembre-se, nosso lar de verdade é muito mais legal.

Ele não diz nada, mas vejo seus ombros relaxarem.

As portas do elevador se abrem em uma garagem subterrânea. Hesitamos e observamos com cuidado antes de começarmos a descarregar. Como a barra está limpa, Nove e eu penduramos as bolsas nos ombros, e BK nos segue. Quando viramos uma esquina, vejo que andamos na direção de um carro coberto por uma lona empoeirada. Depois do luxo no apartamento, fico imaginando o que está ali embaixo. Dá para pensar em uma Ferrari amarela, ou algo igualmente vistoso. Ou talvez seja um Porsche branco conversível ou até um Lotus preto.

Nove deve ter lido meus pensamentos. Ele pisca para mim e puxa a lona para revelar nosso veículo. Lá, em toda a sua glória, vejo um carro bege, velho e castigado da Ford. Não é exatamente a máquina turbinada que eu esperava, mas no momento não estou pensando em luxo e riqueza; essa coisa parece que não vai nem dar a partida.

— É sério isso? — pergunto, sem nem me incomodar em disfarçar o desgosto.

Nove olha para mim com ar ingênuo, embora com certeza soubesse o que eu estava esperando.

— O quê? Você queria um Camaro?

— Não exatamente. Mas esperava algo menos enferrujado. Algo que parecesse menos determinado a morrer — digo.

— Cale a boca e entre logo, Johnny — ele ordena, jogando as bolsas no portamalas. — Você ainda não viu nada.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

ACORDO COM A SENSAÇÃO DE QUE ESTOU BALANÇANDO PARA A FRENTE E para trás. Tudo dói. Meu corpo todo parece ter sido fritado pelo sol: garganta, pele, pés e cabeça. Os lábios estão tão secos e queimados que não consigo nem uni-los. As pálpebras são o pior; se recusam a abrir, por mais que eu me sinta desesperada para ver onde estou. O balanço continua, e me dou conta de que devo estar em um veículo em movimento. Sinto uma onda de náusea. Tento levar as mãos à cabeça, mas descubro que elas estão amarradas. As pernas também. Agora já despertei completamente, e forço minhas pálpebras a se abrirem para olhar em volta, mas só vejo escuridão. Fecho os olhos de novo. O sol do deserto deve ter me cegado.

Tento pedir ajuda, mas só consigo chiar e tossir. Escuto um eco, e me concentro no ar que me cerca. Tusso de novo, só para ouvir o eco. É o bastante para eu compreender que estou em um local apertado, e que estou cercada de metal. A sensação é de que estou em um caixão, e quase vomito.

Começo a entrar em pânico. E se eu não estiver cega? E se na verdade eu estiver morta? Não pode ser. Sinto dor demais para estar morta. Mas parece que fui enterrada viva.

Minha respiração começa a ficar furiosamente rápida quando uma voz masculina interrompe meu ataque de pânico. É uma voz alta e eletrônica, saída de um alto-falante.

— Está acordada?

Tento responder, mas minha garganta está seca demais. Bato os dedos no banco e percebo que é de metal também. Alguns segundos depois, eu ouço um ruído à minha direita e acho que algo foi deixado perto de mim.

— Tem um copo com água e um canudo a seu lado. Beba um gole — o homem diz.

Viro a cabeça e pego o canudo com a boca. A pele dos lábios racha quando tento fechá-los em torno do canudo. Quando bebo um gole de água, sinto o sabor metálico de sangue e escuto uma vibração baixa. É a mesma vibração que escutei no portão. A caixa onde estou deve ser eletrificada.

— O que você estava fazendo naquele portão? — o homem pergunta.

Sempre que ele fala, estranho o tom neutro de sua voz. Não é amistosa, mas também não é ameaçadora.

— Perdida — sussurro. — Eu estava perdida.

— Como você se perdeu?

Bebo mais um gole de água antes de dizer:

— Não sei.

— Não sabe. Entendo. Seu número é Seis, não é?

Tusso e engasgo ao ouvir a pergunta, e me censuro mentalmente por isso. Costumo ser mais tranquila, mas minha mente está completamente assada pelo sol. Se ele não tinha certeza da resposta antes, agora tem. Resolvo me controlar, parar de cometer erros idiotas.

A voz retorna.

— Bem, Número Seis. Você é bastante famosa por aqui. O vídeo do que aconteceu no colégio em Paradise e o jeito como você derrubou aqueles dois helicópteros no Tennessee são impressionantes. E tem também o espetáculo incrível que você deu em Washington na semana passada, ajudando John Smith e Sam Goode a escapar de um edifício federal. Você é uma baita princesinha guerreira, não é?

Ainda não entendi como ele pode saber quem eu sou; agora o sujeito fala como se tivesse acompanhado minha vida de camarote? Meu corpo oscila bastante para a esquerda, e percebo que devo estar em um veículo em movimento que acabou de fazer uma curva, levando-me para sei lá onde. Tento forçar a faixa em torno de minha testa, porém nada acontece. Tento usar a telecinesia, mas assim que começo a me concentrar sinto uma dor tão intensa na barriga que quase vomito de novo.

— Você precisa relaxar. Tentar resistir não vai levá-la a lugar algum. Você está desidratada e deve ter sofrido insolação. Vai se sentir muito mal durante um tempo.

— Quem é você? — consigo perguntar, com muita dor.

— Agente David Purdy, FBI.

Sinto-me um pouco melhor por saber que estou nas mãos do governo americano e que não fui capturada pelos mogadorianos. Eu não poderia passar por aquilo de novo, sabendo o que me aguardava, especialmente agora que o feitiço que me protegeu na primeira vez se desfez. Com o FBI, minhas chances de sobrevivência acabam de disparar. Por mais agressivos que sejam, eles não são monstros. Agora só preciso de um pouco de paciência; a oportunidade de escapar vai aparecer. Purdy não sabe disso, provavelmente acredita que não pode ser verdade. Por enquanto, vou apenas seguir seu conselho. Relaxar. Reidratar. Esperar. Posso aproveitar para ver o que mais ele pretende me dizer sobre o que sabe de mim, de tudo isso.

— Onde estou?

O alto-falante guincha antes de o agente Purdy responder:

— Está sendo transportada. O trajeto é curto.

Tento mais uma vez usar a telecinesia para soltar as amarras das pernas, mas ainda estou fraca demais e o esforço provoca outra onda de náusea. Bebo mais uns goles de água para ganhar tempo e pensar.

— Aonde vocês estão me levando?

— Planejamos reunir você e um amigo seu, ou talvez eu deva dizer um amigo de John Smith. Você o chama de John? Ou de Número Quatro?

— Não sei do que você está falando. Depois de uma pausa, respondo: — Não conheço ninguém chamado John Quatro.

De repente lembro o que aconteceu no deserto, logo antes de eu desmaiar na frente do portão. Eu estava tão enlouquecida que nem sabia se os helicópteros que pousavam perto de mim eram reais. Recordo que ouvi a voz de Ella. Não. Não foi só isso: nós conversamos. Ela perguntou, eu respondi. Considerando o fato de que estou com o FBI, é bem provável que os helicópteros tenham sido de verdade. E, se eles eram reais, talvez eu tenha mesmo me comunicado com Ella. Será que desenvolvi um novo Legado? Exatamente quando eu mais precisava.

Ella? Você está me ouvindo?, tento de novo, só por via das dúvidas. O FBI me pegou, um agente chamado Purdy me prendeu, e agora estamos em um veículo. Purdy diz que não vamos longe, onde quer que isso seja.

— Como você chegou ao deserto, Número Seis? — a voz de Purdy me interrompe. — Você não estava na Índia com seus amigos? Lembra-se disso? Como todos os outros garotos, lendo os livros da escola e sendo sequestrada no

aeroporto.

Como ele tem conhecimento disso?

— Como você sabia onde ficava a base?

A voz dele está perdendo um pouco o tom de neutralidade. Acho que percebo alguma impaciência.

— Que base? — pergunto.

Está sendo difícil pensar com clareza.

— Aquela diante da qual encontramos você morrendo no deserto. Como você sabia onde encontrá-la?

Tento ficar invisível, mas, outra vez, assim que tento usar meu Legado, o estômago se torce com uma dor violenta e imediata. Quero me encolher, mas as amarras me mantêm esticada e perco o fôlego por causa da dor.

— Beba sua água — o agente sugere de novo.

A voz recuperou a neutralidade desapegada.

Como na primeira vez, obedeço, bebo um gole e espero. A dor finalmente começa a diminuir, mas uma tontura forte se apodera de mim. Minha cabeça parece um carro descontrolado, derrapando para lá e para cá. Os pensamentos, muito numerosos para que haja coerência, surgem rápidos e intensos. Os acontecimentos dos últimos dias passam por minha mente. Eu me vejo segurando o braço de Marina pouco antes de nos teleportarmos. Vejo Crayton caído e imóvel. Vejo a mim mesma dando adeus a John e Sam. Quase esqueço onde estou. Isto é, até a voz me trazer de volta ao presente.

— Onde o Número Quatro está?

Esse cara é mesmo insistente.

— Quem? — pergunto, obrigando-me a prestar atenção ao que ele diz. Senão, vou cometer outro erro como o outro.

De repente, a voz calma desaparece de vez. Ele grita pelo alto-falante.

— Onde o Número Quatro está?

Eu me encolho com o barulho.

— Vá para o inferno — disparo.

Não vou dizer nada a ele.

Ella? Marina? Alguém? Se alguém me escuta, tem que dizer algo. Preciso de ajuda. Estou em algum deserto. Só sei que fica perto de uma base do governo americano e que o FBI me capturou. Estamos indo a algum lugar, mas não sei onde. E há algo errado comigo. Não consigo usar meus Legados.

— Quem estava com você na Índia, Número Seis? Quem eram o homem e as duas garotas?

Fico em silêncio. Imagino o rosto de Ella. A loirinha mais jovem. Sei o quanto isso deve pesar para ela. E agora ela não tem mais Crayton. Ainda ontem eu sentia inveja do relacionamento deles, e agora ele se foi.

— Que números eles são? Quem eram as garotas?

O agente Purdy parece impaciente, embora sua voz esteja mais calma.

— Era minha banda. Eu toco bateria. Elas cantam. Adoro Josie e as Gatinhas, e você? Gosto de ver desenhos antigos. A garotada toda está vendo.

Meus lábios racham e sangram de novo quando sorrio. Não me importo. Sinto o gosto de sangue na língua e abro mais o sorriso.

— Seis? — o homem chama com um tom mais suave. Acho que ele vai tentar a tática do Policial Bonzinho. — Aquelas com você no aeroporto na Índia eram a Número Cinco e a Sete? Quem é o adulto? Quem são as meninas?

De repente é como se eu não conseguisse controlar o que sai de minha boca. Minha voz nem parece a minha.

— Marina e Ella. As duas são meninas muito doces. Só queria que fossem um pouco mais fortes.

O que estou dizendo? Por que estou falando?

— Marina e Ella são da mesma raça que você? Por que elas precisam ser mais fortes? E que número é Marina?

Desta vez consigo me conter, chocada por ter chegado a abrir a boca para responder de novo. Concentro todas as energias em recuperar minha voz, em responder da forma que sei que preciso. É como se eu estivesse travando uma guerra dentro de mim.

— Não sei do que você está falando. Por que insiste em falar de números?

A voz do agente Purdy explode dentro da caixa:

— Eu sei quem você é! Você veio de outro planeta! Sei que vocês se tratam por números! Estamos com sua nave, pelo amor de Deus!

Com a referência à nossa nave, minha cabeça começa a girar. Lembro a viagem de Lorient para cá. Vejo-me como uma criança, olhando para o vazio do espaço pelas janelas da nave enquanto seguimos a caminho da Terra. Estou comendo em uma mesa branca comprida e olho para as outras oito crianças, cada uma com seu Cêpan. Um menino com longos cabelos pretos está rindo e jogando comida. Uma menina loira está sentada ao lado dele, comendo uma fruta em silêncio. Os Cêpans

na ponta da mesa observam as crianças com atenção. Vejo uma pequena Marina chorando, com as pernas encolhidas junto ao peito, sentada no chão debaixo de um painel de controle. A Cêpan dela está de joelhos a seu lado, tentando convencê-la a se levantar. Lembro que tive problemas com um menino de cabelos pretos e curtos.

O próximo rosto que vejo é de um pequeno Número Quatro. Seus cabelos louros são compridos e ondulados. Ele chuta a parede com o pé descalço, bravo por algum motivo. Ele se vira e pega uma almofada, jogando-a com força no chão. Quatro levanta a cabeça, vê que eu o estou observando, e seu rosto fica bem vermelho. Entrego a ele um brinquedo, algo que roubei dele. A culpa que senti naquele momento agora volta a me invadir, com tanta força quanto naquela primeira vez. Os outros rostos na sala ficam indistintos.

Depois me vejo nos braços de Katarina quando aterrissamos na Terra. Lembro-me da porta da nave se abrindo.

De onde vieram todas essas memórias? Antes, por mais que eu tentasse, só conseguia lembrar alguns pequenos detalhes de nossa viagem à Terra. Nunca tive esse flashback vivido.

— Está me ouvindo? — Purdy grita. — Falamos com os mogadorianos. A declaração me traz de volta ao presente com um baque. — Sabia disso?

— Ah, é? E o que eles disseram? — pergunto, tentando soar como se estivesse apenas conversando, mas me arrependo no mesmo instante.

Por que eu deveria admitir que sabia quem eram os mogadorianos? Antes que eu possa pensar muito nesse erro, minha mente retorna à nave, às portas se abrindo, ao humano com cabelos castanhos e óculos grandes de lentes grossas ali em pé, esperando para nos receber. Nas mãos dele há um tablet branco e uma maleta, e atrás dele tem uma caixa grande com roupas. De alguma maneira, sei que esse é o pai de Sam. Sam. Ah, como quero ver Sam outra vez.

— Quero ver Sam — falo com a voz pastosa.

Embora eu não queira falar mais nada, não queira revelar mais nada ao agente, não consigo me conter. Ouço minha voz, sinto meu cérebro denso e lento, e no mesmo instante me dou conta de que devia haver alguma droga na água. É por isso que não consigo segurar meus pensamentos, é por isso que fico voltando ao passado, e que sinto tanta dor quando tento usar meus Legados.

Beijei Sam. Devia tê-lo beijado de verdade, mas estava preocupada demais com o que John ia pensar.

John. Beije John também. Eu gostaria muito de beijá-lo de novo. Meu estômago parece se contorcer um pouco quando revejo o momento em que John me pegou pelos ombros e me virou para si. Seu rosto se aproximou do meu, mas a casa explodiu logo antes de nossos lábios se tocarem. Sinto meu queixo se erguer enquanto revivo esse momento várias vezes. Só que agora, quando a casa explode, nós nos beijamos. O beijo é perfeito.

— Sam? — o agente Purdy pergunta, interrompendo meus pensamentos. Eu estava gostando muito de me lembrar daquele beijo. — Você deve estar falando de Sam Goode, certo?

Agora só consigo ver o rosto de Sam, e minha cabeça gira descontrolada.

— Sim. Pode ser. Quero ver Sam Goode.

Escuto minha voz ficando fraca.

— Ele é um de vocês? Qual é o número de Sam Goode?

Minhas pálpebras ficam pesadas, e me dou conta de que começo a pegar no sono. As drogas finalmente me fazem um pequeno favor.

— Seis! — ele grita. — Seis! Acorde! Ainda não terminamos!

O grito me perturba tanto que dou um pulo, mas sou contida pelas amarras.

— Seis? Seis! Onde Sam Goode está? Onde John Smith está?

— Vou matar você — sussurro. Minha raiva e frustração por estar amarrada e impotente estão me dominando. — Quando eu encontrar você, vou matá-lo.

— Não tenho dúvida de que você vai tentar.

O agente ri.

Tento clarear a mente, concentrar-me em onde estou. Imediatamente, tudo começa a girar até que eu desmaio.



O cômodo é minúsculo e feito de cimento. Há um vaso sanitário e um colchão preso a um bloco de concreto, e um cobertor pequeno demais para me cobrir. Estou acordada há duas horas, talvez mais. Está sendo difícil organizar os pensamentos. Tento estabelecer algum tipo de cronologia desde que me vi sozinha no deserto, passando por encontrar o portão, até acordar naquela viagem de terror e interrogatório. Preciso descobrir onde estou, quanto tempo passou e quais informações deixei escapar.

Desembaralhar o cérebro não é fácil. Desde que recuperei a consciência nesta cela, as luzes no teto piscam sem parar. Sinto uma dor aguda latejando na cabeça. Minha boca está seca, e aperto o estômago embrulhado enquanto tento me concentrar na parte mais importante das minhas lembranças, a conversa com o agente.

Fico invisível, só para ver se consigo, mas no mesmo instante sou tomada pela náusea violenta que senti na viagem e então me materializo imediatamente. Ou as drogas continuam em meu organismo ou isso está sendo causado por outra coisa.

Fecho os olhos por alguns minutos para evitar as luzes estroboscópicas. Elas são tão fortes que é impossível bloqueá-las completamente. Lembro-me do agente Purdy dizendo que estava se comunicando com os mogadorianos. Por que o governo americano conversaria com os mogadorianos? E por que Purdy me contaria isso? Eles não sabem que os mogs são os inimigos? O que não consigo imaginar é o que o governo sabe de mim, de minha raça. Assim que os mogadorianos dizimarem a Garde, eles matarão cada ser humano na Terra. O governo não sabe disso? Suponho que os mogadorianos apresentaram uma imagem muito diferente de si.

Ouçõ a voz de um homem vindo de algum lugar acima de mim. Não é Purdy, o agente que falou comigo na caixa. Abro os olhos para procurar um respiradouro ou um alto-falante, mas não consigo ver nada com aquela luz piscando sem parar.

— Prepare-se para o transporte, Número Seis.

Um painel pequeno se abre com um estalo no meio de uma porta de metal. Aos tropeços, vou até ela e encontro em uma prateleira um copo plástico contendo um líquido roxo. Meu estômago fica embrulhado diante disso. Por que é roxo? São drogas, como a água que bebi mais cedo?

— Você precisa beber a água para ser transportada. Se não beber a água, seremos obrigados a injetá-la em você usando quaisquer meios necessários.

— Vá para o inferno! — grito para o teto.

— Beba — a voz repete.

Ela não dá espaço para discussão.

Pego o copo e vou até o vaso sanitário. Levanto o copo e o inclino, despejando o líquido de forma bem ostentosa. Logo depois que a última gota cai, a porta da cela se abre. Vários homens com cassetetes e escudos vêm para cima de mim. O ácido borbulha em meu estômago enquanto tento me preparar para uma briga, porque sei que vou precisar de meus Legados. Decido que, desta vez, vou conseguir.

E talvez possa usar as luzes a meu favor.

Recebo o primeiro guarda com um soco direto na garganta. Quando um cassetete me ataca pela esquerda, pego o pulso do agressor e torço. Ouço o estalo. O homem grita e solta o cassetete. Agora tenho uma arma.

Os guardas formam um círculo à minha volta, mas a luz estroboscópica faz parecer que nossos movimentos acontecem em câmera lenta e são difíceis de acompanhar. Escolho um guarda qualquer e o ataco, batendo com o cassetete em seus joelhos. Ele cai, e eu ataco o guarda ao lado dele. O esforço físico faz o mal-estar subir até minha garganta, mas eu o engulo de volta. Agora que consegui resistir uma vez, talvez fique mais fácil. Bato com o cabo do cassetete na têmpora do sujeito. Um dos que ainda estão de pé me acerta com algo na parte de trás da cabeça enquanto outro me segura pelos cabelos e puxa. Com a telecinesia, jogo um contra o outro. O choque os derruba, e eu os chuto com força.

A náusea que antes me incapacitava vai e vem, mas minha força não — ela está de volta. Armada agora com dois cassetetes, derroto mais três adversários. Quando eles começam a disparar tasers, paraliso os espigões pontudos no ar e então os devolvo aos atiradores. Finalmente, a porta está livre e parece que vai continuar assim. Quando saio da cela, reúno forças e fico invisível. A dor é a pior até agora, mas eu sei que posso superá-la. Só preciso aguentar mais um pouco, até conseguir escapar e encontrar os outros.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ACORDO CAÍDA DE BRUÇOS NA GRAMA MOLHADA. LEVANTO A cabeça e apoio as mãos no chão para erguer os ombros. Ouço Oito gemer em algum lugar por perto, Ella chama meu nome, mas minha cabeça lateja demais para que eu consiga me sentar e olhar para ela.

— Seis? — sussurro. — Você está aqui?

— Não a vejo em lugar nenhum, Marina — Ella diz, vindo até mim e se sentando a meu lado,

Volto a deitar o rosto na grama e me permito mais alguns minutos aqui. Ella afasta uma mecha de meu rosto, mas estou entorpecida e não sinto nada. Sinto um mal-estar subindo até a garganta, enquanto Oito continua gemendo. Ella parece ilesa, Não quero me teleportar nunca mais.

Olho em volta. Estou vendo tudo duplicado e preciso me esforçar para fazer foco. Considerando a paisagem verde e exuberante, é evidente que não viemos parar onde queríamos.

— Isto não é o Novo México, certo?

— Nem perto — Ella sussurra.

Finalmente sinto que consigo me mexer, embora devagar, e olho para Ella. E difícil interpretar seus olhos castanhos na escuridão, e então me dou conta de que agora deve ser tarde da noite. Olho o céu estrelado acima de Ella, Lembro o mar azul, Oito se transformando em um polvo preto, E então lembro o que Ella

disse pouco antes de nos teleportarmos.

— Ella. Foi imaginação minha ou você disse que falou com Seis? — A menina confirma com a cabeça. — Em pensamento, não é?

Ella desvia o olhar.

— Você deve estar achando que sou maluca, Fico me perguntando se isso aconteceu mesmo. Talvez eu só quisesse muito isso... — Ella balança a cabeça e olha para mim, com o rosto sério. — Não. Eu não imaginei. Eu sei que falei com Seis. Ela disse que estava em um deserto. Isso deve significar que ela chegou ao Novo México, não é?

— Ella, você não é maluca. Eu acredito e acho que você tem razão — digo, apertando com os dedos as laterais de minha cabeça, tentando afastar a dor latejante e a confusão que não me deixam pensar com clareza. — Você deve estar desenvolvendo um Legado. O que precisamos agora é descobrir como isso aconteceu naquela hora para podermos usá-lo de novo.

Ella arregala os olhos.

— É mesmo? Você acha que é um Legado? Como se chama? — ela pergunta, ansiosa.

Ouçõ a voz de Oito atrás de mim:

— Telepatia.

Viro o corpo, fazendo uma careta por causa da dor, e olho para Oito, que está em cima de um bloco rochoso enorme sustentado por dois pedregulhos cinzentos ainda maiores.

Fico sentada, apoio as mãos no chão e me levanto meio desengonçada. Com as mãos na cintura, olho à minha volta e percebo que o lugar é muito familiar. Mas não por eu já ter vindo aqui antes. Conheço isto aqui a partir de muitas fotos e livros. Olho para Oito.

— Estamos mesmo em...

— Stonehenge? Isso aí.

— Uau — sussurro, virando-me devagar outra vez para observar o cenário.

Ella vai até uma pedra que deve ter mais de sete metros de altura e inclina a cabeça para trás enquanto desliza a mão pela superfície. Entendo o impulso de

tocá-la. Quer dizer, é Stonehenge. Não consigo resistir também. As pedras são frias e lisas, e só de tocá-las já me sinto como se eu tivesse três mil anos. Algumas estão perfeitamente inteiras, enquanto outras parecem meros fragmentos do que foram um dia. Ficamos circulando durante um tempo, vendo de perto o que muita gente só vê em livros.

— Oito? O que exatamente a telepatia é? Você sabe como usar e como posso controlar? — Ella pergunta.

— Telepatia é a capacidade de transferir pensamentos de um ser para outro. Você consegue se comunicar com o cérebro de outra pessoa. Vá em frente, experimente comigo.

Ella caminha até Oito e para na frente dele. Fecha os olhos. Enquanto fico olhando, só consigo pensar que será incrível se tiver mesmo desenvolvido esse Legado. Assim poderíamos unir a Garde, onde quer que os membros estejam, em qualquer lugar do mundo. Após alguns segundos, Ella abre os olhos e encara Oito.

— Você me ouviu?

— Não — ele responde, balançando a cabeça com tristeza. — Você só precisa continuar tentando. Sempre leva tempo para descobrirmos como usar nossos Legados. Com a telepatia não vai ser diferente.

Mesmo assim, Ella encurva os ombros, decepcionada.

— A propósito, suas arcas estão ali — ela diz, apontando.

Oito olha para mim, levantando os braços e se alongando.

— Só preciso de um pouco mais de tempo para me recuperar desse último teleporte, Quero estar o mais forte possível quando tentarmos de novo chegar ao Novo México, tudo bem?

Ele sobe em uma pedra próxima,

— Não sei. — Suspiro. — Eu me senti muito mal depois dessa última vez. Ferimentos são uma coisa, mas o teleporte me faz passar mal.

Não sei se consigo ir de novo. E o que garante que não vamos voltar ao fundo do mar? Enquanto isso, parece que Seis está com problemas sérios, e nós ficamos pulando para todo canto. Talvez nunca cheguemos ao Novo México!

— Eu sei, eu sei — Oito concorda, pulando da pedra e limpando a poeira da calça. — Sei o quanto isso é frustrante, Mas fazer algo é melhor que não fazer nada. E a única coisa que podemos fazer é continuar tentando até chegarmos aonde temos que ir. Nós três vamos ficar juntos, vamos continuar tentando e vamos encontrar Seis,

Não sei de onde ele tira tanta calma, tanta convicção,

Ella sai andando para trás de um grupo de pedras enquanto digo:

— Sabe, há outras maneiras de ir de um lugar a outro. Podemos simplesmente encontrar um aeroporto e pegar um avião.

Oito coça o queixo, perdido em pensamentos enquanto começa a andar, Eu o sigo até o centro do monumento.

— Se Seis está mesmo com problemas, um avião não vai ajudar. Levá-riamos uma eternidade para encontrá-la. — Ele para por um minuto e se vira para mim. — Além do mais, eu nos vejo encontrando Seis.

Eu o encaro confusa, mas ele apenas sorri e dá de ombros. O que isso significa?

— Oito. Você teve uma visão? O que mais viu? Quem mais você viu?

Ele dá de ombros.

— Não dá para dizer mais que isso, na verdade. Eu simplesmente vejo; ou melhor, eu sinto. Acho que é um Legado que ainda não dominei, A única maneira como consigo descrevê-lo é que parece um sexto sentido.

— Foi assim que você soube que estávamos indo para a Índia?

— Foi. Não tenho nenhum controle sobre isso. Esses lampejos, essas imagens, simplesmente acontecem.

Continuamos andando pelo grupo de pedras enormes e encontramos Ella sentada sozinha, recostada em uma pedra. Quando nos aproximamos, ela levanta a cabeça e diz:

— Estou tentando falar com Seis de novo, mas nada acontece, Talvez nunca tenha acontecido.

Fico ajoelhada ao lado dela e passo um braço em seus ombros.

— Legados levam tempo para se desenvolver, Ella. Os meus normalmente

apareciam pela primeira vez quando eu estava perturbada ou em perigo, Eles chegam quando são mais importantes, quando podem nos salvar. O Legado que me permite respirar embaixo d'água surgiu quando eu estava quase me afogando. Além disso, o teleporte pode ter afetado você, então talvez demore um pouco para funcionar outra vez.

Aperto os ombros dela.

— É verdade. Na primeira vez que me teleportei — Oito conta —, meu Cêpan estava prestes a ser atropelado por um táxi. Eu simplesmente apareci do lado dele, do nada, — Ele estala os dedos, — Só por isso consegui tirá-lo da frente do carro,

— Tenho tanta saudade de Crayton — Ella diz. — Ele sempre me ajudava com essas coisas. E se eu nunca servir de nada para a Garde? As vezes prefiro que os Anciões nunca tivessem me escolhido.

Sua voz se apaga, e ela relaxa os ombros, parecendo completamente infeliz,

— Ella. — Oito dá um passo à frente. — Ella, olhe para mim, Você não pode pensar isso. Estamos muito felizes por você estar aqui. Precisamos de você. Se não estivesse conosco, estaríamos procurando você. Você está exatamente onde devia. Não é, Marina?

— Ella, lembra o que nós dizíamos lá no orfanato? Somos uma equipe. Isso é importante. Cuidamos uma da outra.

Enquanto falo, percebo que minha aversão ao teleporte é egoísta. Nossa única esperança de encontrar os outros é chegar ao Novo México. O meio mais seguro e rápido de chegar lá é pelo teleporte, mesmo que isso signifique cair no lugar errado mais algumas vezes, Não vou permitir que meu medo ponha alguém em risco. Quando um de nós está fraco, o restante precisa ser mais forte. Aperto o ombro dela de novo.

— Vamos chegar ao Novo México, encontrar Seis e continuar lutando — acrescento.

Ella balança a cabeça, mas continua quieta.

Nós três vamos cada um para um lado, todos pensando. Sei que preciso de um tempo para clarear as ideias, ficar mentalmente tão forte quanto me sinto

fisicamente, antes de seguirmos em frente. Aqui é tão pacífico, e está tão quieto, que é o cenário perfeito para pensar. Depois de mais ou menos uma hora, vou até o centro do círculo e vejo Oito se abaixar, pegar uma pedra e soltá-la.

— Oito! O que você acha que está fazendo? — grito, alarmada. — Lembra onde estamos? Este é um lugar sagrado, histórico, antigo! Você não pode simplesmente espalhar as pedras! Coloque-as onde estavam!

Antes que ele sequer tenha tempo de rearrumar as pedras, uso a telecinesia e cuido disso eu mesma. Stonehenge pode não ser minha história, mas é a de alguém, e isso merece mais respeito do que Oito está mostrando agora, Quero deixar este lugar exatamente como o encontramos.

Oito olha para mim, surpreso com minha raiva.

— Estou procurando a pedra de loralite. Sei que está enfiada por aqui, embaixo de uma dessas pedras, e precisamos encontrá-la se quisermos ir a algum lugar — ele explica.

— Bem, então, quando terminar de procurar, trate de colocá-las de volta exatamente onde estavam — resmungo. — Stonehenge é um dos lugares mais famosos da Terra, Não vamos arruiná-lo.

Estou cansada de espalhar destruição por onde passo.

Oito olha embaixo de uma pedra e a devolve ao lugar com uma delicadeza teatral.

— Eu só queria dizer que, se Stonehenge está aqui, é por causa dos lorienos, Reynolds falou que isto aqui é um cemitério para os que morreram lutando na Terra.

— Sério? Isto é um cemitério? — Ella pergunta, chegando atrás de mim e olhando em volta com curiosidade.

— Era — Oito responde, batendo em um pedregulho grande, — Durante milhares de anos, pelo menos. Depois os humanos começaram a bisbilhotar, fazendo toda aquela pesquisa que tanto adoram. Nada como uma missão para entender tudo, mesmo que não haja nada para descobrir. Enfim, Vou respeitar a posição das pedras.

Ele continua andando nas pontas dos pés, como se estivesse em um

canteiro de tulipas.

— Deixe-me ajudar — digo.

Caminho entre as pedras com cuidado, ajudando Oito a procurar a pedra de loralite, fazendo várias rochas flutuarem alguns centímetros e baixando-as exatamente de volta onde estavam. Enquanto me dirijo a outro grupo de pedras, escuto gritos distantes. Espio por trás de uma rocha e vejo dois homens uniformizados correndo para o monumento, suas lanternas agitando raios de luz na escuridão. Ella e eu nos escondemos atrás da maior formação de pedras por perto.

— Droga — sussurro, — Escondam-se.

Vemos os raios de luz das lanternas varrendo a área e, sempre que um se aproxima de nós, vamos para trás de outra pedra bem em tempo.

— Sei que ouvi alguma voz aqui. De crianças — o guarda menor diz.

— Tudo bem. Então, cadê elas? — o outro pergunta, olhando em volta. Dá para perceber um tom de incredulidade em sua voz.

Os dois ficam em silêncio por um momento. Espio por trás da pedra e vejo o mais alto olhando em volta, aborrecido com a falta de indícios de invasores. Então algo chama a atenção dele, mas não consigo ver o que é. Fico preocupada. O que será que ele encontrou?

— Bill? Venha cá e veja isto. De onde você acha que elas vieram?

— Hum. Não sei. Com certeza não estavam aí antes — o outro responde.

Quase morro de susto quando Oito se materializa a meu lado,

— Eles encontraram nossas arcas — cochicha. — Vou jogar os guardas no meio do mato, está bem? Temos que encontrar a pedra de loralite para podermos dar o fora daqui, e isso não vai acontecer enquanto aqueles caras não forem embora, E não vou deixá-los levarem nossas arcas — ele diz, com um tom sério.

Estou prestes a recusar quando meu cérebro começa a zumbir. Depois de uma estática breve, ouço a voz de Ella na cabeça: Posso distraí-los enquanto vocês procuram a pedra de loralite. Arregalo os olhos e me viro para a menina, chocada.

Ella aperta minha mão e sussurra:

— Posso distraí-los...

— Já ouvi — interrompo. — Ella, ouvi você dentro de minha cabeça!

Ela abre um sorriso largo.

— Eu achei que tivesse funcionado agora. Uau! Consegui! — ela sussurra, animada.

— Ei, vocês duas, falem baixo — Oito cochicha. — Temos um plano?

— Tenho uma ideia — Ella responde.

Encolhendo para o tamanho de uma criança de seis anos, ela sai correndo do círculo mais externo de pedras, e depois volta caminhando na direção dos homens,

— Papai? Cadê você? — ela fala com sua voz mais infantil.

— Oi? — um dos guardas responde, — Quem está aí?

Oito se teleporta enquanto observo Ella. Ela está parada, protegendo os olhos da luz das lanternas. É uma baita atriz. Parece realmente perdida e preocupada.

— Estou procurando meu papai. Vocês viram ele?

— Meu Deus, o que você está fazendo aqui, menininha? Cadê seus pais? Você sabe que horas são?

Quando eles se aproximam, Ella começa a soluçar, e os homens param na mesma hora.

— Ei, ei, fique calma, não precisa chorar — o maior deles diz em tom tranquilizador.

Ella abre o berreiro e fala, agora mais alto:

— Não encosta em mim!

— Ei, ei, ninguém está encostando em você — o outro responde, alarmado, Eles se entreolham, confusos e sem saber o que fazer com ela.

— Psiu, Marina — Oito sussurra. Ele está atrás de mim com uma arca embaixo de cada braço. — Temos que encontrar a pedra de loralite. Agora! Ella não vai distraí-los para sempre!

Corremos para o centro de Stonehenge. Oito e eu começamos a olhar

embaixo de cada pedra o mais rápido possível. Faltam só algumas para conferir quando ouvimos os homens vindo em nossa direção trazendo Ella, que ainda choraminga.

— Certo, acho que é hora de outra distração — Oito anuncia e some de novo,

Ele ressurgue perto do círculo externo de pedras, apoia as mãos em um bloco vertical e dá um empurrão forte. Só me resta olhar horrorizada, imóvel. A pedra imensa balança e, devagar, cai para trás, e então a rocha horizontal em cima dela cai também e Oito começa a berrar:

— Socorro! Socorro! As pedras estão caindo! Stonehenge está desmoronando!

Vou matá-lo. Cerro os punhos com força e então percebo que ainda estou segurando uma pedra pequena. Abaixo-me e, cuidadosa e inutilmente, coloco-a de volta.

Os guardas saem correndo na direção da voz de Oito e, quando as lanternas iluminam as pedras que estão caindo, gritam em pânico. O guarda menor corre até ficar entre duas pedras verticais, mas é tarde demais. Uma esbarra na outra, e as duas se inclinam para a direita. O bloco horizontal em cima delas cai no chão com um baque. Meu queixo desaba enquanto vejo as pedras tombando uma de cada vez, caindo como peças de dominó.

— Código Preto! Código Preto! — o guarda maior grita no rádio, e depois joga o aparelho no chão.

Ele tenta segurar com as mãos uma das pedras verticais imensas que ainda estão no lugar, usando toda a sua força para tentar impedir que ela caia junto com as outras. Mas é inútil. As pedras gigantescas continuam caindo.

Oito aparece perto de mim e levanta duas pedras pequenas, e de repente um brilho azul ilumina suas pernas.

— Encontrei! Aqui! — ele sussurra, empolgado,

E um alívio ouvir que ele encontrou a pedra de loralite, mas estou concentrada demais na demolição de Stonehenge para ficar animada. Não acredito que ele fez isso, Estou furiosa. Ella passa correndo por mim enquanto

disparo para debaixo de um dos poucos blocos que ainda estão no lugar e uso a telecinesia para segurar as rochas.

O guarda maior firma as costas contra a próxima pedra a cair, e o outro guarda vai ajudá-lo. Seguro aquela pedra com minha mente. Quando ela é atingida por outro pedregulho, não a deixo tombar. Os guardas escorregam para o chão, chocados com a força repentina deles. Em seguida, reverto o efeito dominó de modo que as pedras caídas vão reerguendo umas às outras, e as estabilizo nas posições originais. Depois, devagar, usando a pouca força que me resta, levanto os blocos horizontais e os coloco de novo em cima das rochas.

Os guardas assistem a tudo boquiabertos, perplexos demais para responder às vozes preocupadas e chiadas que saem dos rádios.

— Marina — Ella sussurra. — Ei, Marina, temos que ir. Agora, Vamos.

Volto ao centro do monumento, aliviada com o fato de podermos ir embora agora que arrumei tudo de novo.

Vou até Oito pisando duro e tiro minha arca dele. Ainda furiosa e incapaz de olhar para ele, seguro sua mão. Ella segura a arca de Oito e a outra mão dele. Ficamos juntos em cima da pedra azul de loralite. O último som que escuto antes de ser tragada pela escuridão é o guarda maior — derrotado e pronto para encerrar esta aventura — respondendo pelo rádio que ele pegou do chão:

— Alarme falso.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

ESCONDO-ME ATRÁS DE UMA FILEIRA DE ARMÁRIOS EM UM LONGO CORREDOR escuro enquanto me torno visível. A dor causada pelo uso dos Legados é tão intensa que me encolho em posição fetal, apertando as costelas com os dois cassetetes para me aliviar um pouco. Apoio a cabeça suada na parede fria de cimento e tento recuperar o fôlego, torcendo para que a dor diminua logo. Passei por vários corredores, mas tenho medo de estar andando em círculos. Até agora, encontrei um hangar vazio e muitas portas com trava eletrônica. Quando Sam e John foram pegos pela polícia, descobri que nossa telecinesia não funciona com eletricidade. Penso em John e Sam, em Marina e nos outros. Espero que estejam bem; ou, pelo menos, sem tanta dor. Imagino John e Sam me aguardando em nosso ponto de encontro. Combinamos nos reunir lá daqui a alguns dias. O que eles vão pensar quando eu não aparecer? Estou tão frustrada — e com medo — que me sinto sem ar. Sei que esse tipo de pensamento não ajuda, então tento me concentrar em como dar o fora daqui.

Quase que em resposta, um alarme dispara. O barulho imediatamente parece interminável. Sei o que isso significa e sei que preciso me recompor. Depressa. Todo mundo está à minha procura. Soldados armados passam rapidamente pelos longos corredores em pequenos veículos abertos. Cada vez que vejo um deles, fico tentada a arrancar os homens do veículo, subir nele e ir embora. Mas sei que não chegaria muito longe e abriria mão da única vantagem que tenho agora. Eles não sabem onde estou.

Parei de tentar me comunicar com Ella. É evidente que eu estava alucinando. Estou por conta própria. Preciso parar de falar sozinha e dar um jeito de arrebrantar

alguma porta e sair daqui. Acho que estou no subterrâneo. Só queria saber a profundidade.

As luzes se acendem no corredor. Como descobri antes, sei que isso significa que os sensores de movimento foram ativados. Um momento depois, ouço um veículo se aproximando. Contraio o estômago, fico invisível e sinto a dor que eu esperava. Lágrimas de agonia escorrem em silêncio por meu rosto enquanto eu me apoio a uma parede e vejo o carrinho se aproximando e trazendo três soldados. Quando ele passa na minha frente, atinjo o motorista no rosto com um dos cassetetes. Caramba, ferimentos na cabeça sangram muito. Nariz, boca, testa, todos parecem gêiseres. O ferimento (aparentemente) espontâneo o faz afundar o pé no acelerador e jogar o carrinho em uma parede. O motorista está apagado, e os outros dois soldados saem do veículo. Eles examinam o rosto do motorista e não encontram absolutamente nada por perto que possa ter causado aquilo, e então pegam os rádios. Mas eu esperava por isso, e me adiantei para bater a cabeça do homem mais próximo no capô do carrinho e dar uma rasteira nele. O terceiro soldado chega para ver o que aconteceu, e também bato a cabeça dele no capô. Depois pego o distintivo de um deles e saio correndo

Preciso decidir para onde ir, e tem que ser rápido. Não posso ficar invisível por muito mais tempo.

Uso o distintivo roubado para abrir uma porta de trava eletrônica e chego a um corredor completamente diferente dos outros que vi até agora. Preciso fazer a dor parar, então fico visível e na mesma hora sinto alívio. Olho em volta e tento descobrir onde estou. O corredor é mais largo que os outros, com teto alto abobadado e entalhado em arenito. Dois canos amarelos largos percorrem o teto, cercados por fios elétricos pendurados. Chego a uma curva no corredor e espio por trás da parede. Não vejo ninguém, então colo as costas à parede e faço a curva devagar. Estou diante de uma porta vermelha com o letreiro: PERIGO, SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO, TRANSPORTADOR UM.

Tento abrir a porta com a telecinesia, resistindo à dor, mas ela também está fechada com uma trava eletrônica. Estou prestes a usar o distintivo de novo quando ouço passos se aproximando rapidamente. Fico invisível de novo, mas meu estômago se revira com tanta violência que eu caio no chão. Não vou sobreviver a mais uma dessas, não mesmo. Do outro lado da curva, alguém grita:

— Acho que ouvi algo por aqui!

No chão, quase incapaz de continuar invisível, pego o tornozelo de um guarda

que passa correndo. Ele cai de cara no chão, o que me dá o tempo necessário para usar o distintivo roubado na trava eletrônica. A porta se abre com um estalo e eu entro.

Estou em uma plataforma gradeada de metal, muito acima de três pares de trilhos que desaparecem em um túnel circular. Um trem vazio de três vagões, marcado com vários símbolos do governo americano, está parado nos trilhos mais próximos da plataforma. Atrás da porta, a meu lado, o guarda que ataquei grita para um grupo que acaba de chegar ao local. Desço aos tropeços por uma escada estreita, pulo para dentro do trem aberto e abaixo a primeira alavanca que vejo.

Minha cabeça é jogada para trás quando o trem arranca como um foguete. O túnel circular é uma confusão de luzes vermelhas e longas sombras escuras, e passo duas vezes por baixo de plataformas gradeadas como a primeira sem reduzir a velocidade. Os trilhos de repente descem e viram para a direita, e então vejo abaixo de mim um canal comprido cheio de água. Espero que daqui eu saia para o deserto. Em vez disso, o trem reduz a velocidade e para embaixo de outra plataforma. Deve haver pontos de parada automática. As portas se abrem, e corro escada acima. Estou visível de novo e aproveito que minha barriga não dói mais, pois sei que isso não vai durar muito. Vou precisar de meus Legados para sair daqui.

Respiro fundo e, com cuidado, experimento a porta no alto da escada. Não está trancada. Lentamente, eu abro uma fresta para ver o que há atrás dela. Meus olhos ma! se ajustaram quando a porta se abre com violência, atingindo meu ombro dolorosamente. Agora estou de cara para um guarda que tem uma arma conhecida pendurada no ombro — um canhão mogadoriano. Assim que o guarda o empunha, o canhão vibra e se acende com várias luzes. Porém, antes que ele possa apertar o gatilho, pulo para cima dele e batemos em uma parede de pedra. O guarda corre para a frente e tenta me prender pela cintura com seus braços grossos. Eu me esquivo e passo uma rasteira nele. O crânio faz um barulho horrível de rachadura quando bate no chão. Eu estremeço, mas não posso parar e pensar nisso. Empurro o corpo para dentro do túnel e fecho a porta. E então pego o canhão e fujo.

Olho à minha volta tentando me orientar. Há enormes colunas lisas sustentando o teto do túnel sinuoso, e vou me escondendo atrás delas enquanto avanço, atenta para o caso de ouvir mais guardas. Minha mente está a toda, analisando o que acabei de ver, tentando juntar as peças. Primeiro item, por que aquele soldado tinha um canhão mogadoriano? Ele o pegou de um mog capturado? Ou os mogs estão fornecendo armas ao governo? Vejo uma bifurcação no túnel e

ando mais devagar, tentando decidir para onde ir. Não vejo nada que me ajude a escolher, então penso na última vez em que encontrei uma bifurcação no caminho. Foi na Cordilheira do Himalaia, a que surpreendeu o comandante Sharma. Vou para a esquerda.

A primeira porta que encontro à esquerda é toda de vidro. Do outro lado, vejo cientistas em jalecos e máscaras circulando pelo que parecem ser grandes jardins repletos de plantas altas e verdes. Centenas de lâmpadas fortes pendem do teto a uma altura baixa.

Uma mulher ruiva de terninho escuro entra por outra porta e se aproxima de um dos sujeitos de jaleco na frente da sala. Ela está com uma tipoia no braço direito e tem curativos no rosto. A mulher observa o cientista despejar o líquido de um frasco em uma área do jardim mais próximo. Fico impressionada ao ver que no mesmo instante plantas crescem vários centímetros e seus botões se abrem. Ramos brancos se espalham em todas as direções, criando uma densa cobertura acima dos dois. O cientista anota algo em sua prancheta, e ergue os olhos para falar com a mulher. Não tenho tempo de me abaixar, e estabelecemos contato visual através da porta de vidro. Levanto o canhão mogadoriano devagar e balanço a cabeça. Espero que ele não se considere um soldado e prefira ficar fora da ação. Mas não tenho essa sorte. Vejo-o enfiar a mão no bolso. Droga. Ele está ativando algo. Ouço um barulho vindo de cima e uma chapa grossa de metal quase me acerta ao descer na frente da porta de vidro, protegendo-a. Alarmes soam, e sei que toda a área será isolada. Não posso ser capturada. Eu me preparo para a dor que estou prestes a sentir e fico invisível.

Bem na hora. Soldados entram correndo no túnel, e eu fico colada à parede para evitá-los. A dor e a náusea não voltam. Qualquer que tenha sido a droga que eles me deram, o efeito deve ter passado. O alívio que sinto é profundo, mas não tenho tempo de desfrutá-lo. Uma porta se destranca à minha direita. Sem pensar, passo por ela e alcanço um corredor branco estreito com mais portas. Na metade do corredor, um soldado solitário sai de uma delas.

— Por favor. Cale a boca logo — ele fala para dentro da sala. — E você devia mesmo comer um pouco.

O soldado fecha a porta e começa a se virar e se afastar. Mas estou preparada e o acerto no queixo com um gancho de direita. Vejo as chaves penduradas em seu cinto, pego o molho e tento uma a uma, desesperada, na fechadura da porta que ele acabou de fechar, até encontrar a chave que funciona. Imagino que a pessoa com

quem ele estava falando não seja amiga dele, e seria bom ter um aliado agora. Abro a porta para descobrir se é hoje que faço uma nova amizade.

Prendo a respiração, chocada com o que vejo. Não sei o que eu esperava, mas não era aquela menina encolhida no canto. Ela está coberta de sujeira e tem vergões vermelhos nos pulsos, mas eu a reconheço imediatamente. Sarah Hart. A namorada de John, a garota que o entregou à polícia na noite em que voltamos à Paradise.

Ela se levanta, trêmula, apoiando-se nas paredes. Está se preparando para o que quer que passe pela porta. O medo em seus olhos me diz que só acontecem coisas ruins quando esta porta é aberta. Permaneço invisível por tempo suficiente para arrastar o soldado inconsciente do corredor para a sala. Deixá-lo lá fora só vai atrair a atenção de outros, e não preciso de companhia. Empurro o guarda para um canto, torcendo para que não esteja avista se houver câmeras aqui. Fecho a porta.

— Sarah? — chamo baixinho.

Ela se vira, olhando na direção de minha voz, mas claramente confusa.

— Quem é? Cadê você?

— Sou eu, Seis — sussurro.

Ela arqueja em silêncio.

— Número Seis? Cadê você? Cadê John? — ela pergunta, com a voz trêmula.

Ainda falo baixo, sem saber se estamos sozinhas.

— Estou invisível. Fique encolhida como antes e finja que não estou aqui. Abaixar a cabeça para podermos conversar. Aposto que eles têm uma câmera aqui dentro.

Sarah se encolhe no canto e abraça os joelhos. Ela abaixa a cabeça, e os cabelos escondem seu rosto. Eu me aproximo e sento ao lado dela no chão.

— Cadê John? — Sarah sussurra.

— Cadê John? — Não consigo reprimir a raiva. — Neste momento, pode esquecer John, Sarah. Você devia saber onde ele está; afinal, você o entregou, lembra? Por sua causa, ele foi preso. E depois, eu o libertei. O que eu quero saber é o que você está fazendo aqui.

— Eles me trouxeram para cá — ela responde, com a voz falhando.

— Quem a trouxe aqui?

Os ombros de Sarah estremecem enquanto ela chora baixinho nos joelhos.

— O FBI. Eles ficam me perguntando onde John está, e eu sempre respondo que não sei. Você precisa me dizer. Tenho que contar a eles, ou vão matar todo mundo que conheço!

Ela parece desesperada.

Não posso dizer que tenho pena.

— Isso é o que acontece com quem muda de lado, Sarah. Você sabia o que John sentia por você; sabia que ele confiava em você. E você usou essa confiança para ajudar essas pessoas. E agora, elas estão usando você. Agora, rápido, conte o que você disse a eles sobre John!

— Não sei do que você está falando — Sarah responde e começa a soluçar ainda mais forte.

Não consigo evitar; é de partir o coração vê-la desse jeito. O que fizeram com ela? Os cabelos compridos cobrem o rosto e os braços, e ela parece pequena e jovem. Sinto minha raiva desaparecer e ponho a mão em suas costas.

— Sinto muito — sussurro.

Ela prende a respiração ao sentir meu toque e vira a cabeça na direção de minha voz. Quase não consigo ver seus olhos azuis; estão vermelhos e injetados. Para lhe dar força para o que precisamos fazer, fico visível por uma fração de segundo, mostro o canhão mogadoriano em minhas mãos e desapareço de novo. Vejo Sarah dar um sorriso minúsculo antes de voltar a apoiar o rosto nos joelhos. Ela suspira, respira fundo e, com uma voz muito mais firme, diz:

— É bom ver você. Sabe onde estamos?

— Acho que em uma base subterrânea no Novo México. Há quanto tempo você está aqui?

— Não faço ideia — ela responde, enxugando uma lágrima que caiu em sua perna.

Levanto e vou até a porta para tentar ouvir algo. Nada. Sei que estou perdendo minutos preciosos, mas preciso perguntar:

— Não entendo, Sarah. Por que você entregou John? Ele ama você. Pensei que você gostasse dele.

Sarah se encolhe como se eu tivesse batido nela. Sua voz soa hesitante, mas ela me encara quando responde:

— Juro, não faço ideia do que você está falando, Seis.

Preciso fechar os olhos e respirar fundo algumas vezes para não erguer a voz, para impedir a volta da raiva.

— Estou falando da noite em que ele foi declarar amor eterno por você. Lembra? Seu telefone vibrou às duas da madrugada, e a polícia apareceu um minuto depois? É disso que estou falando. Você partiu o coração de John quando o

entregou.

Ela começa a levantar a cabeça para responder, mas faço um barulho para lembrá-la de que precisa continuar de cabeça baixa.

Sarah volta a apoiar a cabeça nos joelhos e fala com a voz neutra:

— Não era isso que eu estava tentando fazer. Não tive escolha. Por favor. Cadê John? Preciso falar com ele.

— Eu também gostaria de falar com ele. Gostaria de falar com todos eles! Mas primeiro precisamos pensar em um jeito de sair daqui.

Minha voz é urgente.

Ela parece derrotada quando volta a falar:

— Não há como sair aqui. Só se você quiser enfrentar mil mogadorianos.

— O quê?

Volto para perto dela. Do que Sarah está falando? Estamos em uma sede do governo americano, não em uma base mogadoriana.

— Você os viu? — pergunto. — Os mogs? Eles estão aqui?

Sarah fica com uma expressão dura por um momento. Ela não parece mais a garota que conheci em Paradise, a menina humana por quem John se apaixonou e por quem estava disposto a fazer de tudo. Não quero nem pensar no que o FBI e os mogs fizeram com ela.

— Sim. Eu os vejo todo dia.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Uma coisa era suspeitar dessa possibilidade; outra era ouvi-la ser confirmada.

— Bem, eu estou aqui agora — anuncio, tentando fazer uma de nós se sentir mais confiante. — Prometo, o próximo mogadoriano que você vir estará arrebetado por mim.

Sarah ri baixinho olhando para as pernas. Seus ombros relaxam um pouco pela primeira vez desde que entrei.

— Parece bom. Seis, por favor, pode me dizer onde John está? Ele está bem? Vou poder vê-lo?

Sei que ela está preocupada com Quatro, mas essas perguntas constantes estão começando a me irritar de verdade.

— Para ser muito sincera, não vi John ultimamente, Sarah. Nós nos separamos. Ele foi recuperar a arca dele com Sam e Bernie Kosar, e eu fui à Espanha encontrar outra de nós. íamos nos reunir daqui a três dias, mas agora não acredito que isso seja possível.

— Onde? Onde vocês combinaram? Preciso saber. Está me matando não saber onde ele está.

— Neste momento, não importa onde deveríamos nos encontrar, porque eu não estarei lá — retruco. — Temos que nos concentrar em como vamos sair daqui.

Sarah se encolhe ao perceber o tom de raiva em minha voz.

— Onde estão os outros? Onde Cinco está? — ela tenta de novo.

Eu a ignoro — é evidente que ela não está me ouvindo. Volto para a porta e encosto a orelha nela de novo. Ouço passos — sem dúvida são de mais de uma pessoa — se aproximando pelo corredor. Penso em minhas opções. Posso atraí-los para a cela ou eliminá-los no corredor. Seja como for, sei que preciso lutar com eles, deixar Sarah invisível e escolher uma direção para sairmos daqui.

Sarah se levanta.

— E os Números Sete, Oito e Nove? Onde eles estão? Estão juntos?

Se ela não ficar quieta, acabaremos sendo capturadas, ou pior.

— Sarah! Chega! Pare! — cochicho para ela.

Colo a orelha na porta de novo e no mesmo instante percebo que há algo errado. Parece que o corredor está lotado de homens. Estamos presas. Viro-me para avisar Sarah, mas ela parece estar sofrendo um ataque epiléptico. Fico paralisada diante do corpo dela em convulsões, debatendo-se no chão da cela.

— Sarah!

Fico visível e vou correndo até ela para tentar impedir que sua cabeça bata no chão de cimento, Ela foi drogada?

Sarah começa a tremer tão rápido que se torna um borrão. Impotente, vejo o corpo dela ser envolvido por um contorno branco. Estendo a mão para tocá-lo, mas, antes que meus dedos o alcancem, o contorno fica preto. Concentro-me em Sarah para conter as convulsões com minha telecinesia, mas, assim que começo a tentar, meu cérebro parece queimar, como se uma quantidade imensa de energia negra invadissem meu crânio. De repente caio para trás, segurando minha cabeça com uma dor latejante, de olhos fechados com força. Quando volto a abri-los, não acredito no que vejo. Sarah Hart está ficando mais alta e escura, até atingir pelo menos dois metros de altura. Os cabelos louros ficam mais curtos e pretos, até parecer que foram aparados a máquina. O rosto se transforma no de um monstro demoníaco. Uma cicatriz roxa aparece em um lado do pescoço agora grosso e então se alonga devagar até chegar à garganta. Quando a cicatriz finalmente para de crescer, começa a brilhar.

Acabei de ver Sarah se transformar em Setrákus Ra? Nunca o vi, mas já ouvi o bastante para ter uma boa ideia do que, ou de quem, estou olhando.

A porta se abre de repente, e um raio de luz azul me ofusca por um momento. De repente, uma dúzia de soldados mogadorianos entra correndo na cela, com seus canhões preparados.

Tento ficar invisível, mas nada acontece. Não tenho tempo para tentar entender por quê. Pego o canhão que havia deixado no chão para ajudar Sarah, pulo e disparo contra um dos mogs. Ele vira uma nuvem de cinzas a meus pés. Continuo atirando, mato mais dois, mas quando me viro para procurar a próxima vítima sou puxada para trás e enforcada com meu pingente. Consigo virar a cabeça o suficiente para ver que quem me segura é o monstro que antes foi Sarah. Ele me gira, me desarma com um safanão de sua pata gigantesca e me puxa para perto de seu rosto. A essa distância, vejo que sua pele escura é um mar de pequenas cicatrizes, como se tivesse sido arranhada por navalhas.

Tento me concentrar para erguer a arma do chão, mas ela continua imóvel. Nenhum de meus Legados está funcionando! Sem eles, estou vulnerável. Pior que vulnerável. Não tenho nada com que lutar. Mas não vou desistir.

— Diga onde eles estão! — Setrákus Ra rugue. Ele puxa com mais força a corrente em meu pescoço. Vejo sua cicatriz roxa brilhar mais quando ele pergunta: — Onde eles estão, Número Seis?

— É tarde demais — sussurro com toda a minha coragem. — Estamos fortes demais agora e estamos vindo pegar você. Lorien vai viver outra vez, e nós vamos derrotar você.

O tapa é tão forte que não sinto um lado do rosto e meus ouvidos apitam. Obrigo-me a continuar encarando-o. Setrákus Ra torce os lábios rachados e exhibe duas fileiras de dentes tortos e afiados. Ele está tão perto que minha visão fica um pouco turva, então procuro algo em que me concentrar. Olho para um dente quebrado, de onde vaza um líquido grosso e escuro. Não sei por quê, mas isso tem o estranho efeito de fazê-lo parecer menos assustador. É só muito nojento.

— Diga onde você combinou de encontrar o Número Quatro daqui a três dias.

— Na lua.

— Você vai morrer na frente deles. Eu mesmo vou matá-la.

Não digo nada. Finjo que ele sequer falou enquanto sua mão aperta mais meu pescoço. O pingente que John e eu encontramos no poço em Ohio, aquele que estava no esqueleto enorme, fere minha nuca à medida que Setrákus Ra o puxa cada

vez com mais força. Enquanto ele puxa a corrente, penso no rosto de John quando treinávamos juntos, vejo a Garde reunida em torno da mesa branca na nave e sorrio. Sinto orgulho de ter sido escolhida pelos Anciões. Em respeito a eles, não vou implorar por minha vida.

— Então, aí está você, Número Seis.

Reconheço a voz imediatamente. Agente Purdy. Abro os olhos e vejo um velho. Um braço está engessado, e o rosto está coberto de hematomas. Ele vem em minha direção, e vejo que está mancando.

Quando ele chega perto o bastante, cuspo em seus sapatos de couro. Setrákus Ra ri bem em meu ouvido.

O agente Purdy olha por cima de minha cabeça para falar com ele.

— Conseguiu a informação que procurava? Sabe onde eles estão? Setrákus Ra rosna e responde me batendo na parede de cimento, que acerto primeiro com os joelhos. Quando caio no chão, na mesma hora sou puxada pela corrente do pingente para ficar de pé. Sinto que minhas costelas sofreram parte do impacto; acho que algumas estão quebradas. É difícil respirar. Tento mais uma vez erguer o canhão com a telecinesia, mas ele não se mexe.

— Muita gentileza sua nos visitar, Seis — Purdy cumprimenta. — Vejo que você conheceu Setrákus Ra.

— Você é um covarde — murmuro.

Com ou sem Legados, vou acabar com ele ou morrer tentando.

— Covarde? É você quem foge de mim — Setrákus Ra protesta, com um tom de desprezo.

Encaro seus olhos castanho-avermelhados.

— Isto é covardia. Você deve achar que não vai conseguir me matar se eu tiver todos os meus poderes. E é isso o que chamo de covarde.

A cicatriz de Setrákus Ra brilha outra vez, mais forte ainda. Para minha surpresa, a corrente afrouxa em meu pescoço.

— Deixe-a com a menina — ele diz, tirando o pingente por cima de minha cabeça.

Meu estômago se retorce quando o vejo pendurado na mão de Setrákus Ra. Ele olha para mim e sorri.

— Vou lutar contra você, Seis. Sozinho. Evocê vai morrer. Em breve. Sou arrastada para fora da cela, e o peito de meus pés se arrasta pelo cimento. E então algo duro acerta a parte de trás de minha cabeça. Fecho os olhos — é melhor que

eles pensem que apaguei, porque assim será mais fácil prestar atenção no caminho por onde estão me levando. Uma vez à direita e duas à esquerda. Ouço uma porta ser aberta e sou empurrada para a frente. Cambaleio até bater em algo macio. Ou até algo macio bater em mim. Ainda estou de olhos fechados quando sinto braços me envolvendo. Quando abro os olhos, fico surpresa ao ver, pela segunda vez em uma hora, Sarah Hart.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

NOSSO FORD BEGE VOA PELA ESTRADA COM NOVE AO VOLANTE. OLHO PARA AS LONGAS fileiras de milharais e tento imaginar como eles parecem vistos do espaço. Não consigo parar de pensar em nossa nave parada em algum lugar do deserto do Novo México. Depois de todos esses anos, depois de muito fugir, me esconder e treinar, tudo está quase pronto. Os membros da Garde desenvolveram seus Legados e estão se reunindo, Setrákus Ra veio à Terra para lutar, e quando tudo acabar teremos uma nave para voltar a Lorien.

— Estou entediado — Nove diz. — Conte uma história. Fale sobre Sarah. Ela é gata, afinal?

— Esqueça. Muita areia para o seu caminhão.

— Quatro, se você conseguiu chegar perto dela, tenho certeza de que eu teria uma chance. Especialmente com este carro.

Este carro. Nove me deixou deprimido quando me mostrou o carro pela primeira vez na garagem. Quer dizer, considerando tudo que eu havia visto do estilo de vida de Sandor e Nove, dava para entender que eu tivesse imaginado uma máquina com muito mais luxo e riqueza. Mas as aparências enganam. O Ford só estava escondendo o jogo.

Por fora, parece que o carro foi abandonado em um ferro-velho. Mas, por dentro, nunca vi nada com tecnologia tão avançada. Eu me sinto como James Bond. Há um detector de radar, um bloqueador de laser e janelas escuras à prova de balas. Quando Nove quer parar de dirigir e descansar um pouco, o carro dirige por ele. Com o toque de um botão, uma metralhadora automática com canos grandes surge do capô. A arma, claro, é controlada no volante. Nove demonstrou tudo em um trecho deserto da estrada no sul de Illinois, disparando alguns tiros em um celeiro abandonado. Minha experiência com carros se limitava às picapes velhas e outras sucatas que Henri encontrava para nós — carros que poderíamos

abandonar de uma hora para outra sem problema. Ele jamais teria usado algo assim. Haveria muitas evidências se o carro fosse deixado para trás. Isso só serve para mostrar como cada Cêpan era diferente.

Nove tira as mãos do volante e as une como se estivesse rezando.

— Por favor, eu imploro. Só me fale como ela é. Depois de tantas horas de milho, eu faria qualquer coisa para pensar em algo bonito.

Olho para o milharal, apertando os lábios.

— De jeito nenhum.

— Cara, quem vê não pensa que ela entregou você para a polícia. Qual é! Por que você é tão protetor?

— Não sei nem se ela me entregou mesmo. Não sei mais em quem acreditar. Mas, se ela fez isso, penso que ela teve seus motivos. Talvez tenha sido enganada ou obrigada.

Minha cabeça estava cheia de perguntas sobre Sarah. Se eu pudesse vê-la, falar com ela...

— Sei, sei. Esqueça tudo isso por um minuto. Só me diga como ela é. Quero muito saber. E prometo não dizer uma palavra. — Vejo que ele não vai desistir. — Juro pelo código lórico, se é que isso existe.

— É claro que existe! Você e Sandor estavam ocupados demais com essa vida luxuosa, divertindo-se com seus brinquedos, para se preocupar com algo tão básico quanto o código lórico — retruco. Seguimos em silêncio por alguns minutos. — Tudo bem, eu falo como Sarah é. Sabe quando você conversa com uma garota bonita e ela presta atenção só em você, e tudo está ótimo?

— Sei.

— E você pensa que está com a garota mais linda do estado, talvez do país, talvez até mesmo da Terra. Só de entrar em uma sala, ela ilumina tudo, Todo mundo quer ser o melhor amigo dela, quer se casar com ela, ou os dois. Consegue imaginar?

O sorriso de Nove se alarga.

— Sim. Tudo bem. Consigo imaginar.

— Bem, essa é Sarah. A garota linda que ilumina tudo. Ela o trata como se você fosse a pessoa mais importante que ela já conheceu. Quando ela sorri para você, cara, é o máximo, e nada mais importa. Além de tudo isso, é a pessoa mais delicada, inteligente e criativa que já conheci. E ela adora animais, e uma vez...

— Cara. Não me importa se ela gosta de cachorrinhos. Só me fale dos atributos, da aparência, do estilo.

Nunca conheci ninguém mais insistente. Suspiro.

— Cabelos louros, olhos azuis. Alta e magra, e você devia vê-la em um suéter vermelho que ela tem. Fica tão linda que chega a ser injusto.

Nove uiva para o teto, acordando Bernie Kosar no banco de trás. Aponto para ele.

— Ei! Você não ia falar nada, lembra? Pelo código lórico?

— Tudo bem, tudo bem, tudo bem. Obrigado por esse punhadinho. Ela parece ser muito gata. Agora, fale de Seis.

Ele esfrega as mãos, sorrindo com ansiedade.

— De jeito nenhum!

— Ah, por favor, Johnny.

Eu rio. É impossível não querer falar dela.

— Tudo bem. Seis. Vejamos. Bem, em primeiro lugar, ela é a pessoa mais forte que já conheci.

Nove bufa.

— Da um tempo. Tenho certeza de que consigo esculachá-la.

— Não sei, cara. Espere até conhecê-la.

Ele ajeita o cabelo no espelho.

— Hum, mal posso esperar.

— E ela tem cabelos pretos compridos, e parece sempre furiosa...

— Você já reparou que é um pouco empolgante quando uma garota está brava com você? — Nove resmunga, batendo o dedo no queixo como se estivesse mesmo pensando muito a respeito.

De repente me sinto culpado. Eu não devia falar desse jeito, ainda mais com Nove. E com certeza eu não devia comparar Seis e Sarah assim, como se fosse uma competição — especialmente porque elas se odeiam. Sarah a odeia por causa de tudo que eu disse sobre Seis na noite em que a polícia me pegou, e Seis odeia Sarah porque arrisquei minha vida e a dela para ir vê-la quando Seis precisava de minha ajuda. E porque ela acredita que Sarah nos traiu.

— Acho que não é certo falar de Seis. Prefiro deixar você conhecê-la, tirar suas próprias conclusões.

Nove balança a cabeça.

— Você é um frouxo, cara.

Viajamos em silêncio por um tempo. Placas anunciam onde estamos. Verifico o tablet de novo, grato pelo amor de Nove e Sandor pelos eletrônicos. Se eu não pudesse ligá-lo no computador do carro, não teria como saber se os três membros da Garde reapareceram. Vejo os pontos que representam a mim e Nove no leste de Oklahoma; ainda há um ponto no Novo México, e o quarto se desloca rapidamente para o norte pelo Oceano Atlântico. Os outros três apareceram na Inglaterra, e ainda não sei como eles foram da Índia para lá tão depressa. Decido conferir de novo daqui a cinco ou dez minutos.

Olho pela janela, vendo as placas pelas quais passamos. Já passamos da

metade do caminho para o Novo México quando percebo que o ponteiro do combustível se aproxima perigosamente do VAZIO. Aponto para o painel, e Nove para em um posto de gasolina. Ele me pede para abrir o porta-luvas. Dois rolos de notas de cem dólares caem em meu colo.

— Droga — reclamo, pegando-os.

— Pode me dar uma dessas? — Nove pergunta.

Tiro uma nota e a entrego. Nove destrava o tanque e sai do carro. Ponho algumas notas no bolso e guardo o restante no porta-luvas. Exausto, puxo a alavanca para reclinar o banco, recosto a cabeça e fecho os olhos. Bernie Kosar se aproxima e lambe meu rosto, fazendo eu rir. Estou acabado, mas resisto ao sono que tenta se apoderar de mim. Não posso lidar com o que acompanha meu sono. Não aguento mais enfrentar Setrákus Ra em meus sonhos.

Penso em Sarah e Seis; espero que as duas estejam bem. Depois penso em Sam. Ainda não acredito que abandonei meu melhor amigo. Digo a mim mesmo que não tive escolha. O campo de força azul havia me incapacitado de tal maneira que voltar teria sido suicídio. Por mais que isso seja verdade, ainda me sinto mal.

O estalo alto da bomba de combustível com o tanque cheio interrompe meus devaneios. Respiro fundo, ainda de olhos fechados, para aproveitar cada segundo de silêncio antes de Nove voltar ao carro. Mas o silêncio continua. Nove não entra e começa a falai pelos cotovelos. Abro os olhos e me viro para a bomba, mas não vejo ninguém. Cadê Nove? Olho pelo posto. Nada. Fico preocupado na hora. Saio do carro, com Bernie Kosar atrás de mim, e tranco as portas.

Primeiro entro na loja de conveniência — ele não está lá. Então vou ao estacionamento cheio de caminhões. Com minha audição avançada, capto a voz de Nove e percebo que ele está bastante furioso. Bernie Kosar e eu corremos na direção de sua voz, passando por alguns caminhões, e o encontramos parado entre dois jovens com camisetas sujas de sangue. Na frente de Nove há três caminhoneiros grandes, todos gritando na cara dele.

— O que foi que você disse? — o caminhoneiro do meio pergunta a Nove.

Debaixo do boné amarelo, uma barba ruiva cheia cobre o rosto do homem.

— Você é surdo? — Nove retruca, falando de um jeito exagerado, como se o homem fosse um idiota. — Eu disse que você tem braços de moça. Quer dizer, veja seus pulsos.

Por que ele insiste em procurar encrenca?

— Hum, o que está acontecendo? — interrompo, aproximando-me.

O caminhoneiro à direita, um cara alto com óculos de sol do tipo aviador, olha para mim. Ele aponta para meu rosto e berra:

— Cuide de sua vida, babaca!

Enquanto me junto ao grupo, o caminhoneiro à esquerda cospe um jato de líquido marrom a meus pés.

— Até onde eu consegui entender — Nove se vira para me explicar—, esses gorduchos estão bravos com esses carinhas. Os carinhas pegaram carona com um deles, prometendo dinheiro que eles não tinham. Então agora os gorduchos estão tentando dar uma surra nos carinhas com seus bracinhos de moça.

Olho para os caminhoneiros, os gorduchos, e tento ser simpático.

— Tudo bem, bom, não temos nada a ver com isso, e precisamos voltar para a estrada. Então, pessoal, peço desculpas por meu amigo, que evidentemente não sabe quando deve cuidar da própria vida.

— E — o caminhoneiro barbudo rosna para Nove. — Sai fora, pivete, e deixa a gente cuidar desses miseráveis.

Olho direito para os caronas pela primeira vez. Pelo cheiro, eles estão na estrada há um bom tempo. Não têm mais que dezoito anos, provavelmente menos. Quando os caminhoneiros avançam ameaçadores, os dois trocam um olhar de verdadeiro pânico. De repente, Nove fica na frente dos dois e diz:

— Não quero saber quem prometeu o que para quem. Se vocês encostarem nesses garotos de novo, vou quebrar todos os seus malditos braços.

Eu me enfio entre Nove e os três caminhoneiros, agora realmente furiosos, e afasto os dois lados. Bernie Kosar late, ameaçador.

— Tudo bem, tudo bem, parem. — Olho para Nove, tentando fazê-lo me ouvir. — Não podemos fazer isso agora. Temos que chegar a um lugar muito importante. Agora. — Enfio a mão no bolso e me viro para os caminhoneiros. — Escutem, quanto esses caras prometeram pagar?

— Cem pratas — o de óculos escuros responde.

— Tudo bem — digo, tirando uma das notas do bolso.

Os caminhoneiros arregalam os olhos ao ver tanto dinheiro, e no mesmo instante percebo que a situação acaba de ficar pior.

— Por que você daria qualquer coisa a esses caras, Johnny? — Nove pergunta.

Sinto a mão gorda de um caminhoneiro em meu ombro. Ele o aperta enquanto fala:

— Eu disse cem pratas? Queria dizer mil. Johnny.

— Isso é loucura! — um dos caronas grita. — Nunca prometemos nenhum dinheiro!

Olho para os caminhoneiros, balançando a nota como se fosse uma bandeira.

— Cem pratas, pessoal, peguem logo. Considerem isso uma gorjeta pelos bons serviços, ou como pagamento por não espancarem ninguém, tanto faz. Apenas peguem logo!

— Eu disse mil — o homem da esquerda fala, cuspidando de novo, agora bem no meu sapato. — Você é surdo?

Bernie Kosar começa a rosnar baixinho.

Nove dá um passo à frente, mas eu o afasto e me viro para encará-lo.

— Não! Não vale a pena, cara! — Fico com o rosto bem perto do dele. Nove precisa entender que estou falando muito sério. Não vou permitir que ele faça isso. — Por favor. Pense no que Sandor ia querer que você fizesse. Ele ia querer que você se afastasse. Eu preciso que você se afaste — sussurro.

— Vocês não vão levar nada! — Nove grita para os caminhoneiros por cima de meu ombro.

Uso o corpo para empurrá-lo para trás, na direção do carro. Viro bem a tempo de ver o caminhoneiro barbudo tirando uma faca do bolso.

— Todo o seu dinheiro. Agora.

Os outros dois homens se adiantam e me cercam.

— Escutem — peço, baixando a voz, tentando assumir o controle da situação. — Vocês vão pegar as cem pratas e vão embora daqui. Senão, vou parar de segurar meu amigo. Acreditem, vocês não querem isso. Vocês nem imaginam o que ele é capaz de fazer e não vão querer saber.

Não é uma grande surpresa quando a resposta vem na forma de um punho. Ele vem da direita, e eu me esquivo com facilidade. Pego o pulso do caminhoneiro e o derrubo. BK se aproxima dele rosnando, e o homem se retrai.

— Minha vez! — Nove diz, animado, empurrando-me para o lado.

O caminhoneiro barbudo ataca Nove com a faca, e ele sai da frente tranquilamente. Quando o barbudo ataca de novo, Nove se abaixa e prende o braço na axila do cara, jogando-o no chão. Ele chuta a faca da mão do caminhoneiro, e ela vai parar sob um caminhão.

— Cara, vocês deviam ouvir meu sábio amigo ali. Sério, vocês não querem se meter com a gente.

— Tudo bem, tudo bem. Acabou — digo, pondo a mão no ombro de Nove. — E agora, todos nós vamos embora. Vamos.

Ouçõ o estalo de uma arma engatilhada. Ficamos parados. O caminhoneiro com óculos escuros aponta uma Desert Eagle calibre para nós. Não sei tudo sobre armas, mas sei que essa aí é bem potente. Ele parece bastante sério ao perguntar:

— Qual de vocês quer morrer primeiro?

É claro que Nove se adianta, cruzando os braços na frente do peito:

— Eu.

O homem aponta a arma para o rosto de Nove e ri do que ele acha que é só presunção.

— Não me provoca, pivete. Matar você seria o ponto alto do meu dia.

— Bom, então atire. Não tem por que adiar o ponto alto de seu dia. Parece que não são muitos — Nove retruca.

Suspiro, sabendo que isso tudo vai acabar mal. E depois, atrairemos uma atenção de que não precisamos.

E então tudo acontece muito rápido. Primeiro, um estouro súbito muito alto em um caminhão próximo assusta o caminhoneiro armado, que dispara. Nove paralisa a bala a centímetros do próprio nariz usando a telecinesia. Sorrindo e inclinando a cabeça, ele gira o projétil no ar e o manda voando de volta para o atirador. O homem vê a bala vindo em sua direção e dá meia-volta, correndo com toda a velocidade de que as pernas são capazes.

Olho para Nove. Esse cara está se divertindo muito. Eu sei o que ele vai fazer e sei que é uma péssima ideia.

— Não. Nove. Não faça isso — peço, balançando a cabeça, sabendo que ele vai fazer mesmo assim.

Nove ri e finge inocência.

— Fazer o quê? Isso?

Nós dois nos viramos para a bala que flutua parada no ar perto do caminhoneiro, depois que Nove a conteve. Nove dá uma gargalhada e manda a bala atrás do homem que continua correndo, acertando-o bem no traseiro. Ele cai gritando, como um louco. Nove olha para os outros caminhoneiros, incluindo o que BK decidiu deixar se levantar. Eles parecem prestes a molhar as calças de medo. Nove sorri para eles, e sei que ele ainda não se cansou de perturbá-los.

— Querem saber? — ele diz aos dois caminhoneiros — Acho que vocês dois devem se desculpar pela grosseria de seu amigo. Vocês vão fazer o seguinte. Vão enfiar as mãos no bolso, bem devagar, e pegar a carteira. Depois, vão entregar cada centavo que vocês tiverem a esses dois caras simpáticos aqui. Vocês sabem, para compensar o aborrecimento — ele acrescenta, apontando os caronas. — Acho que vocês não querem saber o que eu vou fazer se não cooperarem. Rápido.

Os dois caminhoneiros concordam com a cabeça e enfiam a mão no bolso.

Os garotos parecem completamente atônitos com o que acabaram de ver.

— Hum, obrigado, cara — um deles diz.

— Não foi nada — Nove responde enquanto o dinheiro é entregue. Todas as mãos estão trêmulas, exceto as nossas.

— Só para você saber, nunca prometemos dinheiro nenhum àquele cara. Eles estavam tentando nos roubar. Estamos completamente duros — o outro diz.

— Eu acredito. E agora não estão mais duros — Nove responde, sorrindo. — Digamos apenas que sei como é estar na estrada, fugindo. Pode ser difícil encontrar um jeito de arrumar algum dinheiro. — Ele olha para mim em busca de confirmação. Sorrio para os garotos, mas olho de novo para Nove e deixo claro

que estou mais furioso do que nunca. Ele dá de ombros. — Espero que a próxima carona de vocês seja melhor!

Nove se vira e se afasta, e BK e eu o seguimos.

Voltamos ao carro, entramos e partimos em silêncio. Depois de um ou dois minutos, Nove estende a mão e liga o rádio. Ele batuca com os dedos no volante, acompanhando a melodia.

— Que diabo você estava fazendo lá no posto? — grito, dando um soco no ombro dele. — E não me venha com essa palhaçada sobre os coitadinhos e os caminhoneiros malvados! Você estava só se divertindo e se exibindo! E quer saber? Isso é um perigo para nós dois, sem falar que nos impede de chegar aonde temos que ir. Caramba, Nove! Controle-se!

Nove segura o volante com tanta força que seus dedos estão brancos, e seu maxilar está tão tenso que os músculos tremem.

— Eu não estava me exibindo e não estava me divertindo.

Espero que ele continue, que explique, mas dá para ver que ele não vai dizer mais nada. Por que ele está tão bravo?

— Vai me dizer que só queria defender dois humanos que estavam sendo ameaçados? Mesmo depois de ter dito que humanos não são dignos de seu tempo ou sua energia?

Nove faz uma careta quando uso suas próprias palavras contra ele.

— Não gosto de valentões. Ninguém tem o direito de roubar ou de ferir só porque consegue. Eu não iria permitir que eles fizessem isso. E garanti que eles nunca mais façam de novo. — A voz de Nove é neutra. Ele se vira para mim, para minha expressão surpresa, e volta a olhar para a estrada. — Não sei por que você parece tão chocado. Sou um humanitário, cara.

Balanço a cabeça. Sempre que eu acho que consegui entender Nove, o cara faz algo inesperado e acabo gostando ainda mais dele. Dou de ombros, apoio a cabeça no encosto e viro o rosto para ver a paisagem pela janela. Fico tamborilando com os dedos ao som da música no apoio para o braço na porta.

— Eu não sabia, só isso — digo.

Ele relaxa no assento e sorri de um jeito satisfeito que tem mais a ver com o Nove que eu conheço.

— Ah, bem, agora você sabe, cara. Agora você sabe.

CAPÍTULO

VINTE E SEIS

MINHA CABEÇA ESTÁ NO COLO DE SARAH HART, A VERDADEIRA, E ELA PASSA OS dedos em meus cabelos. Fico encarando o teto. Levanto a mão e toco meu rosto. O corte em volta dele é profundo. Quero sentar, mas a dor em minhas costelas e meus joelhos não permite.

Eu me sinto humilhada pela facilidade com que Setrákus Ra me dominou. Com minha fraqueza diante de sua força enorme. Já matei tantos soldados mogadorianos. Cortei cabeças enquanto os destroçava disparando armas com telecinesia. Desde que recebi meus Legados, sempre estive pronta para lutar sem medo, independentemente de quem ou do que eu enfrentava. Até agora. Setrákus Ra me sacudiu pelo pingente como se eu fosse uma boneca de pano. Eu não pude fazer nada. Ele até fez meus Legados desaparecerem. Tive a oportunidade de matar Setrákus Ra, salvar Lorien e terminar a guerra, e fui abatida como um mosquito irritante.

— Seis? Você sabe se John ainda está vivo? — Sarah pergunta, cautelosa. — Sei que você está sentindo muita dor, mas pode me dizer só isso?

— Sim. Ele está vivo — sussurro.

Sinto Sarah suspirar, aliviada.

— Você está bem? — ela pergunta pouco depois.

— Não sei — respondo. Viro a cabeça para poder ver os olhos cansados de Sarah. Tento sorrir. Estou exausta. Minhas pálpebras já estão querendo fechar quando abro a boca para falar: — Ele era você, ele me fez pensar que era você, o monstro.

Sarah ouve sem aparentar confusão. Ela balança a cabeça e desvia o olhar.

— Eu sei. Ele me mostrou. Veio à minha cela há alguns dias. Achei que ele fosse me levar de volta à sala onde... — Ela hesita por um minuto e então pigarreja e continua: — A sala com um monte de máquinas e luzes estroboscópicas. Nela eu me sinto maluca e tudo dói. É difícil explicar. Mas ele não tinha vindo para me levar a lugar nenhum. Só ficou ali parado, sem dizer nada. Depois começou a se sacudir todo, como se estivesse tendo um ataque epiléptico. Depois começou a encolher e... pá! Foi como se eu estivesse olhando em um espelho. Quando ele finalmente falou, a voz não era a dele. Era a minha. Tentei bater nele e arrancar seus olhos, mas ele me espancou tanto que... Bem, a primeira vez que consegui levantar foi quando jogaram você aqui dentro.

— Estou lisonjeada. — Tento dar uma risada, mas ela fica presa na garganta. — Não, sério, obrigada.

— Bom, de nada.

Sarah está sorrindo para mim, e acho que ela deve ter ficado apavorada. Eu agora há pouco senti mais medo do que nunca, e fui criada para isso. Esta é minha vida. Não é a vida de Sarah, nem um pouco.

— Não entendo uma coisa. Como ele sabia tanto sobre você? Como conseguiu me enganar portanto tempo?

— Eles sabem tudo, Seis — ela responde com um tom terrivelmente sério.

Aos poucos, começo a me afastar de seu colo, a me levantar. Tento ignorar as súplicas de minhas costelas para eu continuar no chão.

— Como assim, tudo? Sobre quem? E o que você sabe? Disso tudo?

Sarah desvia o olhar.

— Do pouco que eu sei, contei tudo — ela responde depois de um minuto. — Não consegui me conter. Eles ficavam me levando para aquela sala, me prendiam e injetavam drogas em mim. E faziam sempre as mesmas perguntas, várias vezes; depois de um tempo minha boca se mexia mesmo que eu a mandasse parar. Eu simplesmente não conseguia parar de falar. — Sarah esconde o rosto nas mãos e soluça. — Eu contei tudo, repeti conversas inteiras, palavra por palavra.

Sento e me recosto na parede, deixando a dor se espalhar por meu corpo.

— Se John vir Setrákus Ra e achar que é você, não sei o que vai acontecer.

De repente Sarah parece agitada.

— Precisamos sair daqui! Precisamos impedi-lo! Tem algum jeito de avisarmos John?

— Não sei se estou pronta para fugir daqui.

— O quê? Por quê? — ela pergunta, chocada.

Faço um esforço para me levantar, segurando as costelas.

— Agora que encontrei Setrákus Ra, quero ter outra chance de enfrentá-lo. Ele me deixou viver, e agora vou matá-lo.

Isso soaria mais letal se eu não estivesse ligeiramente tonta, mas estou bem séria.

Sarah fica de pé, e olho diretamente para ela pela primeira vez. Mesmo com o rosto coberto de sujeira e hematomas, e os cabelos louros sem vida caídos nos ombros, ela ainda é bonita. A barra do suéter vermelho está rasgada, e ela está descalça. Também oscila um pouco. Ela me encara, incrédula.

— Olhe para você, Seis. Você está machucada. Está muito machucada. Será que você tem ideia do que está dizendo? Seria loucura lutar com ele sozinha. John virá; espere por ele. Por favor. Ele vai vir, e vai nos salvar, e Sam. Eu sei que vai.

— Sam está aqui? Tem certeza? Você o viu mesmo?

Sarah trava a mandíbula.

— Eles o jogaram aqui comigo uma vez. Estava inconsciente, todo cortado e machucado. Como eu, — E então a energia dela se esvai e sua voz fica mais baixa. — Mas sei que não posso mais acreditar em nada do que vejo ou escuto.

Imaginar Sam ensanguentado aqui nesta cela faz meu estômago se torcer de raiva. O que aconteceu naquela caverna dos mogs? Dou um soco na parede de cimento e fico surpresa ao arrancar lascas. Minha força está voltando. Não sinto dor. Estou recuperando meus Legados. Olho bem nos olhos de Sarah.

— Sarah, você entregou John naquela noite no parquinho? Você precisa me dizer.

Ela responde sem hesitar.

— De jeito nenhum. Eu o amo. Sim, fiquei confusa com, bem, com tudo, e foi bem difícil assimilar tudo. Mas eu nunca trairia nenhum de vocês, especialmente John.

Vejo seus olhos se encherem de lágrimas e sei que ela está dizendo a verdade.

— Apesar de John ser um alienígena, você ainda o ama? Não se importa?

Sarah sorri.

— Não consigo explicar. Não sei explicar o que o amor é para mim, como ele me preenche e me dá forças, mas sei que é poderoso e bonito, e sei que é isso que sinto por John. Eu o amo, e vou amá-lo para sempre.

Só de falar isso Sarah já fica mais ereta; ela parece mais forte e decidida.

Sua convicção me emociona. Penso no que aconteceu entre mim e John, no beijo e em todo o resto. Não amo John como Sarah. Ela obviamente acredita que John é o único para ela no universo inteiro.

— Tenho tido uns flashbacks, sabe, sobre nossa viagem à Terra. Ele e eu estávamos sempre brigando — digo, com um tom suave.

— É mesmo? — ela pergunta, ansiosa para saber o que eu tiver para contar.

— Bem, não exatamente brigando. Eu ficava empurrando-o e pegando seus brinquedos.

Nós rimos e ela segura minha mão. Lamento que ela esteja aqui por nossa causa. Não vou abandoná-la. Dá para ver no rosto dela toda a confiança no que fazemos, em quem somos.

— Vou tirar você daqui, está bem? Vou levá-la de volta para John.

— Espero que sim — ela responde em voz baixa.

— E vamos encontrar Sam e tirá-lo daqui também; depois vamos nos encontrar com Sete, Oito e Dez, vamos achar Cinco e trabalhar como uma equipe.

A mão dela na minha me dá ainda mais forças, mais certeza do que nunca.

— Espere aí. Número Dez? Pensei que vocês fossem só nove.

— Tem muita coisa que você não sabe, que descobrimos há pouco tempo.

Toco o corte em volta de meu pescoço. Ainda dói, mas parece que já está começando a cicatrizar. Penso vagamente se estou ganhando um novo Legado.

Sarah me abraça, mas nosso momento é breve. A porta se abre de repente, e uma dúzia de soldados mogadorianos marcha para dentro da cela, apontando canhões para meu peito.

— Fique invisível — Sarah sussurra. — Vá.

Testo as costelas e alongo o pescoço. Estou me sentindo melhor do que há cinco minutos. Isso tem que bastar.

— Não. Cansei de fugir.

A ruiva que vi no laboratório com as plantas entra na cela mancando. Olho para o braço na tipoia e para os curativos em seu rosto, e não consigo evitar o desejo de ter sido a responsável por tudo aquilo. Qualquer pessoa que se junte aos mogs e torture crianças em uma base secreta merece aquilo tudo e mais. Ela sabe quem os mogs são de verdade? O que eles pretendem fazer? A mulher aperta os lábios pálidos e me encara.

— Então. É você quem vai lutar contra Setrákus Ra?

Dou um passo à frente.

— Sim. Quem é você?

— Quem sou eu? — ela diz, chocada por eu me atrever a perguntar isso.

Acho que não está acostumada a ver alguém questionando seu direito de estar em qualquer lugar, pedindo-lhe para explicar quem ela é.

— Sim, você, babaca. — Será que ela me confundiu com alguém que tem algum respeito por sua posição? — Eu fiz uma pergunta. Quem é você e por que diabos está trabalhando com eles? Você sabe o que os mogadorianos vão fazer? Qual é o plano deles? Eles vão destruir a Terra, mas só depois de conseguirem o que querem. E você não só está ajudando, como também está estendendo o maldito tapete de boas-vindas! Eles lhe disseram por que estão aqui? Você nem ao menos perguntou?

Estou furiosa e desesperada; essa mulher precisa me ouvir. Ela tem que entender o que está em jogo.

Seu rosto continua impassível.

— Sei tudo que preciso saber. Eles estão aqui porque procuram você e seus amigos. Em troca de nossa ajuda, eles vão nos ajudar com questões vitais para nossa segurança. E vou lhe contar um segredinho. Estou ansiosa para encontrar aquele Número Quatro de novo, e aquele amigo alienígena esquisito dele. Tenho o direito à cabeça deles, e vou pegá-las com prazer.

Sarah e eu nos entreolhamos. Amigo alienígena? De quem ela está falando? Será que John encontrou mais alguém da Garde?

— Com que coisas os mogadorianos vão ajudar vocês? — pergunto.

— Bem, para começar — ela diz, apontando o canhão mog —, ganhamos isto aqui. Milhares de armas alienígenas com potência impossível de ser criada aqui na Terra, armas às quais nenhum inimigo nosso tem acesso. Com essa tecnologia, o Pentágono estará anos-luz à frente de qualquer outro exército na Terra. Seremos invencíveis.

Estou revoltada e faço questão de demonstrar.

— Setrákus Ra também nos tem fornecido irídio, elemento químico incrivelmente raro na Terra, e nós fizemos avanços científicos com ele que vão render bilhões de dólares ao Estados Unidos. Além disso, o governo também está muito interessado em encontrar outros planetas habitáveis, e os mogadorianos já nos deram informações a esse respeito.

Quando a mulher para de falar, ela endireita o corpo e cruza os braços de modo desafiador.

— Eles disseram o que fazem quando encontram outros planetas habitáveis? Eu falo. Eles os destroem — grito na cara deia. — Desta vez vocês escolheram o lado errado. Meus amigos e eu estamos tentando impedi-los.

— Já chega. Setrákus Ra solicita sua presença. Por aqui. Agora.

A mulher dá um passo para o lado.

Sei que daria conta dela e de todos esses soldados. Mas isso só iria adiar o que realmente quero fazer: derrotar Setrákus Ra.

— Por mais tentadora que seja a ideia de matar vocês todos agora, acho que vou deixar para o Número Quatro e o amigo alienígena esquisito dele — digo, com desprezo. — Se Ra quer resolver isso agora, vamos lá.

Passo por ela e saio da cela.

— Seis! — Sarah me chama. — Por favor! Tome cuidado!

Ando pelo corredor, cercada por meus inimigos. Andamos ao longo de corredores, passamos por várias portas, e, depois de alguns minutos, estou em um salão imenso. É grande o bastante para abrigar uma frota de tanques. Também é grande o bastante para uma luta épica.

A porta bate e ouço-a ser trancada atrás de mim. Agora está tão escuro que não consigo enxergar além de meio metro à minha frente, que dirá o fundo do salão. Caminho na direção do que imagino ser o centro do salão, levitando para testar minha telecinesia enquanto avanço. A dor de antes desapareceu. Quando penso que estou no meio do salão, fecho os olhos e me viro, explorando o ar mentalmente. Sinto que há umas vinte criaturas entrando no salão. Estou desapontada. Queria que fosse uma luta individual.

Quando abro os olhos, já estou quase adaptada à escuridão. Queria ter o Legado de Marina de enxergar no escuro, mas posso ver o suficiente por enquanto. Há soldados mogadorianos junto à parede do fundo. Eles usam mantos pretos esfarrapados e botas pretas, e agitam suas espadas diante do corpo. Eles são maiores que a maioria dos mogadorianos com que já lutei, mas sei que posso matá-los sem problemas. Uma porta se abre atrás de mim, e mais uma dúzia de soldados entra.

— Ei! O que é isso? Setrákus Ra! — grito para o teto, virando-me para garantir que todos os mogs possam me ver e saibam que não estão diante de uma humana assustada. — Pensei que você quisesse lutar comigo!

Um pedaço da parede explode no fundo da sala, e o líder mogadoriano aparece. Os três pingentes lóricos pendem de seu pescoço grotesco. Pretendo recuperar todos eles. Setrákus Ra abre os braços e grita: — Primeiro você precisa

conquistar o direito!

Acho que essa é a ordem para atacar, porque, de repente, os soldados dão um grito de guerra e correm em minha direção. Começo pela direita e vou destruindo um de cada vez.

CAPÍTULO VINTE E SETE

VENTO, AREIA QUENTE E CALOR INCLEMENTE, ALÉM DE UMA dor de cabeça latejante, dão as boas-vindas no destino seguinte de nosso teleporte. Tento proteger os olhos do sol ofuscante enquanto fico deitada de costas, recuperando-me. Bem-vinda ao Novo México,

— Isso aí — Oito geme, mas parece satisfeito. — Conseguimos.

Sorrio, mas não me mexo para esperar a dor de cabeça diminuir primeiro.

— Ella? — chamo.

— Estou bem aqui, Marina — ela responde. — Veja onde estamos! Novo México!

— Finalmente. Você pode tentar se comunicar com Seis de novo?

— Já tentei. Ainda não tive sorte.

Eu me levanto devagar. Oito está de joelhos na base da duna, tossindo, O teleporte parece tê-lo afetado mais do que nas outras duas vezes. Ella põe a mão na nuca dele. As duas arcas estão perto de nós, Faço uma volta completa e vejo apenas areia, areia e mais areia. É um ou outro cacto.

— Para onde devemos ir?

Ella e Oito sobem na duna e param a meu lado. Depois de um minuto, Ella aponta para o norte e diz:

— Vejam! Seis disse algo sobre estar morrendo em um deserto com montanhas.

Estreito os olhos e enxergo o que ela está apontando. O contorno sutil de montanhas tremula na luz da tarde.

— Vamos para lá, então — Oito diz. — Podemos chegar lá com teleportes curtos quando meu Legado voltar, Até lá, vamos andando.

Pegamos as arcas e partimos para o norte,

— Ella, você precisa continuar tentando falar com Seis. Se não conseguir, talvez possa tentar com Quatro, ou até com um dos outros, Cinco ou Nove,

Perdemos muito tempo só para chegar aqui. Talvez agora Ella possa encontrar um jeito de ganhar tempo para nós.



Nove examina o mapa que está aberto na tela no meio do volante. Ele olha pelo deserto interminável que nos cerca. O radar do carro localizou um túnel subterrâneo aqui perto; agora só precisamos encontrar a entrada. Quando toco o triângulo verde no tablet, ele mostra que estamos a menos de três quilômetros da nave. Toco o círculo azul e grito:

— Nove! Eles estão aqui!

— Quem está aqui? — Nove pergunta, observando o horizonte.

— Os outros três pontos azuis. Estão aqui no Novo México! Nove arranca o tablet de minhas mãos e dá um grito alto.

— Caramba, mermão, o bicho vai pegar mesmo. Ele me encara, com os olhos brilhando.

— Acho que é agora. O começo do fim.

Por mais que eu esteja ansioso para finalmente ter a chance de fazer o necessário, estou me dando conta de que essa vai ser a luta de nossa vida.

— Agora mesmo, nossa ascensão é agora — Nove diz. — Você vai lutar mais do que nunca, Quatro. Vai ser um monstro. E eu? Eu vou arrancar a cabeça de Setrákus Ra, embrulhar para presente e mandá-la para Mogadore com um laço de fita vermelho gigantesco. E então Lorien vai se erguer das cinzas.

A voz dele treme de emoção, vibrando com toda raiva e energia reprimida que ele tem carregado consigo.

Bernie Kosar late no banco de trás e Nove vira e olha para ele com um sorriso.

— Você também, BK. Você, meu amigo, vai meter o pau.

Imagino como será encontrar todos os membros da Garde, algo em que

passsei muito tempo tentando não pensar. Olho para o horizonte. Minha mente está tranquila e aberta a qualquer possibilidade. A sensação é boa. E é nesse momento que escuto uma voz fraca de menina ecoando dentro de minha cabeça. É suave e falhada, a princípio como um sinal ruim de rádio, mas depois fica mais nítida.

Quatro? Número Quatro? Está me ouvindo?

— Sim, sim! Eu ouço você! — grito, virando a cabeça de um lado para o outro. — Quem é? Cadê você?

Nove olha para mim, confuso.

— Hum, cara. Espero que você esteja me ouvindo. Estou bem aqui.

— Não é você. Ouvi uma menina. Você não ouviu? Uma menina acabou de falar comigo.

Número Quatro? Sou a Número Dez. Está me ouvindo? Talvez isso seja inútil, não sei se estou falando com alguém. Talvez eu nunca entenda como isso funciona sem Crayton.

— Ah, de novo — digo animado. Nove me olha como se eu tivesse enlouquecido de vez. — Nove! Ela acabou de dizer algo mais! Você ouviu? Ela disse que é a Número Dez! Acho que ela deu um jeito de entrar em minha cabeça.

— Número Dez! O bebê da segunda nave! Bem, não fique aí olhando para mim! Responda a ela, idiota!

É fácil falar. Ela não sabia que estava funcionando. Imagino que seja um Legado novo se desenvolvendo — para nós dois! É preciso treino para descobrir como fazer um Legado funcionar quando e do jeito que você quer. Sei que não posso perder muito tempo tentando entender isso. Respiro fundo, isolo todo o ruído em minha cabeça e à minha volta e me concentro. Tento recriar a sensação que tive alguns minutos atrás, antes de ouvir a voz. Sinto-me calmo, aberto e, de algum jeito... conectado.

Estou ouvindo, tento mentalizar. Nada. Espero um pouco e tento de novo. Número Dez?

Número Quatro! Você me escuta?

— Ela me ouviu!

Rio alto e olho para Nove, vitorioso.

— Diga a ela que estamos chegando para salvar o dia — Nove fala. — Diga que vamos buscá-la no caminho para Lorien, onde quer que ela esteja.

Cadê você?, ela pergunta. Estou com Sete e Oito no deserto do Novo México. Estamos tentando encontrar e resgatar a Número Seis.

— O que ela está dizendo? — Nove grita.

Sei que ele está louco para acompanhar nossa conversa, mas não posso falar com ele agora. Preciso me concentrar para ouvir a voz de Dez e responder.

Como assim? Cadê Seis? Também estamos no Novo México. Estou com Nove, e estamos no deserto procurando uma base subterrânea.

Olho para as montanhas.

— Temos que encontrar aquele túnel logo — digo para Nove.

— Ela disse onde eles estão?

— Disse apenas que está com Sete e Oito aqui no deserto e que eles estão tentando resgatar Seis. Deve ter sido ela no mapa aquela hora. Sei que eu não devia me preocupar... se tem alguém que sabe cuidar de si mesma, é a Número Seis. Mesmo assim, estou preocupado.

— Ela deve estar em Dulce. Vamos atrás dela.

Nove desliza os dedos na tela. O mapa muda de cor e parece estar escaneando a área, até finalmente ampliar a imagem do tronco de um cacto de cinco pontas a uns quinhentos metros de nós. Embaixo dele, vejo o contorno de um túnel subterrâneo.

— Ah! Boa tentativa, seus idiotas safados do governo. Fale para a Número Dez vir para cá!

Sabe onde vocês estão, Dez? Encontramos um túnel para a base aonde achamos que Seis foi levada. Estamos em um carro marrom, parando em uma estranha secundária.

Depois de uma pausa ela diz:

Podemos nos teleportar até aí. Como o encontramos?

— Eles não sabem como nos encontrar — digo a Nove.

— Talvez possamos enviar algum sinal? Droga! Devíamos ter trazido aquele lança-foguetes! — Ele dá um tapa no volante e olha pela janela, balançando a cabeça.

— Não precisamos de um lança-foguetes — respondo, saindo do carro. Levanto as mãos abertas e acendo o Lúmen, balançando os raios para a frente e para trás.

Procure os raios de luz no céu, digo a Dez. Não escuto nada por um minuto. Espero que não tenhamos perdido nossa conexão.

Estamos vendo!, Dez finalmente fala.

— Eles estão vindo — grito para dentro do carro, mantendo meu Lúmen voltado para o alto. Quero lhes dar todo o tempo possível para verem exatamente onde estamos. — Só precisamos esperar.

— Vou tentar — Nove responde, conferindo de novo a tela no volante, mas já começando a se mexer. — Cara, não acredito que os encontramos!

Finalmente desligo meu Lúmen e volto para dentro do carro. Quase não consigo acreditar que este momento chegou, que estamos prestes a cumprir o destino que os Anciões traçaram para nós.

Estamos nos reunindo para derrotar os mogadorianos e ressuscitar Lorien da hibernação.

De repente ouvimos o som inconfundível de um helicóptero.

— Hum, Johnny? Eles por acaso não estão vindo de helicóptero, não é?

— Droga! — exclamo.

Bernie Kosar pula em mim, apoiando as patas da frente na porta para olhar pela janela. Nós três vemos vários helicópteros subindo do horizonte difuso. As aeronaves se aproximam umas das outras e param bem acima de nós. Uso a telecinesia para me concentrar no que está na dianteira e o faço voltar girando na direção contrária. E então o derrubo com força suficiente para ele não voar de novo tão cedo.

— Deve ser o FBI. Eles estão me irritando quase tanto quanto os mogadorianos. Provavelmente estavam nos procurando e viram suas luzes! — Nove grita.

A metralhadora automática surge no capô do carro. Nove faz pontaria e dispara tiros de advertência à direita e à esquerda dos helicópteros restantes. Assim que ele para de atirar, os helicópteros descem, pairando pouco acima de nós. Estou prestes a me livrar de mais um com a telecinesia quando Nove dá um grito.

— Olhe a estrada — ele adverte.

Viro para a esquerda e vejo uma nuvem de poeira enorme gerada por uma fila comprida de veículos pretos. Bernie Kosar late e arranha a porta. Assim que a abro, ele se transforma em um falcão enorme e sobe ao céu. Corro até o portamalas e o abro com um soco. Pego uma das bolsas e tiro quatro fuzis automáticos, soltando dois ao lado da porta de Nove. Os veículos distantes já estão disparando, e eu subo no teto do carro e miro enquanto Nove continua atacando os helicópteros que se aproximam. Pelo canto do olho, vejo Bernie Kosar voar para a lateral de um helicóptero. Ele pegou um piloto com as garras e, puxando com força, usa o bico poderoso para arrancar o cinto de segurança que prende o piloto ao assento. E então BK o joga na areia. O helicóptero cai e explode em chamas com o impacto. A caravana de carros pretos desvia dos destroços, e eu aperto o gatilho de minhas duas armas, destruindo os pneus dianteiros dos primeiros dois carros. Isso não para o comboio, mas pelo menos o retarda.

Os helicópteros restantes se espalham no céu e se aproximam de direções diferentes. Porções de areia explodem à nossa volta. Um helicóptero voa bem acima de nós, e eu pulo para fora de sua linha de fogo.

Tento manter a mente limpa. Não é fácil, mas estou pegando o jeito do que preciso fazer para me comunicar. Respiro fundo algumas vezes e aquieto a mente.

Número Dez? Cadê vocês? Estamos sendo atacados.

Podemos ouvir, ela responde. Estamos chegando. Os pensamentos dela são calmos, com uma nota de preocupação. Mas é bom poder ouvi-la, saber que outros estão a caminho.

Viro e vejo dois helicópteros pretos virarem para a esquerda e se afastarem de nós, disparando míssil atrás de míssil em um alvo novo. Com certeza são eles! Só consigo desviar três foguetes, mas alguém desvia os demais.

— Dez e os outros estão chegando! — grito para Nove pela janela do lado do motorista.

De repente, a metralhadora automática no capô do carro explode, e pedaços de metal quente passam voando por cima de mim. Pulo do teto do carro assim que ele é partido ao meio por uma nova rajada de balas.

Nove sai do carro e pega os dois fuzis que deixei na areia embaixo da porta.

— Parece que teremos uma luta e tanto. Passei a vida inteira esperando por isso.

Os helicópteros se afastam e voltam a se agrupar acima dos veículos distantes, formando uma frente unida. Nove levanta a mão, e de repente a caminhonete preta da dianteira dispara para cima como um foguete lançado para o espaço. Nove move a mão e o carro volta a cair. A esta distância conseguimos ouvir os gritos dos homens. O carro para pouco antes de atingir o chão, e depois cai com força. Vemos os homens saírem com as pernas bambas e tentarem fugir para algum lugar. Ao ouvir o som do impacto, Bernie Kosar, ainda na forma de falcão, mergulha e aterrissa atrás do carro destruído na estrada, e então se transforma em uma besta. Os automóveis seguintes desviam no deserto para evitá-lo, e alguns rodam descontrolados. Bernie Kosar ruge.

Nove se enfia no banco traseiro do carro e joga nossas arcas na areia. Ele abre a sua, pega o cordão de pedras verdes e o bastão prateado e sai correndo na direção do caos, gritando:

— Espere os outros. BK e eu já voltamos!

Eu grito de volta.

— Não demonstre que está se divertindo muito! E tome cuidado para não explodir a entrada da base militar!

Um helicóptero passa à minha direita e, assim que uso a telecinesia para puxar o nariz da aeronave, algo rasga minha perna esquerda. Caio de cara na areia, ofuscado pela dor. A sensação é muito familiar, e eu rolo pelo chão gritando com todas as forças. Sei o que isso significa. Uma cicatriz queima em minha perna. Outro membro da Garde está morto.

Tudo para. A ideia de que mais um de nós está morrendo domina meu corpo, e fico paralisado por um sofrimento tão profundo que é como se eu estivesse sendo engolido pela areia. Menos um soldado para reclamar Lorien,

menos um soldado para lutar e salvar a Terra e tudo o que vive nela. Dois mísseis atingem nosso carro, e ele explode em pedaços.

O tiroteio chove em cima de mim, e bem a tempo meu bracelete se expande e forma um escudo. Encontro um pouco de consolo no fato de que minha Herança está em sintonia com os perigos que enfrento — embora eu não saiba por que ele não agiu durante a primeira saraivada. As balas passam perto e não param. Quando finalmente consigo examinar a nova cicatriz em meu tornozelo, fico chocado ao ver dois buracos de bala. Nunca fiquei tão feliz por estar ferido e sangrando. É um alívio tão grande descobrir que não é outra cicatriz que nem me importo por ter as mãos cobertas de sangue. Enquanto aplico pressão para estancar a hemorragia, o deserto fica estranhamente silencioso. Meu bracelete se retrai.

Consigo me virar e olhar para cima. Diante de mim vejo três adolescentes em pé. O menino é alto, bronzeado e com cabelos pretos encaracolados, e as duas meninas seguram Arcas Lóricas. No mesmo instante reconheço o garoto de minhas visões. Ele faz um gesto com a cabeça e sorri, apresentando-se:

— Bom ver você de novo, Número Quatro. Eu sou Oito.

Antes que eu possa responder, ele desaparece.

Uma das meninas é baixa, tem cabelos castanhos e estrutura pequena. Parece ter no máximo doze anos, e sei que ela deve ser a Número Dez, a Garde da segunda nave. Ela solta a arca e se ajoelha a meu lado. A outra Garde, uma menina alta com cabelos castanhos na altura dos ombros, deixa sua arca no chão e, sem dizer nada, ajoelha-se também e põe as mãos em meus ferimentos. Sinto um frio me envolver, e meu corpo se contorce no chão do deserto. Quando acho que vou desmaiar de dor, ela acaba. Olho para meu tornozelo e vejo que os ferimentos foram completamente curados. É incrível. A menina fica em pé, estende a mão e me ajuda a levantar.

— Você tem um Legado e tanto — consigo dizer.

— John Smith. — Ela me encara, meio fascinada. — Depois de tanto tempo, não acredito que você esteja diante de mim.

Estou prestes a responder, mas vejo atrás dela um míssil uivando em nossa direção. Empurro as meninas para o chão, caio em cima delas, e uma duna atrás de nós explode como um vulcão, lançando uma nuvem de areia em nós. Quando a areia assenta, Oito reaparece perto de nós.

— Tudo bem aqui? Todos prontos para lutar? — ele pergunta.

— Sim, tudo bem — a garota mais alta responde, movendo a cabeça na direção de minha perna.

Dez disse que estava com Sete e Oito, então essa deve ser a Número Sete. Antes que eu possa me apresentar direito, Oito desaparece pela segunda vez.

— Ele pode se teleportar — a Número Sete diz, sorrindo por causa de meu espanto.

Mal posso acreditar que há tantos de nós finalmente juntos. Sorrio para ela.

Ao longe, vejo Oito de novo, lutando ao lado de Nove e Bernie Kosar. Eles espalham o terror em cada veículo que se aproxima, tombando e inutilizando equipamentos militares pesados como se fossem brinquedos fajutos de plástico. O cajado vermelho e brilhante de Nove rasga o ventre de um helicóptero que voa baixo. Oito se teleporta para perto de um Humvee preto e o vira com as mãos. Dois helicópteros perdem altitude e colidem em uma bola de fogo.

Sinto uma nova urgência para encontrar Seis o mais rápido possível.

— Então imagino que vocês sejam Sete e Dez; o que vocês conseguem fazer? — pergunto enquanto pego nossos fuzis na areia e entrego uma arma a cada menina.

— Pode me chamar de Marina — a menina de cabelos castanhos responde. — E posso respirar embaixo da água, enxergar no escuro e curar ferimentos. E tenho telecinesia.

E me chame de Ella, escuto a voz de Dez em minha cabeça. Além da telepatia, posso mudar de idade.

— Incrível. Eu sou Quatro, aquele maluco de cabelo preto comprido é Nove, e a besta é meu Chimeera, Bernie Kosar.

— Você tem um Chimasra? — Ella pergunta.

— Não sei o que faria sem ele.

O que restou da brigada finalmente se dispersa, e uma dúzia de veículos saem da estrada e correm em nossa direção. Uma pequena nuvem de fumaça sai de um dos veículos, e uso a telecinesia para desviar o foguete que ele acabou de disparar, lançando-o em uma duna. As outras caminhonetes e SUVs continuam vindo a toda.

Começo a pegar os pedaços do carro destruído de Nove e a arremessá-los na direção da brigada que se aproxima. Jogo pneus, portas, até um banco retorcido. Marina faz o mesmo, e nós conseguimos parar três ou quatro veículos. Mesmo assim, ainda temos que lidar com mais de meia dúzia.

De repente, Oito, Nove e BK aparecem à nossa frente. Oito solta a mão de Nove para apertar a minha.

— Número Quatro.

— Vocês não têm ideia de como estamos felizes por vocês estarem aqui — digo.

Nove aperta a mão de Dez e a de Sete e diz:

— Oi, moças. Sou o Número Nove.

— Oi — Dez responde. — Pode me chamar de Ella.

— Sou a Número Sete, mas prefiro ser chamada de Marina.

Eu queria ter tempo para conversar com essas pessoas que esperei tanto para encontrar, ouvir suas histórias, saber onde estavam escondidas, conhecer seus Legados e ver o que há em suas arcas. Mas outros helicópteros estão vindo.

— Não podemos ficar aqui e defender este trecho de deserto para sempre — digo. — Precisamos encontrar Seis!

— Deixe eu cuidar daqueles caras — Nove fala, apontando para a nuvem que se aproxima. — Depois, podemos ir buscar Seis e mandar ver.

Todos nos viramos para assistir à investida. Vários helicópteros novos cobrem o céu. Olho para o restante da Garde, e todos parecem prontos para lutar. Nunca houve tantos de nós juntos. Nunca antes tudo pareceu tão possível. Depois de tudo isto, nunca mais vamos nos separar de novo.

— Eles não vão parar. Devíamos ir logo procurar Seis.

— Tudo bem, Johnny. O túnel fica para lá — Nove diz, apontando para trás de nós. — Vou ficar na retaguarda e cuidar de tudo que precisar de cuidado. Sabe como é, quebrar alguns pescoços, agitar um pouco as coisas.

Cada um dos que têm arca pega a sua. Vou na frente, seguindo na direção indicada por Nove. Procuo armadilhas e conduzo todo mundo para o cacto de cinco pontas. Sete e Oito vêm logo atrás de mim, seguidos de perto por Dez. Ouço um tiroteio constante atrás de nós enquanto Nove se ocupa. Ele parece estar festejando ali atrás, gritando e vibrando. Só ele poderia achar isto divertido.

Corremos mais rápido e só paramos ao chegar ao cacto. Nove atira sem parar, empolgado, enquanto Oito e eu tentamos lidar com a planta espinhosa, o único obstáculo que nos separa da prisão de Seis. O mapa mostrava que o túnel ficava no mesmo lugar do cacto. Finalmente, conseguimos explodi-lo com a telecinesia. Embaixo dele há uma porta marrom grossa com uma alça de metal no meio. Enquanto fico olhando para a entrada do túnel, com os outros Garde a meu lado, lembro o que Nove disse antes: "Passei a vida inteira esperando por isso." Todos nós esperamos por isto — pelo momento em que nos encontraríamos, quando os nove se ergueriam para defender o legado de Lorien contra os mogadorianos. Nem todos os nove conseguiram chegar aqui, mas sei que os seis que sobrevivemos, e também a Número Dez, faremos o que for necessário para sobreviver ao que está por vir.

CAPÍTULO

VINTE E OITO

UM MOG ENORME ME ATACA COM UMA ESPADA RELUZENTE. EU ME ESQUIVO da lâmina e dou um soco na garganta dele. O mog derruba a arma, lutando para respirar. Assim que a espada cai no chão, eu pego e o decapito. Uma nuvem de cinzas me envolve enquanto outros três atacam. As cinzas me escondem. Fico abaixada e corto os joelhos dos mogs assim que eles se aproximam. Quando levanto, outro mog imenso tenta me acertar pelas costas. Pulo por cima dele, cravando a espada em seu torso quando caio. Atravesso a nuvem de cinzas dele e me vejo cercada por mais uma dúzia. Não vejo Setrákus Ra.

Fico invisível. Depois de destruir mais uma rodada de mogs, procuro Setrákus Ra de novo. Eu o vejo do outro lado do salão e não hesito. Saio correndo até ele. Mais mogs aparecem; perco a conta da quantidade. Transformo todos em cinzas. Quando estou a dez metros de Setrákus Ra, ele levanta um punho e o aponta para mim, quase como se pudesse me ver. Sua mão dispara uma eletricidade azul que se espalha pelo teto do salão, e eu me torno visível. De novo, ele eliminou meus Legados. Eu sabia que isso podia acontecer, mas ainda assim sinto o baque da perda. Mas estou preparada para o que ele tem para mim.

Soldados mogadorianos investem de todos os lados, mas continuo indo na direção de Setrákus Ra. Quando um mog entra em meu caminho, corto o pescoço dele com a espada. Outro me agarra por trás e eu corto seu braço. Um terceiro vem até mim correndo e gritando, e enterro a espada em seu torso. A essa altura, estou tão concentrada em decidir onde vou enfiar a espada no pescoço de Setrákus Ra que mal percebo o massacre de mogs.

De repente, Setrákus Ra está a meu lado e pega meu pescoço. Ele me levanta com uma das mãos até meus pés balançarem no ar, e mais uma vez meu rosto está a centímetros de distância do dele.

— Você luta bem, menininha — ele diz, soprando o hálito em meu rosto.

Faço uma careta por causa do cheiro.

— Devolva meus Legados e você vai ver como eu luto bem.

Minha voz soa estrangulada.

— Se você fosse tão forte quanto pensa que é, eu nem conseguiria tirá-los.

— Não me venha com essa, seu covarde! Se tem tanta certeza de que pode me derrotar, por que não os devolve? Mostre como você é grande e forte. Devolva meus Legados e lute como homem!

— Você usa seus poderes, e eu vou usar os meus! — o grito dele ecoa.

Ele me joga de volta no meio do salão, mas quase não sinto a dor do impacto quando caio. Minha espada bate no chão e escorrega para longe. Um soldado arremessa a espada contra mim. Meu primeiro impulso é tentar pará-la com a telecinesia, mas ainda estou sem Legados. Mesmo assim, minha força e meus reflexos ainda estão comigo e com potência total. Vou matar Setrákus Ra, com ou sem poderes. Estendo as mãos abertas e seguro a lâmina a centímetros de meu queixo. No segundo seguinte sou agarrada pela cintura e, enquanto caio de costas, giro a espada entre as mãos e a enterro no mogadoriano que me ataca. Sou coberta por um manto de cinzas enquanto chego ao chão. Mais mogadorianos se aproximam. Eu os estou destruindo com suas armas, e a justiça disso é incrível. Sinto-me mais forte cada vez que reduzo um deles a nada. E também mais furiosa. Se preciso passar por todos os mogadorianos na Terra para chegar a Setrákus Ra, tudo bem.

Setrákus Ra está parado, assistindo ao espetáculo. Ele ruge tão alto que sinto as vibrações no peito. Anos de treinamento me trouxeram a este momento. O único jeito de me sentir mais forte seria com o restante da Garde aqui comigo; deveríamos estar enfrentando-o juntos. Afasto esse pensamento. Vou acabar com ele por todos nós.

Depois que elimino o último soldado, Setrákus Ravem para onde estou, no meio do salão. Ele leva a mão às costas, pega um chicote enorme de ponta dupla e o estala no chão. O chicote se acende em chamas alaranjadas.

Eu nem pisco. Não há nada que ele possa fazer agora para me assustar ou me impedir. Corro para ele, gritando:

— Por Lorien!

Ele estala o chicote acima de mim, lançando um cobertor denso de chamas. Pulo para me esquivar e rolo na direção de seus pés. Enquanto evito a bota que tenta me pisotear, vejo várias cicatrizes em torno de seus tornozelos. Reparo nelas, mas não tenho tempo para pensar se existe alguma relação entre as cicatrizes dele e as minhas. Corto a panturrilha esquerda dele, logo acima da cicatriz mais alta, e então me levanto rapidamente. A marca que deixei endurece imediatamente e se transforma em outra cicatriz. Setrákus Ra não foi nem um pouco afetado pelo ferimento e não vacila nem uma vez.

Ele me ataca com de novo o chicote, e tento cortar uma das pontas, mas a lâmina derrete quando toca as chamas. Jogo o que resta da espada em Setrákus Ra. Ele levanta a mão e faz ela parar no ar. O cabo gira e brilha e, quando Setrákus Ra abre os dedos, a lâmina derretida se funde de novo e a arma volta a ser uma espada reluzente. Ele sorri e a deixa cair no chão.

Pulo na direção da espada, mas quando tento pegá-la o chicote acerta minha mão direita. Minha pele ferve e se rasga, e, em vez de sangue, sai uma substância preta e dura do corte. Olho para o ferimento e sei que ele devia estar doendo absurdamente, mas não sinto nada. Cambaleio para a frente e enfim pego a espada. Armada, viro para encarar o líder mog. Mas tem algo terrivelmente errado com minha mão direita. Não consigo mexê-la.

Setrákus Ra estala o chicote outra vez e eu pulo para me desviar das pontas, que deixam um rastro de chamas. Quando ele levanta o braço para preparar outro ataque com o chicote, vejo uma oportunidade e aproveito. Segurando a espada com a mão esquerda, corro para Setrákus Ra e enterro a lâmina em suas costelas. Puxo a espada para baixo, rasgando a pele pálida dele até a lâmina ficar alojada na base do tronco. Caio para trás, olhando para ele e torcendo desesperadamente para ter desferido o golpe final e encerrado a guerra.

Mas não. Embora Setrákus Ra faça uma careta pela primeira vez, ele não se transforma em cinzas, e simplesmente remove a espada do corpo. Ele examina a lâmina, vendo seu sangue preto espesso escorrendo por ela. E então põe a lâmina na boca e morde, quebrando-a ao meio, e larga a espada no chão. É como se ele estivesse brincando comigo. O que está acontecendo? Eu me levanto, calculando depressa o que fazer agora. O primeiro passo é evitar Setrákus Ra pelo tempo necessário para que eu possa pensar. Mais do que nunca, queria que minha Garde estivesse aqui comigo.

Ella? Você está me ouvindo?

Nada.

Continuo recuando, tentando me afastar de Setrákus Ra para ter mais chance. E aí percebo que minha mão direita começa a formigar. Olho para baixo e vejo que a pele em torno do ferimento ficou preta. Observo a cor se espalhar para os dedos e as unhas; em poucos segundos, minha mão inteira fica preta. O formigamento desaparece. Minha mão parece muito pesada. Como se fosse de chumbo.

Olho para Setrákus Ra. A cicatriz roxa em seu pescoço começa a pulsar com uma luz intensa.

— Está pronta para morrer?

Ella? Se você está chegando, a hora é esta. Na verdade, é agora ou nunca.

Quero muito ouvir a voz dela em minha cabeça dizendo que está com os demais do outro lado da porta. Devíamos estar juntos, usando nossos Legados, os dons que os Anciões nos concederam, para enfrentar Setrákus Ra até que só restasse o monte imprecioso e inofensivo de cinzas em que todos os outros mogs se transformaram. Mas estou aqui sozinha, com a mão ferida e inútil, brincando de gato e rato com Setrákus Ra. E ele está parado

diante de mim, com o chicote de fogo na mão, brincando comigo depois de ter anulado meus Legados. O que está acontecendo?



Dou mais uma olhada pelo deserto e então seguro a alça da porta marrom e giro. Depois de dar uma volta completa, decido andar logo e arranco a madeira das dobradiças. Uma escada de aço desce por um buraco negro.

— Eu enxergo no escuro — Marina avisa. — Vou na frente.

Afasto-me para deixá-la passar. Marina desce a escada na escuridão e desaparece. Oito joga a arca no buraco.

— A descida tem uns seis metros. Parece que é um túnel comprido — Marina relata. — Até aqui, tudo limpo. Não vejo ninguém,

Nove olha para Ella e para mim e diz:

— Primeiro as damas. — Ella começa a descer a escada, e, quando a menina desaparece, Nove sorri para mim e diz: — Bem, tudo bem, mas eu estava falando com você, Quatro.

Balanço a cabeça para ele. Nove no mínimo é coerente. Ele faz um gesto para que eu desça.

— Você sabe que amo você, cara. Entre aí.

Com a telecinesia, desço Bernie Kosar primeiro, de volta à forma de beagle, e depois seguro minha arca embaixo do braço e desço desajeitado usando a outra mão. O interior do túnel é úmido e frio. À minha frente, ouço os passos de Ella e Marina e as unhas de BK estalando no cimento. Acendo o Lúmen de minha mão livre e ilumino o túnel de concreto por alguns segundos, para me orientar.

Dirijo o Lúmen pelo espaço entre nossa posição e uma curva acentuada mais adiante, e depois o apago.

— Marina, você consegue enxergar para nos guiar, não é?

Oito e Nove já nos alcançaram. Ela assente com a cabeça, e nós começamos a segui-la pela passagem escura. Não andamos muito quando quase esbarro em Ella, que parou de repente.

— Ah, não! Finalmente consegui ouvir Seis. Ela precisa de nós! Diz que é agora ou nunca!

— Vamos apertar o passo, pessoal! — Nove fala no final da fila.

Corremos o mais rápido possível pela escuridão. Acendo o Lúmen de vez em quando para evitar que a gente se atropеле. Fazemos uma curva fechada e levanto as mãos de novo para iluminar o túnel e mostrar o que temos à frente. Os cem metros seguintes são um declive, e meu Lúmen ilumina uma porta de concreto no final. Ponho minha arca no chão e a deixo escorregar até bater na porta. Ainda correndo, acendo as mãos para permitir melhor visibilidade.

Nove logo abre sua arca e tira a bola verde coberta de calombos pequenos. Como um ilusionista, ele a segura com a ponta dos dedos e a arremessa na porta. A bola quica e chega a só alguns centímetros do metal antes de se expandir e ficar preta. Estacas compridas e muito afiadas se projetam para fora, e a porta é arrebatada pelo impacto. As estacas se retraem em seguida até voltar a ser uma bola verde inofensiva caída no chão. Nove se abaixa, pega a bola e a guarda na arca, fechando-a com um estalo alto.

— Eu estava torcendo por isso — Nove comenta, com admiração.

Se eu fosse ele, teria aproveitado minha arca de maravilhas para enxergar através da porta primeiro e ver o que nos aguardava. Mas agora não é hora de criticar as decisões de ninguém.

Passamos correndo pela porta. Assim que entramos, luzes ativadas por sensores de movimento se acendem acima de nós. Lâmpadas vermelhas piscam e sirenes disparam, atacando nossos sentidos. No fim desse corredor mais curto, encontramos outra porta grande de concreto. Esta se abre à medida que nos aproximamos, revelando dezenas de enormes soldados mogadorianos armados de canhões e espadas.

— Mogs? O que eles estão fazendo aqui? — Oito pergunta, incrédulo.

— É. Más notícias; o governo e os mogadorianos se aliaram — respondo.

— Mamão com açúcar — Oito responde.

Nove me cutuca e faz um gesto exagerado de aprovação para nosso Garde recém-encontrado.

Sinto uma descarga de adrenalina, algo que só senti em minhas visões. De repente eu sei o que fazer. Olho para os outros.

— Cubram-me! — grito.

Eles assentem para mim. Largo a arca, acendo o Lúmen nas mãos e corro para a frente. A última coisa que enxergo pelo canto do olho é Ella recolhendo minha arca.

Como em minha visão, aponto o Lúmen para os pés enquanto corro e eles pegam fogo. As chamas sobem por minhas pernas e envolvem meu corpo assim que alcanço o primeiro soldado. Quando salto, atravesso-o como uma bola de fogo. O soldado se transforma em cinzas e eu continuo correndo.

Os mogs pelos quais eu passo dão meia-volta para atirar em mim, mas minhas chamas são uma proteção perfeita. Abaixo a cabeça e corro com os braços estendidos, afastando qualquer soldado. Marina, Oito e Ella estão atrás dos mogs, eliminando-os enquanto eu avanço. Nove correu para o teto e está atacando os mogs por cima. Arremesso bolas de fogo nos que estão mais perto de mim, e em poucos segundos todos são incinerados e sobra apenas uma nuvem densa de cinzas e fumaça no ar. Desacelera ao ver o último deles cair. Quando chegamos ao fundo do cômodo, jogo uma bola de fogo grande na porta, que explode em pedaços. Fico admirando o sucesso por um segundo, inclusive a cota de mogs de BK, embora evidentemente agora não seja o momento ou o lugar para me parabenizar. Acho que Nove me influenciou. Todos nos viramos para ver o que temos pela frente.



Setrákus Ra fez algo comigo. Não consigo me mexer nem sair do lugar. A princípio, penso se é por causa de toda a luta ou do ferimento bizarro em minha mão, ou os dois. Depois percebo que há algo muito errado, algo me imobilizando. Eu me esforço para levantar a cabeça e olhar para Setrákus Ra, que está diante de mim. Ele está segurando uma bengala dourada com um olho preto no cabo. Quando ele o estende, o olho abre, pisca, vira para a esquerda e para a direita e então me encontra. Depois o olho se fecha devagar e de repente se abre de novo, emitindo uma luz vermelha ofuscante muito forte. À medida que o raio passa por meu corpo

indefeso, fico com uma sensação estranha de vibração. Preciso muito me mexer. Preciso escapar dessa luz sinistra, escapar do que quer que ela esteja fazendo comigo, mas estou paralisada. Minhas mãos pesam uma tonelada. Estou vulnerável e preciso assumir o controle da situação e de mim mesma. Mas não consigo.

A luz do olho agora é roxa e passa em meu rosto. Lambo os lábios e sinto gosto de queimado. Setrákus Ra se aproxima de mim até estar a poucos metros. Fecho os olhos etensiono o maxilar, pensando em John, Katarina, Sam, Marina e Ella. Vejo Oito, Henri e Crayton, e até Bernie Kosar. Não vou dar a Setrákus Ra a honra, o prazer de encará-lo enquanto ele me mata. Algo quente e macio encosta em minha testa, como um sopro de ar. Preparo-me para o que quer que seja; preparo-me para a agonia que isso com certeza vai causar. Mas nada acontece, e quando abro os olhos vejo Setrákus Ra parado diante de mim. Bem, não exatamente. O cabo da bengala emite faixas de luz vermelha e roxa por todo o corpo enorme dele.

Setrákus Ra começa a tremer, e uma luz branca contorna seus ombros e braços. Ele cai de joelhos, em convulsões, virando a cabeçorra para cima e para baixo. E então a pele pálida como cera se desprende dos músculos e dos ossos. Quando a pele volta a se colar ao corpo encolhido, ela tem um novo tom azeitonado. Fios louros compridos surgem em sua cabeça até formar uma cabeleira cheia. Quando ele olha para mim, estou mais desesperada que nunca para atacar, mas ainda não consigo me mexer. Ele é eu — olhos cinzentos, faces altas, cabelos louros tingidos.

— Para eu ser você, você precisa continuar viva — ele diz com minha voz —, mas só por enquanto.

Ele levanta a mão espalmada e, como se tivesse um ímã no teto e outro em minha mão preta, subo voando, bato no teto e fico pendurada a quinze metros de altura. Sinto um zumbido doloroso na cabeça. Tento chamar Ella de novo, mas não consigo ouvir nem mesmo meus próprios pensamentos. Quando encosto na mão presa ao teto com a mão livre, ela também fica preta. A imobilidade pesada que dominou minha mão agora está se espalhando. Agora só consigo mexer os olhos. Meu corpo inteiro agora está preto. Pedra preta.

CAPÍTULO

VINTE E NOVE

MAIS UMA VEZ EU ASSUMO A DIANTEIRA. MARINA VEM LOGO ATRÁS E BERNIE KOSAR rosna a seu lado. Ella ainda está com. minha arca, e Oito e Nove a seguem de perto. Sou invencível com meu fogo, e minhas chamas consomem instantaneamente cada soldado mogadoriano que vem correndo de uma curva ou porta para nos atacar. O fogo não dominou apenas meu corpo, mas também minha mente. Nunca me senti tão confiante, decidido, pronto para derrotar nossos inimigos.

— Seis ainda não me respondeu! — Ella grita quando entramos em outro corredor cheio de sirenes e luzes piscando. — Não sei se ela está me ouvindo.

— Bem, ela ainda não está morta, porque não temos cicatrizes novas — Nove diz, esticando a perna, como se quisesse admirá-la.

Meu fogo fica mais alto e mais forte, lambendo as paredes e o teto do corredor por onde passamos. É difícil descrever minha energia; mal consigo contê-la, é como se eu fosse explodir. Estou pronto para encarar Setrákus Ra e sei que os outros sentem o mesmo. Nove e Oito parecem bolas de demolição ao longo do corredor, espancando soldados e pulando de um mog para outro, e Marina luta sem medo, usando todos os meios para jogar soldados pelo ar. Ella, com menos poderes revelados, parece ter um pouco de inveja ao nos ver eliminando os soldados. Eu queria ter tempo para me virar para a menina e dizer quanto ela é fundamental, como sua capacidade de se comunicar por telepatia foi importante para que nos reuníssemos. Dizer que ela, a lorieta mais jovem, representa nossa vida longa e o poder de nossa Garde. Estamos prontos para recuperar Lorien, e isso só é possível graças às forças de todos nós, juntos. O corredor se divide, e temos de decidir logo para onde ir. Separar-nos nunca mais será uma alternativa.

— Certo, Menino Fogo, para onde? — Nove pergunta.

— Por aqui — Marina se adianta e diz.

Sua habilidade de enxergar no escuro é melhor que a visibilidade limitada de meu Lúmen, então apago o fogo e nós a seguimos pela esquerda.

Marina nem hesita quando chegamos à entrada de um salão comprido e largo, cheio de colunas marrons altas. Nenhum de nós hesita. Estamos com as armas preparadas quando ouvimos do fundo do salão o barulho de pessoas correndo. Cutuco o braço de Marina.

— Ei, está vendo quem é?

— Sim. Acho que são soldados do governo. Com certeza não são mogs. Tem um monte. Não sei, vinte, trinta? Pode ser mais.

Ela se vira e vai na direção deles. Nós a seguimos. Podemos jogá-los de lado com facilidade, retorcendo suas armas com a telecinesia. Atravessamos o salão, passamos por outra porta e viramos à esquerda no corredor, e então encontramos uma dúzia de soldados do governo vestidos de preto, protegendo uma porta pesada de metal. Assim que nos veem, eles entram em formação para bloquear o caminho e começam a atirar. Como se tivessem combinado, Marina e Oito levantam as mãos e impedem as balas disparadas, que param a centímetros de seus canos. Logo em seguida, Nove usa a telecinesia para arrancar as armas dos soldados, levantá-los e pendurá-los no teto abobadado. Cada um de nós pega uma arma.

Nove encaixa a ponta do cajado no batente da porta que eles estavam guardando e a arranca das dobradiças.

Atrás da porta existe outro corredor, cheio de portas de ambos os lados. Nove corre até elas e encosta a orelha em cada uma.

Diz que todas são salas de controle vazias. Mais adiante no corredor, encontramos o que parecem ser celas vazias. Eu me pergunto se estamos mais próximos de encontrar Seis. Ela pode estar atrás de qualquer uma dessas portas.

Vejo um rastro de sangue na frente de uma das portas. A três metros de distância, arranco a porta do batente. A cela está completamente escura. Antes que eu tenha a chance de usar meu Lúmen, Marina passa por mim.

— Tem alguém aqui dentro! — ela grita.

Ouvimos alguém choramingando no canto, e eu faço minhas luzes se acenderem um pouco. Lá, assustada e suja, está alguém que eu achei que nunca mais veria. Sarah. Caio de joelhos. Abro a boca para falar, mas só emito um ganido. Tento de novo:

— Sarah.

Não acredito que ela está sentada à minha frente, que a achamos.

Sarah olha rapidamente para mim e abraça os joelhos, com medo. Com medo de mim. Ela apoia a cabeça nos joelhos e chora.

— Por favor, não faça isso comigo. Por favor, não me engane mais. Não desse jeito. Não aguento, não aguento mais.

Ela balança a cabeça sem parar. Acho que nem percebeu que não estou sozinho. Percebo que todo mundo está parado atrás de mim, ocultos na escuridão.

— Sarah — sussurro. — Sou eu, John. Viemos levar você para casa.

Nove fica atrás, mas eu o escuto dizer a alguém:

— Então, essa é a famosa Sarah; menina bonita, mesmo suja.

Sarah abraça mais as pernas e espia por cima dos joelhos. Parece muito vulnerável e assustada; só quero abraçá-la. Mas me aproximo devagar, pronto para tudo. Isto pode ser uma armadilha. Não vim até aqui só para agir sem pensar. Quando encosto no ombro de Sarah, ela grita em pânico. Sinto todos atrás de mim se encolhendo com o barulho repentino, o terror absoluto na voz dela.

Sarah pressiona as costas na parede, e seus cabelos grudam no concreto áspero. Depois ela levanta o rosto para o teto e grita:

— Não me enganem mais! Já contei tudo para vocês. Por favor, não me enganem mais!

Marina dá um passo à frente e fica a meu lado. Ela segura meu braço e o sacode, e então me faz levantar.

— John, não podemos ficar aqui; temos que seguir em frente. Precisamos levar Sarah conosco!

Sarah enfim olha para trás de mim e vê os outros. Observo-a encarando Marina a meu lado. Ela arregala os olhos e me examina de novo, e depois olha em volta, para os outros, que se aproximaram. A camada grossa de sujeira em seu rosto está riscada de lágrimas.

— O que está acontecendo? Você está mesmo aqui? Todos vocês estão mesmo aqui?

Ajoelho ao lado dela outra vez.

— Sou eu. Somos nós. Juro. Veja, até Bernie Kosar quer cumprimentar você.

Ele se aproxima e lambe a mão dela, balançando a cauda.

Ponho minhas mãos nas dela, e, quando vejo os hematomas em seus pulsos, meus olhos se enchem de lágrimas. Puxo os dedos dela para meus lábios.

— Sarah, escute. Sei que a deixei uma vez. Prometo, nunca mais faço isso. Está me ouvindo? Nunca mais vou deixar você.

Ela ainda me olha como se eu fosse desaparecer ou virar um monstro cuspiendo fogo.

Minha cabeça se enche com milhares de coisas em que venho pensando há muito tempo, e eu me esforço para dizer algo mais.

Lembro nossa última conversa no parquinho, momentos antes de a polícia me levar.

— Ei, Sarah. Você lembra quando eu disse que penso em você todo dia? Lembra? — Ela olha para mim e confirma com a cabeça. — Então, eu pensava e ainda penso. Todo dia. — Ela se permite um sorriso hesitante. — Agora acredita que sou eu de verdade? — Ela assente de novo. — Sarah Hart, eu amo você. Amo só você. Está me ouvindo?

Ela parece tão aliviada que sinto vontade de pegá-la no colo e dizer que já passou e que vou protegê-la. Para sempre. Ela me beija, segurando meu rosto com as mãos.

— Quatro, vamos! Temos que continuar — Oito grita.

Eles já estão na porta, olhando ansiosos para os dois lados do corredor.

Há uma explosão do lado de fora, e Oito corre para ver o que é, com Ella e Marina atrás.

— Por que você está demorando tanto, cara? — Nove grita para mim, gesticulando como um louco para a porta. — Levante a garota e vamos em frente! Sarah Hart, é um prazer enorme conhecer você, mas precisamos mesmo que você se mexa! Agora!

Nove se aproxima e me ajuda a levantá-la. Assim que está de pé, ele lhe dá um abraço rápido. Sarah parece surpresa com o gesto afetuosos, e penso na piscadela que Nove me dá por cima da cabeça dela.

— Sarah Hart! Tem ideia do quanto esse mané fala de você?

Sorrio para Sarah, depois para Nove.

— Não.

Sarah ri baixinho, apoiando-se em mim e entrelaçando os dedos nos meus.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos lá, pessoal — Nove chama, virando-se para a porta.

Fito os olhos azuis de Sarah.

— Antes de irmos, preciso fazer uma pergunta. E você tem que entender que eu preciso perguntar. Não está trabalhando para eles, certo? O governo e os mogs?

Sarah balança a cabeça.

— Por que todo mundo fica me perguntando isso? Eu jamais trairia nenhum de vocês.

— Espere. Quem é todo mundo? Quem mais perguntou isso?

— Seis — Sarah responde, e parece surpresa. Ela arregala os olhos. — Vocês não a encontraram?

— Você viu Seis? — Marina pergunta, animada. — Quando? Onde?

— Ela está lutando contra Setrákus Ra — Sarah responde, entrando em pânico de novo. — Eles a levaram há algum tempo.

— O quê? De jeito nenhum! Essa luta é minha! — Nove grita.

— Não se preocupe, cara. Se andarmos depressa, talvez você ainda consiga pegá-lo — respondo.

E então olho pelo corredor e vejo Oito, Marina e Ella voltando às pressas.

— Por ali — Marina grita.

Pego a mão de Sarah e a puxo atrás de mim. Disparamos pelo corredor até encontrar BK parado na frente de uma porta de metal do tamanho de uma doca de descarga, lutando descontrolado.

Desta vez Nove usa sua pedra para olhar através da porta. Como antes, um cone branco de luz aparece, e enxergamos o interior de um salão imenso.

— Parece que há algo acontecendo lá dentro. Vejo movimento nas sombras — Oito diz. — Vou me teleportar para lá e observar.

— Espere aí, Oito. — Levanto a mão para detê-lo. — Nada de observação. Vamos entrar todos juntos.

Oito olha para mim por um segundo, depois concorda com a cabeça.

— Tem razão. Estamos todos juntos.

Quando estamos reunidos diante da porta, olho para os rostos decididos. Até Sarah. Ela passou de donzela chorosa resgatada a guerreira em um piscar de olhos. Impressionante. Claro, ela não tem ideia do que sabemos com certeza que vai acontecer. É provável que seja uma batalha épica, se não a batalha. Tenho um pressentimento de que tudo conduziu a este momento. É possível que tenhamos nos preparado para isto.

— O que quer que esteja lá dentro, aconteça o que acontecer — digo, acendendo meu Lúmen —, nós vamos matar Setrákus Ra, custe o que custar.

Estou falando por mim mesmo, não por eles.

— Estamos juntos, cara — Nove diz.

Aproximo da porta uma das mãos iluminadas, e, quando estou prestes a explodi-la, uma mulher ruiva com uma tipoia no braço aparece mancando em uma porta no fim do corredor. Ela e eu prendemos a respiração ao mesmo tempo; e então ela se vira e sai correndo pela porta.

— Espere! Agente Walker! — grito.

— Walker? Está brincando? — Nove pergunta, incrédulo. — A policial que tentou nos pegar?

Os outros ficam só olhando, confusos por um instante, e então Oito fala:

— Vou buscá-la para você — diz e em seguida desaparece.

Logo depois ele se materializa de novo, segurando a agente e torcendo os braços dela para trás das costas. A primeira coisa que faço é arrancar o distintivo dourado preso em sua camisa.

Nove pega o distintivo de minha mão e o examina cuidadosamente de um

jeito teatral.

— Ora, ora, ora. O que temos aqui? Agente especial Walker? — Nove ri. — Dona, você está horrível!

Nove me devolve o distintivo como se de repente visse piolhos nele.

— Você tem ideia de como é patética? — grito. — Assinando acordos com os mogs, fazendo o trabalho sujo deles, para quê? Eles vão destruir vocês!

— Estou fazendo meu trabalho — ela responde, tensa. Oito a segura com firmeza. — Estamos fazendo o que é melhor para nosso país,

A mulher me encara, desafiadora, mas sei que daqui a pouco vamos deixar bem claro quanto medo ela devia sentir.

Sarah aponta para ela.

— Já vi você antes. John, ela apareceu quando Seis foi levada.

Nove agarra a agente Walker pelas golas da camisa como se fosse um gângster de cinema. Oito não relaxa as mãos. Nove fica bem perto do rosto dela.

— Eu quero essa para mim, eu vou matá-la.

Walker agora parece desesperada para se afastar de Nove e se libertar de Oito.

— Espere! Sei onde sua nave está! — a agente especial Walker suplica. — Sei que vocês a querem, e nunca a encontrarão sem mim.

— Nossa nave está aqui? — Marina pergunta, sem saber se pode confiar nela. A agente Walker estreita os olhos.

— Eu mostro, se vocês me soltarem.

— O que acha, Quatro? — Nove pergunta.

— John? O que acontecerá quando vocês encontrarem sua nave? — Sarah pergunta, segurando meu braço.

— Não temos tempo para isso! — Marina diz. — Sei que Seis está aí dentro, O fato de que essa mulher prefere dizer qualquer coisa para nos impedir de entrar indica que tenho razão! Esqueçam Walker. Não importa onde está nossa nave, antes precisamos encontrar Seis!

— Eu cuido dela — Nove fala. Walker flutua no ar e fica pendurada pelo cinto na grade da lâmpada no teto, com o rosto vermelho de raiva. Nove olha para nós, dá uma piscadela e estala os dedos atrás das costas, arrebetando a porta. — Marina tem razão. Seis e Setrákus Ra são prioridade. Podemos ir? — Ele sorri para Sarah. — Pelo que Johnny me disse, você é bem durona — diz, entregando-lhe o canhão mogadoriano que estava com Walker. — Acha que pode cuidar dela?

Sarah pega o canhão.

— Se ela se mexer ali em cima, eu atiro. Com prazer.

Olho para o restante da Garde.

— É agora.

Corremos para o salão. Não precisamos decidir quem vai fazer o quê. Já sabemos. O lugar ó silencioso e escuro, e um cheiro horrível paira no ar. Só consigo pensar na arena que vivia aparecendo em minhas visões. É esta? Olho em volta, tentando reconhecê-la. No centro do salão há uma luminosidade fraca. Nove corre para o círculo de luz e grita:

— Hora de brincar, Setrákus, seu merda!

— Cadê Seis? — Marina pergunta.

Ela entra no círculo de luz junto com Oito.

Eles largam as arcas no chão e começam a olhar em volta.

— Gente! Tem algo no teto — Ella diz, a voz ecoando pelo salão.

Olho para cima e vejo uma pequena formação rochosa pendurada no teto.

Aponto as mãos para o objeto que, com meu Lúmen, parece quase uma estátua.

— Isso é estranho. Não sei por quê, mas tem algo errado aqui — digo em voz baixa.

Enquanto observamos as sombras em busca de algum sinal de movimento, Nove usa seu Legado de antigravidade para subir ao teto e examinar a formação rochosa. Quando ele começa a se aproximar, escuto uma voz familiar gritar:

— Pare!

Viro e vejo Seis parada na porta, sozinha. Há um rolo de corda grossa pendurado no quadril dela, e em sua mão eu vejo uma espada azul denteada. Seis parece ilesa. Essa é a Seis que eu conheço: confiante e forte. Será que ela conseguiu? É possível que ela já tenha matado Setrákus Ra?

— Seis! Ah, meu Deus, é você! — Marina grita. — Você está bem!

— Acabou — Seis diz. — Setrákus Ra está morto. Aquela formação no teto é veneno mogadoriano. Fiquem longe.

O alívio no ar é palpável. Oito se teleporta para perto de Seis e lhe dá um abraço forte.

Seis sempre foi a mais forte de nós, mais forte até que eu ou Nove. Ela acabou de salvar Lorien, a Terra, e talvez o universo. Quero erguê-la no ombro e fazer uma festa enorme em Lorien.

Também vou na direção dela, mas Ella pega meu pulso e me puxa de volta. Escuto a voz dela em minha cabeça: John. Tem algo errado.

Os momentos seguintes parecem passar em câmera lenta. Seis puxa a espada azul e a empurra para a frente. Horrorizado, vejo Oito ficar rígido e então a ponta da espada aparece no meio de suas costas. Ele tomba para a frente. Seis empurra o corpo de Oito para tirar a espada e ele cai no chão, imóvel.

— Não! — Marina grita atrás de mim e corre para Oito.

Fico paralisado pelo choque até o instinto me despertar. Olho para baixo e uma bola de fogo gigantesca se formou em minha mão direita. A confusão de antes já se dissipou, e eu sei o que preciso fazer. Essa não pode ser Seis. E, seja quem for, tem que morrer.

— Seis — chamo, girando a bola de fogo na ponta dos dedos. — O que fizeram com você?

Ela ri, levanta a outra mão e cerra o punho. Seus dedos disparam raios azuis, que se espalham pelo teto. Minha bola de fogo desaparece. O que está acontecendo?

— Quatro!

Olho para cima e vejo Nove caindo do alto. Seu Legado de anti-gravidade também deve tê-lo abandonado. Consigo ampará-lo e reduzir o impacto quando ele chega ao chão, e o ajudo a se levantar.

Marina se mantém ao lado de Oito, protegendo-o, as armas apontadas e prontas para disparar. Oito continua no chão, e não consigo ver a gravidade do ferimento. Pelo menos sei que ele está vivo, já que não tenho uma cicatriz nova. Marina dispara uma rajada, mas elas param a centímetros do rosto de Seis e caem inofensivas no concreto. Tento me incendiar com o Lúmen de novo, mas nada acontece.

Com a espada erguida, o corpo de Seis começa a tremer e se transformar em um borrão de luz branca. Ela fica mais alta, e seus cabelos louros compridos encolhem até virar um tufo pequeno no topo de uma cabeça grande. O rosto se alonga e se transforma, e de algum jeito sei que ela está se metamorfoseando em Setrákus Ra antes mesmo de a cicatriz roxa aparecer no pescoço. Dois batalhões de soldados mogs entram em silêncio pelas portas nas laterais do salão e param ao lado dele. Sem dizer nada, Nove, Marina, Ella e eu nos aproximamos uns dos outros, cercando Oito, para deixar claro que vamos lutar juntos.

— Todos vocês no mesmo lugar. Que conveniente! Espero que estejam prontos para morrer — ele rosna.

— Acho que você está enganado — respondo.

— A Número Seis também achou isso. Mas ela estava enganada. Muito enganada.

Ele sorri, e seus dentes manchados repugnantes cintilam à luz fraca.

Nove olha para mim e esfrega as mãos, muito ansioso.

— Ei, Johnny, já conversamos sobre como eu acho importante a higiene bucal? — Ele olha para Setrákus Ra. — Cara, escove os dentes antes mesmo de pensar em me ameaçar!

Ele estende o cajado vermelho brilhante, vira-se para Setrákus Ra e ataca. Felizmente, ainda temos o poder de nossa Herança.

CAPÍTULO TRINTA

PELO CANTO DO OLHO, VEJO NOVE ATACAR SETRÁKUS RA. EU ME volto para Oito, para ver se consigo curá-lo. Ponho as mãos no ferimento em seu peito, esperando meu Legado começar a funcionar de novo. Nada. Imploro para que Oito resista, agüente a dor, mas seus olhos castanhos giram nas órbitas e a respiração fica cada vez mais fraca. Em pânico, lembro o desenho na caverna lórica em que Oito aparecia morto pela espada de Setrákus Ra. A previsão está se confirmando? Continuo com as mãos no peito dele, desesperada.

— Marina! — John grita. — Precisamos tirar você e Oito daqui agora! Tenho a sensação de que nossos Legados vão voltar se nos afastarmos de Setrákus Ra. Se eu estiver certo, você ainda pode salvar Oito,

— Ele está quase morto — respondo, com a voz sufocada, — Talvez seja tarde demais para fazermos qualquer coisa.

Não tenho coragem de falar do desenho na caverna para ele. Será que Oito consegue pensar nisso, lembrar o desenho, saber qual é o possível significado deste momento? Espero que não.

— Então precisamos correr — ele diz, entregando-me um canhão mog e levantando Oito. — Atire em tudo que não for um de nossos amigos.

Tentamos percorrer os mais ou menos cem metros até a porta o mais rápido possível sem tirar os olhos do restante da batalha. A cada mog que transformo em cinzas, eu me sinto cada vez mais forte. Tento não pensar em onde Seis — a verdadeira — está, ou 110 que aconteceu com ela. Eu sabia que

não era Seis. Quem dera se eu tivesse matado aquela coisa antes mesmo de ela ter se revelado. Examino o salão. Nove está enfrentando Setrákus Ra, claramente se esforçando muito sem grande sucesso, seu cajado sempre bloqueado pela espada de Ra. Nove é forte, mas quase parece que Setrákus Ra está brincando com ele, à espera do momento certo para matá-lo.

Toda a confiança e a força que eu sentia agora há pouco desaparecem. Eles são muitos, e nós somos poucos. E estamos sem nossos Legados, o que significa que somos apenas adolescentes. Adolescentes lutando contra um exército alienígena organizado. Odeio deixar os outros, mas sei que John tem razão. Sei que preciso sair daqui para ter alguma esperança de salvar Oito. E salvar Oito é a única opção.

Estamos quase na porta quando mais de vinte mogs vêm para cima de nós. Alguns estão armados com canhões, alguns com espadas, e todos parecem terrivelmente implacáveis. Tento atirar neles, mas os disparos de canhão nem abalam a multidão que avança. Eles são muitos. John consegue colocar Oito do lado de fora da porta, e então se junta a mim, atacando-os com a espada em punho. Eu luto a seu lado. Não vou desapontá-lo, por pior que nossa situação possa parecer. Protegemo-nos e buscamos força um no outro quando nos sentimos fracos. Foi por isso que sobrevivemos tanto tempo, e é por isso que vamos vencer. Somos mais fortes quando nos unimos,

John destroça os mogs, um de cada vez, metodicamente e depressa. Eu atiro sem parar enquanto vou até a porta e protejo Oito. Do lado de fora, eu me abaixo e confiro como Oito está. Sinto seu pulso fraco e sei que meu Legado não retornou. Ponho as mãos nele e sussurro, determinada:

— Você não pode morrer, Oito. Está me ouvindo? Vou curar você. Meu Legado vai voltar e eu vou curar você.

Percebo que os mogs que nos atacaram desapareceram — destruídos —, e o silêncio repentino me assusta.

— Precisamos andar logo. Virão outros — John diz com urgência.

Ouvimos um grito ensurdecido. Daqui da porta vemos que Bernie Kosar transformou-se em um monstro e está cercado por mogs que tentam atacá-lo,

mas ele pula sem parar. Os mogs não conseguem pegá-lo, mas Bernie Kosar também não consegue fazer muito estrago neles. Entramos no salão a tempo de ver Setrákus Ra sacar um chicote. A ponta começa a pegar fogo, e ele acerta o braço de Nove. A ferida começa a ficar preta na mesma hora. John vira para me dizer algo, e eu ouço um tiro. Antes que eu possa sequer perceber o que aconteceu, o corpo de John estremece e ele cai.



Estou presa no teto, sepultada em pedra preta. Vejo o restante da Garde lutando pela vida e não consigo nem mesmo sentir meu próprio corpo, que dirá avisá-los de que estou aqui em cima. Essa impotência me mata. Passei todos os momentos da vida treinando para não ser impotente. Setrákus Ra não luta tão bem. Ele só está nos derrotando porque consegue tirar nossos poderes. Quero descer lá e segurar a cabeça dele para que todos os mogs vejam. Eu faria questão de que eles vissem a destruição de seu líder, e depois os mandaria para a mesma montanha de cinzas.

Estou vendo o sonho de Lorien morrer? Achávamos que éramos tão fortes, tão espertos, tão preparados. Achávamos que iríamos vencer a guerra e voltar para Lorien. Fomos idiotas, idiotas arrogantes. Sabíamos de Setrákus Ra, o grande e terrível líder mogadoriano, mas não sabíamos nada da maneira como ele lutava, dos poderes que tinha. Agora que penso nisso, parece óbvio que ele tenha o poder de anular nossos Legados.

Gostaria de poder me comunicar com os outros membros da Garde — eu poderia orientá-los daqui do alto. Por exemplo, dá para ver que, apesar da estupenda força física, os mogs não têm muito, ou nada, em termos de técnica mental. Esses caras são quase tão burros quanto a pedra em que me transformei. Revelam seus gestos antes de agir. Seu piano de ataque é fácil de interpretar, porque eles não têm nenhum plano. É tudo um jogo de números e força bruta, e esse inimigo pode ser vencido por alguém que sabe com o que está lidando. Mas, no calor da batalha, é impossível perceber. Eu queria poder mandar a Garde concentrar toda a energia e força em Setrákus Ra. Caso contrário, receio que a luta será curta, vencida quase certamente pelos mogs.

Vejo Bernie Kosar ser atingido. Ele se transformou em uma besta enorme, igual

à que ele virou em Paradise. Seu corpo é largo e musculoso, com dentes e garras afiados e serrilhados, e dois chifres enrolados brotaram em sua testa. Vejo Setrákus Ra atingir o chicote em Nove, e o braço dele fica preto, então imagino que logo estará na mesma situação que eu. John levou um tiro, e caiu se contorcendo de dor. Marina pega um canhão e começa a disparar contra os atacantes.

Ella está se esgueirando para fora do salão. Ela tem um plano?

O rugido de dor de BK me distrai de Ella. Vejo que ele se ajoelhou. Embora ainda esteja lutando, matando mogs, está sangrando muito. É uma agonia vê-lo destruído devagar e de maneira tão dolorosa.



Estou perdendo todo o sangue; sinto minha força se esvaindo com ele, e não há nada que eu possa fazer.

Ondas e mais ondas de mogs continuam vindo. Nem imagino quantos já matamos hoje, mas parece que não faz diferença. Sem nossos Legados, é como se tentássemos conter um tsunami com uma pilha de queijo suíço.

Marina está atrás de mim, atirando nos mogs. Olho para Bernie Kosar e vejo que os mogs prenderam seus chifres com cordas e tentam tirá-lo do lugar.

— Covarde, você não passa de um covarde! Precisa nos paralisar para conseguir nos vencer! — escuto Nove gritar.

Eu o vejo no meio do salão, com um dos braços preto e inutilizado, enquanto Setrákus prepara o chicote.

Setrákus Ra sorri.

— Pode me chamar do que quiser. Não vai mudar o fato de que você está prestes a morrer.

Ele ataca com o chicote. Nove tenta bloquear as pontas flamejantes com o cajado, mas com um braço só é impossível. Uma das pontas atinge a mão de Nove, jogando o cajado longe, enquanto a outra ponta do chicote acerta o rosto dele. Nove grita de dor enquanto sua mão e seu rosto começam a ficar pretos. Setrákus avança na direção dele. Preciso fazer o possível daqui do chão antes de me tornar totalmente inútil, ou antes de morrer, então começo a disparar em Setrákus Ra com o canhão. Na melhor das hipóteses, sou uma distração, mas vou fazer o que puder. Ele para cada projétil no ar e os joga de lado como se não fossem nada.

Ouçõ disparos de outro canhão. Viro para a porta e vejo Sarah entrando na sala, disparando contra os mogs. Ella está atrás dela. Sarah. Ela não foi treinada.

Não vai sobreviver a uma batalha contra os mogs e Setrákus Ra!

— Sarah! — grito. — Você tem que sair daqui! Esta luta não é sua!

Sarah me ignora e continua entrando no salão. Nove está tentando se afastar de Setrákus Ra, mas seus braços, agora completamente pretos, estão pesados e o retardam. O preto também se espalha rapidamente pelo rosto dele. Setrákus acerta Nove outra vez, agora com as duas pontas do chicote bem no meio do peito. Nove grita.

— Ouvi dizer que você talvez fosse meu maior desafio, mas veja só, você não é nada! — Setrákus vocifera.

Quando Setrákus Ra prepara o chicote de novo para desferir um golpe fatal em Nove, Ella sai de trás de Sarah e joga algo nele, algo que parece um pequeno borrão vermelho. O objeto atinge o braço de Setrákus Ra, e ele olha para baixo, chocado, antes de soltar um rugido ensurdecedor.

Sinto algo mudar dentro de mim. É uma transformação imediata e absurdamente poderosa, como se alguém me ligasse a uma fonte de energia. Concentro-me em minhas mãos e tento, só mais uma vez, acender meu Lúmen. Para meu espanto, ele funciona. Nossos Legados retornaram.

Atrás de mim, escuto Marina gritar e correr para Oito, que ainda está lá fora. Eu a vejo deslizar as mãos pelo peito dele, trabalhando nos ferimentos. Ela olha para mim.

— O que aconteceu?

Balanço a cabeça.

— Não faço ideia, mas agora vamos brigar de verdade.

Com as mãos brilhando, olho para o centro do salão e vejo Setrákus Ra tentando alcançar o braço e remover o pequeno objeto vermelho que Ella arremessou. Quando finalmente consegue, ele se vira para usar o chicote em Ella e Sarah, que continua atirando. Elas não conseguem se desviar, e o chicote as atinge. As duas caem.



Assim que o dardo atinge Setrákus, percebo a mudança. Meus Legados voltaram. Minha força começa a crescer. Tenho uma chance de sair daqui e ajudar os outros.

Começo a me debater dentro do invólucro preto e agora sinto que consigo me mexer aos poucos, mas não o suficiente para me libertar.

Enquanto me contorço, olho para baixo. John está com Sarah e Ella, as duas caídas. Ele deixou um rastro de sangue para trás, junto com montes de cinzas.

Marina saiu de novo para ajudar Oito. Bernie Kosar continua no canto, mas agora ele destroça os mogadorianos que há um instante o arrastavam. No meio do salão, Nove ainda enfrenta Setrákus Ra e conseguiu livrar as mãos e o rosto da pedra preta que estava cobrindo seu corpo.

Vê-lo renova minha esperança de romper minha prisão de pedra, e eu continuo me esforçando, até sentir o invólucro começar a ceder. Logo saio daqui. Estou aflita para me libertar. A única coisa que quero agora é mostrar a Setrákus Ra o que é uma luta de verdade.



Quando eu já começava a perder as esperanças de ajudar Oito, meu Legado volta. Ponho as mãos no ferimento no meio do peito dele e sinto que começa a funcionar. A cada segundo, o coração dele bate mais forte. Nunca senti nada tão bom, aquele constante tum, tum, tum. Se eu não estivesse no meio da maior luta de minha vida, por nosso futuro, acho que começaria a chorar agora mesmo, mas resisto e controlo as emoções.

Vejo os olhos de Oito se abrindo devagar, e ele me encara.

— Você precisa saber... Seis tentou... — ele começa a falar.

Eu o interrompo,

— Não era Seis. Era Setrákus Ra. Não sei como, mas era ele.

— Mas...?

A confusão nos olhos de Oito parte meu coração.

— Oito, não posso explicar tudo agora. Como você se sente? Consegue ficar de pé? Temos que entrar lá e lutar junto com os outros. Está pronto? Preciso curar John e preciso que você me dê cobertura. Entendeu?

Ele concorda com a cabeça e eu começo a me levantar, mas preciso fazer outra coisa antes que seja tarde demais. Encaro os olhos dele, seus belos olhos castanhos, respiro fundo e o beijo. Ele parece chocado quando me afasto. Dou de ombros e sorrio:

— Ei, para que fazer amanhã o que pode ser feito hoje, certo?

Antes que ele possa ter qualquer reação, vou atrás de John. Preciso curá-lo,

e depressa. Ele levou três tiros de canhão para me proteger, Se eu não for ajudá-lo agora, ele vai morrer.

Vejo um rastro de sangue por onde John se arrastou, e Oito e eu o seguimos. O ar está tomado por uma nuvem densa de fumaça por causa dos canhões. Quando encontramos John, ele está ajoelhado, lançando bolas de fogo em um grupo imenso de mogs que tenta atacar Ella e Sarah, Enquanto nos aproximamos, os mogs disparam em nós. Mas agora que recuperei a telecinesia, eu desvio os tiros, e Oito

começa a contra-atacar. Corro para perto de John e começo a curar suas feridas, Ele respira com dificuldade e está muito pálido. Perdeu muito sangue.

— John! Você precisa parar só um minuto para eu poder curá-lo! — grito para ele me ouvir em meio ao caos.

Seguro o queixo dele e o obrigo a olhar para mim. Ele balança a cabeça, tentando se soltar.

— Se eu parar, os mogs vão matar Sarah e Ella.

— Se não parar, você vai morrer. Oito já está curado, pode defendê-las enquanto eu cuido de você. Por favor! John! Precisamos de você.

Sinto que ele para de resistir.

Examino melhor os ferimentos em suas pernas. São parecidos. Os buracos grandes sangram sem parar. Trabalho na perna direita primeiro e percebo no mesmo instante que o fêmur de Quatro também está quebrado, Ele não consegue conter um grito enquanto o osso se emenda, mas o som é absorvido por tudo à nossa volta. Ele cerra os punhos enquanto eu continuo.

A outra perna não está tão ruim, e levo menos tempo para curá-la. John já está respirando com mais facilidade. Seguro o braço dele e grito em seu ouvido;

— Você parece bem melhor!

Ponho a mão no ferimento do braço e sinto que o bíceps e o tríceps estão rompidos. Vai levar um ou dois minutos para recuperá-los. Oito continua atirando contra a leva constante de mogadorianos, mas eles aparecem quase mais rápido do que ele é capaz de derrubá-los.

Sinto os músculos de John enfim se reatarem, e ele está curado. Quando ele

olha para mim, balando a cabeça. Ele levanta, dá um pulo e corre para ajudar Oito a proteger Ella e Sarah, que ainda estão caídas.



Sinto-me forte. Ótimo. Sarah e Ella fizeram algum milagre que nos devolveu nossos Legados, permitiu que lutássemos, mas agora elas estão machucadas. Vou transformar cada um desses mogadorianos em cinzas por terem machucado minhas amigas.

Corro na direção delas, lançando minhas bolas de fogo nos mogadorianos. Sei que eu nunca deveria ficar feliz por matar alguém, mas, neste momento, estou achando ótimo. Agora que estou bem, Oito se teleporta por toda parte, aparecendo na frente dos mogadorianos e destroçando-os com uma espada. Nove continua lutando contra Setrákus Ra, mas os dois estão tão rápidos que vejo apenas um borrão. Tenho que ir ajudá-lo, mas também preciso ficar aqui e proteger Sarah e Ella.

De repente, um dos mogs que vinha me atacar se vira para outro lado. Ele não aponta o canhão para mim. Está apontando para Sarah e Ella, que continuam caídas e imóveis. Ele dispara, eu vejo as duas estremecendo e então berro.



Vejo horrorizada quando o disparo do mogadoriano acerta os corpos inertes de Ella e Sarah, John corre até elas, e eu também. Ele se ajoelha e segura a mão das duas enquanto seus corpos tremem. É tarde demais.

Depois de tudo isso, depois que chegamos até aqui e nos reunimos, parece que estamos prestes a perder mais um membro da Garde. E Sarah. John acabou de reencontrá-la e já vai perdê-la. Fecho os olhos também e me preparo para sentir outra cicatriz queimar em minha perna, uma cicatriz para Ella, Sei que esta será a mais dolorosa.

Mas nada acontece. Será que Ella tem algo diferente, de modo que sua morte não causa uma cicatriz? Não pode ser. Abro os olhos e vejo John ainda debruçado sobre Sarah e Ella, ainda apertando suas mãos.

Olho as meninas com mais atenção e não consigo acreditar no que vejo. Os ferimentos — as rajadas de canhão no corpo e as queimaduras terríveis no rosto — estão se curando,

— O que está acontecendo? Como você está fazendo isso? — pergunto a John, olhando para ele admirada.

— Não faço ideia — ele diz, balançando a cabeça, — Eu não sabia que podia fazer isso. Vi Sarah no chão e não ia deixá-la morrer, nem Ella, Não outra Garde. Não vou deixar que isso aconteça, especialmente agora que estamos juntos. Segurei a mão delas e pensei em como eu queria que os ferimentos se regenerassem, em como eu queria poder curá-las... e de repente começou a acontecer.

— Você desenvolveu um novo Legado! — grito, apertando seus ombros.

— Ou eu quis tanto que aconteceu um milagre. Seja o que for, as duas estão se curando. — John dá uma risada, cheia de exaustão e alívio, Ele olha para o centro do salão, onde Nove continua lutando. — Marina, não vamos conseguir eliminar Setrákus Ra hoje. Mesmo com nossos Legados de volta, não creio que possamos derrotá-lo ainda, e não quero correr o risco de perder outro membro da Garde, Precisamos encontrar Seis. Depois, temos que pensar em um jeito de sair daqui, nos reagrupar e bolar um plano. Vamos matá-lo juntos ou morrer juntos. Mas será quando nós estivermos no controle, quando soubermos que estamos preparados.

Ouvimos um gemido e olhamos para Sarah e Ella. Elas abriram os olhos, e o rosto delas está recuperando a cor, John se inclina e beija Sarah.



O invólucro finalmente está se partindo. Dobro os braços, mexo as pernas e começo a cair enquanto os restos de pedra se desmancham. Uso a telecinesia para descer até o chão.

Fico deitada por um segundo, tentando recuperar o fôlego. A fumaça é tão densa que meus olhos lacrimejam. De repente, uma explosão imensa sacode o salão. Um alarme dispara, luzes vermelhas piscam e uma sirene estridente enche o ar. Vejo

o Lúmen de John aceso e atravesso a névoa em sua direção. Ella, Marina e Sarah estão em pé ao lado dele, e quando eu me aproximo Oito aparece, teleportando-se para perto de Marina. Bernie Kosar voltou a ser um beagle e manca até John.

Ella grita ao me ver e me abraça. Aperto o corpo dela também e então olho para John. Ver o rosto dele outra vez é como um sonho se tornando realidade. Ele toca meu braço.

— Tudo bem?

Confirmo com a cabeça.

— E vocês? — pergunto, e sei que pareço tão exausta e abatida quanto me sinto.

— Estamos todos vivos, por enquanto... Mas cadê Nove? — ele indaga, olhando em volta enquanto nós todos percebemos ao mesmo tempo que os sons da batalha cessaram.

Corremos para o centro do salão, para onde Nove estava lutando com Setrákus Ra, resistindo a ele. Nove está caído no chão, imóvel, e Setrákus Ra sumiu. Marina se ajoelha ao lado de Nove e começa a deslizar as mãos pelo corpo dele desesperada, enquanto eu giro em círculos, tentando enxergar através da névoa para ver se Setrákus Ra está escondido, esperando para nos capturar e matar quando estivermos distraídos. Além do ruído estridente dos alarmes, o silêncio no salão é perturbador, e percebo que não há nenhum mogadoriano.

— Ele está vivo! — Marina grita. — Está só atordoado.

Nove senta no chão e balança a cabeça, confuso.

— O que aconteceu? — ele pergunta.

— Era o que eu ia perguntar — Oito diz. — Houve uma explosão e todo mundo desapareceu, menos nós sete.

— Não sei... não vi para onde ele foi. Em um segundo eu estava tentando me defender, bater nele, e então acordei aqui no chão.

— O que vamos fazer agora? — Sarah pergunta.

— Temos que sair daqui — John responde. — Setrákus Ra pode voltar a qualquer segundo, e isto pode ser uma armadilha. Embora seja uma base do governo, é claro que aqui não é seguro.

— Alguém sabe como sair daqui? — pergunto.

Todo mundo se olha com a expressão grave.

— Precisamos voltar por onde viemos — Oito diz. — Meu Legado de teleporte não vai funcionar com tanta gente.

— Tudo bem — John concorda. — Não sabemos o que vamos enfrentar até sairmos e talvez tenhamos que passar por mais mogadorianos, ou soldados humanos, mas precisamos ficar juntos agora. Nunca mais vamos nos separar.

Nove vem até mim e me olha da cabeça aos pés.


— Acho que ninguém nos apresentou de modo apropriado. É bom conhecer você oficialmente, querida. Sou Nove — ele fala, piscando para mim.

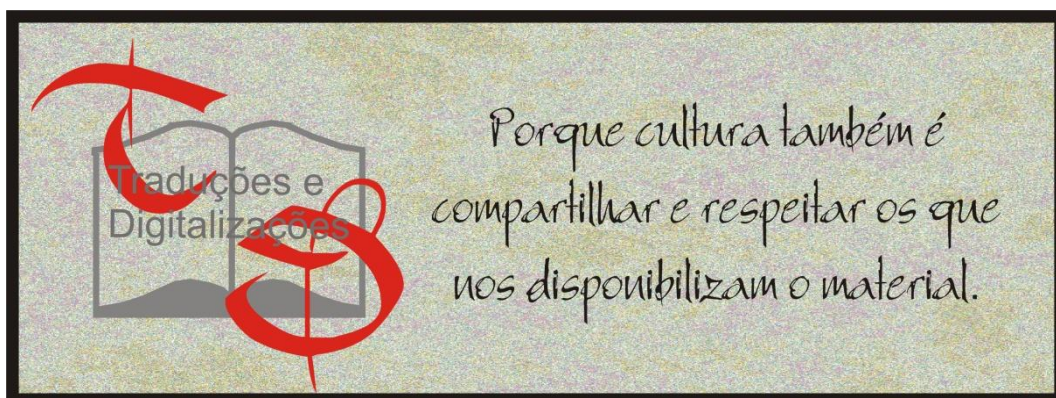
Reviro os olhos, e John ri.

Olho em volta por um segundo. É um milagre estarmos todos juntos, todos ainda vivos. Cada lorieno na Terra, exceto um, está a poucos metros um do outro.

Estamos vivos e estamos lutando, e isso significa que ainda temos chance. E nós vamos encontrar Setrákus outra vez, e em breve. Na próxima vez, ele não vai escapar.

FIM

A série Os Legados  de Lorien continua



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>

